CONVERSAS COM DEUS E AS NOVAS REVELAÇÕES

Uma Conversa com Deus sobre o Mundo após o 11 de Setembro

Autor: Neale Donald Walsch

Edição e Preparação Digital: Gullan Greyl

Edição original: The New Revelations — A Conversations with God, 2002, livro 7

Edição portuguesa concluída em 24-05-2022

Livroteca Gullan Greyl

Sinopse

Há cinco escolhas que podem fazer agora, se o que pretendem é mudar o vosso mundo e alterar o comportamento autodestrutivo em que este prossegue.

1. Podem escolher reconhecer que algumas das vossas antigas crenças acerca de Deus e da Vida já não funcionam.

2. Podem escolher reconhecer que há algo que não compreendem em relação a Deus e à Vida, cujo entendimento modificará tudo.

3. Podem escolher estar predispostos a receber um novo entendimento de Deus e da Vida, um entendimento que poderá gerar uma nova forma de viver no vosso planeta.

4. Podem escolher ser suficientemente corajosos para explorar e questionar este novo entendimento e, se este estiver de acordo com a vossa verdade e conhecimento interior, alargar o vosso sistema de crenças para incorporá-lo.

5. Podem escolher viver as vossas vidas como demonstrações, e não como negações, das vossas crenças mais elevadas e grandiosas.

Estes são os Cinco Passos Para a Paz e, se os seguirem, poderão mudar tudo no vosso planeta.

Neale Donald Walsch

Esta edição foi preparada para formato digital, com intervenção ao nível da organização, revisão e uniformização do texto, de forma a assegurar clareza, consistência e legibilidade em ambiente de leitura eletrónica.

Foram realizadas correções pontuais sempre que necessário, respeitando integralmente o conteúdo e a estrutura da obra original.

O objetivo desta preparação é preservar a fidelidade ao texto, garantindo simultaneamente uma experiência de leitura fluida e acessível.

Gullan Greyl

Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor

Índice

Prenúncios da Alma 1
Nota do Autor 2
Introdução 3
CAPÍTULO 1 5
O Mundo está à Beira do Desastre 5
CAPÍTULO 2 17
Também Tu Podes Viver Profundamente Inspirado 17
CAPÍTULO 3 24
As Crenças Criam Comportamentos 24
CAPÍTULO 4 34
As Cinco Falácias Acerca de Deus 34
CAPÍTULO 5 51
As Cinco Falácias Acerca da Vida 51
CAPÍTULO 6 68
Os Cinco Passos para a Paz 68
CAPÍTULO 7 80
Tens a Coragem de Encetar os Cincos Passos para a Paz? 80
CAPÍTULO 8 88
Tens de Te Escolher a Ti Próprio 88
CAPÍTULO 9 109
Toda a Gente é Tão Especial como Moisés, Jesus e Maomé 109
CAPÍTULO 10 123
São os Humanos que estão a Ridicularizar Deus 123
CAPÍTULO 11 149
Deus não Exige Nada, não Ordena Nada, não Pede Nada, não Obriga a Nada 149
CAPÍTULO 12 160
Um Deus à Semelhança dos Humanos 160
CAPÍTULO 13 174
O Movimento é a Natureza do Universo 174
CAPÍTULO 14 194
Uma Observação não é Um Julgamento e Uma Declaração não é Uma Acusação 194
CAPÍTULO 15 202
Todo o Ataque é Visto pelo Atacante como Uma Defesa 202
CAPÍTULO 16 211

No Nosso Planeta não há “Atacantes”, Só “Defensores” 211
CAPÍTULO 17 230
As Cinco Falácias da Vida 230
CAPÍTULO 18 246
A Discriminação Contra as Mulheres 246
CAPÍTULO 19 259
A Quarta e Quinta Falácias sobre a Vida 259
CAPÍTULO 20 271
Os Princípios Elementares da Vida e os Cinco Passos para a Paz 271
CAPÍTULO 21 289
Interpretações Mentais que Produzem Convenções Sociais 289
CAPÍTULO 22 308
Funcionalidade, Adaptabilidade e Sustentabilidade 308
CAPÍTULO 23 331
O Propósito do Corpo e o Propósito da alma 331
CAPÍTULO 24 340
Vocês Não São o Vosso Corpo. Quem Vocês São é Ilimitado e Infinito 340
CAPÍTULO 25 356
Espiritualidade e Ciência 356
1. Ira e Violência 373
CAPÍTULO 26 383
Recriar-se na Versão Mais Grandiosa da Visão Mais Sublime 383
1. O Princípio da Mestria de Viver 398
CAPÍTULO 27 402
Vocês não Podem Morrer e Nunca Estarão Destinados à Condenação Eterna 402
CAPÍTULO 28 418
Momento de Definição 418
A Fechar 424

CONVERSAS COM DEUS E AS NOVAS REVELAÇÕES

Uma Conversa com Deus sobre o Mundo após o 11 de Setembro

Neale Donald Walsch

Livro 7

Prenúncios da Alma

A alma apreende e revela a verdade.

Reconhecemos a verdade quando a vislumbramos, deixai que os céticos e os trocistas tenham a sua opinião. Os tolos perguntam-te, quando proferes aquilo que eles não desejam escutar, “Como sabes que é a verdade e não um erro do teu julgamento?” Reconhecemos a verdade quando a vislumbramos, à vista desarmada, assim como temos consciência de que estamos acordados quando estamos acordados…

Distinguimos os prenúncios da alma, as manifestações da sua própria natureza, pelo termo Revelação. Estas são sempre esperadas pela emoção do sublime. Pois esta comunicação é um influxo do espírito Divino no nosso espírito. É um refluxo da corrente Individual perante a torrente de vagas do mar da vida.

RALPH WALDO EMERSON
Emerson’s Essays

Nota do Autor

Como acontece em todas as conversas, repetem-se aqui coisas ditas anteriormente. Quero que saibam que estou ciente disso. Não houve qualquer tentativa da minha parte de excluir material que apresenta os mesmos argumentos (por vezes, fazendo uso das mesmas palavras) utilizados em livros que antes publiquei. Parto do princípio de que estes assuntos não surgiriam de novo, caso não fossem relevantes, dentro do contexto do que aqui se discute. Concedi, desta forma, o meu perdão a todas as redundâncias e proponho-vos que façam o mesmo.

A lista de falácias acerca de Deus e da Vida presente neste livro parece particularmente semelhante à que encontramos nas Dez Ilusões dos Seres Humanos, em *Comunhão com* Deus. Essas falácias baseiam-se diretamente nessas ilusões e são recontextualizações destas últimas. Todavia, nem toda a gente que se depara com este diálogo fez a leitura do livro que o precedeu, e o material aqui presente foi intencionalmente criado para ser entendido por si só.

Introdução

O mundo está em perigo. Nunca antes o perigo foi tão grande.

Este livro apresenta uma explicação da crise que agora enfrentamos, de uma forma que não só torna claro o teor da crise, mas que clarifica também o modo de resolvê-la.

Eis uma reflexão extraordinária sobre o que nos está realmente a acontecer neste momento, neste planeta, sobre o nosso desvio de rota, e sobre a forma como podemos retomar o caminho que dizemos querer seguir.

Podemos fingir não ver o que está a acontecer — a desintegração rápida e eruptiva da vida tal como a conhecemos —, mas apenas até ao momento em que o facto de que estamos realmente em perigo nos for apresentado de maneira que não nos seja já possível ignorar.

É isso que está a acontecer neste momento. Estamos a ser confrontados com acontecimentos e situações que não podemos ignorar.

Isto não significa que chegou a altura para cairmos no desespero. Na verdade, a última coisa de que precisamos nesta altura é de desespero. Foi o desespero que criou o problema. Não será com mais desespero que o conseguiremos resolver.

Não, agora não é altura para o desespero, mas sim para uma renovação.

À medida que procuramos reparar os danos que causamos, somos convidados a explorar a razão pela qual o estamos a fazer. O que nos terá conduzido até às profundezas do desespero que fez com que nos começássemos a destruir a nós próprios? É esta a questão central debatida neste livro. É uma pergunta que muita gente não quer fazer. As respostas ameaçam o nosso próprio modo de vida — e, aparentemente, muitos de nós prefeririam destruir o seu modo de vida a ter de alterá-lo. Optariam por acabar com as suas vidas a ter de enfrentar qualquer alteração ao seu quotidiano.

Este é um livro que se propõe a alterar a vida. Nele se encontram Novas Revelações. Aqui se fornecem os instrumentos com que nos podemos libertar do desespero, elevando toda a raça humana a um outro nível de experiência, a uma outra compreensão de si mesma, a uma nova expressão da sua visão mais grandiosa.

Este livro foi-nos dado, foi-nos enviado neste preciso momento para nos ajudar. As suas revelações são-nos apresentadas sob a forma de uma conversa com Deus. Não é necessário acreditar que uma tal conversa aconteceu para que dela retire benefícios. Apenas terá de estar disponível para acompanhar o diálogo, para refletir sobre os conteúdos aqui debatidos, para explorar a possibilidade de os aplicar na sua vida, e observar os resultados.

A raça humana depara-se com um Tempo de Escolha. As opções estão a ser-nos apresentadas pela torrente de acontecimentos — e pelos que os criam. Podemos avançar, construindo em conjunto um novo mundo de paz e harmonia, finalmente baseado em novas conceções de Deus e da Vida, ou então retroceder, construindo separadamente e de forma contínua o velho mundo de conflitos e de discórdia, baseado em antigas conceções de Deus e da Vida. Fica em aberto a questão sobre quanto tempo conseguiremos manter-nos vivos se continuarmos a optar pelas Velhas Tradições. Mas, no final, a nossa civilização — assumindo que não haverá qualquer alteração dramática no padrão de comportamento atual — abater-se-á muito simplesmente sobre si mesma. E tudo quanto vejo me diz que estamos apenas a alguns anos — não digo séculos, nem décadas, mas sim anos — de distância desse desmoronamento.

Para os que estão prontos para incorporar novas crenças (ou pelo menos para as tomar em consideração), a questão passa a ser: Que crenças serão essas? E que resultados poderão produzir? Acredito que estas novas revelações nos foram feitas para nos darem algumas respostas possíveis e indubitáveis a estas perguntas.

Esta conversa com Deus teve início com um simples apelo, de um homem simples, dirigido ao Deus do seu entendimento, da forma que melhor funciona no seu caso. Perguntei a Deus para nos revelar o que precisamos de saber se quisermos alterar o comportamento autodestrutivo que a Humanidade vai levando por diante.

Talvez agora o Deus do meu entendimento não pareça ser o Deus em que o leitor acredita, mas Ele é, disso estou convencido, o mesmo Deus apesar de tudo. E acredito que, se qualquer pessoa se dirigir a este mesmo Deus, de forma pura, sincera, e com uma fé profunda, Deus responderá.

Este livro é a resposta de Deus.

Acredito que poderá salvar o mundo.

CAPÍTULO 1

O Mundo está à Beira do Desastre

— Deus, por favor, aparece. Precisamos de ajuda.

— Estou aqui.

— Precisamos de ajuda.

— Eu sei.

— Agora mesmo.

— Compreendo.

— O mundo está à beira do desastre. E não estou a falar de um qualquer desastre natural; estou a falar de uma calamidade provocada pelo próprio homem.

— Eu sei. E tu tens razão.

— Isto é, os humanos sempre tiveram desentendimentos (e bem sérios, por sinal), mas agora as nossas divisões e desentendimentos

podem não apenas conduzir-nos a uma guerra — o que já é suficientemente mau —, mas ao fim da civilização tal como a conhecemos.

— Isso é verdade. Avaliaste corretamente a situação.

— Compreendes a gravidade do problema; mas não compreendes a natureza do problema. Não sabes o que está na sua origem. Por isso continuas a tentar resolvê-lo a todos os níveis, exceto ao nível em que ele se encontra.

— Que é?

— O nível da crença.

— O problema com que o mundo se depara hoje em dia é um problema espiritual.

— As vossas ideias acerca da espiritualidade estão a matar-vos.

— Continuam a tentar resolver o problema do mundo como se se tratasse de um problema político, ou de um problema económico, ou até mesmo de um problema militar, e não se trata de nenhum destes problemas. Trata-se de um problema espiritual. E parece ser esse o único problema que os seres humanos não conseguem resolver.

— Então, ajuda-nos.

— É o que estou a fazer.

— Como?

— De diversas formas.

— Relembra-me uma.

— Este livro.

— Este livro vai ajudar-nos?

— Pode fazê-lo.

— O que temos de fazer?

— Lê-lo.

— E depois?

— Seguir o seu conselho.

— Isso é o que todos dizem. "Está tudo no Livro" — dizem. "Leiam-no e sigam o seu conselho. Não é preciso fazer mais nada." O problema é que *cada um fala de um livro diferente*.

— Eu sei.

— E cada livro diz coisas diferentes dos outros.

— Eu sei.

— E agora queres que "sigamos os conselhos" *deste livro*?

— Não se trata aqui do que deverão fazer. Trata-se do que poderão fazer se decidirem fazê-lo. É uma proposta, não uma obrigação.

— Por que quererei eu ler este livro se me tem sido sempre dito pelos Verdadeiros Crentes que todas as respostas se encontram *noutros* livros — os livros que eles me dizem para seguir?

— Porque vocês não os seguiram.

— Ai, isso é que seguimos! Acreditamos que seguimos.

— Eis porque precisam de ajuda. Acreditam que os seguiram, mas na verdade não o fizeram.

— Insistem que foi o vosso Livro Sagrado (e as vossas culturas têm diversos livros desses) que vos deu a autoridade para se tratarem uns aos outros da forma como se tratam, para fazerem o que têm vindo a fazer.

— Apenas são capazes de tal afirmação porque não escutaram realmente a mensagem mais profunda desses livros. Vocês leram-nos, mas na verdade não os escutaram.

— Mas nós *fizemo-lo*. Nós fazemos o que esses livros nos *dizem* para fazer!

— Não. Estão a fazer o que VOCÊS dizem que eles dizem que devem fazer.

— Que quer isso dizer?

— Quer dizer que a mensagem essencial de todas as sagradas escrituras é a mesma. O que difere é a forma como os seres humanos as têm estado a interpretar.

— Não há nada de "errado" com o facto de haver interpretações diferentes. No entanto, não vejo nenhum benefício quando se separam por causa dessas diferenças, quando fazem mal uns aos outros por causa dessas diferenças, e quando se matam uns aos outros como resultado dessas diferenças.

— É isto que estão a fazer agora.

— É o que têm vindo a fazer há já algum tempo.

— Nem sequer no seio de um grupo a que pertençam vocês são capazes de estar de acordo quanto ao que um livro diz e quanto ao seu significado — menos ainda entre grupos diferentes —, acabando por usar estes desentendimentos como justificações para a chacina.

— Discutem entre vocês acerca do que o Corão diz e sobre o significado das suas palavras. Discutem entre vocês acerca do que a Bíblia diz e sobre o significado das suas palavras. Discutem entre vocês sobre o que diz o Veda, o que diz o Bhagavad-Gita, o que diz Lun-yü, o que diz o Pali Cânon, o que diz o Tao-te Ching, o que diz o Talmude, o que diz o Hadith, o que diz o livro de Mórmon…

— E que dizer do Upanishad, do I Ching, do Adi Granth, do Mahabharata, dos loga-sutras, do Matanawi, do Kojiki?

— Está bem, já percebemos onde queres chegar.

— Não, na verdade, não perceberam. E é aí que eu quero chegar. Quero fazer-vos entender que há várias sagradas escrituras e vocês agem como se houvesse apenas uma.

— Só a vossa escritura sagrada é que é realmente sagrada. As restantes são, na melhor das hipóteses, míseros substitutos e, no pior dos casos, blasfémias.

— E não há apenas uma Escritura Sagrada, há também apenas uma forma de interpretar essa Escritura: a vossa forma.

— Foi esta arrogância espiritual que vos causou, enquanto espécie, o maior dos sofrimentos. Sofreram mais — fizeram com que outras pessoas sofressem mais — em consequência das vossas ideias sobre Deus do que em consequência das vossas ideias sobre qualquer outra coisa na experiência humana.

— Transformaram a fonte da vossa maior alegria na fonte da vossa maior angústia.

— Isso é de *loucos*. Por que é que isso é assim? *Por que é que fizemos isso*?

— Porque existe uma coisa pela qual todos os seres humanos se predispõem a abdicar de tudo.

— Desistem do amor, desistem da paz, desistem da saúde, da harmonia, da felicidade, desistem da segurança, da estabilidade, e até da sanidade mental, por uma única coisa.

— O quê?

— Terem razão.

— Estão dispostos a desistir de tudo pelo que trabalharam, de tudo o que sempre quiseram, de tudo o que criaram, apenas para terem "razão".

— De facto, para terem razão estão dispostos a abdicar da própria Vida.

— Mas não é assim que deve ser? Quero dizer, é preciso defender *alguma coisa* na vida. E a Palavra de Deus ESTÁ certa.

— Mas que Deus?

— Que Deus?

— Sim, que Deus?

— Adonai? Alá? Deus? Eloim? Hari? Javé? Jeová? Krishna? Rama? Senhor? Vishnu?

— O Deus cujas palavras nos foram trazidas indubitavelmente pelo Mestre e pelos Profetas.

— Que Mestre e que Profetas?

— Que Mestre? Que Profetas?

— Sim.

— Adão? Noé? Abraão? Moisés? Confúcio? Siddhartha Gautama? Jesus? Patanjali? Maomé? Baha'u'lIah? Jalal al-Din Rumi? Martin Luther? Joseph Smith? Paramahansa Yogananda?

— Não estás a pôr todos esses ao mesmo nível, pois não?

— Por que não? Há algum maior do que o outro?

— Com certeza!

— Qual?

— Aquele no qual eu acredito!

— Exato. Agora entendes onde quero chegar?

— E então? Que queres tu que eu faça? Que desista das minhas crenças?

— Não "quero" que tu faças nada? A questão é antes: o que queres tu fazer?

— Quero encontrar uma forma de ultrapassar toda esta confusão de crenças que os humanos têm.

— Há uma forma.

— Qual?

— Transcendê-las.

— O que quer isso dizer?

— Transcender significa ir além, ultrapassar. Não significa rejeitar completamente, nem destruir na totalidade. Não é necessário destruir uma coisa para a ultrapassar.

— Jamais irão querer destruir o vosso velho sistema de crenças, porque ele contém muitas coisas que desejam manter.

— "Transcender" nunca significa "preterir algo", significa antes e sempre ser "maior do que algo". O vosso novo e ampliado sistema de crenças manterá, sem qualquer dúvida, algumas das partes pertencentes ao antigo sistema — as partes do antigo sistema que sentem que ainda vos servem — e assim surgirá uma combinação entre novo e antigo, e não uma rejeição total do velho sistema.

— Entendes a diferença?

— Acho que sim.

— Ótimo. Então podes parar de resistir.

— A razão pela qual os seres humanos se apegaram de forma tão tenaz às suas antigas crenças deve-se ao facto de não quererem desonrar essas velhas crenças ao rejeitarem-nas completamente, de um momento para o outro. Pensam que essa é a opção que têm: ou rejeitas o antigo ou aceitas o antigo, totalmente. Todavia, não é essa a única opção que vocês têm. Podem rever o antigo sistema e ver quais as partes que já não funcionam. Podem expandi-lo de modo a fazer com que algumas partes desse antigo sistema funcionem melhor. Podem acrescentar novas partes ao sistema para que este apresente renovações.

— Rejeitar completamente as vossas crenças atuais seria desacreditar em demasia muito do que foi ensinado, muito do que foi compreendido, muito do que foi ensinado, muito do que foi compreendido, muito do que foi feito — e muito do que foi bom.

— Faria com que uma parte significativa do mundo sentisse que estava "errada". Faria com que os antepassados estivessem "errados", faria com que todas as escrituras estivessem "erradas", faria com que as vidas atuais estivessem "erradas". As pessoas teriam de admitir que todos os aspetos espirituais da experiência humana haviam sido um erro, um mal-entendido.

— Isto é mais do que a maior parte das pessoas consegue admitir. É mais do que o que deverão admitir, porque isto não é verdade.

— Ora, vocês não têm de declarar que estavam "errados" em relação a nada, porque não estavam. Faltava-vos, muito simplesmente, um entendimento completo. Precisavam de mais informação.

— A transcendência das crenças atuais não é uma rejeição sem reservas dessas mesmas crenças; é, isso sim, um "acrescento" ao sistema vigente.

— Agora que têm mais informação para acrescentar àquilo em que acreditam, podem expandir as vossas crenças — não as rejeitando completamente, mas expandindo-as — e passar a viver as vossas vidas de uma forma diferente.

— De uma forma que resulte.

— Mas eu não tenho mais informação.

— Sim, tens.

— Tenho?

— Tens este livro.

CAPÍTULO 2

Também Tu Podes Viver Profundamente Inspirado

— Deixa-me ver se compreendo. Estás a dizer que este livro está ao mesmo nível da Tora, de toda a Bíblia, do Bhagavad-Gita?

— Eu não disse isso. Mas, a bem da discussão, esses livros não foram escritos por mortais, guiados pela revelação Divina?

— Bem, sim, mas de certeza que não estás a comparar estas palavras com as de Confúcio, com os ensinamentos de Buda, com as revelações de Maomé…

— E volto a dizer... eles eram ou não meros seres humanos?

— Não diria que tenham sido "meros" seres humanos. Foram seres humanos muito especiais. Seres humanos que compreenderam verdades de grande alcance. Seres humanos que viveram profundamente inspirados.

— Também tu podes compreender verdades de grande alcance. Também tu podes viver profundamente inspirado. Pensas que essas experiências estão reservadas apenas a alguns?

— Digo-te que existem para toda a gente.

— A inspiração divina é um direito de nascença de todos os seres humanos.

— Todos vocês são muito especiais. Vocês apenas o desconhecem. Vocês não acreditam nisso.

— Por que não?

— Porque as vossas religiões vos disseram que não o são. Disseram-vos que são pecadores, que são indignos, que apenas uns poucos dentre vós atingiram um determinado nível de dignidade que lhes permitiu serem diretamente inspirados por Deus — e que todas essas pessoas estão mortas.

— Convenceram-vos que ninguém nos dias de hoje poderá jamais atingir tal nível de dignidade e, portanto, nenhum dos livros escritos hoje poderá jamais conter verdades sagradas ou a Palavra de Deus.

— Por que o fizeram? Por que nos disseram tais coisas?

— Porque dizer-vos o contrário deixaria em aberto a possibilidade de que um outro mestre, um outro profeta, um outro mensageiro de Deus pudesse surgir, trazendo novas revelações e chamando-vos a atenção para novos entendimentos — e isso é algo

que as religiões organizadas e já estabelecidas não poderiam tolerar.

— E assim, ao passo que as religiões do vosso mundo não se conseguem pôr de acordo quanto ao livro que contém a mais elevada das verdades, a mais profunda das sabedorias e a Verdadeira Palavra de Deus, há uma coisa em que estão de acordo.

— Em quê?

— Partindo do princípio de que esse livro existe, trata-se de um livro muito antigo.

— Decididamente.

— É um livro velho.

— Não poderia ser um livro novo. Não poderia ser um livro escrito nos dias de hoje.

— As revelações diretas de Deus terminaram há muito tempo atrás, nisso as vossas religiões estão de acordo. Apenas livros sagrados muito antigos podem conter a revelação divina.

— A maior parte das pessoas é capaz de aceitar que as grandes verdades de Deus chegaram até aos humanos através de humanos. Mas não conseguem aceitar que isto pode ser verdade para seres humanos que vivam nos dias de hoje.

— É assim que vocês pensam. É assim que o vosso pensamento está estruturado.

— Se é antigo, é digno; se é novo, é indigno.

— Se é antigo, é verdadeiro; se é novo, é falso.

— Se é antigo, é correto; se é novo, é errado.

— Se é antigo, é bom; se é novo, é mau.

— É esta estrutura mental peculiar que torna o progresso no vosso planeta tão difícil e a evolução tão lenta.

— O que torna tudo isto tão complicado (tal foi a forma como a erigiram), é que esta estrutura mental apenas se aplica a coisas — isto é, a objetos inanimados — e a ideias. Ironicamente, quando se trata de pessoas, vocês invertem a lógica.

— Se é novo, é digno; se é velho, é indigno.

— Desta forma, a vossa sociedade rejeita, a toda a hora, algumas das novas ideias mais brilhantes e alguns dos idosos mais sábios. Pergunta a Hermann Kümmell.

— Hermann Kümmell?

— Um médico de Hamburgo, do final do século XIX, que passou um mau bocado ao tentar convencer os seus colegas de que lavar as mãos antes da cirurgia era uma boa ideia.

— A ideia de uma "boa esfregadela" foi rotundamente rejeitada por todos "aqueles que sabiam mais", ao passo que Kümmell se tornou num alvo de chacota, tendo sido praticamente afastado da sua amada profissão por ter tido a ousadia de sugerir que tal prática poderia salvar vidas.

— Esta tendência teimosa que os seres humanos têm para se agarrar ao seu passado, para recusar a inovação ou novas formas de pensar até serem obrigados a mudar de opinião perante o peso humilhante e definitivo de uma prova, tem vindo a travar o vosso processo evolucionário ao longo de milhares de anos.

— No entanto, não parece que nos possamos dar ao luxo de arrastar esse processo. É como se, agora, tivesse chegado o tempo da essência. Chegámos a uma encruzilhada.

— Sim. Estão agora perante um novo e temível perigo — um perigo para toda a vossa espécie. Uma ameaça à vossa própria sobrevivência que deriva da combinação entre uma fratura na ideologia e um avanço na tecnologia, o que torna possível que tentem resolver as vossas diferenças com instrumentos de destruição humana jamais imaginados nos vossos piores pesadelos.

— Meu Deus, o que podemos fazer?

— Há cinco coisas que podem escolher fazer agora, se o que pretendem é mudar o vosso mundo e alterar o comportamento autodestrutivo em que este prossegue.

1. *Podem escolher reconhecer que algumas das vossas antigas crenças acerca de Deus e da Vida já não funcionam.*

2. *Podem escolher reconhecer que há algo que não compreendem em relação a Deus e à Vida, cujo entendimento modificará tudo.*

3. *Podem escolher estar predispostos para receber um novo entendimento de Deus e da Vida, um entendimento que poderá gerar uma nova forma de viver no vosso planeta.*

4. *Podem escolher ser suficientemente corajosos para explorar e questionar este novo entendimento e, se este estiver de acordo com a vossa verdade e conhecimento interior, alargar o vosso sistema de crenças para incorporá-lo.*

5. *Podem escolher viver as vossas vidas como demonstrações, e não como negações, das vossas crenças mais elevadas e grandiosas.*

— Estes são os Cinco Passos Para a Paz e, se os seguirem, poderão mudar tudo no vosso planeta.

— Porquê toda esta ênfase em Deus e nas nossas crenças? Por que não nos dizes para mudarmos os nossos sistemas políticos e económicos mundiais? Por que não nos dizes para mudarmos as nossas leis, acabarmos com a nossa violência, partilharmos os nossos recursos, pormos termo à discriminação, pormos cobro à opressão, redistribuirmos a nossa abundância, travarmos as nossas guerras e vivermos em paz?

— Porque todas essas mudanças são no comportamento.

— Não serão exatamente os nossos comportamentos que precisam de ser alterados neste momento?

— Sim. Se decidirem que agora desejam um mundo a viver em paz e harmonia, então a resposta é sim.

— Está bem, desisto. Não percebo. Por que falas sobre crenças se o que precisamos é de alterar comportamentos?

— Porque as crenças criam comportamentos.

CAPÍTULO 3

As Crenças Criam Comportamentos

— Todos os comportamentos são criados por crenças?

— Todos os comportamentos.

— Não existe nada do género de "reações automáticas"?

— Até mesmo essas reações são baseadas no que vocês acreditam estar a acontecer, estar prestes a acontecer, ou poder acontecer.

— Todos os comportamentos derivam de crenças.

— Não é possível fazer-se uma mudança a longo prazo dos comportamentos, sem ter em conta as crenças que estão na sua base.

— Vou repeti-lo, porque a brevidade desta afirmação pode fazer com que a sua importância passe despercebida.

— Eu disse:

— Não é possível fazer-se uma mudança a longo prazo dos comportamentos, sem ter em conta as crenças que estão na sua base.

— Isso quer dizer que é nas nossas crenças que a sociedade tem de centrar as atenções.

— Exatamente. E é precisamente nesse ponto que a maior parte das vossas sociedades não tem centrado as atenções — excetuando aquelas sociedades que neste momento provocam, e que historicamente provocaram, as maiores convulsões.

— Mas e se nós…

— …Ouve o que te digo. Estou a dizer-te algo de extrema importância.

— O que eu acabei de dizer foi que… aquelas sociedades que neste momento provocam (e que historicamente provocaram), as maiores convulsões no vosso mundo, são as sociedades que centraram as suas atenções nas crenças.

— A maior parte dos humanos procura mudar as coisas centrando a sua atenção nos comportamentos. Vocês continuam a pensar que podem melhorar o estado de coisas ao fazerem algo. Por isso, anda toda a gente num rodopio a tentar perceber o que pode fazer. Concentram-se em fazer seja o que for, em vez de acreditarem um pouco que seja.

— Mas existem forças radicais no seio das vossas sociedades que sempre procuraram alterar as coisas recorrendo ao poder do pensamento — e não da ação — porque estão cientes de que o pensamento produz ação. Se se fizer com que uma pessoa pense de determinada forma, conseguir-se-á que essa pessoa aja de uma forma determinada. Conseguir o inverso disto já não é tão fácil.

— Pensa no caso de matar, por exemplo. Dificilmente conseguirás fazer com que alguém saia para a rua e mate uma pessoa apenas porque lhe dizes para o fazer. É preciso que lhe dês uma razão. E uma "razão" é algo que existe apenas em pensamento. E o pensamento é algo que se baseia sempre na Crença. Por esta razão, no caso de se querer que uma pessoa mate outra, a forma mais rápida de o conseguir é dando a essa pessoa uma crença que sustente essa ação e que a possa justificar.

— Como por exemplo?

— Uma dessas crenças poderá ser a de que matar é algo pretendido por Deus, que ao fazê-lo se estará a cumprir a Vontade de Deus, e que quem o fizer será recompensado no Céu por tal ato.

— Esta poderá ser uma crença muito poderosa, um incentivo muito poderoso.

— E assim, enquanto a maior parte do mundo procura implementar a mudança dizendo às pessoas o que estas deverão FAZER, aqueles que realmente sabem como motivar as pessoas

estão a implementar a mudança dizendo às pessoas aquilo em que estas devem ACREDITAR.

— Estás a perceber?

— Uau! Sim.

— O vosso mundo enfrenta neste momento problemas muito sérios, e é preciso que resolvam os problemas ao nível da crença. Não podem resolver os problemas ao nível do comportamento.

— Procurem alterar as crenças, não os comportamentos.

— Depois de alterarem uma crença, o comportamento alterar-se-á por si só.

— Mas nós somos uma sociedade extremamente orientada para a ação. O mundo ocidental, em particular, sempre encontrou as suas soluções através da ação, não através da contemplação silenciosa ou da filosofia.

— Podem empreender todo e qualquer tipo de ação com o fito de alterar ou travar o comportamento de alguém, mas a menos que alterem as crenças que produziram semelhante comportamento, não conseguirão alterar nem travar o que quer que seja. Podem alterar uma crença de duas formas. Expandindo-a ou alterando-a completamente. Seja como for, terão de agir de uma forma ou de outra, caso contrário jamais conseguirão alterar o comportamento.

— A única coisa que conseguirão será interrompê-lo.

— Por outras palavras, o comportamento será retomado.

— Tens alguma dúvida quanto a isso? Será que não vês a vossa História repetindo-se continuamente?

— Sim, vejo. E é frustrante.

— A tua espécie faz o mesmo repetidamente, vezes e vezes sem conta, porque não conseguiu mudar as suas crenças essenciais — acerca de Deus e da Vida — ao longo de milhares de anos.

— Praticamente em todas as escolas no vosso planeta, em quase todas as culturas, de uma forma ou de outra, se ensinam as crenças. Muitas vezes, vocês apresentam as crenças como sendo "factos", mas na verdade não passam de crenças.

— Isto não seria tão mau e não teria consequências tão terríveis se aquilo em que vocês acreditam, aquilo que ensinam, fosse aquilo que de facto é. Mas de facto não é. Vocês ensinam às vossas crianças o que não é e dizem-lhes que "assim é que é".

— Na maior parte dos casos, não o fazem intencionalmente. Vocês não sabem que isto são falácias. Elas são, no fundo, aquilo que vos ensinaram. Por essa razão, assumem que são verdadeiras. E é assim que "os pecados do pai passam para o filho, até à sétima geração".

— Em algumas escolas — particularmente em algumas escolas religiosas onde as crianças, desde tenra idade, são encorajadas a perspetivar a vida através do prisma de doutrinas religiosas singulares e de preconceitos culturais —, o que resulta disto é a reprodução de comportamentos incrivelmente negativos, que refletem crenças extraordinariamente erradas.

— Ensinam as vossas crianças a acreditar num Deus intolerante e, desta forma, são condescendentes com os comportamentos de intolerância dessas mesmas crianças.

— Ensinam as vossas crianças a acreditar num Deus irado e, desta forma, são condescendentes com os comportamentos irados dessas mesmas crianças.

— Ensinam as vossas crianças a acreditar num Deus vingativo e, desta forma, são condescendentes com os comportamentos de vingança dessas mesmas crianças.

— Em seguida, mandam essas crianças combater os demónios que vocês próprios criaram. Não é por acaso que o maior número de "guerreiros" de qualquer movimento radical é maioritariamente composto por jovens.

— Quando deslocam os vossos jovens, das escolas religiosas ou das academias militares, diretamente para as vossas forças armadas, garantindo-lhes que combatem por "uma causa maior",

por "um propósito grandioso" ou que Deus está do seu lado, o que irão eles pensar?

— Deverão eles contradizer os seus anciãos, os seus mestres, os seus padres, os seus ulamas?

— Todavia, se não tomarem cuidado, as vossas próprias crianças aniquilar-vos-ão.

— Então, devemos mudar as crenças dos mais novos.

— Sim. No entanto, tal não pode acontecer se não mudarem as crenças daqueles que ensinam os mais novos. E isso implica-vos a todos. Pois não se ensinam os mais novos apenas dentro das escolas, tal acontece em todos os momentos das suas vidas, quando os mais jovens vos observam, examinando o modelo de vida que cada um de vocês é, a viver a vossa vida.

— Isto é algo que precisam de compreender: Toda a vossa vida é um ensinamento. Tudo que pensam, dizem, e fazem serve de ensinamento para os outros.

— Acham que os outros não sabem aquilo que vocês pensam? Por acaso passa-vos pela cabeça que os outros não prestam atenção ao que vocês dizem? Têm esperança de que os outros não vejam aquilo que vocês fazem?

— Os mais jovens, em especial, estão ávidos de aprender coisas sobre a vida e aprendem a viver sobretudo a partir da própria vida. E isto é algo que eles sabem intuitivamente. Eis porque observam tudo de tão perto. Os mais jovens não deixam escapar nada. Vocês pensam que os estão a enganar? Pensem melhor.

— Eles veem o medo. Veem a raiva. Veem a hipocrisia. Veem-vos a dizer uma coisa e a fazer outra diferente. E, sim, sabem até bastante bem aquilo em que estão a pensar. Mais do que vocês pensam que eles sabem.

— Então, temos de mudar as nossas crenças antes de esperarmos que as crenças dos nossos descendentes mudem.

— Sim. E se não o fizerem, ficarão a ver os vossos jovens fazerem coisas terríveis e inimagináveis — e ficarão a pensar onde é que eles poderão ter ido buscar semelhantes ideias.

— Como aqueles jovens que levaram Matthew Shepard, um jovem estudante universitário homossexual, para um local isolado no meio do campo (lá para os lados de Laramie, no Wyoming), há alguns anos atrás, atando-o às sebes de um curral de vacas, espancando-o de forma brutal, abandonando-o e deixando-o moribundo?

— Como esses jovens, sim.

— Sentiam que ele merecia o que lhe haviam feito.

— Sim.

— Nem sequer sentiram que o que lhe estavam a fazer não era correto.

— Ninguém faz nada que não seja correto, de acordo com a sua conceção do mundo.

— Eis uma afirmação de uma tremenda importância.

— De facto é. Por isso, vamos repeti-la.

— Eu disse…

— Ninguém faz nada que não seja correto, de acordo com a sua conceção do mundo.

— Isso quer dizer que o que temos a fazer é *mudar a nossa conceção do mundo*.

— Exatamente. Foi isso que estive aqui a dizer.

— E temos de mudar as crenças das pessoas, pois é nelas que a sua conceção do mundo se baseia.

— Exatamente.

— Os nossos descendentes limitam-se a copiar-nos. *Todas* as pessoas se limitam a imitar as outras. Limitamo-nos a fazer o que vemos os outros fazerem.

— Sabes o que um espelho diz para outro espelho?

— Não.

— "É tudo feito com pessoas."

CAPÍTULO 4

As Cinco Falácias Acerca de Deus

— Tudo bem, quer então dizer que as crenças da Humanidade acerca de Deus e da Vida estão incompletas, e que são estas ideias incompletas que temos vindo a passar às nossas crianças de geração em geração, dando assim origem à crise política, económica, social e espiritual que o mundo hoje enfrenta.

— Correto.

— E se formos capazes de mudar estas crenças, seremos capazes de mudar tudo o resto.

— Sim.

— Podemos acabar com os massacres e o sofrimento.

— Podem.

— Podemos acabar com a pobreza e o desespero.

— Podem.

— Podemos pôr cobro à opressão, à agressão e à repressão.

— De facto, podem.

— Isso enche-me de esperança. Faz com que sinta que ainda temos uma oportunidade.

— Oh, vocês têm mais do que uma oportunidade, meu filho. Tu e todos os filhos de Deus têm um destino de felicidade para cumprir. E, fazendo uso do poder, do milagre e da glória de todos os dons que vos concedi, vocês cumpri-lo-ão. Somente se não fizerem uso desse poder, somente se desprezarem o milagre que cada um de vós é e desperdiçarem os meus dons, falharão no cumprimento desse destino.

— Será muito difícil que isso venha a acontecer. Fiz com que fosse muito improvável vocês falharem o vosso objetivo. Pois os dons que vos concedi são tão extraordinários que o fracasso se tornou praticamente impossível.

— Repara no que já conseguiram fazer até agora! Contra todas as probabilidades, conseguiram preservar a vossa existência e conduziram a vossa espécie até ao nível da consciência.

— Contra todas as probabilidades, adquiriram um conhecimento suficiente do mundo que vos rodeia, que vos permitiu realizar feitos físicos verdadeiramente extraordinários.

— Contra todas as probabilidades, foram expandindo a vossa autoconsciência até ao ponto em que reconheceram que havia algo maior do que a experiência limitada de vocês próprios, desenvolvendo assim as artes e a cultura, a ciência, a filosofia e a espiritualidade, a fim de expressarem a vossa perspetiva alargada da existência.

— Quando perscrutarem o vosso Universo (e em breve terão a tecnologia que vos permitirá fazê-lo de forma muito mais eficaz) compreenderão que estas realizações não são de todo coisas pequenas.

— De todas as formas de vida da existência, apenas uma ínfima parte conseguiu fazê-lo. E olha para as vossas vidas em particular. Muitos de vocês conseguiram tornar-se seres dinâmicos, produtivos, ternos, dedicados e plenos de compaixão, profundamente preocupados com os sentimentos das outras pessoas, profundamente empenhados na melhoria de todos, e profundamente determinados a explorar de forma corajosa os limites do vosso conhecimento, crentes de que conseguirão criar um futuro ainda mais radiante.

— Compreendes a magnificência de tudo isto? Isto é O Que Vocês São, e estão apenas no início.

— Isso é verdade? Estás a falar a sério?

— Sim, vocês são capazes de feitos e de experiências que nem sequer imaginaram nos vossos sonhos mais rocambolescos. Estão, neste preciso momento, à beira de uma Idade Dourada, o início de uma era de Mil Anos de Paz, que poderá conduzir a espécie humana a uma glória maior, e que não pode ainda ser dada a conhecer, pois o vosso coração não está neste momento preparado para a suportar.

— Este pode ser o vosso dom para o futuro. Este pode ser o vosso destino. Só precisam de escolhê-lo.

— Estás a falar acerca de mudarmos toda a nossa experiência de vida neste planeta. Mas a verdade é que, com todos os nossos feitos, com tudo o que conseguimos compreender, não fomos capazes de alcançar a paz. Quando falas de mil anos de paz, falas de mudarmos todo o nosso modo de vida.

— Sim, é disso que estamos aqui a falar. Foi nisso que me pediste para vos ajudar, não foi?

— Sim, foi. Mas não me parece que exista uma panaceia, uma "pílula mágica" que possa fazer tudo o que é preciso para se conseguir isso.

— Mas existe.

— As nossas crenças.

— As vossas crenças.

— Mais especificamente, as nossas crenças acerca de Deus.

— Acerca de Deus e acerca da Vida.

— E quanto às pessoas que não acreditam em Deus?

— Não importa se as pessoas acreditam ou não em Deus. Todas as pessoas têm as suas crenças acerca da Vida. E o que irás descobrir é que as crenças coletivas das pessoas acerca da Vida, refletem de forma muito aproximada as crenças coletivas da Humanidade acerca de Deus. Isto é compreensível, tendo em conta aquilo que vou agora dizer-te — que é algo que algumas pessoas talvez não aceitem.

— O quê?

— Deus e a Vida são a mesma coisa.

— Podem dar-lhes nomes diferentes, mas são ambas a mesma coisa. Deus é o que a Vida é, e a Vida é o que Deus é. Deus é a energia a que vocês chamam Vida, e a Vida é a energia a que vocês chamam Deus. É tudo a mesma coisa.

— A Vida é Deus, na sua forma física.

— Então, se acreditarmos na Vida, acreditamos em Deus, é isso que estás a querer dizer?

— Não podem separar Deus da Vida, nem podem separar a Vida de Deus. Podem dizer que acreditam na Vida e não em Deus, mas isso será como dizer que acreditam no cérebro, mas não na mente.

— Podem ver e tocar o cérebro, por isso sabem que ele existe. Não podem ver nem tocar a mente, por isso não estão seguros do que isso seja, ou se isso existe ou não. O cérebro é a mente, na sua forma física. Contudo, é a vossa mente que vos permite contemplar o vosso cérebro. Sem a vossa mente, não saberiam sequer que o vosso cérebro existe.

— O mesmo se aplica à relação entre Deus e a Vida.

— Então, não temos de "acreditar em Deus" para mudarmos o mundo.

— É claro que não.

— Mas aqueles que acreditam em Deus já levam um avanço.

— Não necessariamente.

— O *quê*?

— Eu disse, não necessariamente.

— Queres dizer que crer em Deus não nos beneficia neste caso? Que não é uma vantagem?

— Na verdade, até pode bem ser uma desvantagem.

— Como podes afirmar que crer em Deus pode ser uma desvantagem para quem quer mudar o mundo?

— Isso não depende de acreditares EM Deus, mas sim no que acreditas ACERCA de Deus.

— Já te disse que não precisas de acreditar de todo em Deus para usares as tuas crenças para mudar o mundo. Só precisas de acreditar na Vida. E tu acreditas na vida, porque estás a passar por essa experiência.

— Todavia, se és um dos que acredita em Deus, nesse caso aquilo que acreditas acerca de Deus pode ter um impacto extraordinário naquilo que acreditas acerca da Vida — bem como na forma como vives a tua vida, e na forma como passas por ela.

— Por isso, a tua crença acerca de Deus torna-se crucial.

— E, para recapitular, o mundo encontra-se no lugar em que hoje se encontra — um lugar de crise, de violência, de mortandade

e de guerra —, em consequência do que acreditamos acerca de Deus?

— Isso é verdade.

— Está bem, então, vamos começar por aí. Que crenças temos nós acerca de Deus que dão origem às crises, à violência, à morte e à guerra?

— Em primeiro lugar, vocês acreditam que Deus precisa de alguma coisa.

— Em segundo lugar, acreditam que Deus pode falhar na obtenção daquilo que Ele quer.

— Em terceiro, acreditam que Deus vos separou Dele porque vocês não Lhe deram aquilo de que Ele precisava.

— Em quarto, acreditam que Deus ainda precisa do que Ele precisa, de forma tão desesperada, que vos exige, separado de vocês, que Lha deem.

— Em quinto, acreditam que Deus vos destruirá se não forem ao encontro das Suas exigências.

— Estas Cinco Falácias Acerca de Deus causaram mais dor e destruição nas vossas existências quotidianas do que todas as vossas outras crenças juntas.

— Bem, está certo… suponho que podemos discutir essas crenças em detalhe…

— Poderia ser benéfico para ti.

— E gostaria de fazê-lo, mais tarde. Mas, neste preciso momento, não estou a ver como é que essas crenças acerca de *Deus* dão origem a crises, a violência, a chacina e a guerra entre as pessoas.

— Isso é fácil. Vocês acham que é correto agir com os outros da forma como acreditam que Deus age convosco.

— Também pensam que quando criam crises, violência, mortandade e guerra, o fazem para ir ao encontro das exigências de Deus. Acham que estão a ajudar Deus a satisfazer as Suas necessidades.

— Muitos de vocês acreditam que Deus quer crises, violências, mortandade e guerra, se for isso o necessário para satisfazer as Suas exigências. Neste contexto, acreditam que chacinar pessoas é uma Vontade de Deus.

— Os seres humanos acreditam nisso? Não conheço nenhum ser humano que acredite nisso.

— Podes não conhecê-los pessoalmente, mas asseguro-te que existem, e que têm existido no vosso planeta desde há muito tempo.

— Desde o início dos tempos que têm descrito as piores experiências e desastres humanos — até mesmo atos de terror praticados pelo homem — como sendo "a Vontade de Deus".

— Na verdade, foi o vosso esforço para compreender as coisas más que vos acontecem que vos levou a acreditar na existência de um Deus em primeiro lugar — e a acreditar num Deus que comete atos terríveis.

— Por favor, explica o que acabaste de dizer.

— Durante os vossos tempos mais primitivos, naquele que apelidaram como sendo o tempo do homem das cavernas e ainda antes disso, os humanos não compreendiam os aspetos mais simples da vida que os rodeava. Tudo o que sabiam era que havia vida à sua volta. Isto é, havia alguma coisa para além deles.

— Esta outra coisa que existia manifestava-se em toda a parte à sua volta. Surgia como vento e chuva, como Sol, Lua e nuvens, como plantas, árvores e seres vivos minúsculos a que agora chamam insetos e seres vivos grandes a que agora chamam animais, e como efeitos espetaculares, tais como incêndios que se ateavam espontaneamente nas florestas, como relâmpagos e

trovoada no céu, como gigantescas ondas no oceano e, por vezes, como um abalar temível do próprio chão.

— Nessa altura, o Homo Sapiens não sabia o que fazer de todas estas coisas. Não sabia por que razão as pessoas morriam, não sabia por que razão chegavam furacões, tornados ou cheias que destruíam tudo, ou por que razão acontecia alguma coisa de todo.

— Para que tudo isto pudesse fazer sentido, os primeiros humanos concluíram que deveria haver algum poder maior do que o deles, que fazia com que estas coisas ocorressem. Imaginavam "espíritos" que faziam com que o Bem e o Mal se manifestassem nas suas vidas de diversas formas.

— À medida que viam o dia tornar-se noite e a noite tornar-se dia, a erva crescer e as flores desabrocharem, e as árvores perderem as folhas e voltarem a recuperá-las, começaram a deificar a Natureza. Imaginaram "deuses da chuva" e "o deus do Sol" e muitos outros deuses que faziam coisas de acordo com a sua disposição e capricho. O que tinha de ser feito, pensaram eles, era afetar de alguma forma esta disposição e agradar aos deuses, e assim os deuses fariam o que lhes fosse pedido.

— Todas as formas de ritos e rituais foram criadas para "invocar" os espíritos de quaisquer que fossem os deuses necessários ou desejados num determinado momento, para apaziguá-los, honrá-los e fazer com que respondessem ao que os seres humanos seriamente lhes pediam. Havia ritos de fertilidade, ritos de

passagem, e rituais de todo o tipo e de acordo com todas as intenções. Estes foram-se desenvolvendo ao longo dos séculos, transformando-se naquilo que alguns de vós chamam de costumes pagãos.

— Os mitos cresceram em torno de como os poderes sagrados influenciavam diretamente a vida na terra, e de como a vida na terra pode influenciar diretamente os poderes sagrados. Estes mitos passaram a ser histórias que se contavam frequentemente, acabando por se tornar crenças. Isto é, tomaram-se verdadeiros para as pessoas.

— Quando os mitos se tornam verdade, transformam-se numa religião organizada.

— Das chamadas religiões pagãs até às religiões mais generalizadas do vosso tempo, o salto não foi assim tão grande. A maior parte dos humanos dos dias de hoje continua a acreditar num poder que é maior do que o seu, e a maior parte dos humanos continua a acreditar que há algo que tem de fazer para satisfazer a Fonte desse poder.

— Atualmente, no vosso planeta, existem milhares de religiões, sendo que algumas honram uma pluralidade de deuses e algumas veneram uma única divindade.

— Sim, mas existe apenas uma religião verdadeira.

— Cá voltamos nós outra vez. Esta é a resposta à tua pergunta. É desta forma que as crenças acerca de Deus geram crises, violência, chacina e guerra entre as pessoas.

— Mas é *verdade*! Há apenas uma religião que está *certa*. Pode ser que, as restantes sejam *bem-intencionadas*, mas não estão certas. E é preciso ter cuidado para não sermos *seduzidos* por falsas crenças que possam *parecer* boas, mas que nada têm a ver com a Lei de Deus. Porque se negarmos o único e verdadeiro Deus, e a Lei de Deus, não seremos salvos, iremos diretamente para o Inferno.

— Quando.

— Quando?

— Sim, quando irá isso acontecer?

— Quando se morre, é claro.

— E, se os verdadeiros crentes sentirem que alguém *merece* ir para o Inferno porque não acredita no Único e Verdadeiro Deus, nem segue a Lei de Deus, têm a permissão de *mandar* essa pessoa para lá imediatamente, matando-a. De facto, em alguns casos, são forçados a isso. Quando os líderes de uma religião emitem uma decisão sobre determinado assunto, todos os verdadeiros crentes são obrigados a cumprir essa decisão, e a matar quem quer que os líderes dizem para matar.

— Quem disse isso?

— Tu.

— Eu?

— Sim. Disseste que podemos destruir qualquer pessoa, governo ou nação cujas ações conduzam à apostasia. É isso que nos dá autoridade: a tua Palavra.

— Vocês fazem uso da minha palavra como algo que vos dá autoridade nestes assuntos?

— Claro. Saber que estamos a cumprir a Vontade de Deus é o que nos guia, nos dá coragem, e nos conforta quando matamos pessoas.

— Mas eu jamais teria essa vontade.

— Que queres dizer com isso? Tu tiveste essa vontade.

— Tive?

— Não abriste o Mar Vermelho para que o teu povo escapasse? E não fechaste o mar em seguida, submergindo debaixo de toneladas de água cerca de seiscentos dos homens que vinham no encalço do teu povo? Não destruíste praticamente todas as pessoas

que viviam em Sodoma e Gomorra? E não mataste muitos outros, nem exigiste e aprovaste a morte de outros, ao longo das décadas?

— Foi a partir destas e doutras histórias sobre as ordens e as exigências da Divindade narradas na Bíblia, no Corão, no Bhagavad-Gita, no Livro de Mórmon, e em outras Escrituras, que todas as crianças de todas as culturas travaram conhecimento com a Ira de Deus.

— Sim, é esse o problema.

— Por que será que ensinar a verdade às nossas crianças é um problema?

— Porque não é a verdade.

— Se há coisa que não existe é a Ira de Deus.

— É uma das vossas falsas crenças acera de Deus. Mas estou certo de que pensam que isso é verdadeiro, e pensam que é correto agir com os outros da mesma forma que vocês acreditam que Deus age convosco. Na verdade, os vossos líderes religiosos fizeram-no. Apelaram a que "todos os Verdadeiros crentes matassem os apóstatas".

— Bem, por vezes dizemos "Matem os infiéis!", mas quer dizer a mesma coisa. "Infiel", "apóstata", não importa. São apenas

palavras. O cerne da questão é que, se os outros não acreditarem naquilo em que nós acreditamos, Deus diz-nos para os matarmos.

— Os cristãos fizeram-no. Os muçulmanos fizeram-no. Muitos grupos de crentes fizeram-no.

— Conheces a história de alguns destes?

— Oh, sim. O papa Urbano II emitiu um apelo para uma "cruzada" em Clermont, na França, em 1095, do qual resultaram uma série de expedições militares organizadas pelos cristãos ocidentais contra os muçulmanos e outros "infiéis". Estas Cruzadas prolongaram-se por duzentos anos, tendo resultado na morte de centenas de milhares de pessoas.

— De igual forma, os líderes muçulmanos apoiaram, ao longo dos séculos, milhares de agressões, de assassinatos, de chacinas, em nome da erradicação da apostasia.

— E estes comportamentos não se limitaram aos tempos medievais. Em 1989, o Ayatollah Ruhollah Khomeini, nessa altura o líder espiritual do Irão revolucionário, condenou publicamente um livro intitulado *Os Versículos Satânicos* e apelou a uma *fatwa* contra o seu autor, Salman Rushdie.

— Foi dito que os muçulmanos espalhados por todo o mundo tinham o dever de executar Rushdie mal o avistassem e que se algum muçulmano o fizesse iria diretamente para o Céu. O homem

teve de viver escondido durante dez anos, até que finalmente o governo iraniano anulou a *fatwa*.

— Mais recentemente, no final dos anos 90, radicais muçulmanos, que na sua maioria vivem no Afeganistão, declararam guerra à civilização ocidental, dizendo aos muçulmanos de todo o mundo que era seu dever declarar "morte à América" e "morte a Israel" — entre outros inimigos específicos.

— Por outras palavras, a vossa história está de novo a repetir-se.

— *Vezes e vezes sem conta*. E não parece que encontremos maneira de o impedir. Neste momento, estamos a lidar com atos terroristas horríveis e com a morte de muitos inocentes.

— Entretanto, a *Encyclopedia Britannica 2001*, num artigo sobre os duzentos anos de ataques cristãos, apresentava um comentário irónico ao descrever essas Cruzadas. Pode ler-se que tais atos de terrorismo, "que resultam da combinação de um certo idealismo, ambição, heroísmo, crueldade e loucura, são um fenómeno medieval e, como tal, alheios à experiência do homem moderno".

— Espero que este parágrafo venha a ser reescrito para a próxima edição…

CAPÍTULO 5

As Cinco Falácias Acerca da Vida

— Então, as Cinco Falácias Acerca de Deus geram crises, violência, mortandade e guerra.

— Sim. E isso pode observar-se.

— Também disseste que havia crenças sobre a Vida que nos estavam a afastar do caminho.

— Sim.

— Quais são?

— As Cinco Falácias Acerca da Vida que geram crises, violência, chacina e guerra são:

1. *Os seres humanos estão separados uns dos outros.*

2. *Não há o suficiente do que os seres humanos necessitam para serem felizes.*

3. *Para conseguir aquilo de que não existe o suficiente, os seres humanos têm de competir uns com os outros.*

4. *Alguns seres humanos são melhores que outros seres humanos.*

5. *Os seres humanos podem resolver diferendos graves criados por todas as outras falácias matando-se uns aos outros.*

— Estas Cinco Falácias Acerca da Vida, em conjunto com as Cinco Falácias Acerca de Deus, contribuem para uma litania mortal de erros que produziu e continua a produzir, até ao presente momento, um mundo profundamente enraivecido, brutalmente violento, terrivelmente perdido, inconsolavelmente angustiado e ininterruptamente aterrorizado.

— Pensam que estão a ser aterrorizados por outras pessoas, mas na verdade estão a ser aterrorizados pelas vossas crenças.

— Eis o que têm de mudar se alguma vez quiserem realizar o vosso sonho de um mundo que viva em paz, harmonia e felicidade.

Volto a dizê-lo, sem me cansar de o repetir, não podem alterar as situações de raiva, violência, perda, angústia e terror, através de meios políticos ou económicos. Vocês podem afetar estas situações — quer isto dizer que as podem modificar de alguma forma por um curto período de tempo, ou mesmo interrompê-las —

, mas não as conseguirão eliminar sem que haja uma mudança nas vossas crenças.

— Porque "a crença cria comportamentos".

— Isso é correto.

— Bem, como disse anteriormente, quero discutir estas falsas crenças, todas elas, mais tarde.

— Ótimo, pois esse é o objetivo deste diálogo.

— Mas, em primeiro lugar, no princípio desta conversa, disseste que havia cinco coisas que podemos escolher fazer agora, se o que pretendemos é mudar o nosso mundo e alterar o comportamento autodestrutivo em que este prossegue. Chamaste-lhes os "Cinco Passos para a Paz", contudo, a meu ver, nenhum deles me pareceu ser um grande plano de ação. Pareceram-me sobretudo devaneios filosóficos. Perdoa-me, não tenciono dizê-lo com uma carga pejorativa. Estou apenas a considerar se será este o tipo de informação que ajudará as pessoas e que servirá o mundo neste momento.

— O propósito deste diálogo é o de acordar as pessoas e de regenerar o mundo. Isto ajudará e servirá.

— Mas o que eu disse foi que há cinco coisas que podem escolher. Não disse nada acerca de cinco coisas que podem fazer.

— Insisto no ponto já aqui repetido de que a paz no vosso planeta apenas será alcançada quando alterarem as vossas crenças, porque se não "apanharem" isto, não conseguirão realizar nada no processo de regeneração do vosso planeta.

— Aquilo que procuram curar são as feridas abertas pelas vossas crenças. As vossas crenças mais profundas deram origem aos comportamentos que abriram essas feridas.

— O desejo primordial da Humanidade é a paz, e eu estou a mostrar-vos que as vossas crenças atuais não fazem de vós seres muito pacíficos.

— "Pacífico" não é algo que se faça. "Pacífico" é algo que se é.

— Não se diz "Estou a fazer pacífico". Diz-se "Estou a ser pacífico". E o ser é uma expressão da alma e da mente.

— Podes repetir, por favor?

— O "ser" é uma expressão da alma e da mente. O "fazer" é uma expressão do corpo. Todas as experiências do corpo derivam de experiências da alma ou da mente. Cabe-vos a decisão. Se escolherem a mente, as sensações desta serão sentidas pelo corpo. Se escolherem a alma, as sensações desta serão sentidas pelo corpo.

— A alma sente sempre alegria, porque a alma é alegria. A alma sente sempre amor, porque a alma é amor. A alma sente-se sempre ligada ao milagre da vida, porque a alma é o milagre da vida, expresso.

— Para que seja possível sentir sempre isto, tens de estar fora da tua mente[1]*. Tens de "sair da tua cabeça" e entrar no coração.*

— Pensei que ias dizer "entrar na alma".

— O coração é a ponte entre a mente e a alma. Primeiro, sai da tua mente e entra no espaço do teu coração. Daí até à tua alma, é apenas um salto.

— É quando te encontras no espaço do teu coração com uma outra pessoa que consegues estabelecer um verdadeiro diálogo entre almas. Quando te encontrares no espaço do teu coração contigo próprio, terás a experiência de te sentires ligado à tua alma a um nível bastante profundo. É nesse momento que conseguirás ter a experiência de uma comunhão com Deus.

— Se permaneceres na tua mente, serás afetado pelas construções da tua mente. Se a mente estiver diminuída ou enfraquecida, o corpo reagirá de uma forma que refletirá tudo isso.

[1] No original, be out of your mind, que significa "estar louco". O jogo de palavras perde-se na tradução. (N. T.)

Se a mente estiver inspirada, fortalecida ou renovada, o corpo reagirá de uma forma que refletirá tudo isso.

— Se a mente estiver desencorajada, diminuída, limitada, frustrada, zangada, ferida ou agitada, o corpo manifestará isso. Se a mente estiver excitada, expandida, ilimitada, exuberante, alegre, curada e pacífica, o corpo comportar-se-á de forma completamente diferente.

— Mas não é assim que "a religião dos velhos tempos" faz com que as pessoas se sintam? Falando da "renovação da mente"? Fazendo com que as pessoas se sintam excitadas, expandidas, ilimitadas, exuberantes, alegres, curadas e vitoriosas? Não será precisamente isso, *aquilo que atrai as pessoas*? Não será *explicitamente essa a sua promessa*?

— De facto, é. Contudo, essa é uma promessa que as vossas velhas religiões não conseguiram manter para a Humanidade enquanto um todo.

— Por que será isso? Se a religião consegue pôr indivíduos em êxtase, por que falhará em regenerar o mundo?

— Porque a religião organizada, tal como vocês atualmente a criam, é em grande parte uma experiência exclusiva. É exclusiva para o indivíduo ou o grupo que participam na experiência. Ainda não encontraram uma forma de incluir toda a gente na mesma experiência — isto é, a sociedade enquanto um todo —, porque

ainda não encontraram uma forma em que todos concordem com o modo de realizar a experiência.

— Na verdade, vocês discordam de forma tão dramática quanto a esta questão que isso fez com que interrompessem o vosso próprio êxtase, só para poderem exprimir a vossa desaprovação por outra pessoa que não exprime a experiência desse êxtase da mesma forma.

— Vocês discutiram entre vós, bateram-se em guerras e mataram-se uns aos outros, de forma irada, por causa deste êxtase.

— Porquê? Por que o fizemos? E por que não conseguem as religiões resolver isto?

— As religiões organizadas, pela sua própria natureza, excluem tanto como incluem. Isto não seria um problema, se as religiões fossem tolerantes em relação àqueles que excluem. Todavia, raramente é este o caso.

— As religiões, com que contamos para ensinar a tolerância, não aprenderam a pô-la em prática e, assim sendo, ensinam apenas o inverso.

— Fico muito triste com isso. E não teria acreditado na gravidade do problema — um problema que existe, ainda *nos nossos dias* — se não tivesse visto as provas com os meus próprios olhos. A mais

recente e, a meu ver, uma prova chocante do que aqui está a ser discutido, apareceu num artigo do *Arizona Republic*, redigido por Stephanie Simon e originalmente publicado pelo *Los Angeles Times* a 1 de Dezembro de 2001. Pretendo aqui citar essa história, na totalidade, porque quero que todo o mundo saiba quão insidioso — e quão sério — é este problema. A maior parte das pessoas a quem mostrei esta história ficou estupefacta. De boca aberta.

— Eis o artigo…

PASTOR LUTERANO ATACADO

Por Juntar-se a Evento Ecuménico Herege

St. Louis — Para o Reverendo David Benke, a cerimónia no *Yankee Stadium* foi uma bênção, uma oportunidade para se juntar a outras religiões e, líderes cívicos, com o fito de dar algum conforto a uma nação em estado de choque, após os ataques terroristas ao *World Trade Center* e ao Pentágono. O Reverendo juntou-se às celebridades e a políticos no mesmo palco, para cantar canções patrióticas e para rezar.

Era, pensava ele, o seu dever enquanto pastor.

Mas alguns dos seus colegas do clero tiveram uma visão diferente. Viram a sua participação num evento ecuménico como uma heresia.

Seis pastores do Sínodo da Igreja Luterana do Missouri apresentaram queixas formais, na semana passada, solicitando a expulsão de Benke da igreja.

Outros apresentaram uma petição para destituir Gerald Kieschnick, o presidente da igreja, por ter perdoado a participação de Benke no evento e por ter, ele próprio, rezado com capelães de outras denominações religiosas após uma visita aos destroços do *World Trade Center*.

Benke "participou em atos de idolatria ao ter-se juntado a não-cristãos" durante o serviço de 23 de Setembro, disse um dos dissidentes, o Reverendo David Oberdieck, ao *St. Louis Post-Dispatch*. Na sexta-feira, Oberdieck recusou-se a fazer mais comentários, dizendo que a disputa era um "assunto de família" que não devia passar para os "meios de comunicação seculares". Mas reiterou a sua opinião de que Benke é um adorador de ídolos.

Ele e outros clérigos também acusaram Benke de "sincretismo", o que significa promover a perspetiva de que todas as religiões são iguais. A petição de dez páginas contra Benke apelidou a sua participação na cerimónia em Nova Iorque de "ofensa infame ao amor de Cristo" que deu "a impressão de que a fé cristã é apenas mais uma, entre muitas, através da qual as pessoas podem rezar a Deus".

De acordo com estes críticos, ao juntar-se a "hereges" muçulmanos, judeus, hindus e cristãos de outras denominações, Benke aprovou implicitamente essas fés, dando a impressão de que todas oferecem um caminho igual para a salvação.

Os líderes da igreja defendem que não devem rezar em público com ninguém de outra fé, nem mesmo com luteranos de outras denominações. Acreditam só poder prestar culto juntamente com aqueles que interpretam as Escrituras e compreendem Deus exatamente da mesma maneira que eles.

"Não podemos estar num espaço de comunhão com alguém que tem um pensamento diferente acerca do que representa a comunhão", explicou o Reverendo David Strand, um porta-voz da igreja que está baseada na zona suburbana de St. Louis.

A maior denominação protestante de todo o país, a Convenção Baptista Sulista, que conta com 16 milhões de membros, rejeita uma tal tradição, "Não tenho um úrico osso ecuménico no meu corpo", é uma afirmação frequente do Reverendo Paige Patterson, um ex-presidente da igreja. E, na verdade, muitos dos clérigos da denominação sulista recusam-se terminantemente a celebrar serviços ecuménicos após os ataques de 11 de Setembro.

Contudo, Benke e Kieschnick insistem que a cerimónia do *Yankee Stadium* não se tratou de um serviço formal de culto, não estando por isso interdito aos membros do sínodo do Missouri.

Encararam-no como um evento secular, organizado pelo *Mayor* Rudolph Giuliani e apresentado pelo ator James Earl Jones, que incluía algumas orações. Quando chegou a vez de Benke falar ao microfone, este recitou uma breve oração que abria e fechava com

> referências a Cristo. Apesar de ter permanecido num silêncio respeitoso enquanto os outros líderes religiosos intervinham, os apoiantes de Benke insistem que ele não prestava culto juntamente com os outros. Nem sequer estava a aprovar as suas perspetivas.
>
> "Sugerir que, enquanto o imã rezava a Alá, o Dr. Benke orava a seu lado (...) é um insulto insinuar sequer que era isso que ele estava a fazer", declarou Strand.
>
> Quanto à sessão oratória improvisada de Kieschnick com capelães de outras denominações, Strand disse que se aplicava a mesma justificação.
>
> Agora que li esta história e penso com os meus botões, quer-me parecer que devo ser muito ingénuo. Afinal, pensava que era um tipo muito sensato, que sabia o que se passava no mundo, mas agora compreendo que não faço a mínima ideia do que está a acontecer à minha volta.
>
> Esta história chocou-me. Fiquei chocado, entristecido e consternado quando a li pela primeira vez. Não fazia a mínima ideia... Pensava que só noutras partes do mundo seria possível encontrar um tal nível de intolerância religiosa histérica e radical.

— É altura de reconheceres uma verdade humana que todos querem ignorar.

— Um dos maiores problemas do mundo atual é a religião organizada.

— As religiões organizadas são um problema.

— Nem todas as religiões, mas a maioria. E certamente, quase todas das maiores entre elas.

— Aquilo que se verifica na maior parte das vossas maiores e mais influentes religiões organizadas é que o cego conduz o cego.

— A sério. Isto é, eis uma nação no meio de um sofrimento inacreditável, em busca de apoio espiritual num momento em que está carente disso, procurando demonstrar a sua unidade e harmonia num tempo de perturbação, e que tem precisamente das suas religiões *a resposta mais dececionante*.

— Eis um povo que apenas quer dar as mãos e caminhar lado a lado, em que cada pessoa roga ao Deus do seu entendimento, em que cada pessoa sabe que a regeneração começa com a expressão de tolerância pela fé de todos os outros, e que descobre que a religião organizada o proíbe.

— *As religiões proíbem a tolerância*. Acreditas nisto? Baptistas que se recusam a rezar com judeus ou católicos. Luteranos que se recusam a rezar com outros luteranos. Como se houvesse uma altura errada, um lugar errado, ou uma pessoa errada com quem orar.

— Será surpreendente que haja seres humanos em todo o mundo a perguntar "O que há de errado nesta imagem?". Será

surpreendente que tenham começado a aparecer autocolantes e cartazes onde se pode ler "DEUS, SALVA-ME DO TEU POVO"? Quem é que quererá acreditar num Deus que é menos caridoso e menos tolerante do que eles próprios são? Como podemos nós esperar que o mundo se regenere, se a religião organizada — a instituição que foi precisamente criada para contribuir para essa regeneração — mais não faz do que infligir cada vez mais danos, abrindo cada vez mais a ferida, espalhando cada vez mais a sua justificada indignação, a sua não-aceitação, a sua completa profanação, a sua total intolerância?

— Contudo, como poderão as religiões ser culpadas se estas acreditam num Deus que faz precisamente a mesma coisa?

— É no vosso entendimento de Deus que reside o principal problema.

— Vou voltar a dizê-lo, para que não te escape… o problema com que a Humanidade se confronta hoje em dia é de cariz espiritual.

— Vocês não compreendem aquilo que são. Vocês não compreendem quem Deus é. Vocês não compreendem o modo como funciona o mundo. Vocês não compreendem que o amor é a base de toda a vida, nem são capazes de compreender um amor que é incondicional.

— Na vossa imaginação, Deus é uma divindade mesquinha, inferior e invejosa, que diz às pessoas curvadas nas suas orações

"Desculpa, mas se não for como eu quero, não serve. Eu oiço a tua oração. A tua, não oiço, porque não a fizeste da forma correta. Não me agradaste". Ao fazerem isto, tornaram-me uma réplica do pior que existe na Humanidade.

— Dizem que se esforçam por seguir o exemplo de Deus nas vossas vidas… e se é este o Deus que se esforçam por seguir, então, alcançaram o vosso objetivo de forma brilhante.

— Podem agradecer à religião organizada por vos ter ensinado o modo de o conseguir.

— Nem todas as religiões organizadas se inserem nesta categoria. Algumas delas ensinam a tolerância e, na verdade, colocam-na em prática. Algumas delas pregam acerca de um Deus que aceita outras formas de fé e, na verdade, vivem segundo esse ensinamento. A Igreja da União[2] é uma das que me vem à cabeça. A Igreja Unida de Ciência Religiosa[3] é uma outra. E ainda há mais, como por exemplo a Igreja Metropolitana Comunitária[4], entre outras. Quer isto dizer que nem todas as religiões organizadas se inserem nesta categoria.

— A tua avaliação está correta. Todavia, a maior parte das religiões insere-se nessa categoria. Quando eu aqui disser "religião organizada" ou "religião" em geral, no âmbito do diálogo que aqui

[2] The Unity Church (N. T.)
[3] The United Church of Religious Science (N. T.)
[4] The Metropolitan Community Church (N. T.)

estamos a ter, quero que se saiba que me refiro àquelas religiões que pregam uma doutrina de exclusividade. Por outras palavras, "a nossa religião é a única religião verdadeira".

— Este tipo de religião é o problema.

— Nem todas as religiões. Este tipo de religião, que prega uma filosofia separatista e uma teologia exclusivista.

— E, como disseste, a maior parte das maiores religiões do mundo, infelizmente, insere-se nessa categoria.

— Podia ser ainda pior do que o que já sabes, porque estas religiões baseiam o seu entendimento em crenças espirituais que, muito simplesmente, não são verdadeiras, mas que têm um enorme impacto na sociedade em geral — tanto nos que acreditam em Deus, como nos não crentes —, tal como o demonstraremos ao longo deste nosso diálogo.

— Sim, há outros problemas com que a Humanidade se depara. Há problemas de fome, de pobreza, de crime e corrupção, de convulsões políticas e abusos de poder, de ambição coletiva e de muitos outros problemas sociais semelhantes. Mas todos estes — todos estes — são, na sua base, problemas espirituais.

— Este é o cerne da questão. É nisso que se centra esta discussão. Porque se a vossa compreensão espiritual estivesse completa, nenhum destes problemas existiria.

— Vocês não permitiriam que existissem.

— No entanto, são exatamente algumas das vossas maiores, mais poderosas e mais influentes religiões organizadas que não permitem que a vossa compreensão espiritual esteja completa, ao não vos darem espaço para isso. Não permitem que as vossas contemplações passem de forma séria para além das fronteiras das suas próprias doutrinas.

— E assim sendo, mesmo estando o vosso planeta perante um problema espiritual de proporções gigantescas, vocês procuram resolver o problema através de meios temporais. Apressam-se a tratar os sintomas, em vez de se concentrarem nas causas, da vossa doença global.

— Procuram fazer chegar, à Humanidade enquanto um todo, a excitação, a visão alargada, a infinidade, a exuberância, a alegria, a regeneração e a paz. Mas estão a tentar fazê-lo recorrendo à política, à economia, à educação, a programas sociais, até mesmo a bombas.

— Não pode ser feito dessa forma.

— Estão a tentar arranjar tudo, exceto o que é necessário arranjar. Estão a tentar mudar tudo, exceto o que é necessário mudar.

— Estão a dedicar-se a tudo, menos às vossas crenças mais básicas. E, contudo, são as vossas crenças mais básicas que estão na origem do problema.

— Eis a razão pela qual os Cinco Passos para a Paz estão relacionados com Deus e o espírito, não com o corpo.

CAPÍTULO 6

Os Cinco Passos para a Paz

— Está bem, já entendi. Convenceste-me. Vamos voltar a falar disso. Nunca chegámos verdadeiramente a discutir esses Cinco Passos para a Paz. Será que os podemos rever?

— Sim. Podes escolher aceitar estes cinco passos agora, se o que pretendes é mudar o vosso mundo e alterar o comportamento autodestrutivo em que este prossegue. Faz a seguinte declaração:

1. *Reconheço que algumas das minhas antigas crenças acerca de Deus e da Vida já não funcionam.*

2. *Reconheço que há algo que não compreendo em relação a Deus e à Vida, cujo entendimento modificará tudo.*

3. *Estou disposto a receber um novo entendimento de Deus e da Vida, que poderá gerar uma nova forma de viver neste planeta.*

4. *Estou disposto a explorar e a questionar este novo entendimento e, se este estiver de acordo com a minha*

verdade interior e conhecimento, alargarei o meu sistema de crenças para incorporá-lo.

5. Estou disposto a viver a minha vida como uma demonstração das minhas crenças.

— Está certo, vamos começar pelo primeiro. Há imensa gente que não está sequer perto de estar preparada para admitir que as suas crenças já não funcionam. Em particular no que diz respeito às suas crenças religiosas. Na verdade, dizem que aquilo de que este mundo precisa, neste momento, é precisamente de um pouco de Religião à Moda Antiga, que tudo funcionaria bem se todos começássemos a escutar os seus ensinamentos, obedecendo-lhes e fazendo o que nos é dito para fazer.

— Sim. Os crentes religiosos que pertencem ao grupo dos que têm vindo a dizer isso passaram a ser conhecidos como "fundamentalistas". Estes são os que alguns apelidaram de puristas religiosos, os que acreditam que o caminho para a frente se faz caminhando para trás, na direção das palavras originais e exatas da Escritura Sagrada — qualquer que seja a Escritura em que eles acreditem —, para que esta seja interpretada e aplicada literalmente.

— Existem fundamentalistas em todos os movimentos de fé.

— Será que eles têm razão? Estaria o mundo em melhor situação se nos limitássemos a escutar essas palavras exatas e a obedecer-lhe?

— A primeira dificuldade prende-se com o facto de que não é suficiente apenas escutá-las. É preciso que as interpretes — e, no momento em que o fazes, passas a poder decidir quanto ao seu significado. É então que deixam de ser a Palavra de Deus. Tornam-se as tuas palavras acerca das Palavras de Deus. E todos os outros têm de assumir que tu sabes o que estás a dizer. É claro que não há, muito simplesmente, nenhuma forma de garantir isto, por isso as outras pessoas têm de acreditar na tua palavra.

— Diversas religiões procuram outorgar uma infalibilidade às escrituras ou conceder uma autoridade suprema a indivíduos que ocupam posições de liderança espiritual, na tentativa de contornar este problema.

— Não foi isso que os Católicos Romanos fizeram com o Papa?

— Sim. A teologia da Igreja Católica Romana declara que o Papa, enquanto mestre supremo e sob determinadas condições — quando faz uma declaração ex cathedra, ou "da sua cadeira" —, não pode errar quando se pronuncia acerca de assuntos relacionados com a fé e a moral.

— E, no Bhagavad-Gita, não aparece uma afirmação em que se diz que as palavras atribuídas ao Senhor Krishna são infalíveis?

— É verdade que, no Bhagavad-Gita, Adjuna diz ao Senhor Sri Krishna que aceita tudo o que Ele diz como sendo completamente perfeito.

— "Sarvam etad rtam manye", são as palavras exatas que se traduzem por "Aceito tudo o que Tu dizes como sendo verdade".

— E não foram os Islâmicos que proclamaram a infalibilidade do Corão, reconhecendo também essa mesma infalibilidade aos *ulamas* — mestres religiosos e "sábios" dentro da *umma*, ou comunidade?

— De facto. No Islão, foi concedida aos ulamas uma autoridade inquestionável sobre a vida dos muçulmanos, tanto em questões de cariz religioso, como de dimensão temporal, desde o nascimento até à morte.

— Não é verdade que também existe a ideia, em certas interpretações do Islão, de que os muçulmanos têm de seguir sempre os costumes da maioria da comunidade, que foi encarregue de uma missão pelo Corão e ordenada para aceitar um desafio, estando sempre protegida pela mão de Deus — e, consequentemente, dotada de infalibilidade?

— Vejo que andaste a pesquisar umas coisas sobre teologia comparada.

— Sim.

— E a que conclusão chegaste?

— Que nenhum ser humano é infalível e que o reconhecimento de infalibilidade a qualquer pessoa ou grupo pode ser muito perigoso. Percebi que a doutrina da infalibilidade — a ideia de que "nós estamos sempre certos" — faz com que invariavelmente uma outra pessoa esteja *errada*. Gera discórdia e conflito. Pode igualmente dar origem a uma certa *arrogância*, que se opõe à humildade que se diz ser a pedra base em que assentam todas as religiões.

— Foi isso, de facto, que aconteceu.

— Mas sinto-me curioso. O que dirias tu às pessoas que defendem que seguir as palavras da sua Escritura Sagrada à letra e interpretá-las literalmente é a única forma correta?

— Dir-lhes-ia para repararem que essas palavras foram escritas noutros tempos e em circunstâncias muito diferentes. Sublinharia que esses ensinamentos se basearam num conjunto de princípios firmes, mas que interpretar agora as suas palavras literalmente, em vez de procurar compreender o princípio que lhes subjaz, pode conduzir a mal-entendidos e, no pior dos casos, a uma perda da sabedoria original em que eles se fundaram.

— Apelaria aos humanos para explorar a possibilidade de poderem retirar mais benefícios dos ensinamentos originais de todas as fés religiosas, caso esses ensinamentos sejam

contextualizados no quadro de uma sociedade em contínua evolução.

— Por outras palavras, devemos manter-nos abertos para a possibilidade de novas interpretações que nos permitirão aplicar de forma mais correta a sabedoria da Antiguidade à vida contemporânea.

— Exatamente.

— Contudo, no final diria às pessoas em toda a parte: acreditem como quiserem, sigam o vosso coração e a vossa alma para onde estes vos levarem, mas não tentem impor a vossa perspetiva aos outros — e, como é óbvio, não procurem fazê-lo através da força.

— E se, no entanto, as pessoas ainda insistirem que a sua forma é a única "forma correta" de viver? E se as pessoas acreditarem que *têm a obrigação de fazer com que os outros vivam da mesma forma*?

— Perguntar-lhes-ia: "Quem é que está a obrigar-vos?"

— E se respondessem: "Deus"?

— Dir-lhes-ia: "Perceberam-me mal. Não vos peço para fazerem isso. Não vos obrigo a tal. Nunca teria concedido o Livre-Arbítrio às pessoas só para que vocês as pudessem privar dele."

— Essa afirmação é muito poderosa. Provoca impacto, porque *até mesmo os fundamentalistas radicais acreditam na doutrina do Livre-Arbítrio*. Todavia, agora quero ver se entendo uma coisa e, para isso, tenho de fazer referência a um "caso específico".

— Força.

— Como puderam fundamentalistas religiosos, neste caso os Talibã do Afeganistão, exigir que todas as mulheres se cobrissem da cabeça aos pés com burqas; dizer que todos os homens têm de usar barbas com um determinado comprimento; dizer às mulheres que não podem sair de suas casas se não forem acompanhadas por um familiar do sexo masculino, que não podem ter empregos e que as raparigas não podem frequentar a escola até que o currículo seja reformulado para lhes ensinar somente o que é suposto que elas aprendam? Não percebo isto. Estou a tentar perceber isto e não consigo.

— Existem passagens no Corão e no Hadith que poderiam ser interpretadas como defendendo todas essas injunções.

— Mas tratam-se de exigências tão repressivas. Por que se haveria de exigir este tipo de coisas?

— As sociedades repressivas existem desde que há registos históricos. As exigências e restrições dos governantes nesse tipo de sociedades não se baseiam na vontade de Deus, mas sim no que os líderes religiosos afirmam ser as "Leis de Deus", fundadas nos seus

próprios receios de que a liberdade absoluta permita que as pessoas se afastem do caminho que esses líderes desejam que elas sigam. E a verdade é que provavelmente muita gente seguiria por outro caminho, pela simples razão de que o preferiria. E numa sociedade repressiva, baseada nos princípios de uma religião organizada, só existe espaço para as preferências de Deus.

— Mas quem pode garantir que realmente conhece essas preferências?

— Os líderes e os mestres de todas as sociedades repressivas. Pergunta-lhes!

— Contudo, que tipo de líder lidera pela força? E que tipo de mestre tem de recorrer ao medo para convencer os seus discípulos da sabedoria dos seus ensinamentos?

— E que tipo de sociedade não permite que os seus próprios membros sejam educados ou expostos a quaisquer pensamentos, para além daqueles com que essa sociedade concorda?

— Não será essa uma sociedade a viver no medo e no desespero? Receando que, uma vez ouvidos, esses outros pensamentos possam parecer mais atraentes? E com que instrumento pode uma sociedade que vive no medo modelar-se, senão através do próprio medo?

— Não é, todavia, surpreendente que este tipo de sociedades possa surgir, pois é assim que vocês imaginam o reino de Deus.

— Imaginam que Deus vos obriga a amá-Lo, caso contrário… Que vos obriga a aceitarem os Seus ensinamentos, caso contrário… Que vos obriga a comportarem-se de determinada maneira, caso contrário…

— Somente um Deus de medo faria tal coisa. Um Deus de amor jamais o faria. Um Deus de amor nunca teria de fazê-lo. Porque o amor gera fidelidade, mas o medo rejeita-a.

— Todavia, se Deus agir através do medo, fazendo uso do medo para conseguir o que Ele quer e necessita, não deverás tu agir da mesma maneira? Não deverás fazê-lo em Seu Nome?

— É esta a lógica circular que vocês criaram e na qual se encontram enredados. É um círculo vicioso e, neste momento, estão a sentir essa viciação no vosso planeta.

— Eu sei! É por isso que te peço ajuda. Diz-nos o que devemos fazer aqui. Todos desejamos paz. Todos desejamos o fim da tristeza, do sofrimento e das chacinas mútuas em que nos envolvemos e às quais parece que não conseguimos pôr cobro. Buscamos um mundo renovado. Diz-nos como consegui-lo.

— Por favor.

— Já te disse. Primeiro, há que reconhecer que o que estão a fazer neste momento não funciona.

— E não é apenas a vossa religião que não está a funcionar. As vossas estruturas políticas não funcionam. Os vossos sistemas económicos não funcionam. Os vossos programas educativos não funcionam.

— Nenhuma das construções erigidas na vossa sociedade está a conseguir sustê-la. Na verdade, estão mesmo a abatê-la.

— Todas essas estruturas se baseiam profundamente em crenças que não refletem a realidade. Elas já não vos servem. Livrem-se delas.

— Livrarmo-nos delas? Deitar fora tudo o que fizemos para criar a civilização?

— Aquilo que vocês criaram não é civilização. É tudo menos "civilizado".

— E, contudo, não digo que devem "deitar tudo fora". Não falava da destruição das estruturas da vossa sociedade. Quando disse "livrem-se delas", referia-me a algumas das crenças que criaram as estruturas da vossa sociedade na sua forma atual.

— Mudem-nas.

— Não destruam as estruturas políticas, económicas e educativas; acrescentem-lhes algo, alterem-nas, melhorem-nas.

— Mesmo as nossas religiões?

— Especialmente as vossas religiões.

— Encorajo-vos a criarem uma nova forma de perspetivar as vossas religiões, para que atentem profundamente na sabedoria que elas encerram, e para que usem essa sabedoria a fim de dar forma a uma nova expressão da vossa natureza espiritual.

— Encorajo-vos a abrirem-se a novas ideias, a novos pensamentos e a novas revelações à medida que forem explorando esta nova expressão espiritual.

— Isso quer dizer que precisamos de uma revisão completa, não é?

— Se aquilo que escolherem for aquilo que vocês dizem que escolhem — um mundo a viver em paz, em harmonia, e em felicidade — a resposta é "sim".

— Têm de remodelar o vosso mundo e a vossa sociedade a todos os níveis.

— O Universo incita-vos agora a recriarem-se de novo, na versão mais grandiosa da visão mais sublime que já tiveram sobre Quem Vocês São.

CAPÍTULO 7

Tens a Coragem de Encetar os Cincos Passos para a Paz?

— Tudo isso me parece ser completamente impossível. Desculpa. Detesto lançar um balde de água fria sobre tudo isto, mas não estou a ver como conseguiremos alcançar aquilo de que falas.

— Estás disposto a alcançá-lo?

— Sim, mas udo me parece tão esmagador.

— Vocês estão a ser esmagados neste momento.

— É apenas uma questão de escolher aquilo por que querem ser esmagados: pelas condições atuais, que poderão destruir as vossas vidas, ou por ideias magníficas que poderão recriá-las.

— Bem, posto o problema dessa maneira…

— É a única maneira de pôr o problema, porque é assim que as coisas são.

— Eis a questão que se coloca a toda a Humanidade neste momento.

— O QUE ESCOLHEM PARA VOS ESMAGAR?

— Desejam ser esmagados por algo que vem de fora de vocês ou por algo que vem de dentro de vocês?

— Estás certo quando dizes que tudo isto "parece esmagador". É suposto ser esmagador. Com esta força — a força das vossas ideias, o poder de novas crenças — vocês poderão esmagar toda a negatividade neste mundo.

— Bem, detesto voltar a falar disto outra vez, mas isso é o que a *religião organizada* diz que consegue fazer. Não pretendo insistir muito neste ponto, mas há quem acredite que a razão pela qual estamos a falhar nos nossos esforços para criar a vida que desejamos para este planeta não é porque a religião nos traiu, mas sim porque *nós traímos a religião*.

— Bem, vamos lá ver isso.

— A religião organizada é algo que existe há milhares de anos. Influenciou muitas vidas individuais, mas sofreu poucas alterações na vossa sociedade coletiva. Enquanto grupo, continuam a debater-se com os mesmos problemas com que se confrontaram no início. Os problemas da ganância, da inveja, da ira, da justiça, da iniquidade, da violência e da guerra.

— A maior parte das religiões organizadas não vos afastou destes comportamentos, tendo-os, pelo contrário, enraizado cada vez mais em vocês. Em alguns casos, chegaram mesmo a justificá-los, dando elas próprias o exemplo.

— Esperava-se que a religião pudesse aproximar o vosso mundo de Deus, criando um sentido de comunhão com o divino. Todavia, muitas das religiões organizadas não o fizeram. É certo que influenciaram algumas vidas individuais dessa forma, mas o que a vossa sociedade coletiva sente, não é comunhão, mas antes indiferença; não é unidade com Deus, mas antes separação. Em certos casos, é a própria religião organizada que chega a professar a separação de Deus.

— Esperava-se que a religião aproximasse as pessoas, integrando-as e gerando um sentido comunitário. Todavia, muitas das religiões organizadas não o fizeram. Influenciaram algumas vidas nesse sentido, mas a vossa sociedade coletiva sentiu exatamente o contrário. De facto, em alguns casos é a própria religião organizada quem prega contra a comunidade e a integração, argumentando que Deus nunca teve a intenção de que pessoas de diferentes raças, culturas e nacionalidades convivessem, e menos ainda de que casassem e procriassem entre si.

— Esperava-se que a religião trouxesse ao vosso mundo uma maior sensação de alegria e liberdade, mas em muitos casos não foi isso que foi feito. Na verdade, poucas instituições fizeram tanto para prender, agrilhoar e restringir a liberdade do espírito humano,

apresentando longas listas sobre o que as pessoas devem ou não fazer, devem ou não vestir, devem ou não comer, devem ou não beber, devem ou não apreciar.

— Na realidade, algumas religiões organizadas sobrecarregaram muitas das alegrias humanas com a culpa, defendendo que muito daquilo de que vocês gostam é mau. O dinheiro é mau, o poder é mau, o sexo é mau, a música e a dança são más, em certos lugares até mesmo ser visto é mau. Cubram-se! Escondam-se! Protejam-se! Tenham vergonha de vocês mesmos!

— Estas foram as lições de muitas das vossas religiões. Estes foram os seus ensinamentos. Contudo, a verdadeira mensagem de Deus não professa a vergonha, a intolerância, a exclusividade, a separação e a subjugação. A verdadeira mensagem de Deus professa a alegria, a aceitação, a unidade, a liberdade e o amor incondicional.

— A maior parte das chacinas, a maior parte da dominação, a maior parte da supressão da liberdade, a maior parte do terror no vosso planeta tem sido levado a cabo sob o estandarte da religião organizada e em nome de Deus. Os duzentos anos de Cruzadas Cristãs são um exemplo cabal de um período durante o qual foram chacinadas pessoas em nome de Cristo.

— Sim. O ex-Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, referiu num discurso feito perante estudantes da Universidade de Georgetown, em Novembro de 2001, que o terrorismo internacional

dos dias de hoje, que apenas agora havia chegado aos Estados Unidos, remonta há milhares de anos atrás.

— "Na primeira Cruzada", disse o senhor Clinton, "quando os soldados cristãos tomaram Jerusalém de assalto, começaram por incendiar uma sinagoga com trezentos judeus no seu interior, matando em seguida todas as mulheres e crianças muçulmanas no Monte do Templo. Posso dizer-vos que essa história ainda hoje é contada no Médio Oriente e que ainda estamos a pagar por isso."

— Esse tipo de insanidade religiosa continua até aos dias de hoje, em que se mata fazendo a invocação "Alá é grande!". A grande ironia e o que mais me entristece é que alguns humanos nem sequer veem a contradição.

— É este o efeito que as vossas religiões organizadas de exclusividade, de justiça e de retribuição tiveram em vocês. Não resolveram nada. Na verdade, agravaram precisamente os problemas que tencionavam resolver.

— Mas a religião fez muitas coisas boas no mundo. Por exemplo, o seu trabalho de caridade. Ou os milhões de pessoas cujas vidas foram influenciadas pela religião de maneiras positivas.

— É verdade que a religião fez algum bem no mundo. Como ponto de apoio e agente de mudança nas vidas de alguns indivíduos, produzindo muitos milagres. Todavia, enquanto motor de evolução social não teve uma prestação positiva.

— Por que razão têm sido as vossas religiões organizadas tão singularmente ineficazes em conseguir uma elevação geral dos padrões morais dos seres humanos, das suas motivações e modi operandi? Por que têm fracassado tão completamente em produzir qualquer mudança significativa na consciência global mercantil?

— Este é o tema sobre o qual a Humanidade faria bem em debruçar-se. Mas esta é a pergunta que temem fazer.

— E se a fizéssemos?

— Descobririam que não é por falta de esforço. A maior parte das religiões organizadas tem sido sincera na sua tentativa de implementar mudanças sociais e uma nova forma de vida.

— É por falta de conhecimento. E é devido à teimosia.

— A maior parte das religiões organizadas não alterou a sua perspetiva central ao longo de séculos e, em certos casos, ao longo de milhares de anos.

— Deixa-me sublinhar bem este ponto, para que possas avaliar todo o seu impacto.

— Eu disse que não foi introduzida nenhuma ideia nova e significativa em grande parte das maiores religiões organizadas ao longo de centenas e milhares de anos.

— De facto, a própria ideia de "novas ideias" é um anátema.

— Esta conversa, a conversa que agora estás a ter, atrever-se-á a apresentar algumas novas ideias. Atreves-te a olhar para elas? Tens a coragem de te expores a alguns novos pensamentos acerca de Deus, mesmo pensando que poderás não concordar com eles?

— As vossas maiores religiões e os seus líderes recusam-se decididamente a fazê-lo. Não conseguem reconhecer que poderá haver algo que desconhecem e cujo conhecimento poderia mudar tudo.

— Contudo, a verdade é que quando insistem que têm a resposta para tudo, as religiões não apresentam nenhuma.

— E, assim sendo, enfrentas agora uma pergunta importante. Esta é uma outra forma de expor a pergunta feita anteriormente, a pergunta que se coloca perante toda a Humanidade.

— Aceitarás avançar na direção de novos e desconhecidos mares? Ou irás permitir que a onda de acontecimentos te varra de novo contra essas praias rochosas, onde já viste as tuas esperanças serem esmagadas um milhar de vezes?

— Voltarás às mesmas palavras e frases, às interpretações à letra e às aplicações literais das tuas antigas religiões, segundo a vontade dos fundamentalistas de todas as religiões, ou atrever-te-ás a explorar, a sugerir, a recomendar e a criar uma nova

espiritualidade — uma que não rejeite tudo o que vem das antigas religiões, mas que as melhore, conduzindo a Humanidade a cumes mais elevados?

— Tens a coragem de encetar os Cinco Passos para a Paz?

— E se eu disser que estou pronto? E se eu disser que muitas das nossas crenças — não apenas crenças religiosas, mas também muitas das nossas ideias acerca da economia, da política, da educação, da filosofia e de grande parte da nossa cultura — já não funcionam? Que acontecerá, então?

— Então, estarás pronto para explorar o que poderá funcionar.

— Então, estarás pronto para novas revelações.

— Então, estarás pronto para construir um novo amanhã.

CAPÍTULO 8

Tens de Te Escolher a Ti Próprio

— Certo, então o primeiro Passo dos Cinco Passos para a Paz é admitir o que eu acabei de admitir. O segundo Passo é reconhecer que existe algo que eu não compreendo acerca de Deus e acerca da Vida e cuja compreensão mudará tudo. Está bem, aceito isso. Não sei tudo acerca da Vida. Não compreendo tudo acerca de Deus.

— Tu talvez não, mas algumas pessoas acreditam que sabem, e muitas das vossas religiões dizem que sabem.

— Estás disposto a encará-lo? Estás disposto a ser uma força e uma fonte — à tua própria maneira, no teu cantinho do mundo — que produza uma mudança nestas crenças?

— Acho que poderia sê-lo. Uma Força e uma Fonte. Isso agrada-me. Mas como? *Como* sê-lo? Essa é a questão.

— Primeiro, tens de escolher sê-lo. Tens de te escolher a ti próprio. É uma questão de autosseleção. Tens de decidir que isso é quem tu és.

— Em seguida, tens de decidir demonstrar a tua decisão acerca de ti próprio, a toda a hora, todos os dias. Tens de compreender que todos os atos são atos de autodefinição. Tudo o que pensares, disseres e fizeres, irá definir-te, anunciando a escolha que fizeste acerca de ti próprio.

— A vida é um transmissor de decisões. Ela transmite ao mundo as decisões que fizeste acerca de ti próprio. Faz com que as pessoas saibam qual a decisão que tomaste quanto ao que tu és, quanto ao que elas são, quanto à razão pela qual estás aqui, quanto à razão pela qual pensas que elas estão aqui, e quanto ao sentido da própria vida.

— Estas decisões têm um impacto muito maior do que possas alguma vez imaginar. Elas influenciam as pessoas de uma forma que vai para além do que possas alguma vez ter imaginado.

— Contudo, não se começa por tentar mudar o mundo. Começa-se por se tentar mudar aquilo que se é. Muda aquilo que és e o teu mundo interior mudará contigo. E quando o teu mundo interior mudar, o mundo com que estás em contacto também mudará, a pouco e pouco. E quando esse mundo exterior com que estás em contato mudar, o mundo que estiver em contato com ele também mudará, assim como o mundo com que este estiver em contato. Um atrás do outro atrás do outro, propagando-se, como círculos concêntricos à tona de água.

— Sim, já tinha ouvido essa analogia antes. E talvez tenha chegado a hora de agitar as águas, de balançar o barco.

— Se não agora, então quando? Se não tu, então quem?

— Tens razão. Agora percebo isso claramente. Percebo que tenho de me envolver. Eu, *pessoalmente*. Não posso ficar sentado à espera que outros resolvam o problema. Nenhum de nós pode. Já não nos podemos dar a esse luxo. *Chegou o tempo da essência*.

— Tens razão.

— Poderia começar por mudar a parte de mim que não acredita que eu tenho um papel a desempenhar no auxílio para a criação do mundo coletivo externo em que todos nós vivemos. Poderia mudar as minhas crenças intrínsecas *acerca* desse mundo, acerca da Vida, acerca de Deus. Em seguida, poderia falar com os líderes religiosos da minha comunidade. Todos poderíamos fazê-lo. Poderíamos dirigir-nos aos nossos líderes espirituais locais e pedir-lhes para se sentarem connosco — isto é, para se sentarem *uns com os outros* — e falarem acerca destes assuntos.

— Tenho conhecimento de uma situação na minha própria comunidade de Ashland, no estado do Oregon, onde um líder espiritual muçulmano da localidade ouviu falar de coisas falsas e horríveis que andavam a ser ditas acerca da sua fé, nos sermões que um pastor cristão da comunidade fazia à sua congregação. O muçulmano telefonou para o gabinete do clérigo para perguntar se

havia hipótese de marcar uma reunião, mas não conseguiu sequer que lhe telefonassem de volta para confirmar. Mesmo assim, recusou-se a desistir. Telefonou todos os dias e de hora em hora, perguntando educadamente se o pastor aceitaria sentar-se e conversar com ele. Por fim, um membro leigo da igreja chegou mesmo a falar com o muçulmano, numa reunião pessoal, por alguns momentos. Mas o pastor nunca o fez. Recusou-se a fazê-lo. E ainda hoje se recusa.

— O que dirias aos teus líderes religiosos locais se conseguisses que se sentassem todos juntos contigo?

— Falar-lhes-ia acerca de uma conversa que tive, há não muito tempo, com *Sir* John Templeton — o homem que criou o Prémio Templeton para a Religião — em que lhe perguntei o que ele achava que fazia mais falta ao mundo hoje em dia. Sir John respondeu: "teologia da humildade". Quando lhe perguntei o que era isso, o que isso significava, respondeu que "É uma teologia que reconhece não possuir todas as respostas. Temos necessidade de uma teologia que esteja disposta a continuar a fazer perguntas."

— Sir John é muito sábio.

— Mas pergunto a mim mesmo se será possível encontrar uma maneira que possa convencer qualquer uma das maiores religiões do mundo de que não possuem todas as respostas. Estas religiões *baseiam-se* na *convicção* de que as respostas lhes pertencem. Dizem que tudo o que temos de fazer *é escutar aquilo que dizem*.

O que poderemos dizer aos nossos sacerdotes locais, aos nossos rabis locais, aos membros do clero de todas as fés da nossa comunidade, se a sua resposta for essa?

— Perguntem-lhes se acham que as pessoas que seguem os ensinamentos das maiores religiões organizadas são pessoas que estão em paz? Ou serão exatamente as pessoas que seguem esses ensinamentos as que vemos zangadas, intolerantes, rígidas, prepotentes e a combater em tantas guerras diferentes?

— Perguntem-lhes quem tem estado em guerra na Irlanda? Quem tem estado em guerra no Médio Oriente? Quem tem estado em permanente conflito nos Balcãs, na fronteira indo-paquistanesa, no Afeganistão? Quem semeou as sementes de intolerância contra os homossexuais, das desigualdades da mulher, da discriminação das minorias nos Estados Unidos?

— Contudo, é preciso que se saiba que não é somente a bandeira da religião organizada que tem servido de estandarte nas diversas lutas da Humanidade. Há também a bandeira do nacionalismo. Por isso também devem falar com os vossos líderes políticos locais.

— Disseste que o problema não é político, nem económico, mas sim espiritual.

— Isso é verdade. São, no entanto, os vossos entendimentos espirituais atuais que dão origem e apoiam as vossas construções políticas e económicas atuais. Por isso, faz sentido que se sentem

com líderes religiosos. Mas também faz sentido que se sentem com líderes políticos e empresariais, pois os seus entendimentos espirituais são a força motora das suas políticas e das suas atividades económicas.

— A política é vossa espiritualidade, manifestada.

— O mesmo se aplica à economia.

— Por isso, congreguem toda a comunidade, não somente a vossa comunidade religiosa, na exploração de uma nova espiritualidade que poderá mudar tudo.

— É uma boa ideia! Talvez os simples cidadãos, os cidadãos comuns das vilas e cidades de todo o mundo possam criar um movimento informal, sentando-se e conversando para verem o que poderá ser feito dentro das suas próprias comunidades, para lançarem as sementes da paz, convidando em seguida os seus líderes religiosos, políticos e empresariais locais para se juntarem e encetarem um diálogo com eles — e, mais importante ainda, entre cada um deles — acerca de tudo isto.

— Talvez *possamos* mudar algumas das nossas crenças — ou, pelo menos, fazer com que as pessoas comecem a pensar; para que, no mínimo, comecem a despertar para algumas *ideias novas*.

— Ah, mas que ideias novas seriam essas? É essa a questão. Há séculos que procuramos uma saída para o nosso dilema. *O que será*

que não compreendemos acerca de Deus e acerca da Vida, cuja compreensão poderia mudar tudo?

— Eu próprio tenho estado a pensar no que responderia se fosse colocado perante essa questão. Que nova ideia teria eu para oferecer às pessoas para refletirem; que novo pensamento colocaria eu à consideração dos humanos?

— Precisamos de alguma orientação nesta matéria. Precisamos de um pouco de reflexão. Precisamos de uma nova perspetiva para abordar tudo isto.

— O que é que não compreendemos acerca de Deus e acerca da Vida?

— Sentes-te de facto pronto para um pouco de reflexão? Sentes-te verdadeiramente preparado para olhar para as coisas de um novo ângulo? Queres mesmo saber o que é que vocês não compreendem?

— Sim.

— Então, está bem. Aqui vai.

— E lembra-te que aceitar isto não vai ser fácil para algumas pessoas.

— Compreendo. Vai em frente. Pelo menos teremos algo de novo para discutir. Falar repetidamente sobre as velhas teologias não nos levou a lado nenhum. Estamos a andar em círculos. E, entretanto, estamos a matar-nos uns aos outros, porque as velhas teologias não conseguem impedir-nos de fazê-lo.

— É justo. Então, eis a verdade que vocês não compreendem: Toda a vossa civilização — a vossa religião, a vossa política, a vossa economia, as vossas estruturas sociais, tudo — está baseada em falácias.

— Bem, isso pode dar lugar a uma discussão. Estou em crer que essas falácias são aquelas de que temos vindo a falar neste livro.

— Sim. Falo das cinco palavras acerca de Deus e das cinco palavras acerca da Vida que se tornaram crenças firmes a que os seres humanos se apegaram.

— As Cinco Falácias Acerca de Deus deram origem à religião organizada e as Cinco Falácias Acerca da Vida deram origem ao nacionalismo.

— Estas são as razões pelas quais o vosso mundo se encontra em constante convulsão há séculos e séculos.

— Oh, que bom, então posso dizer às pessoas que não devemos ter religiões e que não devemos ter nações! Será que me esqueci de alguma coisa?

— Não foi isso que eu disse.

— Olha que é isso que parece.

— Então, não estiveste a ouvir.

— Não disse nada acerca de abolir as religiões e não digo nada acerca de abolir as nações. Se é verdade que as religiões organizadas e o nacionalismo têm sido os principais causadores de perturbação na Terra, também é verdade que as religiões, o nacionalismo, as culturas e as tradições concedem um certo sentido de identidade e de comunidade aos seres humanos.

— Por outras palavras, há algumas coisas que funcionam e algumas coisas que não funcionam, tanto nas religiões, como no nacionalismo. E eu jamais sugeriria a simples abolição destas duas coisas. Estas não são coisas que vocês "não possam ter". Todavia, o que se tornou agora claro foi que é preciso melhorar — não digo eliminar, mas melhorar — a forma como sentem e exprimem as vossas identidades religiosas e nacionais, se realmente desejam criar um mundo onde os seres humanos vivam em paz, harmonia e felicidade.

— E como poderemos nós fazer essas melhorias?

— Uma das maneiras seria refletindo nas falácias sobre as quais vocês assentam as vossas crenças atuais acerca de Deus e da Vida.

Isto só poderá acontecer se tu e todas as outras pessoas com quem conversares sobre isto aceitarem os Cinco Passos para a Paz.

— Essa poderia ser a nossa primeira missão — procurar fazer com que toda a gente na nossa esfera de influência, todos os nossos líderes religiosos, políticos e empresariais locais, concorde em aceitar os Cinco Passos para a Paz.

— Achas que conseguirão fazê-lo?

— Poderá não ser fácil.

— É um começo. É um ponto de partida. Não podem sequer tentar melhorar o estado de coisas, se não conseguirem pôr-se de acordo quanto ao facto de que há algo que precisa de ser melhorado. Não podem fazer com que uma coisa que não esteja a funcionar agora, passe a funcionar, se primeiro não concordarem que essa coisa não está a funcionar.

— Neste momento, a vida no vosso planeta — e a crença na qual ela se baseia — não está a funcionar. Partindo do princípio de que o que querem passar a sentir é aquilo que dizem que querem passar a sentir. Contudo, se não conseguirem concordar que estas coisas não estão a funcionar, estão perdidos, e não há nada mais que possam fazer.

— Bem, vou tentar. Vou promover os Cinco Passos para a Paz. Vou publicá-los. Vou pedir ao público que os comente. Vou gerar apoios para que os discutam nas nossas comunidades.

— Poderei mesmo vir a anunciar um diálogo ou uma conferência acerca dos Cinco Passos para a Paz e convidarei os líderes locais. Vou fazer um convite público. Vou procurar torná-lo irresistível.

— Isto é *ativismo espiritual*, e estou em crer que é disto que estamos carenciados hoje em dia. Precisamos de começar por um diálogo aberto e sincero acerca dos nossos respetivos pontos de vista. Precisamos de aceitar com naturalidade as divergências, as críticas, as perguntas — e de *questionar as respostas* que obtivermos às perguntas que fizermos.

— São muitas vezes as nossas próprias religiões que reprimem este tipo de discussão e de debate. Ao passo que, neste momento, na maior parte dos círculos cristãos se aceita que nem todas as palavras da Bíblia devem ser interpretadas à letra, muitos cristãos fundamentalistas continuam a acreditar que a Bíblia é a Palavra de Deus, na sua forma absoluta e inalterada, letra a letra, vírgula a vírgula.

— Na tradição islâmica, não existe sequer o conceito de "fundamentalista". Todos os que partilham a fé muçulmana professam a sua crença de que o Corão, tal como foi revelado a Maomé, é a Palavra de Deus na sua forma absoluta e inalterada, letra a letra, vírgula a vírgula. Não pode haver qualquer desvio a

esta regra. Quem quer que não adira a esta crença é sentenciado como apóstata. Em certas regiões, esta apostasia é punida com morte.

— Alguns poderão pensar que estou a exagerar, mas o facto é que há alguns seguidores religiosos que estão neste momento envolvidos numa *discussão a propósito de pronomes*. O nível de trivialidade atingido pelas nossas disputas acerca de Deus é tal e é tal o carácter mesquinho que Deus possui na nossa imaginação, que uma autora de livros americana gerou uma autêntica tempestade, por ter, muito simplesmente, editado uma Bíblia que procura ser neutra em questões de género pronominal.

— A escritora Cathy Lynn Grossman escreveu sobre este assunto, em Março de 2002, no *USA Today*, num artigo intitulado "UMA GUERRA SANTA DE PALAVRAS". Grossman relata-nos que "uma nova tradução do Novo Testamento 'neutra no género pronominal'" — sob o título de *Today's New International Version*"[1] e publicada por uma empresa chamada Zondervan- "está a gerar polémica entre os crentes que veem cada uma das palavras sagradas como uma pedra no caminho que conduz a Jesus e à salvação.".

— O artigo de Grossman prossegue dizendo que a nova Bíblia "configura revisões que substituem *ele por eles e filhos por crianças"*,[2] desde o livro de Mateus até à Revelação. Scott Bolinder,

[1] Nova Versão Contemporânea Internacional (N. T.)

[2] O sentido das alterações introduzidas perde-se com a tradução. No original, (…) revisions that swap they for he and children for sons (…). (N. T.)

o presidente da Zondervan, defende que esta tradução ‘honra os princípios bíblicos’, mostrando, no entanto, aos leitores dos nossos dias que ‘a Bíblia não é só para rapazes’.

— “Mas críticos como James Dobson, fundador do grupo conservador *Focus on the Family*, dizem que a censura ‘da masculinidade referida pelos autores da Escritura’ viola o Evangelho ao ‘ocultar a paternidade de Deus (…) e a verdadeira identidade de Jesus Cristo’.”

— Segundo estes críticos, a Bíblia de género pronominal neutra poderá “afastar do caminho para a vida eterna os crentes inocentes e os novos convertidos (…)”, escreve Grossman.

— O problema, segundo uma citação atribuída aos críticos da nova versão, é que “substituir pronomes nos textos bíblicos poderá fazer com que se depreenda que algo estava errado no original” — e “entre evangélicos ‘não se anda para aí a dizer, muito simplesmente, que a Bíblia está errada’”, segundo uma afirmação atribuída a Nancy Ammerman, do Instituto para a Investigação Religiosa do Seminário de Hartford.

— O artigo também chega a citar R. Albert Mohler *Jr*., presidente do Seminário Teológico Baptista do Sul, que afirma que “a rendição aos pérfidos ventos da cultura popular seria um insulto ao carácter intrínseco da Bíblia enquanto palavra eterna, infalível e autoritária de Deus”.

— Mas de que tipo de insulto estamos nós a falar aqui? A reportagem de Grossman forneceu um exemplo. Na *Today’s New International Version* as palavras de João 11:25…

— "Todo aquele que exercer fé em mim, ainda que morra, viverá [outra vez]; e todo aquele que vive e exerce fé em mim jamais morrerá."

— …foram alteradas para…

— "Quem exercer fé em mim, ainda que morra, viverá [outra vez]; e quem viver e exercer fé em mim jamais morrerá."

— Grossman listou mais alguns exemplos, incluindo uma alteração em Tito 2:12 onde, numa análise aos ensinamentos de Paulo, as antigas Bíblias dizem que a graça de Deus que traz a salvação "surgiu perante todos os homens", ao passo que a controversa nova tradução diz que essa graça "oferece a salvação a todas as pessoas".

— Bem, não estou seguro de que tais alterações constituam um "insulto ao carácter intrínseco da Bíblia", mas estou certo de que é somente devido a este tipo de conflitos petulantes, acerca da "infalível" palavra de Deu, que se geram tantos dos *comportamentos erróneos humanos*.

— "A precisão e a fidelidade à palavra de Deus sempre se localizaram no terreno da moral mais elevada," diz Susan Harding, uma antropologista da Universidade da Califórnia — Santa Cruz, identificada no artigo redigido por Grossman para o *USA Today* como uma escritora especializada na política e na linguagem fundamentalista. O artigo refere uma afirmação da senhora Harding, na qual esta defende que o tipo de alterações que se encontram na Bíblia anteriormente citada nos coloca sobre uma "rampa inclinada para a perdição".

— Então, afinal é isso. Vamos parar ao Inferno se pegarmos na Bíblia e substituirmos o pronome "ele" por "eles".

— A senhora Harding termina dizendo que "Não se pode ter uma comunidade de crentes que não concordem literalmente com o que a Bíblia diz".

— Eu, com todo o respeito, não estou de acordo. Noto que é quando existe uma comunidade de crentes que não discorda em relação a *nada* que está armado um grande sarilho.

— Aquilo de que precisamos é de um diálogo aberto acerca das revelações de Deus, acerca das verdades da vida, acerca de quem somos e escolhemos ser e como poderemos todos chegar da melhor maneira aonde queremos chegar, enquanto sociedade humana.

— A conversa que estamos aqui a ter é um bom exemplo de um diálogo aberto e franco. Partilha-o com outros, para que tenham conhecimento do tipo de coisas que aqui se debatem.

— Agora, ao longo desta nossa discussão, tu — tu próprio — já deste os primeiros dois passos para a paz. Admitiste que as tuas antigas crenças já não funcionam e reconheceste que há algo que não compreendes acerca de Deus e acerca da Vida, cujo entendimento mudará tudo. Estás preparado para dar o terceiro passo?

— Vamos ver… o Terceiro Passo é estar predisposto para receber um novo entendimento de Deus e da Vida. Está bem. Sinto-me predisposto para esse acontecimento.

— Sentes-te? Sentes-te mesmo?

— Esta é uma ideia assustadora para algumas pessoas. Que haja alguém vivo nos dias de hoje que possa trazer consigo um novo entendimento de Deus e da Vida, que poderá mesmo chegar a produzir abalos nas mais sólidas fundações da ortodoxia.

— Estou disposto a afastar-me dessa ortodoxia por algum tempo. Estou disposto a ver alguém tentar.

— Não, não, isto não é para ver alguém "tentar". Isto é para que estejas disposto a receber um novo entendimento e não para que estejas disposto a que alguém tente trazer esse entendimento.

— Qual é a diferença?

— A diferença reside na amplitude do teu Espaço de Possibilidade.

— Os que creem em Maomé, em Jesus, em Baha'u'lIah e outros, não dizem que estes homens "tentaram" trazer a grande verdade. Eles dizem que estes homens o fizeram.

— Então, estás disposto a anunciar e a declarar que é possível que alguém tente trazer um novo entendimento de Deus e da Vida ou que é realmente possível que alguém traga um novo entendimento de Deus e da Vida?

— Há uma enorme diferença.

— Percebes, no teu mundo é muito difícil sentirem uma coisa que não acreditem que seja possível. Mesmo que aconteça, negá-la-ão.

— Isso não me parece verdade. Já aconteceram muitas coisas na minha vida que não julguei serem possíveis.

— Sim, mas havia outras pessoas em teu redor que as testemunharam. Juraram que estava a acontecer. Disseram-te que era verdade. Por isso, tornou-se verdadeiro para ti.

— Por outro lado, se a maioria das pessoas na tua cultura — praticamente toda a gente na tua sociedade — disser que uma coisa não é possível, será muito difícil que a sintas. Na verdade, poderá até tornar-se impossível que a venhas a sentir.

— Mesmo que a tenhas à frente dos olhos, poderás não conseguir vê-la. Ou então, olharás para ela e verás uma coisa diferente, porque muito simplesmente não a compreendes.

— Sim, recordo-me da minha avó, a assistir ao primeiro passeio do homem na Lua. Ela fitava a televisão e dizia, "É um bom filme, não é?" Quando o meu pai e a minha tia lhe disseram "Não, Mãe, isto é a sério. Eles estão mesmo na Lua", a minha avó disse, "É um filme maravilhoso. Tão imaginativo." Era-lhe simplesmente impossível integrar aquela realidade. Ela não percebia, muito simplesmente, como é que uma coisa daquelas poderia ser possível.

— E aquilo que não se compreende?...

— Rejeita-se!

— Exatamente.

— E por isso, se não pensares que é possível que alguém possa trazer consigo um novo entendimento de Deus e da Vida, que possa trazer ao mundo uma nova revelação, achá-la-ás incompreensível. Não a compreenderás. O que significa que?...

— A rejeitarás.

— Ainda que o teu coração bata mais depressa, entusiasmado com a sua mensagem. Ainda que o teu corpo estremeça, consciente daquilo que sente. Ainda que a tua alma dance com alegria e incendeie a tua mente.

— Contudo, agora faço-te um apelo para que abras mais o Espaço de Possibilidade. Não para que reconheças que é possível que alguém tente, mas para que reconheças que é possível que alguém o faça, isso a que chamámos "trazer um novo entendimento de Deus e da Vida".

— O Espaço de Possibilidade tem de permitir que haja lugar para uma Nova Verdade — uma Nova Verdade gigantesca.

— Está bem, estou aberto a isso. Vou ter uma atitude suficientemente aberta para considerar que pode haver aqui alguma coisa sobre a qual eu deva deter a minha atenção.

— Bom.

— Podes afirmá-lo diretamente?

*— Sim. Vamos chamar-lhe a **PRIMEIRA NOVA REVELAÇÃO**:*

— Deus nunca deixou de comunicar diretamente com os seres humanos. Deus tem comunicado com os seres humanos e através destes, desde o início dos tempos. Deus continua a fazê-lo até hoje.

— Isto é o que poderás dizer aos outros quando te for perguntado: "Que ideias são essas que gostarias que considerássemos? O que é que nós não sabemos, cujo conhecimento poderia mudar tudo?"

— O meu apelo é para que mudes a tua crença em relação a isto. Deixa de pensar que Deus alguma vez deixou de comunicar diretamente com os seres humanos. Dispõe-te a considerar um novo pensamento acerca disto — o pensamento de que Deus está a falar com toda a gente, a todo o momento.

— Consegues fazê-lo? Consegues ter espaço para essa possibilidade?

— Estou a tentar. Estou a tentar com todas as minhas forças desde que começámos este diálogo.

— Não podes "tentar". Se desejas vir a ter a experiência que dizes desejar vir a ter, se realmente desejas ser um dos que contribui para mudar o rumo em que o teu mundo avança e que o conduzirá à autodestruição, terás de fazer mais do que "tentar". Terás de fazê-lo.

— Perguntaste-me se poderia fazer alguma coisa. Perguntaste-me se te poderia ajudar. Perguntaste-me se te poderia dar alguns instrumentos com os quais poderias contribuir para mudar o mundo.

— Sim.

— Bem, vou pedir que faças algo.

— Sim?

— Faz uso dos instrumentos que eu te dou.

— Não digas que estás a "tentar" usá-los Não faças o que já outros fizeram, dizendo que estes não são os instrumentos corretos; nem os ponhas de lado, afirmando que são "demasiado difíceis" de usar.

— Não vos daria estes instrumentos se soubesse que não os poderiam usar. Não é minha intenção frustrar-vos ou testar-vos (nem castigar-vos se não superarem o teste).

— É minha intenção glorificar-vos e, consequentemente, glorificar-Me. Somente através da vossa glória poderão encontrar a Minha glória. Somente através do vosso milagre poderão ter conhecimento do Meu milagre. Somente através da própria Vida, expressa na sua forma mais grandiosa, poderão experienciar a Vida dessa maneira.

CAPÍTULO 9

Toda a Gente é Tão Especial como Moisés, Jesus e Maomé

— Estou pronto! Estou inspirado e estou pronto! *Vou fazê-lo*. Verme-ei livre de qualquer dúvida que ainda reste. Caminharei no sentido da fé e conhecimento absolutos. Estou predisposto para receber um novo entendimento de Deus e da Vida e sinto-me completamente aberto para a possibilidade de isso poder acontecer.

— Ótimo. Porque agora vou pedir-te para expandires ainda mais o Espaço de Possibilidade.

— Está bem.

— Vou pedir-te para encarares a possibilidade de haver o anúncio de novos entendimentos e revelações e de esse anúncio poder vir a ser feito através de ti.

— Sim, compreendo que é isso que me pedes. Contudo, isso parece-me tão… egoísta, tão presunçoso e… um fardo tão pesado.

— Só te parecerá isso se achares que és o único a quem são dadas estas capacidades.

— Para julgares isso seria preciso que te achasses, e até que te declarasses, alguém especial. Alguém mais especial do que todos os outros.

— Tu és alguém especial, mas não és mais especial do que ninguém.

— Assim sendo, não tens de sentir esse fardo, nem tens de sentir a responsabilidade total de trazer ao mundo a Nova Mensagem por que este tem aguardado. Pois toda a gente em toda a parte tem capacidade para fazer o anúncio desta nova mensagem, partilhar este novo entendimento e revelar esta nova verdade.

— Se isso é verdade, toda a gente em toda a parte poderá declarar-se como sendo o Novo Mensageiro de Deus. Como é que resolvemos este problema? A quem deveremos dar ouvidos?

— Não deem ouvidos a nenhum ser humano que se declare mais especial do que qualquer outro.

— Se houver alguém (homem ou mulher) que busque distanciar-se e distinguir-se do resto da Humanidade, que afirme ter uma alma mais pura, melhor ou mais sagrada do que a dos demais, declarando-se "mais do que" ou "maior do que" os outros, dizendo que é o Messias, o salvador, a única consciência da Humanidade ou o único profeta verdadeiro, ou qualquer outra coisa exaltada deste género, então, afasta-te dessa pessoa o mais rápido que puderes.

— Porém, se algum homem ou mulher se declarar como mensageiro de Deus, mesmo sabendo que todos vocês são mensageiros de Deus, se declarar um salvador, mesmo sabendo que todos vocês são salvadores, e se declarar sagrado, mesmo sabendo que todos vocês são sagrados, então, presta atenção ao que essa pessoa tem para dizer, pois ela não te pedirá que a sigas, mas que sigas o Deus que vive dentro de ti.

— Pois é dentro do teu coração, da tua alma e nos lugares mais recônditos da tua própria mente que reside a Divindade, e é aí que poderá ser encontrada, e é apenas aí que poderá ser completamente sentida, e é apenas daí que poderá emergir em pureza e em verdade, e nunca através de outra pessoa, lugar ou coisa.

— A perceção da Divindade conseguida através de outra pessoa, lugar ou coisa, é denominada Divindade por Projeção. É-se testemunha da expressão da Divindade no mundo exterior, mas tal não é o mesmo do que experienciar a Divindade.

— Jamais confundas expressão com experiência.

— Uma flor bela é uma expressão da Divindade, mas somente quando vires, sentires, cheirares e tocares a bela flor que Tu és, poderás conhecer a experiência da Divindade.

— A expressão exterior poderá conduzir à experiência interna, mas jamais será um seu substituto. Porém, quando a experiência

interna conduz à expressão exterior, o círculo completa-se — e é este o objetivo da vida e a função do mundo, assim como de todo o Universo.

— Ena, nunca antes me tinham explicado as coisas de forma tão simples. Será que mo podias explicar de forma um pouco mais detalhada?

O objetivo do Mundo, a razão pela qual foi criado, foi fornecer um campo contextual dentro qual vos é possível alcançar uma consciência da vossa própria Divindade. Uma das formas de conseguir realizar isto é através da observação da Expressão Exterior da Divindade que a vida apresenta, fornece e gera.

— Contudo, não confundas as duas coisas. Pois a Expressão da Divindade não é a tua experiência, mas antes a Experiência de algo ou de alguém que não tu. É ao fazeres dessa experiência a tua experiência que substituis o Interior pelo Exterior. Quando isso acontece, afastas-te do poder da Divindade que existe dentro de ti, abdicando assim desse poder. Isto é algo que nenhum verdadeiro avatar ou mestre te pedirá ou exigirá que faças — nem permitirão que o faças de tua própria vontade. Cautela, acima de tudo, com aqueles que preparam um lugar e uma forma para que tu lhes prestes homenagem.

— Ah! Esse é o sentido do ditado "Se vires o Buda a descer a rua, foge dele a sete pés".

— Sim. Se for óbvio pela forma como as pessoas o tratam — e pela forma como ele permite que as pessoas o tratam — que ele é o Buda, então ele não é o Buda, pois o Buda jamais permitiria que os outros o julgassem ou tratassem de maneira a que se pensasse que ele é mais especial do que os outros.

— Aqueles que te governam no mundo exterior sentam-se nos lugares mais altos, por isso deves obedecer-lhes e fazer tudo o que eles te disserem. Mas não faças o que eles fazem, pois eles não põem em prática aquilo que professam.

— Criam fardos pesados e colocam-nos sobre os ombros das pessoas, mas são eles próprios que não se mostram capazes de mexer um dedo para aliviar esse peso.

— E aqueles que se declaram mestres da lei espiritual mais elevada, mas que não vivem segundo essa mesma lei, podem igualmente ser identificados sem dificuldade. Fazem tudo para serem vistos: envergam vestes largas e usam tecidos cheios de enfeites; adoram os lugares de honra nos banquetes e os assentos mais importantes nas sinagogas, nas igrejas e em toda a espécie de lugares de reunião; adoram ser cumprimentados nos mercados e encorajam os outros a chamarem-lhes Pai e Verdadeiro Progenitor, Mestre e Professor Supremo, Rabi e Profeta.

— Porém, não deverão chamar ninguém de "rabi", pois só existe um rabi e esse encontra-se no teu coração.

— E não deverão chamar ninguém de mestre, pois só tens um mestre e esse encontra-se na tua alma.

— E não chames teu "pai" ou "verdadeiro progenitor" espiritual a ninguém na Terra, pois só tens um Pai/Mãe Deus Espiritual, a Fonte de Toda a Criação, e todos vocês são filhos desse Deus Único, irmãos, irmãs e descendentes iguais — Unos com Aquele Que É.

— Nem chamarás professor supremo a ninguém, pois já tens um professor supremo, a Divindade dentro de ti — o que significa a sabedoria, o conhecimento e a verdade que tu és.

— Haverá outros que poderão ensinar-te a encontrar esse Professor Supremo dentro de ti, e a essa pessoa poderás chamar "um" professor, um dos muitos que virão ao teu encontro durante a tua vida para te voltarem a lembrar Quem Tu Realmente És. Sim, até mesmo tu, poderás chamar-te a ti próprio um professor, ou poderás vir a ser chamado de professor por muitos outros. Contudo, se escolheres esta forma de servir a Humanidade, fá-lo com humildade, pois aquele que a si mesmo se glorifica será humilhado, ao passo que aquele que se mostrar humilde será glorificado.

— Atenta no que te digo: Os maiores entre vocês serão reconhecíveis, pois serão vossos servos.

— Queres dizer que não existe nenhum Professor Supremo ou Ser Divino a quem devamos prestar homenagem? Queres dizer que

Moisés, Jesus e Maomé não eram mais especiais do que qualquer outra pessoa?

— Vejamos essa ideia de forma inversa. Toda a gente é tão especial como Moisés, Jesus e Maomé.

— Eis uma afirmação bastante corajosa. Dizer algo desse tipo pode dar origem a problemas. Posso ser morto por fazer tal afirmação. Isso pode ser entendido como apostasia. Isso pode lançar uma *fatwa* contra mim, apelando à minha morte.

— Sim, isso é verdade.

— Não pretendo desonrar Maomé ao fazer uma afirmação como essa.

— Mas como poderia tal afirmação ser interpretada como uma desonra para Maomé? Isso é o que os seguidores de Maomé dizem que as pessoas devem fazer.

— O quê?

— Os seguidores de Maomé dizem que todas as pessoas se devem esforçar para serem tão especiais como ele. Eles convocam as pessoas para essa viagem. É esse o sentido do Hadith. Através dele, os seguidores de Maomé usam a vida deste como modelo.

— As pessoas podem dizer que usam a vida de Maomé como *modelo*, mas não afirmam que *duplicaram* a sua vida. É *blasfémia* dizer que se é tão sagrado como Maomé. É heresia declarar que se é tão especial como Jesus. Será o *cúmulo* da *arrogância espiritual* imaginar que se é tão sábio como Moisés.

— Ai é? Não foi Jesus quem afirmou "Eu e o Pai somos um só" e "Aqueles que escutam a palavra de Deus e a colocam em prática, são meus irmãos e minhas irmãs"?

— Talvez, mas o facto de sermos irmãos e irmãs não significa que um irmão não possa ser mais especial do que os restantes.

— Pergunta a uma mãe qual dos seus filhos é mais especial? E não foi Jesus quem disse dos seus próprios milagres que "Os milagres que eu faço, também vós os fareis; e maiores milagres ainda do que estes".

— Sim, mas ele disse isso acerca daqueles que acreditam *nele*. "Aquele que crê em *mim*", disse ele, fará estas coisas e outras ainda maiores.

— Querendo ele dizer que "Se crês que eu sou o Filho de Deus e que consigo fazer estas coisas, também tu as conseguirás fazer", certo?

— Suponho que poderá ser interpretado dessa maneira.

— Jesus estava a dar um exemplo. Tal como Maomé. Os mestres deram sempre este tipo de exemplos, encorajando outros a seguirem o seu caminho, a viverem como eles viveram, a serem como eles foram.

— Todos os muçulmanos procuram emular a vida de Maomé. Todos os cristãos procuram emular a vida de Cristo. Todos os budistas procuram emular a vida de Siddhartha Gautama.

— Não crês tu que farias bem em emular as vidas dos teus maiores mestres espirituais?

— Sim, suponho que sim.

— Bem, "emular" significa "rivalizar, igualar ou superiorizar-se".

— Agora, olha para as duas últimas palavras da última frase.

— Olha para elas.

— Compreendes a sua implicação?

— Não seria a mais cruel das armadilhas encorajarem-vos a fazê-lo, num momento, e logo a seguir declararem que isso é algo impossível?

— Nunca havia pensado nisso dessa forma.

— Bem, pensa nisso dessa forma. Pois digo-te o seguinte:

— Um verdadeiro mestre não é aquele que tiver mais alunos, mas aquele que criar mais mestres.

— Um verdadeiro líder não é aquele que tiver mais seguidores, mas aquele que criar mais líderes.

— Um verdadeiro rei não é aquele que tiver mais súbditos, mas aquele que conduzir um maior número de pessoas à realeza.

— Um verdadeiro professor não é aquele que possuir mais conhecimento, mas aquele que fizer com que mais pessoas possuam conhecimento.

— E um verdadeiro Deus não é aquele que tiver mais servos, mas Aquele que mais servir, fazendo, dessa forma, Deuses de todos os outros.

— Pois este é simultaneamente o objetivo e a glória de Deus: que os Seus súbditos deixem de o ser e que todos passem a conhecer Deus, não como o inatingível, mas como o inevitável. (Retirado de Conversas com Deus 1.)

— Oh, *adoro* isso! "Deus não é o inatingível, mas o *inevitável*." Essa afirmação é extraordinária.

— Considera-la extraordinária, somente porque te foi sempre dito que o contrário é que é verdadeiro. Disseram-te que não podes alcançar a divindade e que, certamente, jamais deverás declarar tê-lo conseguido.

— Mas não é verdade que os Mestres, cujos ensinamentos muitos de vocês seguem, fizeram exatamente isso?

— Sim.

— E não vos encorajaram eles a seguir o seu exemplo?

— Sim, fizeram-no.

— Então, por que razão se declara que fazê-lo é uma apostasia ou uma blasfémia?

— Não sei.

— É um exemplo das contradições que se encontram no vosso entendimento, daquilo que foi dito pelos mensageiros a que as vossas religiões prestam culto.

— Mas, eis uma SECUNDA NOVA REVELAÇÃO:

— Todo o ser humano é tão especial como qualquer outro ser humano que viveu, vive ou viverá. Todos vocês são mensageiros.

Cada um de vocês. Todos os dias transportam uma mensagem para a vida, acerca da vida. A todas as horas. A todos os momentos.

— Tudo o que pensam, dizem e fazem é uma mensagem. Toda a vossa vida é o vosso ensinamento. Se pensasses que amanhã outros tomariam o caminho que hoje decidiste tomar, tomarias o mesmo caminho?

— Poderás pensar que as pessoas não olham para ti, mas elas fazem-no. Mais pessoas do que julgas. Na verdade, toda a gente cuja vida é tocada pela tua, é influenciada pelo teu exemplo. Estás a dar-lhes dados sobre a vida. Estás a dizer-lhes como é, como é que as coisas funcionam, como é que as coisas são, e elas emular-te-ão, copiar-te-ão, recolherão esses teus dados e introduzi-los-ão no seu mundo, tornando-os parte integrante das suas próprias vidas.

— Os teus filhos farão isto. Todos os jovens, crianças ou não, que te virem, que te conhecerem e que entrarem em contacto contigo, farão isto.

— A tua família fará isto. Todas as pessoas, familiares ou não, que te virem, que te reconhecerem e que entrarem em contacto contigo, farão isto.

— Os teus vizinhos farão isto. A tua nação fará isto. Tu és a nação. A nação é feita de ti. Tu és a tua religião. A tua religião é feita de ti.

— Tudo começa por ti.

— Tu és a primeira peça de dominó. Todas as outras peças cairão assim que caíres. A razão "pela qual" caíres será aquela pela qual os outros cairão! Assim sendo, não caias por nada… cai antes em algo[1]*.*

— Cai antes em ti, no lado mais elevado de ti próprio, pois o lado mais elevado que há dentro de ti segue o Caminho. Cai no lado dos teus pensamentos mais profundos, pois os teus pensamentos mais profundos conduzem-te a esse Caminho. Cai no lado do amor, pois o amor é esse Caminho. Depois, vê como as coisas caem nos seus lugares, tudo por causa de ti.

— Tu és um mensageiro deste tipo. Eu e tu temos uma tarefa Divina entre as mãos. Por isso, força!

— Nunca pensei em mim mesmo como um mensageiro.

— Mas és. E é importante que o saibas. Caso contrário, estarás toda a tua vida à procura Daquele Que Traz a Mensagem, apesar de toda a raça humana já O ter procurado ao longo da sua história.

[1] Jogo de palavras, cuja ambiguidade se torna intraduzível para a língua portuguesa, entre o verbo fall ("cair') e os phrasal verbs fall for ("deixar-se levar por") e fall in ("alinhar"). (N. T.)

— A vossa espécie anunciou, ocasionalmente, tê-Lo encontrado. E, após esse anúncio, os humanos decidiram que não poderia haver outro mensageiro daí em diante.

— Isto não foi algo que eu vos tenha dito. Isto foi algo que vocês inventaram. Isto foi uma coisa decidida por vós, de livre vontade.

— A verdade é que tu sabes, todos vocês sabem inerentemente, intuitivamente, o que resulta e o que não resulta para vos levar aonde dizem ter escolhido ir e para criar o que escolheram criar.

— Já disseste anteriormente que o que escolheram foi criar um mundo de paz, harmonia e felicidade. Existe uma bússola dentro de vocês que aponta nessa direção. Existe um ponto de referência, relativamente ao qual podem medir todas as opções; uma balança onde podem pesar todas as vossas decisões.

— Têm, dentro de vocês, um Sistema de Orientação Interno, e chamem-lhe o que quiserem — intuição, palpite, confiança ou "uma sensação no estômago" —, mas não podem negar a sua existência.

— Representa uma consciência maior daquilo que vos rodeia. É uma sensação de convicção irreprimível. E quanto mais confiarem nessa sensação, mais certos ficarão de que podem confiar nela.

CAPÍTULO 10

São os Humanos que estão a Ridicularizar Deus

— Está bem, ainda estou a trabalhar no terceiro Passo. Estou predisposto para receber um novo entendimento de Deus e da Vida. Mas, deixa-me ver se compreendi bem tudo isto. Estás a dizer que devemos prestar tanta atenção às palavras de um motorista de táxi de Phoenix como às palavras de Moisés, Jesus ou Maomé?

— Por que colocas a questão dessa forma? Por que não fazes esta pergunta sobre Confúcio? Ou sobre Siddhartha Gautama? Ou sobre Pantajali?

— Por que não escolher, para a tua comparação, alguém como Baha'u'lIah? Ou Jalal al-Din Rumi? Ou Joseph Smith?

— E o que tem Paramahansa Yogananda de errado?

— É a segunda vez que abordas esta questão. Estás a dizer que alguém como Siddhartha Gautama foi tão sagrado como Jesus?

— Chamaram-lhe Buda, não foi?

— Está certo, má escolha da minha parte. E quanto a Joseph Smith? De certeza que não estás a colocá-lo na mesma categoria que Buda, Moisés, Jesus e Maomé.

— Por que não?

— Porque… não me parece *certo*, é tudo.

— Ora deixa-me ver se eu entendi bem isto. Maomé inspirou o Corão, correto?

— Sim. Segundo o que sei.

— E Joseph Smith redigiu o livro de Mórmon.

— Sim.

— Então, estás a dizer que o Corão é mais sagrado do que o livro de Mórmon, porque Maomé é "mais sagrado" do que Joseph Smith?

— Bem, não estou a dizer isso — mas desconfio que a maior parte dos muçulmanos o diria.

— E os cristãos diriam o mesmo acerca do Novo Testamento e de Jesus se comparados com Joseph Smith, e os judeus diriam o mesmo acerca da Tora e de Moisés se comparados com Joseph Smith, é isso que me queres dizer?

— Não quero falar por ninguém. Apenas posso falar da minha observação ao longo dos anos. Segundo o que fui observando, a maior parte dos cristãos não diria que o Livro de Mórmon tem tanta autoridade, enquanto Palavra de Deus, como o Novo Testamento, apesar de os membros da igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias — mórmons — se considerarem decididamente cristãos… e não sei se os judeus diriam que o Livro de Mórmon é, de forma tão clara, a Palavra de Deus como a Tora o é. Talvez dissessem "Quem o pode saber?". Teriam, provavelmente, uma boa discussão sobre esse assunto. Tal como disse, estou confuso.

— Está bem, vamos avançar para mais algumas comparações. Quem é mais "sagrado": Jesus, Moisés ou Maomé?

— Não sei. Estás a fazer-me uma pergunta a que não sei responder.

— Bem, Moisés trouxe os Dez Mandamentos, não foi? E Jesus trouxe os ensinamentos presentes no Novo Testamento, certo? E o Corão é totalmente baseado nas palavras de Maomé, não é? Então, quem é mais "sagrado"?

— Estás a tentar começar uma discussão aqui?

— Não, mas os seres humanos estão. Na verdade, já começaram a tê-la há muito tempo atrás e nunca mais a acabaram. No seu esforço para acabar com a discussão, ameaçam acabar convosco.

— Esse é o problema.

— Isso faz parte do que se está a passar no mundo.

— Estás sempre a repetir isso.

*— Sim, porque te estou a preparar para a **TERCEIRA NOVA REVELAÇÃO**.*

— Que é?

— Não há nenhum caminho que conduza a Deus que seja mais direto do que qualquer outro. Não há nenhuma religião que seja a "única religião verdadeira", nenhum povo é o "povo escolhido" e nenhum profeta é o "maior dos profetas".

— Se isso for verdade, então teremos de pôr de lado todas as hipóteses que adotámos ao longo do processo de criação das nossas crenças. Teremos de deitar abaixo todos os tijolos que utilizámos nessa construção.

— Esses tijolos já não suportam uma estrutura que possa acolher um mundo de paz, harmonia e felicidade.

— Já aqui te disse que o problema que se coloca perante o mundo é um problema espiritual. Não pode ser resolvido através de meios políticos. Não pode ser resolvido através de meios económicos. Não

pode ser resolvido através de meios militares. Só pode ser resolvido através de uma mudança operada nas crenças.

— As crenças que te convido a explorar (e que poderás querer vir a adotar) estão todas explicitadas nas Novas Revelações, que aqui te são dadas.

— Pediste ajuda.

— Pediste-me para te dizer que novas ideias são postas à consideração da raça humana. Qual é o ponto de partida da nossa discussão? Quais são os novos pensamentos que elas nos poderão inspirar, com os quais poderemos ter a esperança de inspirar outros?

— Estas Novas Revelações são uma resposta ao teu pedido de ajuda.

— Mas o que nos pedes é que peguemos nas nossas crenças atuais e as ponhamos de pernas para o ar!

— As vossas crenças atuais estão a pôr o vosso mundo de pernas para o ar. E a virá-lo do avesso. Vocês estão a destruir-se uns aos outros, a dar cabo uns dos outros, estão a desfazer-se aos bocados, a estilhaçar-se em todas as direções, envenenando-se com as vossas crenças. As vossas crenças atuais não vos estão a sustentar, estão a matar-vos.

— Podem pôr um travão em tudo isto se aceitarem os Cinco Passos para a Paz.

— Está certo, vou dar o Terceiro Passo agora. Declaro que desejo receber um novo entendimento de Deus e da Vida.

— Ótimo. Ainda te recordas do Quarto Passo?

— O Quarto Passo diz que devemos ter a coragem suficiente para explorarmos e examinarmos novos entendimentos e, se estes estiverem de acordo com a nossa verdade interior e conhecimento, devemos alargar o nosso sistema de crenças para incorporá-los.

— É exatamente isso. E é exatamente isso que este diálogo tenciona dar-te a oportunidade de fazer. Estás pronto para encetar uma exploração?

— Está bem, mas sinto-me nervoso. Ainda me parece um pouco assustador. Dá a sensação de que vais abalar as fundações de tudo o que as pessoas neste mundo tomam por verdadeiro.

— No entanto, é precisamente disso que o vosso planeta tem necessidade neste momento. Há muito poucas pessoas a explorar estas ideias. Há mesmo muito poucas que estejam dispostas a olhar para elas. Precisas de ter coragem para o fazer, porque as novas ideias podem ser um desafio. Sentes-te com coragem?

— Bem, se não sou forçado a concordar contigo… se vamos apenas conversar…

— Em algumas sociedades, isso é algo de muito precioso. As pessoas não são encorajadas a fazê-lo. Na verdade, em alguns lugares elas nem sequer têm permissão para o fazer. Não há qualquer dúvida de que em alguns círculos, este mesmo livro será banido.

— Bem, acho que então estou do lado dos corajosos.

— Não só tu, como toda a gente que ler este livro. Se ainda não o puseram de lado até agora, é porque também são corajosos.

— Bem, aqui todos somos, por isso vamos lá começar a exploração. Vamos examinar crenças, não é?

— Sim. São elas que estão na base de toda a experiência humana. Apesar de parecer que algumas delas pertencem apenas a Deus e, consequentemente, podermos julgar que elas apenas afetam aqueles que acreditam em Deus, vamos ver como estas ideias acerca de Deus tiveram um impacto profundo na vida secular.

— Sim, já antes estiveste a falar sobre isso.

— Não é preciso acreditar em Deus para se sentir o impacto das convenções sociais criadas por aqueles que acreditam. Estas convenções sociais produzem imperativos culturais — a maneira

como todas as pessoas julgam que devem viver as suas vidas, porque é "assim que as coisas são".

— Conclui-se então que a religião afeta os não-religiosos.

— É exatamente isso. Afinal de contas, a religião organizada mais não é do que um sistema de crenças. Todos os comportamentos humanos se baseiam em crenças humanas e um conjunto de crenças alimenta a existência de um outro, dando assim origem ao que se poderá chamar Super Crenças, que transcendem filosofias religiosas ou seculares particulares.

— No que diz respeito às crenças, assim como em todas as coisas, o todo é maior do que a soma das partes. Por isso, é pertinente explorar crenças religiosas básicas, quer uma pessoa seja religiosa ou não.

— Levantei esta questão por respeito pelos ateus sinceros e pelos agnósticos. Queria dar-lhes uma razão para continuarem a acompanhar a discussão.

— Tudo o que uma pessoa que se preocupa com a vida tem de fazer é olhar para o mundo que a rodeia. Essa deverá ser uma razão suficiente forte.

— Encontramo-nos num lugar muito precário, disso tenho a certeza.

— E foram as vossas crenças que vos colocaram nessa posição.

— Existem, como é óbvio, muitas crenças acerca de Deus, promulgadas pelas centenas de religiões que existem na Terra, mas cinco delas são fundamentais. Elas são partilhadas pela maioria das religiões organizadas e foi sobre elas que estas basearam os seus dogmas — embora variáveis — fundamentais.

— A principal crença humana acerca de Deus é que Deus precisa de alguma coisa.

— Esta ideia é fundamental na construção que a maior parte das pessoas faz de Deus. De acordo com esta formulação, Deus é um Ser, algures no Universo, que precisa e deseja alguma coisa para ficar contente.

— Apesar de Deus ser descrito como o Ser Supremo, não deixa de ser verdade, de acordo com esta formulação, que, sob determinadas experiências e condições, Deus fica insatisfeito. Em último caso, esta insatisfação transforma-se em raiva e, no final, esta raiva gera retaliação.

— Concluindo, Deus tem desejos quanto àquilo que Ele quer que tu sejas, faças e tenhas, e desejos quanto àquilo que ele não quer que tu sejas, faças e tenhas. Estas são as expetativas e exigências de Deus e, caso não as cumpras, serás amaldiçoado.

— Isso é exatamente o que me diziam as freiras na escola primária católica! "Se não obedeceres às leis de Deus, serás amaldiçoado." Eis o que me diziam as Irmãs da Misericórdia.

— Estas exigências de Deus foram articuladas e sintetizadas de diversas formas pelos cânones das vossas várias religiões, mas todas elas dizem basicamente a mesma coisa. Talvez o resumo dessas exigências a que estamos mais habituados seja o Decálogo, ou "Os Dez Mandamentos".

— A crença de que Deus precisa de alguma coisa para ficar contente é uma falácia. É a falácia número um das Cinco Falácias Acerca de Deus.

— Deus é tudo o que há, tudo o que alguma vez houve, tudo o que alguma vez haverá. Não há nada que Deus não seja e, portanto, não há nada que Deus deseje ou de que tenha necessidade.

— Eis, então, a QUARTA NOVA REVELAÇÃO.

— Deus não precisa de nada. Deus não exige nada para ficar contente. Deus é a própria alegria. Por esse motivo, Deus não exige nada de ninguém ou do que quer que seja no Universo.

— Isso não pode ser verdade.

— Mas é.

— *Não pode ser*. Praticamente todas as Escrituras Sagradas de todas as religiões do mundo têm uma longa lista de exigências impostas por Deus à raça humana. Estas envolvem comportamentos, rituais, costumes e até mesmo coisas como a alimentação e o vestuário.

— Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami, fundador da Sociedade Internacional para a Consciência Krishna, que redigiu o livro *Bhagavad-Gita As It Is*, afirmou que é preciso entender que o principal objetivo do Bhagavad-Gita é:

— Em vez de satisfazer os seus próprios sentidos materiais, o homem tem de satisfazer os sentidos do Senhor. Que é a forma mais perfeita de vida. O Senhor deseja-o e exige-o.

— Isso não é verdade.

— Sua Divina Graça estava errada?

— Sua Divina Graça foi imprecisa nessas palavras. Essa foi uma afirmação imprecisa.

— Está bem… então, peguemos no exemplo da Tora. Há nela uma longa lista de coisas que se devem e não se devem fazer, que nos é dada como sendo a Lei de Deus. O mesmo acontece com o Corão, apenas para nomear mais duas das escrituras sagradas da Humanidade.

— Sim, isso é verdade. Então, olhemos para o que essas escrituras dizem. Vejamos se afirmações como essas poderão ser atribuídas a Deus.

— No Livro do Deuteronómio é dito que, se um homem se casar com uma mulher e descobrir que esta não é virgem e se a família da mulher não conseguir provar que ela era virgem antes do casamento, "[ela] será levada até à porta da casa de seu pai e aí os homens da sua cidade apedrejá-la-ão até à morte".

— Espera aí. Isso é a Lei de Deus?

— Tal como é dito que Moisés a anunciou, sim. A Tora também diz que, se for descoberto que tanto o homem como a mulher mantêm uma relação adúltera, serão levados até aos portões da cidade e também serão apedrejados até à morte.

— Bom, podemos parar aqui só um segundo?

— E Deus também está preocupado com outras questões da vida real. Vestuário, por exemplo. Uma mulher "não deve vestir roupa de homem (...) pois o Senhor Deus detesta quem quer que o faça", segundo o que a Tora diz.

— Bem, lá se vão as calças compridas e fatos para mulher.

— Ainda, "Não vistas roupas de algodão e de linho simultaneamente."

— Pára, espera um minuto…

— Em seguida, também se afirma que somente certas pessoas são bem-vindas aos templos de adoração do Senhor. Se por acaso fores uma criança que nasceu fora do matrimónio, não te será permitida a entrada.

— Não?

— Não. Nenhuma criança ilegítima "ou qualquer dos seus descendentes poderá entrar numa assembleia de Deus, até à décima geração".

— E se uma certa parte do teu corpo apresentar uma lesão devido a um acidente ou decorrente de uma guerra, não te poderás juntar aos outros crentes em Deus também.

— Como é que disseste?

— A Bíblia diz: "Nenhum homem castrado, a quem se esmagaram os testículos ou se cortou o membro viril, pode entrar na congregação do Senhor".

— Está bem, fiquemo-nos por aqui.

— Mas estas são palavras retiradas diretamente da Bíblia. Deixam-te transtornado; embaraçado?

— Essas palavras estão na Bíblia?

— Consulta o Deuteronómio 23:1-2, New Living Translation.

— Ah, uma dessas Bíblias *modernas.*

— Sim. Na versão King James[1] *aparecia desta forma: "Aquele que tiver uma lesão nas partes baixas ou que tenha o seu membro íntimo cortado, não entrará nesta congregação do Senhor", mas o seu significado é o mesmo.*

— Bem, raios me partam…

— E tenho umas novidades surpreendentes para as mulheres que frequentam algumas dessas aulas de autodefesa que andam muito em voga.

— A sério?

— Sim. Poderão vir a ter muitos problemas devido ao que aprendem nessas aulas.

— Que queres dizer?

[1] Uma das traduções da Bíblia mais utilizadas nos EUA. (N. T.)

— A Bíblia diz: "Se houver uma luta entre dois homens e a esposa de um deles se aproximar para salvar o seu marido do agressor, alcançando e agarrando este último pelas partes íntimas, a mão da mulher deverá ser cortada. Que não haja qualquer misericórdia para com ela."

— Caramba, os escritores da Bíblia tinham mesmo uma fixação pelos órgãos genitais masculinos, não tinham?

— Quem pensas tu que a escreveu?

— Sim, estou a ver.

— Oh, e também tinham ideias em relação às crianças que não obedecem aos seus pais. Estes não seriam provavelmente pensamentos partilhados por muitas mães.

— Está certo… o que é que esta Escritura Sagrada em particular tem a dizer sobre as crianças que não obedecem?

— Matem-nas.

— O quê?

— De acordo com a Tora, Deus diz que as devemos matar.

— Não acredito nisso.

— Bem, está aqui, claro como água:

— "Se um homem tiver um filho teimoso e rebelde que não obedece ao seu pai e à sua mãe, nem os escuta quando estes o tentam disciplinar, o seu pai e a sua mãe deverão levá-lo até aos anciãos que se encontram às portas da cidade.

— "Deverão dizer aos anciãos 'Este nosso filho é teimoso e rebelde. Não nos obedece. É um libertino e um bêbado'. Em seguida, todos os homens da cidade deverão apedrejá-lo até à morte. É preciso expulsar o mal do seio da comunidade."

— Acho que isso resultaria, perfeitamente…

— Mas Deus nem sempre confia nos Seus súbditos para executar as Suas punições. Muitas vezes — de acordo com as vossas diversas "escrituras sagradas" — Deus executa as punições diretamente.

— Espera aí. Queres dizer que não aguardas até ao Dia do Julgamento Final. Castigas as pessoas enquanto estão na Terra?

— É claro que sim! Especialmente se não acreditarem em mim e na minha bondade! Tu não o farias? Se fosses todo-poderoso, omnisciente, capaz de todo o Bem e de todo o amor, não punirias aqueles que não acreditam em ti? Quero dizer, isso não te deixaria furioso?

— Estás a gozar comigo, não estás? Isso é uma piada, certo?

— Estás a dizer que as tuas "escrituras sagradas" estão erradas? Tem cuidado! Isso poderá fazer com que tu sejas castigado.

— Vá, pára com isso!

— O Corão afirma-o claramente: "As obras dos que são incrédulos assemelham-se a uma miragem na planura; o sedento crê que é água até que, ao chegar, não encontre nada; junto de si encontrará Alá, que lhe pedirá contas. Alá é veloz no ajuste de contas" (Surata 24:39).

— Os muçulmanos sabem qual a ação divina que espera os que acreditam na minha bondade e os que não acreditam.

— Surata 9:26 — "Alá fez descer em seguida a Sua presença sobre o Seu enviado e sobre os crentes e fez descer exércitos de anjos que não víeis e atormentou os que não acreditavam. Essa é a recompensa dos incrédulos."

— Então, somos *obrigados* a ter fé, caso contrário…

— Exatamente.

Não percebo nada disto. Não me parece de todo razoável que a Fonte de Toda a Bondade, Generosidade e Sabedoria castigue as pessoas que, por uma razão ou por outra, simplesmente não acreditam Nele.

— Mas Eu dou sempre uma oportunidade às pessoas! Isso não te parece razoável? Nunca castigo uma pessoa sem primeiro avisá-la de que o melhor que tem a fazer é corrigir o seu comportamento e acreditar em Mim. Se, depois disso, ainda não acreditar em Mim, destruo-a completamente, é verdade, mas nunca, jamais, sem a avisar.

— Não conheço este Deus de que me estás a falar! Acho que estás a inventar tudo isso!

— Estou? Ou… estarão vocês?

— Que queres dizer?

— Lê as tuas próprias escrituras sagradas, redigidas por humanos.

— Leiamos de novo o Corão, em Surata 17:15-16:

— "(...) Não atormentámos nenhuma comunidade senão depois de Lhe havermos mandado um Enviado [para avisar].

— "Quando queremos aniquilar uma cidade, enviamos os nossos Versículos aos habitantes. Há os que espalham logo a corrupção pela cidade, pois não cumprem a Nossa Lei, e destruímo-la completamente."

— A verdade dos factos é que o mundo está cheio de pecadores por toda a parte — pessoas que não acreditam que Eu sou Deus e que sou bom, pessoas que fazem coisas que Eu não quero que façam. Na verdade, os seres humanos são tão maus que terei de destruir a maior parte da Humanidade e de punir quase todos antes do último dia.

— O *quê*? O que estás para aí a dizer?

— Estou a dizer-te o quão zangado eu estou! Disse-o em muitas das vossas escrituras sagradas, como por exemplo no Corão, em Surata 17:58:

— "Não há cidade que nós não aniquilemos ou atormentemos com terrível tormento antes do Dia da Ressurreição. Isto está no Livro, escrito."

— Mas pensava que eras um Deus de amor e de perdão.

— Sou, se não me fizerem zangar.

— Estás a gozar connosco, certo? Citaste uma série de entradas (certamente, já em desuso) que se encontram nessas escrituras, só para ridicularizar os humanos.

— Citar o que vocês disseram sobre Mim ridiculariza-vos?

— Meu bom e maravilhoso amigo, Deus não está a ridicularizar os humanos; são os humanos que estão a ridicularizar Deus.

— Vocês dizem que Deus deseja este tipo de coisas e fazem uso de textos a que chamam sagrados para o provar.

— Foi em nome dessas Escrituras Sagradas que justificaram e racionalizaram os comportamentos mais bárbaros.

— Não é justo. As passagens que citaste estão em *desuso*. Não se destinam a ser aplicadas literalmente hoje em dia.

— Pensei que as vossas escrituras sagradas nunca caíssem "em desuso". Não é isso que as torna sagradas? Tens a certeza de que estas palavras não se destinam a ser aplicadas hoje em dia?

— É claro, tenho a certeza. Não é possível que sejam.

— Poderás querer explicar isso a alguns dos fundamentalistas do teu mundo. Eles têm uma opinião muito diferente.

— Existem, entre vós, os que defendem as interpretações literais. Argumentam que a sua escritura sagrada — a Bíblia, o Corão, qualquer que ela seja — tem de ser lida e aplicada literalmente.

— Bem, sim, eu sei disso. Mas os fundamentalistas desse tipo são uma minoria. Não têm qualquer impacto real na vida quotidiana.

— Ai não?

— Está bem, admito que há alguns lugares do mundo onde os governos chegaram mesmo a elaborar leis a partir de afirmações contidas nas suas escrituras sagradas. E as autoridades desses países cortaram as mãos dos ladrões, apedrejaram adúlteras, assassinaram apóstatas, apresentando frequentemente esses castigos em recintos desportivos como acontecimentos públicos…

— Sim, as coisas primitivas acontecem em tempos primitivos.

— Bem, eu nem sequer estava a referir-me a tempos primitivos. Estava a falar do século XXI. Estava a falar sobre os dias de hoje.

— Também eu.

— Ah. Bem, a maior parte dos seres humanos não considera que estes sejam tempos primitivos.

— Não estão a prestar muita atenção ao mundo que os rodeia.

— Ainda assim, o meu argumento era o de que este tipo de fundamentalistas radicais não tem muito impacto na vida quotidiana da maior parte das pessoas.

— Talvez não na vida das pessoas da cultura em que tu vives ou nos círculos em que te moves, mas existem outras culturas e outros círculos dentro da tua própria cultura onde as perspetivas estritamente fundamentalistas têm um impacto tremendo na vida quotidiana.

— Creio que tenho de concordar contigo quando oiço histórias acerca do Afeganistão, por exemplo, onde durante cinco anos as autoridades governamentais seguiram o que diziam ser uma interpretação verdadeira e apropriada das escrituras sagradas do Islão, ao cortarem as mãos dos ladrões e ao matarem os não-crentes.

— Não foi apenas um país que demonstrou comportamentos primitivos.

— Não, mas neste país em particular as coisas tornaram-se muito estranhas — quase surreais. O governo não permitia, em nenhuma circunstância, que se ouvisse outro tipo de música para além de hinos e cânticos sagrados. Proibiu a televisão. Exibir uma imagem ou uma fotografia de qualquer ser humano ou animal, era considerada ofensa pública, argumentando que criar ou exibir "ídolos" violava a lei sagrada. E já aqui abordei as suas proibições relativamente às mulheres.

— As leis de alguns outros países são quase tão rígidas como estas.

— Em Abril de 2002, o mundo recebeu em choque a notícia de que mais de uma dezena de jovens raparigas havia morrido num incêndio na sua escola, na Arábia Saudita, porque aparentemente não tinham permissão para sair a correr do edifício em chamas sem o vestuário islâmico apropriado. Existem mesmo "polícias religiosos" na Arábia Saudita que têm a autoridade para citar as pessoas judicialmente, caso considerem existir infrações da lei religiosa de acordo com a sua interpretação. As mulheres podem mesmo ser castigadas no próprio local, se for considerado que o seu vestuário não é apropriado para estar em público. Uma mulher não pode ir ao restaurante almoçar com o seu noivo. No caso dos casais que saem juntos, é preciso que ambos se sentem de forma a que as mulheres não fiquem perto de nenhum homem que não seja o seu marido.

— E quando este tipo de práticas é posto em causa, diz-se de quem as contesta que é "insensível" para com as normas culturais, os hábitos religiosos e as tradições ancestrais da população local. Quer isto dizer que devemos abandonar valores humanos básicos só para honrar a diversidade religiosa e cultural? Será que é insensível ser-se sensível relativamente a leis que não são sensíveis?

— Suponho que se *poderá* considerar insensível alguém que critique aquilo que uma população afirma pretender para si, mas, na maior parte destes casos, as pessoas não têm escolha. Tratam-

se de leis "sagradas", que nada têm a ver com direitos civis, mas antes com crenças e preconceitos religiosos particulares, que são *impostos* às pessoas.

— Quando os Talibã abandonaram Cabul, a capital do Afeganistão, demorou mais de meio-dia até que as mulheres começassem a sair das suas casas sem estarem cobertas da cabeça aos pés, até que os homens rapassem as suas barbas indesejadas e até que os vendedores começassem novamente a passar música.

— E que tal passarmos agora a examinar as crenças culturais primitivas e os comportamentos surreais de alguns outros países?

— Oh, estás a referir-te a crenças como a que diz que as pessoas de uma determinada cor de pele devem ser vendidas, compradas e usadas como escravas? Como a ideia que subsiste até ao dia de hoje de que estas mesmas pessoas devem ser tratadas com preconceito, que devem ter direito a menos respeito, a menos educação, a menos oportunidades e, em geral, a menos um pouco de tudo?

— Ou à ideia de que as mulheres, bem como pessoas de diferentes preferências sexuais, deveriam ser encaixadas na mesma categoria?

— Referes-te aos países que acreditam que é correto fazer uso da força? Nações que ajustam os seus valores morais de modo a servirem os seus objetivos? Governos que torcem a verdade por

forma a que esta sirva os seus interesses? Pessoas que conquistam, destroem, bombardeiam, assassinam, pilham, dominam economicamente e que sistematicamente negam aos outros um décimo daquilo que têm, *só para que possam ter mais*?

— És tu quem está a fazer essa lista, não eu.

— Mas ajuda-me a perceber. Muitos povos e nações em todo o mundo fazem o que fazem, dizem o que dizem e acreditam no que acreditam, baseando-se naquilo que sabem ter sido proclamado por Deus.

— Eu não faço proclamações.

— Queres dizer que não foste tu — que não foi Deus — quem disse que as pessoas se devem comportar desta forma? *Não* foste tu quem indicou uma raça como o teu "povo escolhido", *não* foste tu quem colocou uma nação "ao serviço de Deus", *não* foste tu quem afirmou, de acordo com o Novo Testamento, que as raças jamais se deverão unir em casamento entre si, que os homossexuais são uma abominação ou que, tal como é declarado na Tora, "Se um homem tiver os testículos esmagados ou tiver sido castrado, não poderá ser aceite na assembleia do Senhor"?

— O que é que tu achas?

— Não sei o que pensar.

— É claro que sabes. Sabes exatamente o que pensar. Sabes qual a verdade acerca disso. Tu sabes, graças ao tal sistema interno de orientação de que te falei.

— Tu tens uma sensação de convicção irreprimível de que Deus não poderia, de forma nenhuma, ter dito essas coisas — ou metade das outras coisas que me são atribuídas. Tu sabe-lo, eu sei-o e toda a gente o sabe.

— A questão não é se tu o sabes, mas se estás pronto para admiti-lo, para o dizer em voz alta, para ir contra a noção que prevalece, segundo a qual é um erro passar por cima de crenças sagradas e tradições ancestrais.

— É permitido passar por cima de outros, mas nunca passar por cima de crenças.

— Na verdade, tornou-se uma tradição passar por cima de outros por causa das vossas crenças. E, desta forma, o absurdo repete-se continuamente.

CAPÍTULO 11

Deus não Exige Nada, não Ordena Nada, não Pede Nada, não Obriga a Nada

— Tenho de admitir que sempre tive dificuldade em acreditar que Deus dissesse às pessoas que não poderiam casar com pessoas de outras raças, que as mulheres não podiam exibir qualquer parte do seu corpo em público, que os casais não pudessem usar contracetivos ou que os homens devessem usar barbas.

— Nunca entendi realmente por que razão Deus sentia que devia dar tantas ordens aos seres humanos.

— Eu não o sinto. Não tenho de dar ordens a ninguém e nunca o fiz.

— Nunca?

— Nunca. E jamais o farei.

— Nunca o farás? Queres dizer que nunca viremos a saber o que Deus realmente quer?

— Não.

— Porquê? Por que nos farias isto?

— Fazer-vos o quê?

— Por que nos dizes para seguirmos a Lei de Deus, para obedecermos aos teus desejos e, depois, não nos dizes o que realmente queres?

— Porque não há nada que eu queira. E isto é o que vocês não compreendem ou se recusam a aceitar.

— Não há nada que Deus queira ou de que precise.

— Deus não exige nada, não ordena nada, não pede nada, não obriga a nada. Ensinem isto nos vossos seminários e nas vossas madrassas.

— Não há nada que Deus ordene ou exija, em que insista ou pela qual espere. Digam isto aos vossos jovens.

— Eu sou o Autor de Tudo. Eu sou o Criador e a Criatura. Não há nada que exista que eu não seja. Não tenho necessidade de dar ordens a ninguém.

— A quem daria eu ordens? Não há ninguém para comandar para além de Mim. Eu sou Tudo no Todo. Eu sou o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim. E quem castigaria eu, caso as minhas ordens não fossem cumpridas? Usaria eu a minha mão direita para bofetear a esquerda? Far-me-ia eu mal para me vingar de mim próprio?

— Os vossos professores e os vossos peritos na lei, os vossos padres e os vossos ulamas, dizem-vos que Deus deve ser temido, pois Ele é um Deus vingativo. Deves viver com pavor da ira de Deus, dizem-te eles. Deves tremer perante a Sua presença. Durante toda a tua vida, deves temer o julgamento terrível do Senhor. Pois Deus é "justo", segundo te dizem. E Deus sabe que estarás em apuros quando te confrontares com a terrível justiça do Senhor. Por conseguinte, tens de obedecer às ordens do Senhor. Caso contrário…

— Sendo assim, a maior parte de vocês passa um tempo considerável das vossas vidas adultas à procura da "maneira correta" de prestar culto a Deus, de obedecer a Deus, de servir Deus. A ironia de tudo isto é que eu não quero a vossa adoração, não preciso da vossa obediência e não necessito que me sirvam.

— Estes comportamentos são os que foram historicamente exigidos pelos monarcas aos seus súbditos — por monarcas egomaníacos, inseguros e tirânicos. Não são, de forma nenhuma, exigências Divinas e parece-me espantoso que o mundo ainda não tenha chegado à conclusão de que essas exigências são uma falsidade, não tendo qualquer relação com as necessidades de Deus.

— A Divindade não tem necessidades. Tudo O Que Há, é exatamente isso: tudo o que há. Logo, não deseja e não tem falta de nada — por definição.

— Se decidires acreditar num Deus que, de alguma forma, precisa de alguma coisa — e que fica tão rancoroso quando não a obtém que castiga aqueles de quem esperava recebê-la —, então, tomas a decisão de acreditar num Deus muito mais pequeno do que eu. De facto, vocês são Filhos de um Deus Menor.

— Não, meus filhos, por favor, deixem-me mais uma vez assegurar-vos, através desta conversa, tal como o fiz em conversas anteriores, que eu não tenho necessidades. Eu não exijo nada.

— Então, tu não nos deste "ordens"?

— Não. Foram os seres humanos que sentiram que tinham de dar ordens aos seres humanos, de modo a manter a ordem. E a melhor forma que conheciam para fazer com que as pessoas seguissem ordens, era dizer-lhes que estas procediam diretamente de Deus.

— Também houve aqueles que acreditaram sinceramente estar a receber diretivas de Deus acerca do modo como a vida deve ser vivida e o que estes disseram que tinham ouvido foi passado por outros em boa-fé. Contudo, tal não significa que o que foi sendo passado foi sempre exato, nem atesta a infalibilidade da pessoa que afirma ter sido a primeira recetora dessas revelações...

— Tal como este livro não é infalível.

— Correto. É exatamente isso. Qualquer afirmação de infalibilidade para este livro seria inexata.

— Seria inexato dizer que este livro é exato.

— Sim.

— Então, este livro é exato quando diz que é inexato.

— Essa é uma observação perspicaz, que recebe mais um "sim".

— Então, se é inexato, por que razão deverei acreditar nele?

— Não deves acreditar nele. Deves pôr os seus ensinamentos em prática e ver como resultam.

— A propósito, sujeita todos os outros escritos, que afirmam ser uma comunicação de Deus, ao mesmo teste.

— Já o fizemos. Temos andado a testar as palavras desses outros livros há séculos e a vida no nosso planeta é aquilo que comprova se esses ensinamentos resultam ou não.

— Portanto, já não é uma questão de haver provas, é antes uma questão de quantas provas vocês precisam.

— É o que parece. Todavia, o que estás aqui a dizer, *neste* livro, é que é impossível acreditar. Tal não pode ser verdade. Isso vai contra tudo aquilo que me ensinaram. Deus *tem* de querer *alguma coisa*.

— Porquê?

— Não sei, mas *tem*. Caso contrário, por que razão haveríamos nós de fazer ou deixar de fazer alguma coisa?

— Queres dizer que precisam que Deus vos exija que façam as coisas que são melhores para vocês e que vos proíba de fazer aquelas que não são claramente as melhores para vocês?

— Não, não, precisamos de Deus para *determinar* o que é "o melhor" e o que "não é o melhor". Uma vez que saibamos o que isso é, poderemos facilmente decidir por nós próprios se o faremos ou não. O difícil é decidir o que é "o melhor".

— Mas isso é fácil. Decidam-se simplesmente quanto àquilo que estão a tentar fazer. Basta olharem para aquilo que desejam experienciar.

— Quem? Nós, como indivíduos, ou todos nós, como um coletivo? E quando? Agora ou no futuro? Porque, sabes, o problema é que maior parte de nós decide-se quanto ao que nós, como indivíduos, queremos experienciar e quanto ao que queremos experienciar agora — *aqui e agora* — e não paramos para pensar uma única vez

no futuro. Nem sequer no dia de amanhã, muito menos no próximo mês ou no próximo ano.

— Por que têm vocês as vistas tão curtas?

— Porque somos egoístas.

— Por que são tão egoístas?

— Porque nos habituámos a pensar primeiro — e, por vezes, somente — no nosso ego.

— Têm consciência disso acerca de vocês próprios?

— Sim. Somos capazes de admiti-lo.

— Então, o problema é de fácil resolução. A resposta é óbvia.

— A sério? Qual é?

— Expandam, muito simplesmente, a vossa definição de "Ego".

— O problema não reside em vocês serem egocêntricos, o problema é que vocês definiram erroneamente o Ego em volta do qual se encontram centrados.

— É quando se centram em torno de um "ego" muito mais pequeno do que o Ego na realidade é, quando definem o "ego" como algo menor do que o Ego na verdade é, que começam a ter dificuldades.

— O facto é que a vossa definição de "ego" é demasiado pequena. Quando, pela primeira vez, se tornaram "conscientes do vosso ego" — isto é, quando o Homo sapiens se tornou consciente de si próprio pela primeira vez — sentiram que "vocês" estavam "aqui" e que tudo o resto estava "ali". E, consequentemente, acabaram por definir o "ego" de uma forma que foi demasiado limitada.

— Mais à frente neste diálogo, quando explorarmos a Oitava Nova Revelação, verás de forma muito dramática quão limitada tem sido a vossa definição de "ego". No entanto, não te culpes por isso. Não podias ter consciência do que se passava. Não o compreendias.

— E foi nisto que a maior parte das religiões organizadas vos traíram. Ensinaram-vos a acreditar num Ego limitado e minúsculo.

— Pensei que a Cristandade me ensinava a ser o guardião do meu irmão.

— Sim, mas tu estás "aqui" e o teu irmão está "ali". Vocês veem-se como separados uns dos outros.

— Pensei que o Islão ensinava que o elemento mais importante da vida é a *umma*, a comunidade. A comunidade é tudo. A honra da comunidade, a santidade da comunidade, a segurança da comunidade, o carácter e a piedade da comunidade — estas são as coisas que importam e que determinam se Deus se manifesta como uma experiência na vida das pessoas.

— Sim, mas a comunidade é somente composta pelo "teu povo". "Aquele outro povo" não faz parte dela. Vocês veem-se como separados uns dos outros.

— Isto conduz-nos à natureza das vossas crenças mais básicas. Vocês definem o Ego individual como aquela parte de vocês que termina na ponta dos dedos das mãos e dos pés. E, sim, alguns de vocês têm um sentido de "ego coletivo" que se estende à vossa família ou à vossa comunidade — e, em alguns casos, essa comunidade pode até ser bastante grande, mas continua a não ser inclusiva. Nela se incluirão todos os que pensarem como vocês, que se parecerem convosco, que concordarem convosco, mas outros não serão incluídos. Na verdade, ela poderá sistematicamente excluir outros.

— Portanto, muitas das vossas religiões organizadas ensinaram-vos a exclusividade. Desta maneira, criaram exatamente o oposto daquilo que pretendiam criar. Em vez de terem criado unidade, produziram divisão.

— Mas nós somos diferentes uns dos outros. Não há como o negar.

— Nada disse acerca de diferenças. Falo sobre divisões. As diferenças não são divisões.

— Mas nós *estamos* divididos entre nós.

— Não estão, não. Apenas julgam que estão. Agem como se estivessem. Na realidade, não estão.

— Isto é o que a maior parte das vossas religiões vos diz. Diz-vos que estão separados uns dos outros e que estão separados de Deus.

— Não estamos separados de Deus?

— Não.

— É claro que estamos. Deus é bom. Deus é grande. Nós somos maus. Somos pecadores. Não passamos de ínfimas manchas de sujidade, indignos até de sermos calcados pelos pés do Senhor. É nosso dever mostrarmo-nos humildes perante Deus, não esquecendo jamais a nossa relativa insignificância perante Aquele que nos criou.

— De acordo com algumas religiões, devemos pôr-nos de joelhos, humildemente suplicantes, enquanto orarmos. De acordo com outras, devemos prostrar-nos, com o rosto junto ao chão, cinco vezes por dia quando prestarmos culto a Alá. Em outras tradições ainda, devemos fazer uma vénia profunda. Devemos bater no peito. Devemos flagelar-nos com chicotes. Devemos…

— …Pára! Compreendo. Estou a ver a ideia.

— Estás agora a dizer-nos que percebemos isto tudo mal?

— Estou a dizer-vos que houve um mal-entendido. Fiz-vos chegar as minhas revelações através de diversos meios e através de muitos mensageiros, mas vim para vos exaltar, não para vos humilhar.

— Mas não merecemos ser exaltados. Só merecemos rastejar perante o Senhor.

— Porquê? Por que pensam assim?

— Porque te traímos!

— Ah, sim, a segunda falácia acerca de Deus.

CAPÍTULO 12

Um Deus à Semelhança dos Humanos

— Estás a dizer que não traímos Deus?

— Como podem trair Deus, se não há nada que Deus queira ou de que precise?

— Bem, é claro, eu não acredito nisso.

— Pois é. Tu acreditas na Primeira Falácia.

— E esse foi o meu primeiro erro?

— Exato. É sobre essa falácia que todas as outras se baseiam. A primeira falácia acerca de Deus é que Deus precisa de alguma coisa. A segunda é que Deus pode não conseguir satisfazer as Suas necessidades.

— Mas Ele pode não conseguir. Isso *aconteceu-Lhe*.

— Quando?

— No princípio. No Jardim do Éden. Disse aos humanos para não comerem do fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, mas nós fizemo-lo. Por isso, Ele expulsou-nos do Jardim. Exilou-nos do Paraíso.

— É claro que isto é apenas uma história. É uma parábola. Ê para que percebamos que nos separámos de Deus quando pecámos.

— Ah, sim, a terceira falácia acerca de Deus.

— Em primeiro lugar, acreditam que Deus precisa de alguma coisa.

— Em segundo, acreditam que Deus pode não conseguir satisfazer as Suas necessidades.

— Em terceiro, acreditam que Deus vos separou Dele porque foi por vossa culpa que Ele não conseguiu alcançar aquilo que queria.

— Mas é *verdade*. Precisavas que nós não pecássemos e nós pecámos. Por isso fomos castigados, banidos do Paraíso. Estamos separados de Deus. Agora temos de nos esforçar para regressar. Temos de voltar a cair nas boas graças de Deus.

— Minhas maravilhosas crianças, vocês nunca deixam de estar nas minhas boas graças. Na vossa imaginação, criaram um Deus que se deixa tomar pelo rancor. Eu não me deixo tomar pelo rancor. A minha sensibilidade não se deixa ofender. Vocês não são capazes

de Me aborrecer. Vocês não são capazes de Me enraivecer. O aborrecimento e a raiva são a perfeita antítese Daquele e Daquilo Que Eu Sou.

— Na vossa imaginação, Eu sou um Ser como vocês, apenas maior e mais poderoso, que vive algures no Universo — um qualquer tipo de figura paterna com necessidades de satisfazer o ego e com oscilações emocionais que se assemelham às vossas. Mas, digo-vos, eu não sou esse, nem sou isso.

— Eis a QUINTA NOVA REVELAÇÃO:

— Deus não é um Super Ser singular, que vive algures no Universo ou fora dele, que tem as mesmas necessidades emocionais ou que está sujeito às mesmas oscilações emocionais dos humanos. Aquele Que É Deus não pode ser ferido ou magoado de forma alguma e, por conseguinte, não tem qualquer necessidade de se vingar ou de impor castigos.

— Ora, Eu sei e compreendo que isto refuta a vossa teoria. Isto põe tudo de pernas para o ar. Pois todo o vosso sistema que determina o que é o certo e o errado, o que é o Bem e o Mal, a justiça e a injustiça, se baseia numa ideia contrária. Uma ideia que é alimentada pela crença de que Deus tem necessidade de se vingar e de impor castigos.

— A maior parte das pessoas não quer "abandonar" um Deus punitivo, porque quer ter a sensação de que há alguma justiça no

Universo. Se os "vilões" não forem castigados enquanto estiverem na Terra, pelo menos podemos acreditar que "terão o que merecem" quando morrerem — porque "Deus nos prometeu justiça".

— Não existe nada que se assemelhe a recompensa ou a castigo no meu reino. Contudo, ao dizer que não existe uma coisa como "castigo" não estou a afirmar que não existem consequências.

— Quando fizeres aquilo a que se chama "morrer" — isto é, após terminares o teu tempo, com um corpo físico, aqui na Terra — ser-te-á dada uma oportunidade para uma Revisão da Vida. Na verdade, irás pedi-la. Irás querê-la. Será uma parte importante do processo pelo qual chegarás a saber mais sobre ti e sobre a vida, pelo qual evoluirás. Durante este processo da Revisão da Vida, serás capaz de sentir todos os momentos da tua vida, tudo o que alguma vez pensaste, disseste ou fizeste. Esta será uma experiência polivalente. Não a viverás somente do teu ponto de vista; vivê-la-ás do ponto de vista de todas as pessoas cuja vida foi tocada pela tua.

— Terás a capacidade de sentir o que elas sentiram em consequência do que tu estavas a pensar, a dizer ou a fazer.

— Deixa-me ver se entendo isto. Vou passar por todas as interações da minha vida, uma interação de cada vez, *do ponto de vista dos outros*?

— Exatamente.

— Meu Deus, isso será um inferno.

— Não. Será recordar. Recordar-te-ás de Quem Tu Realmente És e de quem te poderás tornar ao saber o que os outros sentiram quando estavam nas tuas mãos. Mas ainda que tenha sido doloroso para eles, tu não sofrerás.

— Como é que isso é possível?

— O sofrimento é uma perspetiva. Lembra-te disso. A dor é uma sensação; o sofrimento é uma perspetiva sobre essa experiência. Sentirás a dor — como uma mãe sente as dores de parto — mas não a encararás como sofrimento. Para completar a analogia, senti-la-ás como a alegria de dar à luz. Neste caso, a um Novo Tu. A um Tu que agora percebe mais, que compreende mais, que entende mais, que sabe mais — e, consequentemente, está pronto para sentir o Ego de uma nova maneira.

— A este processo chama-se evolução. E, neste processo de evolução, os conceitos primitivos de "recompensa e de castigo" não têm lugar.

— Pode ser difícil para muitos humanos compreender isto. Sem Recompensa e Castigo, tudo parece desmoronar-se.

— A menos que tal não aconteça.

— A menos que os humanos se empenhem em criar os entendimentos que quiserem acerca dos conceitos de "certo" e de "errado", de "Bem" e de "Mal", de "justiça" e de "injustiça", sem recorrerem a Deus para os justificar.

— Estás a falar sobre um código secular. Muitas religiões organizadas dizem que este é o Grande Mal que se apodera do mundo. Apelidam-no de *secularismo* ou de *humanismo* ou, pior ainda, de *humanismo secular*, dizendo que este é o maior inimigo de Deus.

— É claro que dizem isso, porque é uma grande ameaça para elas. Deus não tem "inimigos" porque Deus não pode ser ferido, magoado ou destruído.

— Mas os nossos dicionários definem "secularismo" como sendo a "rejeição ou a exclusão da religião e das considerações religiosas". E é este o meu argumento.

— Não diz nada acerca da rejeição ou da exclusão da espiritualidade ou de considerações espirituais.

— Qual é a diferença entre a religião e a espiritualidade?

— Uma é uma instituição e a outra é uma experiência.

— As religiões são instituições erguidas em torno de uma ideia particular do que as coisas são. Quando essas ideias se endurecem

e se petrificam, passam a chamar-se dogmas ou doutrinas. A partir desse momento, torna-se difícil desafiá-las. As religiões organizadas exigem que acredites nos seus ensinamentos.

— A espiritualidade não exige que acredites no que quer que seja. Pelo contrário, apela continuamente para que repares na tua experiência. É a tua experiência pessoal, e não aquilo que alguém te disse, que se torna a tua autoridade.

— Se tivesses de pertencer a uma religião em particular para encontrar Deus, isso significaria que Deus exigia que seguisses uma forma particular ou um meio especial para ir ao Seu encontro. Mas por que faria Eu uma tal exigência?

— Não sei. Por que é que fazes essa exigência?

— A resposta é: Eu não a faço. A ideia de que Deus tem somente uma forma de chegar até Ele ou de que existe um meio particular de regressar para Ela e de que só uma forma — e apenas uma — irá resultar, é uma consequência da ilusão da exigência.

— A ilusão da exigência?

— Esta é mais uma das ilusões dos humanos, outra daquelas falsas crenças de que já falámos anteriormente. Não tem nenhuma relação com a realidade.

— Não tenho qualquer necessidade de vos pedir o que quer que seja, porque não tenho necessidade de receber o que quer que seja de vocês. E, ao contrário daquilo em que acreditam, não tenho absolutamente nenhuma necessidade de vos exigir que venham até mim de uma determinada maneira.

— Será que rezar um terço é melhor do que rezar o savitu? Será que a prática chamada bhakti é mais sagrada do que a prática chamada seder?

— Será que uma igreja é mais sagrada do que uma mesquita? Será que uma mesquita é mais sagrada do que uma sinagoga Será que me encontrarão num lugar e não no outro?

— Quero dizer que a resposta é não. Mas, então, por que razão insistem as religiões em dizer que o seu caminho é o melhor caminho — não, não, o ÚNICO caminho — até ti?

— É bastante útil para as religiões organizadas imaginarem que assim é, porque desta forma obtêm um instrumento com o qual podem perseguir, agregar e reter membros — e, por conseguinte, continuar a existir.

— A primeira função de todas as organizações é a de se perpetuarem. A partir do momento em que uma organização alcança o objetivo para o qual foi formada, torna-se desnecessária. Eis a razão pela qual as organizações só muito raramente completam a tarefa para a qual foram indicadas.

— As organizações não estão, regra geral, interessadas em se tornarem obsoletas.

— Isto é tão verdadeiro para as religiões como para qualquer empreendimento organizado. Talvez mais ainda para as religiões. O facto de haver uma determinada religião organizada que já existe há muito tempo, não é um indicador da sua eficácia, mas precisamente o contrário.

— Mas se não fossem as religiões, como saberíamos voltar para Deus?

— Em primeiro lugar, não podem não "voltar para Deus". Isto porque nunca deixaram Deus e Deus nunca vos deixou.

— A Terceira Falácia Acerca de Deus é que Eu e vocês estamos separados. Como pensam que estamos separados, continuam a tentar voltar para Mim.

— Ei, espera! Tenho uma ótima história para contar agora! É mesmo boa!

— Está bem! Vamos lá a isso!

— É acerca de um rapaz que insiste em esgueirar-se para o bosque, uma ou duas vezes por dia. O pai começa a ficar preocupado. O que andará o rapaz a fazer ali todos os dias? Certo dia, o pai pergunta ao rapaz:

— Por que passas tanto tempo nesse bosque?

— E o rapaz responde:

— Para estar mais perto de Deus.

— Bem, — diz o pai, aliviado — não tens de ir para o bosque para fazer isso. Deus está em toda a parte. Deus não é uma coisa na floresta e outra diferente no resto do mundo.

— Sim, pai, — diz o rapaz sorrindo — mas, no bosque, *eu* sou diferente.

— Ah, é uma bela história.

— Tanto o pai como o filho disseram uma grande verdade.

— O filho compreendeu que Deus está em toda a parte, mas era no bosque que ele conseguia acalmar-se e aperceber-se melhor da presença de Deus em toda a parte.

— Isso é de uma grande sapiência. A história ensina-vos que se pararem de fazer aquilo que estão a fazer, só por um momento, todos os dias, serão capazes de sentir a presença de Deus.

— Também o pai era sábio. Pois entendeu que não era necessário ir para o bosque. A história aqui ensina-vos que é quando levam o

bosque dentro de vocês para onde quer que vão que começam a ter mão na vida.

— Eis a Quarta Falácia Acerca de Deus: Há algo que vos é pedido que façam para poderem regressar a mim. Há algumas estipulações que têm de cumprir para que se reúnam a Deus naquilo a que chamam "Céu".

— Mas há Boas Novas. Não existe outro local para além deste. O desafio não é o de "ir para" o Céu, mas o de ter consciência que já lá se está. Pois o Céu é o Reino de Deus, e não há nenhum outro reino.

— Todavia, mesmo se houvesse qualquer outro lugar para além do Céu e estivesses à procura de "orientação", seria algo muito complicado conseguir obtê-la na maior parte das religiões organizadas.

— Há milhares de religiões diferentes sobre a Terra e cada uma tem o seu próprio conjunto de "orientações", que refletem as suas ideias acerca de como é que "Deus o pretende".

— É claro que, tal como tem vindo a ser dito aqui repetidamente, não há uma forma particular, "pretendida" por Deus, para que se lhe preste culto.

— Nem sequer Deus tem qualquer necessidade de ver que lhe prestam culto.

— O Ego de Deus não é assim tão frágil que Ela precise de vos exigir que se ajoelhem perante Ela, em total reverência, ou que rastejem à Sua frente, em sincera súplica, para vos achar dignos de receber em bênçãos.

— Que espécie de Ser Supremo teria necessidade disso? Que tipo de Deus seria esse?

— Esta é a pergunta que devem fazer sinceramente a vocês próprios.

— Foi-vos dito que Deus fez os humanos à sua imagem e semelhança, mas lanço-vos uma pergunta: Será possível que as religiões tenham moldado Deus à imagem e semelhança dos humanos?

— Já tinhas feito esse comentário anteriormente.

— É verdade. É uma questão que te convido a explorar profundamente. Porque aquilo que os humanos fazem, quando não obtêm dos outros aquilo que deles exigem, é ficarem zangados. Depois, se realmente julgam precisar daquilo que exigiam e que ainda não conseguiram alcançar, os seres humanos condenam e destroem quem não lhes dá aquilo que exigiram.

— É exatamente isto que vocês dizem que Deus faz.

— Esta é a Quinta Falácia Acerca de Deus. Vocês acreditam que Deus vos destruirá se não forem ao encontro das suas exigências.

— Nada poderia estar mais longe da verdade. Por que vos destruiria eu? Que objetivo seria alcançado dessa maneira?

— Justiça.

— Justiça?

— Deus é justo. Se desobedecermos à Lei de Deus, seremos castigados.

— E o que é isso da "Lei de Deus"?

— Está tudo lá, no Livro.

— Que livro?

— Cá vamos nós outra vez. Tu sabes a que livro me refiro.

— Ah, claro, o livro em que tu acreditas.

— Certo.

— Estás a aperceber-te deste círculo? É um círculo vicioso. Continuará a dar voltas e mais voltas, originando desastres

humanos atrás de desastres, até que sejam todos capazes de estar de acordo em relação a um conjunto de leis que não se baseiem em nenhuma religião em particular.

— Estás a referir-te à criação de uma sociedade secular.

— Estou a referir-me à criação de uma comunidade espiritual, por oposição a uma comunidade religiosa. Uma comunidade baseada em princípios espirituais, não uma comunidade baseada nas doutrinas das maiores religiões organizadas, que não passam, na sua maior parte, de entendimentos enraizados e incompletos e de teologias exclusivistas.

— A comunidade que vos apelo a criar teria sólidas bases em todas as Novas Revelações, incluindo a ***SEXTA NOVA REVELAÇÃO****, que destrói para sempre as Cinco Falácias Acerca de Deus:*

— Todas as coisas são Uma Coisa. Há apenas Uma Coisa, e todas as coisas fazem parte da Única Coisa Que É.

CAPÍTULO 13

O Movimento é a Natureza do Universo

— A afirmação de que "todas as coisas são uma coisa" significa que todos estamos interligados, porque tudo faz parte do mesmo cosmos, ou significa que todos somos, muito literalmente, *a mesma coisa*?

— Significa que todos vocês são a mesma coisa.

— Tudo no Universo é feito da mesma matéria. Podem, no entanto, dar o nome que quiserem a essa matéria. Podem chamar-lhe Deus, podem chamar-lhe Vida, podem chamar-lhe Energia, ou quaisquer outros nomes, dependendo da forma como Ela se manifestar. Isso não fará com que deixe de ser a mesma coisa.

— Portanto, não conseguem de forma alguma estar separados de Mim.

— Nem de qualquer ente vivo.

— Nem de coisa alguma. Todas as coisas vivem. Se há algo que não existe é uma Coisa Morta.

— Pedras? Pó? Outros objetos inertes?

— Como é que defines um "objeto inerte"?

— Bem, cá vamos nós outra vez ao dicionário. "Inerte" significa "que não tem movimento ou atividade própria".

— Isso é coisa que não existe no Universo.

— As pedras têm o poder de se movimentar?

— As pedras são movimento em si próprias, de uma forma particular, a uma velocidade particular, com uma vibração particular.

— Tudo está em movimento. Tudo. O movimento é a natureza do Universo e de todas as coisas nele existentes. Não há nada que não esteja em movimento. Nada.

— Quando observas uma pedra ao microscópio, o que é que vês?

— Moléculas. Átomos.

— Sim. E que estão essas coisas a fazer?

— A mexer-se.

— Certo. Agora, quando a observas com um microscópio muito poderoso, o que descobres?

— Partículas subatómicas. Protões, neutrões, eletrões, hadrões, bariões, mesões, quarks, antiquarks.

— Bem. E o que é que todas essas coisas estão a fazer?

— Hã… a mexer-se?

— Exatamente. Há alguma delas que esteja parada?

— Não.

— Por outras palavras, tudo é feito de Coisas Que Estão em Movimento. Concordas?

— Acho que sim.

— Eis, então, a pergunta fundamental.

— Sim…

— O que as faz estar em movimento?

— Não me parece que o saiba.

— Tenta adivinhar.

— Alguma força invisível. A gravidade?

— Na verdade, à escala atómica, o efeito da força da gravidade é praticamente nulo quando comparado com as outras forças em ação.

— Outras forças?

— A vossa ciência já descobriu três outras forças básicas, qualquer uma delas mais forte do que a força da gravidade. Juntamente com a gravidade, vocês conhecem-nas pelas Quatro Forças Básicas. Por ordem decrescente, elas são: a força positiva, a força eletromagnética, a força negativa e a gravidade.

— Uau, obrigado pela lição de física.

— Ainda não começámos, meu filho. Ainda nem sequer começámos. Poderíamos falar aqui de leptons e de neutrinos, do muon e do tau — de muitas, muitas outras coisas. Poderíamos falar acerca do Campo Unificado de Tudo e, ainda assim, só conseguiríamos abordar superficialmente a Verdade Acerca da Vida.

— Há mais coisas entre o céu e a terra do que as que são sonhadas pela tua filosofia.

— Então, o que *faz* com que as coisas se mexam? O que mantém tudo em movimento?

— Em termos simples, para que possas compreender?

— Por favor.

— Eu.

— Tu?

— Eu sou a Causa Primeira. Eu sou aquilo que provoca todos os movimentos. Poderias dizer: "Deus é fixe. Deus sabe pôr as coisas a andar."

— Eu sou o Alfa e o Ómega, o Princípio e o Fim, o Aqui e o Ali, o Antes e o Depois, o Acima e o Abaixo, a Esquerda e a Direita, e o Espaço Entre as Coisas.

— Eu sou o Tudo-Não Tudo; o Ser-Não Ser. Eu sou Aquele Que É e Aquele Que Não É. O que quer dizer, com efeito, que nada existe Que Seja, porque na ausência Daquele Que Não É, Aquele Que É... não existe. E, consequentemente, isto significa que não existe nada Que Não Seja.

— Tudo É e Não É.

— Compreendes?

— É claro que sim. Então não é que ontem estava a dizer isso a uns amigos meus no Murphy's?! Estávamos para ali a passar o tempo, estás a ver, entretanto começámos a falar sobre Deus e, de repente, quando eu ia abordar todas essas questões, apercebi-me de que já era muito tarde e que tinha mesmo de me ir embora.

— Engraçadinho.

— Qual era, então, o objetivo de tudo isto?

— É, tal como disse, afirmar que todos somos a Mesma Matéria. Somos todos Aquilo Que Está Em Movimento. Não há nada que não esteja em movimento. Tudo está em movimento. Nada está parado. Nada mesmo. Tudo é Matéria Em Movimento. Isto aplica-se a vocês e às pedras. Todos vocês são a Mesma Matéria. Esta "matéria" chamada Vida.

— Tudo Na Vida É Vida.

— Consegues abarcar este conceito?

— Acho que nunca tinha ouvido ninguém dizê-lo dessa forma.

— És capaz de aceitar o conceito? Não há nada na Vida que não seja uma parte da Vida. Consegues estar de acordo com isto?

— Bem, sim, acho que sim…

— Ótimo. Então estás apenas a um passo de compreender uma verdade superior.

— Que é?

— A de que tu e Deus são Um.

— Não me parece que consiga dar esse salto. Como pode tal ser verdade?

— É verdade, se entendermos que "Vida" é apenas mais uma palavra para "Deus" – o que, de facto, é.

— Há apenas Uma Coisa e essa Coisa pode ser apelidada de Deus, Vida, Tudo O Que Existe, ou o que quer que queiram chamar-lhe.

— Todos vocês são manifestações dessa Coisa Única, assim como tudo aquilo que observam com os vossos cinco sentidos — e também tudo aquilo que observam com o vosso sexto sentido.

— Na verdade, os vossos cinco sentidos são recetores relativamente primitivos. Apenas captam cerca de um décimo dos dados do mundo que vos rodeia. O vosso sexto sentido capta bastante mais.

— O meu sexto sentido?

— Sim.

— O que é isso? Intuição?

— É o nome que lhe dão. Também o apelidam de perceção extrassensorial. É a este nível de perceção que muitos mistérios do Universo poderão ser revelados e então poder-se-á perceber que eles não são de todo misteriosos.

— Bem, isto tem sido tudo muito fascinante, mas o que é que tudo isto tem a ver com a paz mundial e com a crise com que o mundo hoje se depara?

— Tem tudo a ver.

— Tudo?

— Tudo.

— De que forma?

— Porque apenas estão a fazer uso dos vossos cinco sentidos para compreender o mundo que vos envolve. E apenas usam cinco sentidos na sua construção. Mas, para criarem o tipo de

comunidade de que estou a falar, para criarem o mundo dos vossos sonhos, têm de usar o vosso sexto sentido.

— Porquê? Como?

— Tudo aquilo em que acreditam acerca de Deus e acerca do vosso mundo chegou-vos através dos vossos cinco sentidos. Isto aplica-se à vasta maioria das pessoas do vosso planeta. Sempre foi proibido compreender Deus através do sexto sentido. Todos os humanos que o fizeram e que o proclamaram publicamente foram humilhados e perseguidos.

— E assim, foi-vos exigido que compreendessem Deus, que vive para além dos vossos cinco sentidos, fazendo uso apenas dos vossos cinco sentidos.

— Na verdade, apenas estão a usar dois deles. O que a maior parte das pessoas conhece acerca Deus, deve-o sobretudo ao que ouviu ou leu. Se tiverem uma sensação quanto à essência de Deus que seja diferente daquilo que ouviram ou leram, é-lhes dito para ignorarem essa sensação. Essas pessoas são repreendidas, sendo-lhes dito que tais sensações são "obra do demónio".

— O teu conhecimento acerca de Deus é conhecimento transmitido. Alguém disse a alguém, que disse a alguém que disse a alguém, que disse a alguém que disse a alguém, que te disse a ti.

— Bem, de que outra forma podemos descobrir Deus? Alguém tem de nos contar, porque, em si próprio, Deus é o Incognoscível.

— Então, como é que os que falaram aos humanos acerca de Deus pela primeira vez souberam da Sua existência?

— Escutaram os Mestres e os Profetas.

— E como é que os Mestres e os Profetas, por eles citados, souberam da existência de Deus?

— Através da revelação direta.

— Quer isso dizer que a revelação direta é um meio válido para se chegar ao conhecimento de Deus?

— Sim, mas só se tivermos sido pessoas muito velhas que viveram em tempos muito antigos. Sei para onde me queres levar, mas eu não aceito ir.

— Talvez devas considerar que aquilo de que o mundo precisa agora — tendo em conta aquilo que diz querer vir a experienciar, ou seja, paz e harmonia — é de uma Nova Espiritualidade baseada em Novas Revelações.

— De que tipo de Nova Espiritualidade estamos nós a falar?

— Uma espiritualidade que se expanda a partir das religiões organizadas na sua atual forma. Pois são as vossas antigas religiões, com as suas limitações inerentes, que vos impedem de sentir Deus tal como Deus realmente é.

— Elas também vos impedem de sentir paz, alegria e liberdade — que são outras palavras para dizer Deus como Deus realmente é.

— Sim... bem, tal como antes disse, esta chamada "nova espiritualidade" soa-me demasiadamente a humanismo, não tendo em si qualquer relação com Deus.

— E como é que o teu dicionário define "humanismo"?

— "Um modo de vida centrado nos interesses e valores humanos".

— O que há de errado nisso? Por que é que alguém há-de ter problemas com isso?

— Porque a vida deve ser centrada nos interesses e valores de *Deus*, não nos nossos.

— Julgas que eles são diferentes?

— É claro que são diferentes. Deus quer uma coisa e nós queremos outra. É esse o *problema*.

— Os vossos problemas não são criados por seres humanos que fazem coisas que não estejam de acordo com aquilo que dizem ser "o que Deus quer que façam"; os vossos problemas são criados por pessoas que fazem exatamente o que dizem ser o que "Deus quer que façam".

— Já reparaste nisso?

— Hum, sim, em certos casos, mas...

— Em certos casos? Em quase todos os casos. Foram travadas mais guerras por causa das religiões organizadas do que por qualquer outra causa. Mataram-se milhões de pessoas em nome de Deus.

— Não é esta a blasfémia?

— Tudo mudaria no vosso planeta se simplesmente parassem de dizer a vocês próprios que estão a cumprir a vontade de Deus quando se magoam uns aos outros.

— Bem, acho que não o vemos dessa forma...

— Vocês vêem-no exatamente dessa forma. E insistem que Deus o vê dessa forma.

— Chegam mesmo a dizer a vocês próprios que Deus quer que combatam por ele, que matem por ele.

— Não é verdade. Ninguém diz isso. E ninguém diz que Deus diz isso.

— A sério? Será que tenho de citar livros sagrados outra vez? No Corão, Deus não só diz que se deve combater, mas que quem não o fizer irá para o Inferno.

— Não, não, não... um livro sagrado exorta à paz, não ao combate.

— Bem, Deus não pede apenas para combater qualquer um. Deus pede que se combatam aqueles que não acreditam na forma como Ele vos ensinou a acreditar.

— Deus não faria tal coisa. Deus é o maior pacificador do Universo. Deus é a Própria Paz. Deus não pediria aos seus seguidores que combatessem outros, somente porque estes têm uma crença religiosa diferente.

— Mas os humanos dizem que Deus faz precisamente isso.

— No Corão, pode ler-se em Surata 9:123:

— "Ó vós que credes! Combatei, entre os incrédulos, aos que vos rodeiam! Encontrem em vós a dureza! Sabei que Alá está com os piedosos."

— E no Bhagavad-Gita, Cântico 2, texto 31, é dito:

— "(...) tu não poderás afastar-te tremendo, porque, para o homem de guerra, segundo a lei sagrada do seu Estado, não existe bem superior à batalha."

— Está bem, talvez isso sugira que os verdadeiros crentes possam querer combater pelas suas crenças, mas não é dito que *têm de o fazer*, nem que Deus os castigará se não o fizerem. Isso deriva do exagero de alguém. Mas não é a palavra de Deus.

— A sério? Lê Surata 9:38 e 9:39:

— "Ó vós que credes! Que vos acontece quando se vos diz:

— "Competi na senda de Alá!", e permaneceis cravados na Terra? "Se não competirdes na senda de Alá, Ele vos atormentará com um tormento doloroso (...)."

— Ou, então, lê o Gita, Cântico 2, textos 32-33. "Seja qual for a sorte por que ela se ofereça, é a porta aberta para o Céu."

— Felizes são aqueles, diz o Gita, "(...) aos quais cabe tal batalha".

— "Mas se não travas esse justo combate, tu renuncias ao teu dever de estado, à honra e instalas-te no pecado."

— Portanto, se procuras saber de onde vem toda esta "mentalidade guerreira", qual a origem destas tendências culturais para travar batalhas religiosas e para alguém se tornar um bombista-suicida, basta que dês uma olhada em muitas das vossas escrituras sagradas e que prestes atenção aos vossos mestres religiosos. Eles têm guiado a vossa espécie há várias gerações. E quase todos eles prometem que, independentemente de perderem ou ganharem a batalha, vocês terão a vossa recompensa.

— Tal como é declarado pelo Bhagavad-Gita, de forma consideravelmente vigorosa:

— "Morto no combate, tu ganharás o Céu, ou, vitorioso, gozarás da vasta terra; por isso, ergue-te resoluto para o combate (..)":(2:37).

— Aí está. Sai-se sempre a ganhar! Até já ouvi dizer que é dito aos muçulmanos que, se morrerem quando matam outros num ato de *jihad* — como por exemplo, nos suicídios-bombistas —, serão recompensados no céu com a possibilidade de fazerem sexo ilimitado com setenta e duas virgens.

— Sim, foi feita essa promessa. No Corão, em Surata 8:67, Deus também ordena que se combata até que todos na terra do inimigo estejam subjugados e que, até lá, não se façam prisioneiros.

— Deus ordena que não se façam prisioneiros?

— É exatamente isso que Deus afirma nesta passagem. Até que o povo contra o qual se combate esteja completamente subjugado. E quando estiver, Deus diz que é correto montar-se um sistema de corrupção, através do qual os restantes infiéis têm de pagar para não serem mortos. A isto podemos chamar o Sistema de Extorsão Divino.

— Isso é ridículo. Nenhum livro sagrado se atreveria a sugerir tal coisa.

— A sério? Dá uma olhada em Surata 9:29.

— Aqui diz: "Combatei os que não creem em Alá nem no Último Dia nem proíbem o que Alá e o Seu Enviado proíbem, os que não praticam a religião da verdade (...)."

— E por quanto tempo diz aí que se deve combatê-los?

— Deixa-me ver, "(...) até que paguem a *Jizya* (...)." Oh, sim, ouvi falar disso. Li que para evitar a morte de todos os não-muçulmanos, quando uma aldeia ou uma área é tomada por muçulmanos, se exige um tributo. Isto é feito normalmente sob a

forma de jizya — um imposto individual fixo aplicado a não-muçulmanos para fins de proteção e outros serviços — ou de *kharaj*, um imposto sobre a terra. Mas julgava que se tratava apenas de uma tradição bárbara; não sabia que o pagamento de uma jizya para proteção era uma instrução religiosa realmente dada pelo Corão.

— Agora já sabes.

— Está bem, mas a sério, ninguém nos tempos modernos acredita mesmo nisso nem vive desta forma. Isto é, essas palavras foram escritas em tempos muito antigos. O mundo dessa época era diferente. Ninguém hoje em dia acredita que o Islão obrigue os seus seguidores a subjugar outros povos e países ou a matar infiéis. Pelo menos, ninguém em lugares de importância o faz. Talvez alguns fundamentalistas radicais o afirmem, mas ninguém com alguma verdadeira credibilidade o diria.

— Considerarias o líder político ou religioso de um país inteiro uma pessoa com credibilidade?

— Com certeza. Mas os líderes religiosos ou políticos não fazem semelhantes afirmações.

— O Papa fê-las no tempo das Cruzadas.

— Está certo, sim, mas isso também foi há muito tempo atrás. Estou a falar dos dias de hoje. Estou a falar dos tempos modernos.

A raça humana amadureceu. Evoluiu. Essas atitudes nunca seriam expressas por um líder religioso ou político nos tempos modernos.

— É claro que existe a declaração do Ayatollah Khomeini do Irão, que encontramos no livro *Holy Terror: Inside the World of Islamic Terrorism*, da autoria de Amir Taheri, publicado em Londres em 1987.

— Sim, existe essa declaração. Por que não nos contas a todos o seu conteúdo?

— Bem, nesse livro, é atribuída ao Ayatollah, líder religioso supremo do Irão e *consequentemente* seu líder político também, a seguinte declaração:

— "O Islão apela a todos os adultos do sexo masculino, desde que não sejam inválidos nem estejam incapacitados, para que se preparem para a conquista de países, a fim de que a escritura do Islão seja obedecida em toda a parte do mundo.

— "Mas aqueles que estudam a Guerra Santa Islâmica compreenderão por que razão o Islão quer conquistar todo o mundo (...). Aqueles que nada sabem acerca do Islão reclamam que o Islão se opõe à guerra. Quem diz tal coisa é ignorante. O Islão diz: Matem todos os infiéis, tal como eles vos matariam a todos! Será que isto quer dizer que os muçulmanos devem ficar sentados até que sejam devorados? O Islão diz: Mata ao serviço de Alá aqueles que te querem matar! (...) O Islão diz: O que quer que exista de bom deve-

se à espada e à sombra da espada! As pessoas não obedecem senão à espada! A espada é a chave de entrada no Paraíso, que apenas pode ser aberto aos Guerreiros Sagrados! Existem centenas de outros salmos e Hadiths que exortam os muçulmanos a valorizar a guerra e a combater. Será que tudo isto significa que o Islão é uma religião que impede os homens de fazer a guerra? Cuspo nas almas patetas dos que fazem semelhante declaração."

— Pois agora digo-te o seguinte: os humanos fizeram uso do anúncio de que cumprem a Vontade de Deus como pretexto para racionalizarem e justificarem os comportamentos mais bárbaros que alguma vez imaginaram, os comportamentos mais injustos que alguma vez poderiam ter maquinado, os comportamentos mais ímpios que alguma vez poderiam ter infligido a pessoas insuspeitas e inocentes.

— Fizeram uso desses comportamentos para prosseguirem os vossos objetivos, não os de Deus.

— Digo-te que devem afastar-se das vossas Velhas Ideias do "caminho de Deus" e entrar numa Nova Experiência de Divindade, se alguma vez pretendem ver paz na Terra.

— Disseste que os vossos interesses e os interesses de Deus não são os mesmos e que isso é óbvio. Porém, agora venho dizer-vos que os interesses de Deus e dos humanos não são divergentes, mas sim idênticos. O facto de não os verem como apenas um é que está na origem do problema.

— Enquanto insistirem que têm de servir os interesses de Deus em vez dos interesses dos humanos, é-vos permitido definir os interesses de Deus à vossa vontade. E é isso que fazem — de acordo com as vossas próprias crenças acerca de Deus e dos desejos e expetativas de Deus. Não pode ser-se assim tão impreciso quanto aos interesses da Humanidade, pois os interesses da Humanidade são evidentes.

— O maior interesse de toda a Humanidade é a Vida. Este é igualmente o maior interesse de Deus, mas vocês declaram o contrário.

— Vocês imaginam que Deus tem um interesse maior do que a vida humana e é isso que vos permite desperdiçá-la impunemente.

— O humanismo puro nunca permitiria que destruíssem a vida de forma tão hipócrita. Somente as religiões organizadas poderiam justificar uma tal farsa.

CAPÍTULO 14

Uma Observação não é Um Julgamento e Uma Declaração não é Uma Acusação

— Essa acusação é muito forte.

— A acusação existe na tua mente. Faz parte da vossa mentalidade de Culpado/Não Culpado, de "certo/errado". Eu limitei-me a fazer uma observação.

— A observação não é um julgamento e uma declaração não é uma acusação. Uma enunciação dos factos é apenas isso, uma narração das coisas tal como são.

— A observação diz as coisas "como são", em qualquer situação; o julgamento riposta: "são como?".

— Foram vocês que acrescentaram o "são como?" a todos os conjuntos de factos. Nada tem significado, exceto o significado que vocês lhe dão.

— São vocês que decidem se as coisas "como são" são "boas" ou "más", "certas" ou "erradas", "corretas" ou "incorretas", e baseiam essa vossa decisão na avaliação dos resultados obtidos (ou não!)

com as coisas tal "como são", dependendo daquilo que escolhem ser, fazer ou ter.

— O processo humano de observação, avaliação e seleção sempre funcionou desta forma e é circular.

— Vocês observam, avaliam e selecionam, observando depois os resultados das vossas opções, que são novamente avaliados e selecionados, e outra vez observados, avaliados e selecionados, num ciclo contínuo.

— É através deste processo que vocês decidem Quem Vocês Realmente São.

— Aquilo a que chamam evolução, mais não é do que o tomar e o retomar constante desta decisão.

— Foi para evoluir que a alma se juntou ao corpo. Isto é, para se tornar uma versão cada vez melhor de si própria.

— É este o objetivo da vossa vida na Terra e da vida em toda a parte. Tem sido difícil aplicar este processo a essa parte da vida a que chamam religião devido à ligação profunda que vocês têm às vossas crenças.

— É verdade que têm uma ligação emocional profunda a todas as vossas crenças, mas tem-vos sido particularmente difícil abandonar as vossas crenças religiosas. Em virtude disso, a

evolução das vossas religiões ficou a milhas de distância da evolução das vossas ciências, tecnologias e psicologias — de facto, o vosso entendimento de todos os outros aspetos da vida.

— Fizeram as coisas que têm vindo a fazer uns aos outros, em nome da religião, porque muitas das vossas atuais religiões organizadas — todas bem-intencionadas, todas de boa-fé, e profundamente assentes em alguns princípios espirituais grandiosos — são simplesmente incompletas nos seus entendimentos.

— A religião não pôde crescer.

— Na verdade, vocês não a deixarão crescer. Defendem que qualquer nova consideração que contradiga ou modifique uma antiga consideração é blasfema e herética. Defendem que não é possível haver Novas Revelações. A vossa posição é a de que tudo o que há para dizer já foi dito, tudo o que há para conhecer já é conhecido, tudo o que há para compreender já foi compreendido.

— A vossa luta desesperada para manterem a vossa espécie viva — para impedirem que os seus membros se matem uns aos outros e que destruam toda a vida existente — não acabará, e poderá muito bem acabar convosco, se não forem capazes de fazer uma simples declaração:

— Existe algo que eu não compreendo em relação a Deus e à Vida cujo entendimento modificará tudo.

— Temos de dar o Segundo Passo dos Cinco Passos para a Paz.

— Sim. Este é um passo essencial e insubstituível, pois somente com um novo entendimento da Vida e de Deus será possível aos humanos construir um código de conduta mais funcional e uniforme.

— Da forma como as coisas agora se encontram, é muito difícil criar um tal código de conduta funcional, porque muitos de vocês acreditam que o vosso código de conduta provém de Deus e, portanto, deverá ser o único a ser seguido.

— O facto de a maior parte das religiões exclusivistas do planeta o afirmarem e de as leis sagradas do mundo serem todas diferentes, não vos importa. Todos vocês acreditam que o vosso código de conduta é o código de conduta certo.

— Esta certeza é a vossa ruína.

— A vossa comunidade global não pode funcionar desta forma. Quando o vosso planeta albergava um grupo de comunidades mais pequenas, sendo que na sua maior parte existiam isoladas e sem qualquer ligação entre si, os seres humanos podiam funcionar dessa forma. Não era uma forma de funcionamento muito sofisticada, muitas vezes gerava infelicidade, mas pelo menos a espécie sobreviveu.

— Agora são uma comunidade global, interligada e interdependente. Vocês são realmente Todos Um Só, estejam ou não preparados para aceitar esta crença.

— Atualmente, uma rutura numa parte da comunidade provoca uma rutura no todo. E, portanto, terão de aprender a agir como um só, se pretendem sobreviver.

— Isto é algo em que tiveram muito pouca prática. Parece que para muitos de vocês a "unicidade" constitui, de facto, uma ameaça. E por isso prosseguem com os vossos antigos comportamentos, que permitiram que as diferenças gerassem divisões, desprezando o facto de que uma casa que se divide a si mesma não consegue manter-se intacta. Vocês não entendem que habitam a mesma casa. Por isso, por que razão deverão preocupar-se com divisões?

— Mas será que essa regeneração significa que já não podemos ter religiões diferentes, ou ideias diferentes quanto à forma como sentimos Deus?

— Claro que não. Significa que reparam na vossa Unicidade. A unicidade não é um sinónimo de uniformidade. A unidade e a individualidade não são mutuamente exclusivas. As diferenças não têm de provocar divisões e o contraste não tem de conduzir ao conflito.

— Os teus dedos não são de todo iguais. Parecem diferentes e todos têm diferentes funções. Contudo, todos fazem parte de uma mão e ambas as mãos fazem parte de um corpo.

— O teu nariz não é nada parecido com os teus olhos e a tua boca não se assemelha minimamente à tua testa. Cada uma destas partes tem uma função diferente. Porém, fazem parte de um rosto — o rosto com que encaras o mundo.

— Serias capaz de te prejudicares para te vingares de ti mesmo?[1]

— Então, por que permitem que as religiões o façam?

— Continuo a pensar naquele artigo de jornal acerca dos luteranos em protesto. Eles não estavam somente aborrecidos por um pastor luterano ter rezado com não-cristãos, estavam irados porque ele rezara com outros luteranos que simplesmente pertenciam a uma denominação luterana diferente! Disseram que isso constituía "uma ofensa absoluta ao amor de Cristo".

— E o que é que tu pensas disso?

— Não consigo imaginar que Deus pense assim. Não quero ter nada a ver com um Deus que pense assim. Quero sair a correr para

[1] No original, Would you bite your nose to spite your face? Expressão idiomática da língua inglesa, que não deve ser entendida literalmente. Contudo, é intenção do autor fazer um jogo de palavras com o tema dos dois parágrafos precedentes — partes do corpo. (N. T.)

a rua e comprar um daqueles autocolantes onde se lê. DEUS, SALVA-ME DO TEU POVO.

— E, no entanto, é importante salientar que estes comportamentos não são nem "certos" nem "errados", mas simplesmente deixaram de funcionar. Eles não funcionam de forma eficaz, dado que o que vocês dizem pretender é sobreviver em paz e harmonia.

— Precisam desesperadamente de um comportamento funcional, se querem que a vida na Terra, tal como a conhecem, continue.

— Neste preciso momento, os nossos comportamentos são lastimavelmente disfuncionais. Criámos uma sociedade completamente disfuncional.

— Essa é a tua observação, a tua avaliação e a tua escolha.

Não, não é a minha escolha. É aquilo que me é dado observar, mas não é aquilo que eu escolho.

— É claro que é. Todos os dias fazes essa escolha, ao não conseguires fazer nada em relação a isso.

— Isso não é justo. O que posso eu fazer? Não posso ser responsável por mudar todo o planeta neste preciso instante!

— Faço-te de novo a pergunta. Se não agora, quando? Se não tu, quem?

CAPÍTULO 15

Todo o Ataque é Visto pelo Atacante como Uma Defesa

— Como pode uma pessoa sozinha encarregar-se da tarefa de mudar o mundo?

— Se basta uma pessoa para instigar a autodestruição, por que não pode uma pessoa inspirar a autorrenovação?

— A raça humana está desejosa de se renovar a si mesma neste momento. Isto sente-se em toda a parte. Sente-se no ar. As pessoas só estão à espera de que alguém se levante e indique o caminho. Alguém que ponha as coisas a andar. Uma pessoa que derrube a primeira peça do dominó.

— Mas deixa-me clarificar uma questão. A era de Um Salvador chegou ao fim. Agora é necessária uma ação conjunta, uma combinação de esforços, uma cocriação coletiva. O que se pede agora, não é apenas uma pessoa, mas sim um vasto número de seres humanos dispostos a ser a tal "pessoa" na sua família, na sua comunidade, no seu círculo de influências, que se encarregará da tarefa de trazer a mudança nesse lugar e nesse momento.

— Neste contexto, uma pessoa pode fazer uma diferença enorme, pois é sempre uma pessoa dentro de cada grupo ou aglomerado de pessoas que apela a uma visão superior, que modela a verdade absoluta, que inspira, persuade, agita, desperta e, por fim, produz um campo contextual dentro do qual a ação coletiva é tornada possível e também inevitável.

— Serás tu essa tal pessoa? Escolhes ser uma inspiração para todos aqueles cujas vidas são tocadas por ti?

— Essa é a pergunta que a tua alma te faz agora. Eis a razão pela qual foste conduzido até este livro.

— Talvez um dos leitores deste livro seja essa pessoa. Talvez sejam vários. Talvez sejam muitos. Mas, por muitos de nós que respondam ao apelo, continuaremos a precisar da tua ajuda. Nós precisamos da ajuda de Deus.

— Compreendo. Também foi por essa razão que foste conduzido a este livro. Foi, de facto, assim que começaste este diálogo. Disseste que querias a minha ajuda. Foi um bom começo, mas não poderemos avançar se acreditares que Eu sou um Deus que está confuso.

— Quem acredita nisso?

— A maior parte da raça humana, a julgar pelas suas ações. Tal como disse, os seus códigos de conduta são notoriamente

diferentes de cultura para cultura, mas todos declaram basear-se na Palavra e na Lei de Deus. Se isso for verdade, Deus deve estar terrivelmente confuso.

— É claro que não diríamos que é Deus quem está confuso. Diríamos que os humanos é que o estão.

— Sim, e se todos tomassem atenção ao vosso código de conduta, deixariam de estar confusos.

— Exatamente! É isso.

— Porém, se Deus é o Todo-Poderoso, por que é que Ele muito simplesmente não diz de forma clara qual é o código de conduta correto? Por que é que Ele não resolve muito simplesmente a questão?

— Mas é exatamente isso que Ele está a fazer.

— Está?

— Não sabes que os Dias do Fim estão próximos? Não vês que a Vitória Final está ao nosso alcance? Não observas os frutos do combate, o resultado glorioso da *jihad*?

— Referes-te à chacina e à morte de milhares de pessoas em nome de Deus?

— Refiro-me à eliminação dos traidores infiéis. Refiro-me à purificação da sociedade humana.

— "Deveis expurgar o Mal dentre vós", diz a Bíblia. "Combatam-nos até que não haja mais conflito e que toda a fé se dirija a Deus", segundo ordens do Corão. "Para proteger homens de virtude, destruir homens que praticam o Mal e para estabelecer o padrão do dever sagrado, Eu surjo era após era", informa-nos o Bhagavad-Gita. Como vês, esta é a obra correta e justa do povo de Deus.

— Acreditas mesmo nisso?

— Não, não acredito.

— Então, por que o dizes?

— Quero ser justo e dar voz aos que acreditam.

— Foi esse tipo de crenças que criou o caos no mundo produzido pelas guerras religiosas. Entendes isso?

— Sim, é claro. A maior parte das pessoas entende-o — exceto aquelas que estão demasiado enredadas nessas crenças. O problema é que não sabemos o que fazer com elas. Não sabemos como ajudar as pessoas, que estão presas nessas crenças, a libertarem-se desse feitiço.

— Poderiam ajudá-las dizendo-lhes que conseguem perceber a forma como elas se sentem, que reconhecem serem essas as suas crenças e que gostariam de encetar um diálogo com elas acerca dessas crenças para verem o que estará na sua base — a fim de que ambos possam aprender.

— Mas se aquilo que elas fazem — a forma como se comportam — nos prejudicar ou magoar? E se as suas crenças levarem a que elas nos façam coisas horríveis?

— Até mesmo as pessoas que fazem coisas horríveis, param de as fazer — nem que só por uns momentos —, se lhes perguntarem por que razão as fazem.

— A natureza básica dos seres humanos não é serem horríveis. A natureza básica dos seres humanos é amarem. Quando os seres humanos são horríveis, tal deve-se a algo em que acreditam. Por isso, perguntem-lhes — mesmo que totalmente aterrorizados —, perguntem-lhes:

— O que te magoa tanto assim que faz com que sintas que precisas de me magoar para mitigar a tua dor?

— Aí está uma interrogação acutilante.

— É uma ótima pergunta para se fazer em qualquer situação de desacordo que esteja a fazer com que outra pessoa projete energia

negativa sobre ti. Resulta tanto em assuntos domésticos como na política internacional.

— Mas, uma vez feita a pergunta, deverás estar predisposto para ouvir a resposta. Não poderás encará-la como mera propaganda, nem rejeitá-la imediatamente. Não a poderás ignorar, desprezar ou desvalorizar só porque não concordas com ela. E, como é óbvio, irás discordar dela, caso contrário ninguém estaria a travar uma luta contigo.

— É importante compreender que, quando travam uma luta contigo, normalmente estão a lutar pela tua atenção.

— Se conseguissem que os escutasses e que os ajudasses na sua dor, sem terem de lutar contigo, renunciariam à batalha, nem que fosse para evitar o perigo que ela representa para eles.

— Mas, então, *por que* vão para a guerra ou iniciam uma batalha? Não têm consciência de que isso os coloca inevitavelmente em perigo?

— Porque pressentem que já lhes estão a acontecer coisas perigosas ou que estão prestes a acontecer-lhes — e é isso que procuram impedir que aconteça.

— Lembra-te do que te disse — nenhum país, grupo ou indivíduo que lança um ataque se vê a si mesmo como atacante. Todos se julgam na posição de quem se defende.

— "O que te magoa tanto assim que faz com que sintas que precisas de me magoar para mitigar a tua dor?" pode, por esta razão, ser uma pergunta muito útil.

— E se não houver nada que eu consiga fazer para os ajudar em relação àquilo que os magoa? E se o seu ponto de vista estiver distorcido e as suas exigências forem inaceitáveis?

— Toda a gente partilha um ponto de vista distorcido. Comecemos por aí. Deves ter consciência disso logo à partida.

— Para seres um agente de regeneração, precisas de compreender que ninguém faz nada que não seja correto, de acordo com a sua conceção do mundo.

— Isso quer dizer que tenho de aceitar como válido o ponto de vista de toda a gente?

— Tens de compreender que esse ponto de vista é válido para essas pessoas. Tens de estar pronto para enunciar Seis Palavras Que Podem Regenerar o Mundo:

— "Eu compreendo que te sintas assim."

— Não significa que partilhas os sentimentos de uma outra pessoa, ou que concordas com as suas ações, mas mostra que és capaz de compreender o que leva a que essas pessoas se sintam de determinada forma.

— Esta frase pode ser o suficiente para apagar grandes incêndios.

— A sério? Isto é, ela é assim tão poderosa?

— Sim, porque diz ao outro: "Tu não estás sozinho. Não estás a enlouquecer, não és o único que — devido às suas crenças, pensamentos e experiências — pode chegar a essas conclusões."

— Se queres ser um agente de regeneração, precisas de compreender que a maior dificuldade que as pessoas que têm um problema enfrentam, raramente é o problema em si mesmo, mas antes o medo de que ninguém o entenda. Se ninguém o entender, parecerá extremamente difícil encontrar uma solução.

— É por isto que a sensação de não se ser compreendido conduz ao desespero. E, inversamente, a sensação de que outra pessoa entende afasta essas pessoas de uma posição extremada e abre uma porta para a discussão.

— Isso ainda me parece muito difícil de alcançar. Se alguém nos estiver a bombardear, a envenenar a água que bebemos ou a conduzir uma guerra biológica no nosso país ou se, já agora, nos gritar aos ouvidos na cozinha da nossa casa, será muito difícil dizer-lhe: "Eu compreendo que te sintas assim."

— Se não o disseres, nem pelo menos perguntares "O que te magoa tanto assim que faz com que sintas que precisas de me

magoar para mitigar a tua dor?", nunca porás cobro à violência. Poderás interrompê-la, poderás adiá-la, mas jamais verás o seu fim.

— E isto — repito-o — é porque: Todo o ataque é visto pelo atacante como uma defesa.

— Compreender isto é a base de toda a regeneração.

CAPÍTULO 16

No Nosso Planeta não há "Atacantes", Só "Defensores"

— Achei as últimas declarações extremamente provocadoras. Será que podemos aprofundá-las mais um pouco?

— Com certeza. Devemos fazê-lo.

— O que queres dizer com "Ninguém faz nada que não seja correto, de acordo com a sua conceção do mundo"?

— Quero dizer que ninguém vê as suas ações como sendo "erradas".

— Mas as ações de algumas pessoas são erradas, independentemente da forma como essas pessoas as veem.

— Talvez esta seja uma boa altura para abordarmos a ***SÉTIMA NOVA REVELAÇÃO****.*

— Não existe Certo e Errado. Apenas existe Aquilo Que Resulta e Aquilo Que Não Resulta, dependendo daquilo que se procura ser, fazer ou ter.

— Como podes dizer isso? Como podes dizer que "Não existe certo e errado"?

— Porque é verdade. "Certo" e "errado" são criações da vossa imaginação. São julgamentos feitos por vocês, rótulos que vão criando à medida que avançam. São valores sobre os quais tomam decisões, dependendo do que se quer, individualmente ou como sociedade. Quando aquilo que vocês desejam se altera, também se altera aquilo que vocês decidem chamar "certo" e "errado". É a vossa própria história que o prova.

— Disparate. O que é básico não se altera.

— Ai não?

— Não.

— Dá-me um exemplo de um valor básico que não se altera.

— Está bem, o assassínio. "Não matarás" não se altera. Este é um valor humano básico.

— A menos que aquilo que desejam seja ganhar uma guerra.

— Não é justo. Isso é autodefesa. Temos o direito de nos defendermos.

— Bem, nem todas as guerras são guerras de autodefesa. O vosso planeta já se deparou com coisas como guerras de agressão.

— Sim, mas não falemos delas. Isso só vai complicar as coisas.

— Estou a ver.

— O nosso país nunca agride ninguém. As únicas guerras que travamos são guerras de *autodefesa*.

— O vosso país só trava guerras de autodefesa?

— E isso mesmo.

— É claro que é isso mesmo.

— E o que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que acabaste de provar o que eu já disse anteriormente. Não há nenhum país, nem um grupo de pessoas na Terra, que se imagine como agressor. Todos os que entram em guerra, fazem-no dizendo que estão a defender alguma coisa.

— Estás a compreender agora? Estou a insistir repetidamente neste ponto porque é algo a que deves prestar muita atenção.

— No vosso planeta, não há "atacantes", só "defensores". Alcançam este paradoxo, chamando defesa a todo o ataque. Desta forma, conseguem alterar os vosso valores básicos de um momento para o outro, de acordo com os vossos interesses, sem que pareça que os alteram.

— Chegam a matar pessoas impunemente, para obterem aquilo que pretendem, dizendo muito simplesmente que não tinham alternativa. Tinham de se defender.

— Todos os atacantes veem as suas ações desta maneira. Na verdade, foi exatamente desta maneira que vocês viram os vossos próprios ataques aos outros. Não apenas na guerra, mas em todas as situações de conflito na vossa vida, desde o campo de batalha até ao quarto de casal, desde centros de comando até conselhos de administração. Ninguém ataca, toda a gente defende.

— Ver um ataque que vos é lançado por outra pessoa desta forma pode produzir milagres. Porém, nunca poderão ver os ataques de outra pessoa desta forma enquanto imaginarem que existe algo como "certo" e "errado".

— Isto é muito difícil de engolir, espero que tenhas consciência disso. A ideia de um mundo onde não existe algo como certo e errado, é muito difícil de aceitar. Quer-me parecer que temos realmente alguns valores básicos neste planeta. Valores partilhados por todas as pessoas... ou, certamente, pela maioria delas.

— Bem, não te acanhes. Dá-me outro exemplo.

— Está certo, a proibição contra o suicídio. A maior parte das pessoas considera que um atentado contra a própria vida é errado. E imoral.

— Sim, quanto à questão de acabar com a própria vida, a perspetiva comum da maior parte das pessoas do vosso planeta é a de que "não é correto" fazer-se tal coisa.

— De forma semelhante, a maior parte de vocês insiste que não é correto assistir outra pessoa que deseje acabar com a sua vida.

— Em ambos os casos, dizem que isto vai "contra a lei". Chegaram a esta conclusão, presumivelmente, porque o fim da vida em questão ocorre de forma relativamente rápida. As ações que acabam com uma vida durante um período de tempo consideravelmente mais longo não vão contra a lei, apesar de alcançarem o mesmo resultado.

— Por conseguinte, se uma pessoa na vossa sociedade se matar com uma arma, os seus membros familiares perdem benefícios da seguradora. Se essa pessoa o fizer com cigarros, já nada lhes acontece.

— Se um médico te assistir no teu suicídio, será acusado de assassinato, ao passo que se uma tabaqueira o fizer, dirão que se trata de comércio.

— Convosco, parece tratar-se apenas de uma questão de tempo. A legalidade da autodestruição — o que ela tiver de "certo" ou de "errado" — parece ter muito a ver com a rapidez com que a ação é executada, bem como com quem a executa. Quanto mais rápida for a morte, mais "errada" parece ser. Quanto mais lenta for a morte, mais será vista como algo "correto".

— É interessante observar que isto é exatamente o contrário daquilo que uma sociedade verdadeiramente humana concluiria. Segundo qualquer definição a que chamariam "humana"; quanto mais rápida for a morte, melhor. Contudo, a vossa sociedade pune os que procuram seguir a via humana e recompensa os que seguem a via da insanidade. É uma perfeita loucura julgar que Deus pretende o sofrimento infinito e que um final rápido e humano para esse sofrimento é "errado".

— "Punam a humanidade, recompensem a insanidade."

— Este é um lema que apenas poderia ser defendido por uma sociedade formada por seres cujo entendimento é limitado.

— Vocês envenenam o vosso corpo através da inalação de carcinogéneos, envenenam-no através da ingestão de alimentos tratados com produtos químicos que acabam por vos matar e envenenam-no através do ar que respiram e que continuamente poluem. Envenenam o vosso corpo de centenas de maneiras diferentes e ao longo de milhares de instantes diferentes, fazendo-o com a consciência de que estas substâncias não vos fazem bem.

Mas como demoram mais tempo a matar-vos, cometem suicídio impunemente. (Retirado de Conversas Com Deus 3.)

— E no que diz respeito ao roubo? É um valor humano básico não tirar aos outros aquilo que não nos pertence.

— A menos que penses que os outros não têm direito aquilo que possuem, mas que esse é um direito teu.

— Isso não é justo. Se os outros não têm direito a alguma coisa e nós temos, então, nesse caso é precisamente *porque é nosso, e não deles*, que temos o direito de retirar essa coisa da sua posse.

— É claro que sim. De acordo com os vossos valores, isso é verdadeiro. Em particular, de acordo com o vosso valor denominado "propriedade" (que abordaremos mais adiante). Mas é precisamente esse o meu argumento. Mais não fazes do que comprovar o meu argumento.

— O meu argumento é o de que os vossos valores se alteram à medida que as vossas perceções se modificam. Alteram-se ao mesmo tempo que os vossos desejos se modificam, isto é, sempre que as coisas que vocês querem se alteram.

— Quando querem, desejam ou imaginam que têm uma tremenda necessidade de alguma coisa que a outra parte envolvida julga ser sua, vocês arranjam todas as justificações para a alcançar.

Acredita em mim. Já o fizeram. Vocês já fizeram exatamente isto que te digo.

— Os valores são amovíveis. Não conseguirás nomear um único "valor humano básico" que não tenha sido temporariamente posto de lado, que não tenha sido alterado ou completamente abandonado, em qualquer altura, por seres humanos que mudaram muito simplesmente de ideias quanto àquilo que queriam ser, fazer ou ter, num determinado momento.

— Portanto, se pensares que existe algo como "certo" absoluto ou "errado" absoluto, estarás a iludir-te a ti próprio.

— Queres dizer que estamos "errados"?

— Essa é uma pergunta muito perspicaz e salienta um problema muito relevante no que diz respeito à vossa palavra "errado". Há séculos que tem vindo a ser usada, pelo menos, de duas maneiras diferentes — para referir o que é "errado" e para referir o que é "imoral".

— Entende-se por "errada" uma ação que não dá origem ao resultado desejado ou previsto.

— Entende-se por "imoral" uma ação que viola algum código da vida ou uma lei fundamental que é imposta por uma sociedade — ou que uma sociedade imagina ter sido imposta por uma Divindade.

— É difícil falar de moral porque, tal como já referi, ela muda ao longo das épocas e de um lugar para o outro, dependendo do que uma sociedade ou os seus membros estejam a tentar alcançar. A moralidade é, por esta razão, extremamente subjetiva.

— É difícil falar de "erros", porque em sociedades religiosas ou contextos religiosos eles são muitas vezes vistos como um falhanço moral, mais do que como um simples falhanço operacional. Isto faz com que cometer um erro seja não apenas inconveniente ou pouco feliz, mas também pecaminoso. Em certas culturas religiosas ou moralistas, o erro humano comum pode ser considerado uma ofensa contra Deus — sujeito a sanções severas e desproporcionais ou até mesmo ao sofrimento.

— Já vimos alguns exemplos do que acabo de referir. Eis mais alguns:

1. *Aquele que amaldiçoar o seu pai ou a sua mãe será condenado à morte.*

2. *Os blasfemos serão apedrejados até à morte.*

3. *As mulheres que não cubram todo o seu corpo com uma veste poderão ser chicoteadas e espancadas.*

4. *As mãos de quem roubar serão cortadas.*

— Aqueles que não concordem com padrões tão rígidos e inflexíveis, para já não falar das respostas desproporcionadas consequentes desses padrões, serão considerados apóstatas — e poderão ser condenados à morte.

— Esta circunstância cria todas as condições para um conflito e uma guerra em larga escala pois, perante ela, qualquer ataque pode ser justificado como uma defesa da fé, como um ato autorizado — e, na verdade, exigido — por Deus.

— É *exatamente* isso que está a acontecer no nosso planeta. Acertaste em cheio no alvo. É isso que se tem vindo a passar no nosso mundo atualmente.

— Tem sido assim há séculos. Na verdade, há milhares de anos. É por isso que a Sétima Nova Revelação é tão importante, pois cria um contexto que separa o "erro" da moralidade, retirando Deus desse enquadramento.

— Acreditas mesmo que eu alguma vez dei importância ao facto de comerem carne às sextas-feiras, de cobrirem o corpo da cabeça aos pés no caso de serem mulheres ou de se colocarem no sítio certo do Muro das Lamentações?

— Ouvi dizer que há não muito tempo atrás, algumas mulheres tentaram juntar-se aos homens no "lado dos homens" do Muro das Lamentações, um dos locais mais sagrados de todo o Judaísmo. Queriam alertar para uma situação: é hora de acabar com esta

separação infantil entre homens e mulheres, devido à ideia de que as mulheres são indignas ou de que, de alguma forma, são "impuras" por causa das suas menstruações. Os homens — alguns deles rabis — começaram a gritar, a praguejar e a cuspir, tendo mesmo alguns deles começado a lutar contra as mulheres.

— Acreditas realmente que Deus está preocupado?

— De facto, parece-me bastante mesquinho, mesmo que em nome da tradição sagrada.

— Talvez exatamente por isso.

— Mas será que não te preocupas de todo com a vida na Terra e com o que aqui se passa?

— Deus preocupa-se com a Terra de acordo com o que é necessário para dar aos humanos toda a ajuda, todo o apoio e todos os instrumentos de que precisam para tornarem esta experiência maravilhosa e plena de alegria. E Deus ama os seres humanos ao ponto de lhes ter concedido a maior de todas as dádivas: o livre arbítrio.

— O que é interessante é que vocês criaram um desafio para vocês próprios ao acreditarem que Deus vos concede este livre arbítrio, retirando-o em seguida, ao dizer-vos exatamente o que ele exige que vocês façam. Até o que devem pensar e dizer. Em certos casos, como devem vestir-se e o que devem comer.

— Alguns de vocês chegam até a pensar que é uma falta de respeito escrever-se o nome de Deus, por isso usam travessões no lugar das vogais, para evitar escrever a palavra completa (desconhecendo que esta forma de escrita deriva do facto de não existirem vogais na língua original em que o nome de Deus foi escrito). Outros de vocês promulgam leis para as vossas sociedades que proíbem a posse ou a exibição de imagens, até mesmo desenhos, de Deus, de seres humanos ou animais, porque acreditam haver uma proibição contra estas "imagens gravadas".

— Privaram-se a vocês próprios dos prazeres mais simples — a música e a dança, por exemplo —, argumentando que o Vosso Deus vos diz para não se envolverem em tais prazeres. Pois eles são, segundo a opinião de alguns, pecaminosos e imorais.

— Na verdade, nos países em que a lei civil se baseia na lei religiosa, vocês tornaram os erros humanos mais pequenos e mais ínfimos questões de torpeza moral.

— Contudo, a verdadeira moralidade, enquanto critério estável e objetivo, não existe. Ela não pode existir em nenhuma sociedade em evolução, pois a mudança está na natureza da própria evolução. E, como é óbvio, é exatamente isto que a maior parte dos governos que têm as suas bases na religião procuram impedir. Eles procuram impedir a mudança. Porém, a natureza da vida é a mudança. E assim, eles procuram criar uma vida melhor, negando a Própria Vida.

— Mas a Vida não será negada, nem o seu processo se deixará corromper. Podem advir grandes dificuldades quando as sociedades mudam e a moral não. Cria-se um fosso profundo entre a teoria das leis e as experiências no terreno. À medida que este fosso se vai alargando, emergem espontaneamente padrões de comportamento novos e mais práticos no seio de cada cultura. No entanto, à medida que os novos padrões emergem, os antigos são defendidos por aqueles que estão demasiado receosos para fazer o ajuste.

— E assim, uma vez mais, o ataque é justificado em nome da defesa.

— É exatamente esta a situação em muitas das vossas culturas hoje em dia.

— É uma ironia da vida no vosso planeta que a liberdade, que é a própria essência de Deus, e o livre arbítrio, que é a maior das dádivas de Deus, sejam quase sempre severamente restringidos pelos governos que são controlados por religiões.

— Há quem defenda que os governos não devem ser controlados por religiões, devendo haver uma separação clara entre Igreja e Estado. Mas esta é uma perspetiva tipicamente ocidental. Há outras culturas que sentem que apenas Deus deve e pode ser o governante supremo dos assuntos humanos, e que a Lei de Deus, tal como nos surge nas escrituras sagradas e segundo a interpretação dos mestres e juristas religiosos, deve ser a lei geral.

— Esse é o choque de ideologias a que me referi anteriormente nesta conversa. Trata-se essencialmente de um choque entre a liberdade individual e a restrição pessoal, entre os direitos humanos e aquilo que algumas pessoas entendem ser a Lei de Deus. Na verdade, não existe qualquer choque, pois a liberdade é a essência de Deus e os direitos humanos — a liberdade pessoal, a igualdade perante a lei, a justiça dos tribunais — são expressões dessa essência.

— Todavia, existiram religiões (ainda hoje existem) que não reconhecem as liberdades básicas e as igualdades como sendo direitos humanos de todas as pessoas. De acordo com algumas religiões, tal como já aqui foi realçado, as mulheres não são iguais aos homens. De acordo com algumas religiões, os ateus não têm direito a viver. Uma pessoa que não seja partidária de uma fé não pode prestar testemunho contra outra que o seja. E a escravatura é permitida.

— Não, não... não existe nenhuma Escritura religiosa de boa-fé que não condene a escravatura.

— Deverias ler a Bíblia e o Corão mais atentamente.

— Ora, quando tais ensinamentos religiosos se tornam lei geral, transformando-se nas crenças mais enraizadas e na "moral" de uma cultura, o choque torna-se inevitável. Especialmente quando essas religiões procuram fazer com que as suas crenças se transformem nos princípios reguladores de um outro povo.

— Sempre existiram diferenças ideológicas no vosso planeta mas, hoje em dia, a crescente fratura entre ideologias, em simultâneo com um avanço na tecnologia, criou as condições para uma rápida autodestruição.

— Bem, cá estamos nós de novo, de volta à mesma questão. Que podemos fazer para impedir que isso aconteça?

— Será necessário um ato de coragem sem precedentes, em larga escala. Poderão ter de vir a fazer algo de que não há registos nos anais da história humana.

— O quê?

— Poderão ter de desistir de algumas das vossas crenças mais sagradas.

— "Não consigo. *Não consigo*. Prefiro morrer a fazer isso." Eis o que dirão algumas pessoas que vão ler isto.

— Então, é exatamente isso que lhes vai acontecer. Muita gente vai morrer só para estar "certa".

— Só quando houver suficientes seres humanos mortos por causa destas ideologias, é que vocês decidirão que talvez tenham sido as próprias ideologias que estavam erradas.

— A vossa vida e a vossa experiência farão com que, por fim, mudem a vossa opinião acerca do que é "certo" e "errado" e acerca do que "resulta" e do que "não resulta".

— Bem, cá vamos nós! É exatamente esse tipo de *relativismo* que os fundamentalistas afirmam estar na base de todos os nossos problemas, acima de tudo. Não será isso que dá mais azo a fundamentalismos ainda mais radicais?

— Sim. Com receio de perder um modo de vida, incapazes de lidar com a mudança rápida e interminável, estando há séculos sem receber quaisquer novos pensamentos e ideias teológicas e outros modelos espirituais, algumas pessoas não conhecem outra forma de avançar que não seja a andar para trás.

— Estas pessoas insistem no regresso a uma interpretação limitada e literal da sua escritura sagrada particular e à fidelidade aos "fundamentos" das suas tradições religiosas, mesmo que alguns desses ancestrais ensinamentos e exigências fundamentais não façam qualquer sentido nas circunstâncias presentes.

— Isto dá origem a um embate contra aqueles que veem claramente que as situações atuais não podem ser abordadas ou resolvidas por interpretações tão antigas. Contudo, as pessoas que desejam permanecer fiéis às suas crenças mais íntimas sentem que são essas crenças que estão a sofrer um ataque. E defendê-las-ão até à morte.

— Qual é, então, a solução?

— O mundo tem de criar uma Nova Espiritualidade.

— Nada que venha substituir completamente a que já existe, mas algo que a venha renovar.

— Nada que venha diminuir a que já existe, mas algo que a venha expandir.

— Nada que venha subverter a que já existe, mas algo que venha sustentar o melhor que nela houver.

— A espiritualidade humana está a precisar de ser renovada.

— É agora altura de apresentar ao mundo novas ideias e pensamentos teológicos e um novo modelo espiritual.

— O mundo precisa de algo de novo a que se agarrar, por forma a largar o que é antigo. Se estivesses no meio de uma corrente impetuosa, largarias o tronco a que vais agarrado?

— Não.

— Por isso, constrói antes uma ponte.

— Transforma-te nessa ponte.

— Vive as crenças da Nova Espiritualidade. Trilha os caminhos de uma Nova Revelação. Não te limites a falar desta revelação, comprova a sua verdade com a tua vida, vivida.

— Aponta o caminho.

— Sê um portador da luz.

— Tenho de fazer de novo a pergunta, o que pode uma pessoa fazer?

— Tu és a luz do mundo. Não tens consciência disso?

— Toda a gente é, quando é essa a sua escolha.

— Não se pode esconder uma cidade no alto de um monte.

— Nem as pessoas acendem uma vela para a tapar em seguida.

— Em vez disso, colocam-na num candelabro, para que ilumine toda a casa.

— Da mesma forma, deixa a tua luz brilhar assim perante os homens, para que possam ver as tuas boas ações e abençoar as crenças que as inspiraram.

— Desta forma, poderás ajudar outros a transpor o abismo existente entre o passado e o presente e a tapar o fosso existente entre o conforto da tradição e a necessidade de inovação.

— Pois o mundo tem agora de se inventar de novo. Porém, honra o passado ao almejares o futuro. Não refutes totalmente as antigas crenças, nem exijas que mais alguém o faça. Expande a partir delas, altera-as quando te parecer apropriado alterá-las e apela a que os outros façam o mesmo.

— Não deixes que a vossa Nova Espiritualidade seja a rejeição, mas antes o cumprimento, de tudo quanto vos foi prometido pelas vossas antigas leis religiosas e profetas de outrora. E quando os outros te perguntarem o que estás a fazer, responde: Não julguem que vim para abolir a Lei ou os Profetas; não vim para os abolir, vim para cumprir o que prometeram.

CAPÍTULO 17

As Cinco Falácias da Vida

— Há pouco disseste uma coisa fascinante. Disseste, "Ninguém faz nada que não seja correto, de acordo com a sua conceção do mundo." Percebo como isto se aplica. Foi o que tornou possível que todo o tipo de música fosse banido pelos Talibã no Afeganistão, exceto as canções religiosas islâmicas.

— Exatamente. Era esse o seu modelo do mundo. Para eles isso parecia perfeitamente razoável.

— Portanto, se para nós o comportamento de uma pessoa, ou de um grupo de pessoas, for inaceitável, o que temos de fazer para provocar uma mudança duradoura é *afetar o modelo do mundo que cria esse comportamento*.

— Agora entendes. Percebes o ponto central deste diálogo.

— É isso que estou a dizer. Podes procurar alterar um comportamento, mas isso só resultará numa mudança a curto prazo, na melhor das hipóteses. Mas se alterares crenças, terás impacto no comportamento na sua própria origem.

— Foi por isso que Eu disse que o que seria benéfico para os seres humanos nesta altura, se desejam viver juntos em paz e harmonia, seria uma nova espiritualidade, um novo "modelo do mundo" baseado em crenças alargadas e modificadas.

— Como criamos isso? Sei que já disseste anteriormente que para os outros se sentirem "seguros" com essas novas crenças, temos de demonstrar que elas funcionam, utilizando como modelo a nossa própria vida. Mas, à partida, como é que fazemos surgir novas crenças?

— Não vão fazer surgir nenhumas crenças novas a menos que e até que decidam que algumas das vossas velhas crenças não estão a resultar.

— As crenças são coisas difíceis de abandonar para os humanos. Quando acreditam numa coisa, acreditam até ficar provado que está errada. Mesmo assim, muitos de vocês continuam a acreditar, recusando-se a desistir de velhas ideias muito depois de se ter provado que são incorretas, ineficazes ou impossíveis de aplicar. Mas pelo menos aqui, neste diálogo, estás disposto a encará-lo. E esse é o primeiro passo para a mudança. Não se pode mudar nada que nem sequer se quer encarar. Portanto, primeiro tens de decidir quais das tuas velhas crenças não estão a resultar.

— Nesta conversa explorámos Cinco Falácias Sobre Deus. São crenças que já não funcionam para a comunidade humana. Não pode haver nenhuma discussão séria a esse respeito. O facto de

não funcionarem é observável e demonstrável. O estado latente de conflito no vosso planeta é a demonstração.

— Se as vossas crenças atuais em relação a Deus fossem precisas, os conflitos teriam sido eliminados do planeta há muito tempo. Em vez disso, as vossas crenças sobre Deus criam conflitos. Tenho-o salientado repetidamente. A intenção é que não consigam deixar de perceber a questão — nem ignorá-la.

— Disseste há bocado que existem dez falácias em que os humanos acreditam. Dez ao todo.

— Sim. Além das Cinco Falácias Sobre Deus, também há Cinco Falácias Sobre a Vida que tornam muitíssimo difícil a vossa experiência na Terra.

— Essas falácias sobre a Vida são tão importantes e produzem tanto impacto como as Cinco Falácias Sobre Deus?

— Exatamente o mesmo. E também dão origem a crise, violência, chacina e guerra.

— Então analisemo-las agora. Ainda não conversámos acerca delas.

— As Cinco Falácias Sobre a Vida são:

1. *Os seres humanos estão separados uns dos outros.*

2. *Não há o suficiente do que os seres humanos necessitam para serem felizes.*

3. *Para conseguir aquilo de que não existe o suficiente, os seres humanos têm de competir uns com os outros.*

4. *Alguns seres humanos são melhores que outros seres humanos.*

5. *Os seres humanos podem resolver diferendos graves criados por todas as outras falácias matando-se uns aos outros.*

— Está bem, voltemos ao início da lista para dar uma vista de olhos.

— Ótimo.

— A Primeira Falácia Sobre a Vida é que os seres humanos estão separados uns dos outros. Essa ideia emerge da Terceira Falácia Sobre Deus, e assim vemos como as falácias Sobre Deus afetam tudo o resto.

— As falácias da tua espécie sobre Deus são muito poderosas.

— Afetam todas as áreas da vossa experiência coletiva, mesmo para aqueles que não acreditam em Deus. Por estarem tão intimamente ligadas à causa primária de toda a experiência tal como a entendem presentemente, as vossas ideias sobre Deus afetam e criam mesmo as vossas crenças sobre a Vida — produzindo igualmente falácias no domínio secular.

— Vocês acreditam que Deus vos separou de Si porque não deram a Deus o que Ela precisa. Esta ideia, por sua vez, parte da vossa crença de que há algo em particular de que Deus necessita, e que é possível que Deus não consiga que as Suas necessidades sejam satisfeitas.

— Ambas as ideias são quase ridículas na aparência, mas o absurdo das ideias nunca impediu que os seres humanos as adotassem.

— Como salientaste, Deus é, *pela nossa própria definição*, o Todo-Poderoso, o Altíssimo. Era de esperar que "percebêssemos" que Deus não precisa nem exige nada para ser feliz. Persiste, contudo, a ideia de que devemos aplacar Deus de alguma forma (para que as Suas bênçãos, em vez das Suas maldições, chovam sobre nós e para garantir o nosso lugar no Céu).

— E o que os humanos fizeram para "aplacar Deus" é desumano. Perseguiram outros humanos, causando-lhes um sofrimento inacreditável e mataram milhões de pessoas para agradar a esse vosso Deus.

— Na fase inicial da idolatria pagã, os humanos até sacrificaram bebés — pequenos recém-nascidos, a personificação da inocência total — colocando-os sobre piras e queimando-os vivos na esperança de fazerem os deuses sorrir.

— Esta necessidade de "fazer Deus feliz" emergiu da ideia errada de que Deus não está contente. É uma ideia disparatada, porque Deus é a Felicidade em Si. No entanto, agarraram-se à ideia de uma Divindade ensimesmada e insatisfeita.

— A vossa ideia de que Deus não é feliz — e que os humanos são a causa disso — foi o que criou a base insana para que religiões insanas inspirassem as pessoas a agir insanamente.

— Nunca tinha ouvido isso de forma tão direta.

— Já era altura de ouvires.

— É mesmo uma ideia disparatada, não é?

— Pior do que disparatada. É fatal.

— Também é o expoente máximo da arrogância imaginarem que alguma coisa feita pelos seres humanos pudesse levar o Criador do Universo a renunciar à Paz e ao Amor — que são a Essência de Quem e o Que O Criador É.

— Por outras palavras, imaginam que estou disposto a renunciar a Mim próprio, em reação a qualquer coisa que vocês fizeram. A razão por que julgam isso é porque vocês fazem-no.

— E nem sequer vemos a ligação.

— Não, não veem.

— Dizemos que fomos feitos "à imagem e semelhança da Deus", no entanto tens razão no que sugeriste anteriormente — o que nós fizemos foi criar Deus à imagem e semelhança dos humanos.

— E assim imaginaram um Deus que separou os humanos de Si, porque não estava satisfeito com os humanos. É isso que os humanos fazem uns aos outros quando eles não estão satisfeitos, e concluíram que Deus faria o mesmo.

— Esta ideia da Grande Separação criou em vós a experiência de também estarem separados uns dos outros. Já te expliquei como isso aconteceu.

— Os seres humanos sabiam — compreenderam intuitivamente; tinham uma memória celular do facto — que eram Unos com toda a vida. Unos com a Terra, e Unos com as criaturas da Terra. Unos com o céu, e um com tudo no céu. Unos com o divino, e parte daquilo que é divino.

— Depois começaram as histórias de separação. Conforme expliquei antes, essas histórias resultaram da experiência inicial dos humanos. As religiões codificaram essa experiência, transformando o mito em dogma. A ilusão da vossa separação foi total. Separação de Deus e separação de toda a vida.

— A religião moderna teve oportunidade de quebrar essa ilusão, de vos conduzir à verdade. Mas a religião moderna optou por se cingir aos ensinamentos dos tempos pré-modernos, por conservar o dogma de há centenas e milhares de anos.

— E assim, a religião moderna falhou em relação ao homem moderno.

— Se forem corajosos, se forem muito valentes, permitirão que uma Nova Espiritualidade valorize a vossa experiência religiosa. Essa espiritualidade não rejeitará liminarmente os ensinamentos religiosos tradicionais, mas ampliá-los-á e alterará alguns dos ensinamentos que vocês aceitem que deixaram de ser aplicáveis ou que já não resultam.

— Já fizeste várias vezes essa afirmação. Estás sempre a dizer isso.

— Quero que seja uma coisa da qual se consciencializem firmemente a partir deste livro, pois é, de facto, a vossa única esperança para um amanhã deveras diferente. Um amanhã

preenchido não pelo medo, esforço, rancor, conflito, guerra declarada e morte violenta, mas sim pela paz, alegria e amor.

— O que estou a fazer é captar tudo o que te tenho dito ao longo destes anos todos e a reunir tudo num só lugar, repetindo-o vezes sem conta, reafirmando e reiterando comentários e observações que fiz aqui e noutros lugares anteriormente, e acrescentando informações novas e muito importantes que têm a ver com a crise que se aproxima.

— E a raça humana enfrenta uma crise grave, não tenham qualquer dúvida. É uma crise de conflito entre ideologias.

— É uma crise de crenças.

— Como Eu disse, equipararam a vossa desligação de Deus (que é em si uma falsa crença) com a desligação da Vida.

— É perfeitamente natural que o tenham feito, já que a um nível muito profundo sabiam e compreendiam que Deus É toda a Vida. Apesar de não o terem articulado dessa forma, sabiam ao nível celular que isso era verdade.

— Portanto, tudo e todos na Vida foram experienciados como Separados De Vós no momento em que aceitaram que estavam Separados de Deus.

— (Inversamente, tudo e todos na Vida são experienciados como sendo Um Contigo no momento em que aceitares que és Um Com Deus. Isto é algo que todos os mestres ensinam e que todos os místicos têm relatado.)

— Vocês aceitaram que estavam Separados de Deus não porque tenham experienciado que estão separados, mas porque vos foi dito que estavam — pela religião organizada.

— A religião de cada um é produto do local de nascimento e dos primeiros ensinamentos. É o produto não da verdade eterna, mas do ambiente cultural. As pessoas acreditam naquilo que foram ensinadas a acreditar. Não o questionam porque não querem questionar a sua fonte.

— Convido-vos a fazer esta pergunta:

— Quem estaria errado se mudassem algumas das vossas crenças mais elementares?

— Aí é que está a história.

— Enquanto acreditarem que existe o Certo e o Errado, estarão na disposição de arriscar tudo para estarem "certos". Não mudarão as vossas crenças se julgarem que fazê-lo vos fará estar, ou a uma pessoa que amam, "errados". No entanto, assim que mudam o eixo Certo-Errado para um paradigma O Que Funciona-O Que Não

Funciona, a dificuldade de análise crítica — para não falar da mudança — das crenças elementares é aliviada.

— Hoje o mundo vive num paradigma Certo-Errado, e apoia assim a Terceira Falácia Sobre Deus e a Primeira Falácia sobre a Vida — a ilusão de que a Desunião Existe.

— Se te atreveres a dizer que experienciaste exatamente o oposto, que conheceste a ventura suprema da união total com os outros e com o Divino, é provável que te digam para desconfiares dessas experiências — e certamente para teres cuidado ao falar nelas.

— Já experienciei isso.

— Tenho a certeza que sim.

— E é esta falácia da separação que permite que façamos uns aos outros coisas que nunca faríamos a nós próprios.

— Sim.

— Também cria a ilusão de que não há "o suficiente" do que precisam para ser felizes.

— A Segunda Falácia Sobre a Vida.

— Sim.

— Se pensassem que existe apenas Um de vós — ou seja, se pensassem em vós próprios como Um Corpo, que é o que vocês são...

—... ou uma comunidade...

—... ou Uma comunidade... saberiam que sempre tiveram que chegasse, pois criariam essa experiência. Com essa crença partilhariam em igualdade; assegurariam o bem-estar uns dos outros.

— Essa é a tradição máxima da fé islâmica, que vê todos os muçulmanos como membros de Uma Comunidade. Os ensinamentos islâmicos apelam aos muçulmanos para darem aos pobres e para apoiarem sempre a comunidade. Os membros da igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — os mórmons — também formaram uma comunidade a nível mundial, apoiada por um dos maiores sistemas internos de assistência organizada, não-governamental, aos pobres e aos necessitados entre os seus membros, de todas as organizações religiosas do mundo. Há organizações de caridade católicas e grupos de outras denominações cristãs, bem como instituições de caridade judaicas idênticas, que procuram igualmente partilhar a abundância do mundo com os menos afortunados e os carenciados.

— Todas elas são expressões meritórias de uma compreensão que se inicia. A dificuldade é que muitas organizações religiosas formam um círculo fechado em volta dos seus membros, demonstrando assim as limitações do seu entendimento. Os estados e as nações fazem o mesmo. Como o fazem grupos culturais, étnicos, raciais e sociais de todos os tipos, criando cada um deles, consciente ou inconscientemente, um cordon sanitaire[1]*.*

— Essa vivência em quarentena nada faz para promover a experiência da unicidade da Humanidade e, na realidade, produz a sensação de necessidade de um escudo protetor, segregando as pessoas de acordo com as suas visões mais mesquinhas.

— Com uma perspetiva tão mesquinha, nem tudo consegue ser visto como realmente é. Sendo a perspetiva limitada, o mesmo acontece, consequentemente, com a consciencialização.

— Aquilo que experienciam como a segurança do ventre torna-se o local de nascimento do vosso farisaísmo.

— Mas o despertar da vossa consciência far-vos-á sair da vossa segregação ventral. Descobrirão então que a quarentena era desnecessária, que o cordão não vos separava de nada senão do vosso próprio Eu.

---

[1] Em francês no original. (N. T.)

— Será essa a maior surpresa. Será o grande assombro. Têm-se discriminado apenas de vocês próprios.

— Ao romperem o círculo da vossa contenção, descobrirão que todos os outros são exatamente como vocês.

— Não só todas as outras PESSOAS, mas também todas as COISAS. Um exame minucioso irá revelar que vocês, as pedras, as árvores, os planetas, o Sol e a Lua são todos feitos da mesma matéria. Como belos flocos de neve, todos vocês parecem diferentes, mas têm todos uma substância idêntica.

— Quando descobrirem a vossa Unicidade, ficarão assombrados por alguma vez se terem imaginado separados de alguém ou de qualquer coisa. Verão que quando trataram alguém ou alguma coisa como se não fossem vocês, não prejudicaram mais ninguém senão a vocês próprios.

— Como aconteceu tudo isso? Como ficámos tão separados do nosso Eu?

— Aconteceu quando decidiram que não eram perfeitos.

— Algures pelo caminho na transmissão de mitos e histórias, ficaram com a ideia de que eram menos do que o mundo e a vida à vossa volta.

— Como já expliquei, viram o efeito que o vento, as chuvas, as tempestades e a Vida em Si tinham em vós, e decidiram que os "deuses" eram mais poderosos que vós. Nunca conseguiriam ser tão poderosos, por mais que tentassem. Assim, imaginaram a vossa própria imperfeição. Eram "menos que" os deuses. Na vossa frustração e cólera, viraram-se contra vocês próprios, julgando-se e condenando-se por não serem "suficientes".

— A primeira experiência humana de insuficiência não foi no mundo exterior, onde havia claramente muito, mas dentro de vós próprios, cuja medida era muito insignificante comparada com a riqueza e magnificência exteriores do mundo à vossa volta. Um olhar sobre o céu noturno bastou para vos convencer da imensidão daquilo que consideravam como Não Vós, e a insignificância daquilo que consideravam ser Vós.

— Foi desta ideia da vossa insignificância que nunca recuperaram. Mas este pode ser o vosso tempo de cura. Pode ser este o momento de relembrança. Pois venho dizer-vos um grande segredo:

— Vocês e as estrelas são um.

— Não em sentido figurado, como num poema ou numa canção, mas literalmente. A vossa composição química é a mesma. Encontrarão os mesmo vestígios de elementos que encontrarão em todos os corpos celestes — e, na verdade, em tudo o mais que É.

— Isto surpreende-te? Estás admirado por saber que nada é constituído por outra coisa que não sejam combinações e concentrações da Única Substância Que É? Não devias. Há muito tempo que te venho dizendo isto.

— Vens, sim, mas acho que a maioria dos humanos julgou que isso tinha sentido figurado e não literal.

— É uma verdade literal, meu filho.

— VOCÊS SÃO TODOS UM.

— Nas fases iniciais de desenvolvimento, a vossa espécie não conseguia compreender isso. Agora, nos primeiros anos da sua adolescência, consegue.

— A nossa espécie está na adolescência?

— Nos primeiros anos da adolescência. No entanto, pode nunca chegar à maturidade, da forma como as coisas estão a correr. Estão a brigar uns com os outros como crianças que não querem partilhar os brinquedos.

CAPÍTULO 18

A Discriminação Contra as Mulheres

— Achas que alguma vez aprenderemos? Achas que alguma vez descobriremos uma forma de nos darmos bem, de fazermos algo tão simples como viver em conjunto e paz, harmonia e felicidade?

— Fá-lo-ão se renunciarem às vossas falsas crenças e às interpretações humanas que construíram à sua volta.

— Vim aqui para vos ajudar. Tenho estado sempre aqui. Nunca Me fui embora. O Que Vocês São não vos pode deixar e permanece convosco para sempre. E assim, antes de terem perguntado, ter-vos-ei respondido.

— Contudo, vocês não o sabem, porque não Me conhecem. Imaginam que Eu me separei de vocês. Imaginam-se separados uns dos outros. Nenhuma das imaginações corresponde à verdade. Nenhuma delas vos é útil.

— As primeiras três das Cinco Falácias Sobre a Vida... "Os seres humanos estão separados uns dos outros"... "Não há o suficiente daquilo que os seres humanos precisam para serem felizes"... e, "Para obter aquilo de que não existe o suficiente os seres humanos

têm de competir uns com os outros" são suficientes para criar a crise, a violência, a chacina e a guerra por si e em si.

— Como chegámos a essa Terceira Falácia Sobre a Vida, essa sobre a competição?

— Assim que aceitaram que não havia matéria da vida "suficiente", concluíram que tinham de fazer o que fosse preciso para assegurar que vocês e os vossos tinham o suficiente. No início, estendiam a mão e tiravam. Nesse cenário, ganhava a mão mais musculosa.

— Mais tarde, quando começaram a passar à adolescência da vossa espécie, evoluíram até ao ponto em que não vos parecia justo que fossem sempre os maiores e mais fortes a ganhar. Mas ainda não tinham chegado até ao ponto de optarem por ver toda a gente ganhar. (Ainda não chegaram.) Portanto, começaram a engendrar outras "razões" para que uma pessoa ou um grupo, em vez de outro, tivesse a parte de leão do que quer que fosse de que julgavam precisar para serem felizes.

— Desenvolveram competições, onde a força bruta não era o único fator a determinar os ganhadores e os perdedores na vida, os que têm e os que não têm.

— Tudo isto teria sido suficientemente desvantajoso (os seres esclarecidos não competem uns com os outros pelo direito de sacar e acumular aquilo que pertence a todos), mas nem sequer

construíram as competições com justiça. Optaram por criar competições nas quais os vencedores eram anunciados antes de tempo.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que, na vossa cultura em particular, decidiram que se fossem ricos, brancos, cristãos, americanos e do sexo masculino, estavam entre os ganhadores à partida.

— Cada cultura, cada subgrupo de toda a Humanidade, tem a sua própria lista, a sua própria ideia de quem são os "ganhadores" na competição da vida pela Matéria Da Qual Não Existe o Suficiente, e se me estivesse a referir a outras culturas, podia ter dito com a mesma facilidade que ser negro, russo ou muçulmano vos colocaria na lista de ganhadores.

— Mas ser "do sexo feminino" não nos coloca na lista em quase nenhuma das culturas da Humanidade.

— É verdade e deve-se a que, para criar competições em que os vencedores são declarados antes de tempo, tiveram de regressar ao uso da força para calar os perdedores. E, portanto, a força bruta, o músculo primitivo, foi a última determinante.

— Por continuarem a permitir que a força física primitiva ou a força económica bruta decidam a maioria das questões e todos os conflitos principais no âmbito da experiência humana, em

virtualmente todas as culturas humanas atuais, "rico" e "masculino" são as categorias elevatórias fundamentais. Se forem ambas as coisas, estão numa posição dominante porque têm a força e o poder e são declarados "ganhadores" antes de tempo nas vossas competições humanas pela matéria da vida.

— Nos primeiros tempos, a predominância masculina era demonstrada com um cacete. Hoje é demonstrada pelo dinheiro, influência e poder — que vocês asseguram que sejam controlados e detidos principalmente por pessoas do sexo masculino. Portanto os elementos do sexo masculino continuam a impor a sua vontade usando a força. E uma vez que imaginaram um Deus que também usa a força para impor a vontade de Deus, decidiram que Deus deve ser do sexo masculino.

— Claro que Deus é do sexo masculino. *Não é*? *Não és*?

— Não.

— Mas *ensinaram-me* que Deus era um "Ele".

— Quem te ensinou?

— A minha religião.

— A maior parte das vossas religiões são dominadas por pessoas do sexo masculino, e foram criadas por sociedades dominadas por homens. Algumas dessas religiões até ensinam — ou seja,

sustentam como doutrina — que as mulheres devem ser subservientes em relação aos homens.

— Sim, já falámos várias vezes da infeliz tendência dos muçulmanos para tratarem as mulheres como cidadãos de segunda.

— Como neste mandamento?

— "Todo o homem que reza ou profetiza de cabeça coberta, desonra a sua cabeça.

— "Mas, toda a mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta, desonra a sua cabeça; é como se estivesse com a cabeça rapada.

— "Se a mulher não se cobre com o véu, mande cortar os cabelos. Mas, se é vergonhoso para uma mulher ter os cabelos cortados ou rapados, então cubra a cabeça.

— "O homem não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem.

— "Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher foi tirada do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher foi criada para o homem."

— Sim. Vê-se bem como esses éditos islâmicos rebaixam realmente a mulher.

— Só que não é um édito islâmico. É do Novo Testamento da Bíblia.

— Não, não, espera aí, não. O *Islão* é que tem colocado repetidamente as mulheres nessas posições de inferioridade, e não o *Cristianismo*!

— Acho melhor leres a 1ª carta aos Coríntios 11:4-9. Ou experimenta o capítulo 5, versículos 22 a 24, da carta aos Efésios, que torna as coisas muito claras:

— "As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor. De facto, o marido é a cabeça da sua esposa, assim como Cristo (...) é a cabeça da Igreja.

— "E assim como a Igreja está submissa a Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo a seus maridos."

— Alto lá. Espera aí. Pronto, talvez eu tenha percebido mal. Não são só os muçulmanos que reduzem o estatuto das mulheres na sua sociedade. São também os cristãos.

— Na realidade são praticamente todas as culturas religiosas antigas.

— Tens razão. Agora que viro as páginas até à introdução do Bhagavad-Gita As It Is, escrito por Sua Graça Divina A.C. Bhaktivedanta Swami, vejo estas palavras: *"O que é a natureza*

material? É explicada no Gita como prakrti inferior, natureza inferior. Prakrti está sempre sob controlo (...). Prakrti é feminina e é controlada pelo Senhor, assim como as atividades de uma mulher são controladas pelo marido."

— Livra, esta coisa de a mulher ser inferior foi mesmo incutida *em todas as culturas neste planeta*, não foi?

— Foi sim. Na lei islâmica, o testemunho de uma mulher em tribunal vale metade do de um homem.

— Estás a gozar!

— Quem me dera.

— Bem, pode ser que, com este tipo de coisa a aparecer em *tantas religiões*, Deus quisesse mesmo dizer que as mulheres estão subordinadas aos homens.

— Não estão.

— Tens a certeza?

— Tenho a certeza.

— Mas elas têm de *ser protegidas*, mantidas em casa, não autorizadas a trabalhar, não autorizadas a estudar. Devem ser-lhes

mutilados os órgãos sexuais, para que não possam ter prazer sensual. E embora não devam ter prazer sexual, devem *proporcioná-lo* ao homem, geralmente por exigência, frequentemente como expetativa não expressa e condição do contrato de casamento.

— Também podem ser compradas e vendidas, mais uma vez com o objetivo de proporcionarem prazer sexual aos homens.

— As mulheres não podem caminhar em público exceto quando acompanhadas por um familiar do sexo masculino, e mesmo assim com o corpo completamente coberto de modo a não serem vistas. Não podem votar, nem ocupar cargos de autoridade.

— Não podem estar presentes em salas de administração de empresas nem em locais de poder político. Não podem ser pastores nem padres, bispos ou papas, rabis ou *ulamas*, nem sequer sentar-se com os homens na mesma zona do templo. Se tiverem empregos, não podem receber o mesmo pagamento que os homens, ainda que façam o mesmo trabalho. Mas, de qualquer modo, seria muito difícil terem empregos, porque têm tarefas especificamente atribuídas, para além de proporcionarem prazer sexual, que fazem os homens felizes. Têm de cozinhar, limpar, abastecer a despensa, tratar da roupa, criar os filhos e levar toda a gente às lições de piano, ao treino de futebol, e a todo o lado onde precisem de ir.

— Deixa ver... omiti alguma coisa?

— Nem por isso.

— Tenho estado a tentar lembrar-me de algumas das formas como tratámos as mulheres nas diversas sociedades do nosso mundo, e como as justificámos.

— *São* realmente as nossas religiões organizadas que nos dizem muitas destas coisas e que criam as bases de germinação para outras, não são?

— Receio que sim.

— E muitas pessoas acreditaram nelas. Muitas pessoas ainda acreditam. Basicamente, a ideia é de que as mulheres simplesmente não são iguais aos homens. Mas como puderam as nossas bem-intencionadas religiões chegar a essa conclusão se não é um Ensinamento Direto de Deus?

— Meu amigo, não é só a discriminação contra as mulheres que as vossas sagradas escrituras dizem ser um ensinamento direto de Deus. As vossas religiões organizadas também ensinaram, numa altura ou noutra, que as Leis de Deus proíbem pessoas de raças diferentes de casar, que pessoas do mesmo sexo não podem manifestar fisicamente o seu amor umas pelas outras, e até que os negros não podem ser padres.

— Sim. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — a igreja mórmon — ensinou sempre que todos os homens dentro

da fé eram considerados padres. Mas durante muito tempo a Igreja Mórmon disse que isso não se aplicava a homens que fossem negros. Os negros eram julgados inferiores aos brancos e não estavam, portanto, habilitados. Só há relativamente pouco tempo é que os padres da igreja cederam e aceitaram que os negros não eram inferiores aos brancos e afinal podiam tornar-se padres.

— Se ao menos pudessem decidir o mesmo em relação às mulheres...

— Podes esperar sentado. Mas como é possível uma coisa dessas? Como é que as *religiões*, supostamente o próprio modelo de amor e aceitação, podem apadrinhar uma tal discriminação?

— A justificação parte da Quarta Falácia Sobre a Vida, que afirma que alguns seres humanos são melhores que outros seres humanos. É esta falácia que permite às vossas sociedades seguir os passos das religiões organizadas e praticar toda a espécie de discriminação.

— Vocês usam a discriminação até na linguagem de todos os dias. Deves ter reparado que, nesta conversa, usei indiferentemente os termos "ele" e "ela" ao referir-me a Deus. Isso é uma coisa que vocês não fazem.

— Reparei nisso e interroguei-me a esse respeito.

— Faço-o porque sei que a linguagem é uma parte muito poderosa da criação da história cultural dos humanos.

— Por a vossa raça ter utilizado exclusivamente a palavra "ele" para se referir a Deus nos milénios mais recentes, não tardou muito que os vossos jovens — os jovens de ambos os sexos — percebessem a ideia: Deus é do sexo masculino e portanto, infere-se que o sexo masculino é superior ao sexo feminino.

— Ora quando a Nova Espiritualidade abranger o planeta, essas inferências serão coisas do passado.

— Uma grande parte da Nova Espiritualidade terá a ver com a criação de verdadeira igualdade para o sexo feminino, acabando por fim com a privação de direitos civis e o abuso declarado de metade da raça humana.

— Essa é uma das muitas razões pelas quais podem esperar oposição à Nova Espiritualidade por parte das pessoas no poder. A maioria das pessoas atualmente no poder são homens.

— E os homens acreditam nessa falácia a que chamam a sua superioridade, apesar de muitos homens já se terem convencido que não é na realidade a sua superioridade que declaram com as suas ações e decisões relativamente às mulheres, e a sua *preocupação* com as mulheres, e a sua sensibilidade ao facto de que homens e mulheres têm papéis diferentes a desempenhar na sociedade.

— Aquele a que chamaremos o Grupo Preocupado diz que tudo o que faz ao proclamar e apoiar leis e costumes que restringem as

mulheres é *protegê-las* de serem exploradas e maltratadas. No entanto, a sua própria proteção gera exploração e maus tratos infiltrados e em grande escala.

— O Grupo de Papéis Diferentes diz que procura apenas que fiquem claros os papéis importantes e separados que foram dados a homens e mulheres nas questões humanas. Também ele explora e maltrata em larga escala as mulheres ao abrigo desta pretensão. Defende que Deus *atribuiu* aos homens e às mulheres os seus papéis, e proclama que a verdadeira razão pela qual a raça humana luta pela sobrevivência é o facto de esses papéis terem sido subvertidos. As mulheres andam a fazer "o trabalho dos homens", a usar "roupas de homem" e a querer a "autoridade dos homens" e, segundo este grupo, é isso que está a criar a convulsão na nossa sociedade.

— Bem, está a criar convulsão, mas é uma convulsão que é necessária se querem produzir uma sociedade de Novos Humanos que compreendam que nem a raça, nem o sexo, nem a nacionalidade, nem a crença religiosa, nem a orientação sexual nem nenhum outro aspeto da individualidade de uma pessoa a deve desqualificar para participar totalmente na experiência humana ao mais alto nível e da forma que ele ou ela escolher, desde que essa escolha não viole os direitos ou a segurança dos outros.

— Ora *essa* afirmação podia ser um preâmbulo para uma Constituição Terrena para os Novos Humanos.

— "Nada na raça, sexo, nacionalidade, opção religiosa, orientação sexual, ou qualquer outro aspeto da individualidade de uma pessoa, desqualificará essa pessoa para participar integral e igualmente na experiência humana ao mais alto nível."

— Caramba.

— Sim, isso seria uma ideia revolucionária. "Revolução" significa "revolver" ou dar a volta, e essa ideia iria dar a volta a grande parte da vossa realidade. Corrigiria a Quarta Falácia Sobre a Vida.

CAPÍTULO 19

A Quarta e Quinta Falácias sobre a Vida

— Estou fascinado com esta Quarta Falácia Sobre a Vida... "Alguns seres humanos são melhores do que outros seres humanos." Parece-me que quando acrescentarmos esta às outras três falácias da vida, teremos quadruplicado as hipóteses a favor da catástrofe.

— A tua avaliação está correta.

— A ideia humana de "melhor" é o conceito mais prejudicial jamais engendrado pela mente de qualquer ser sensível em qualquer parte. Foi o que vos permitiu racionalizar e justificar todos os vossos comportamentos mais primitivos.

— Alguns de vocês têm a ideia de que os cristãos são "melhores" que os judeus, ou que os judeus são "melhores" que os cristãos. Que os brancos são "melhores" que os negros, ou que os negros são "melhores" que os brancos. Que os americanos são "melhores" que os árabes, ou que os árabes são "melhores" que os americanos.

— E que os franceses são melhores que toda a gente! (Isto foi uma piada.)

— (Eu sei.)

— Vocês acham que os católicos são "melhores "que os protestantes, que os protestantes são "melhores" que os católicas; que os republicanos são "melhores" que os democratas, que os democratas são "melhores" que os republicanos; que os luteranos do Sínodo do Missouri são "melhores" que os luteranos da Igreja Evangélica Luterana, e que os luteranos da Igreja Evangélica Luterana são "melhores" que os luteranos do Sínodo do Missouri.

— Acham que os heterossexuais são "melhores" que os homossexuais, que os capitalistas são "melhores" que os comunistas, que os ecologistas são "melhores" que os industriais e, finalmente, que os crentes em Deus — qualquer espécie de Deus — são "melhores" que os ateus.

— Creio estar certo quando digo que os mestres religiosos muçulmanos dividem o pecado em duas categorias, grandes pecados e pequenos pecados, tal como os católicos falam de pecados mortais e pecados veniais. Mas para os muçulmanos, a *descrença* é o maior dos dezassete grandes pecados. É considerado um pecado maior que o roubo, um pecado maior que o adultério, um pecado ainda maior do que o assassínio. Os crentes são tão "melhores" que os não-crentes que a descrença pode ser punível com a morte, e pôr fim à vida no processo de "matar os infiéis" leva-nos direitos ao Céu!

— Na sociedade humana, esta ideia de "ser melhor" prolonga-se ad infinitum.

— Não estás com certeza a dizer que não está bem preferir uma coisa à outra. Se fosse tudo "exatamente o mesmo", seria uma pasmaceira. As diferenças são boas. A variedade é o tempero da vida.

— De acordo. Mas as diferenças não têm de significar divisões, e no vosso mundo isso acontece com frequência. Permitiram que as vossas diferenças vos enfraquecessem em vez de vos fortalecerem.

— Alguns de vocês alegaram que são mais do que meramente "diferentes". Reivindicaram que são "melhores". Melhorados. Superiores. Avançados. Ampliados. Mais grandiosos. Mais refinados. Preferidos. Escolhidos. Selecionados. Elevados.

— Acham que por serem "isto" em vez de "aquilo", são mais. Mais apropriados, mais desejáveis, mais ajustados, mais capacitados, mais úteis, mais valiosos, mais atraentes, mais competentes, mais preferíveis.

— Nalguns casos, acrescentaram a frase "aos olhos de Deus" a estas descrições, de forma a acharem que são "mais preferíveis" aos olhos de Deus, ou mais ajustados, ou mais capacitados aos olhos de Deus para serem padres, ou para vos chamarem santos, ou para "irem para o Céu".

— Algumas religiões organizadas dizem que só se tiveres um pénis é que podes ser padre ou clérigo. Se não tiveres, não podes. Algumas religiões dizem que só se acreditares em Jesus é que podes ir para o Céu. Se não acreditares, não podes. Algumas religiões dizem que só se seguires os ensinamentos de Maomé é que podes conhecer Deus. Se não seguires, não podes.

— Estas e outras ideias vossas criaram um sistema de castas na vossa experiência religiosa — o último lugar em que há lugar para um sistema desses.

— O que podemos fazer acerca disso? Essa ideia de sermos "melhores" do que a outra pessoa está profundamente entranhada. Não sei como nos conseguiremos livrar dela.

— Na verdade, a ilusão de superioridade é fácil de pôr de parte. Um simples olhar sobre os vossos comportamentos quando pensam que são superiores, revelará que estão a agir de forma inferior. Quanto maiores pensam que são, mais pequenos se tornam. Quanto melhores se julgam, pior agem. A evidência dos vossos próprios olhos conduzir-vos-á a esta verdade.

— No entanto, devem abrir os olhos. Não podem andar por aí adormecidos, como se fossem sonâmbulos. E é isso que a maioria dos humanos está a fazer. Andam a dormir. Vivendo num sonho e vendo-o tornar-se um pesadelo.

— Esse pesadelo conduz logicamente e gera a Quinta Falácia Sobre a Vida: Os seres humanos podem resolver diferendos graves criados pelas primeiras quatro falácias matando-se uns aos outros.

— E como aqui tens salientado repetidas vezes, muitas religiões organizadas só ajudam a promover e a perpetuar essa ideia.

— Oh, sim. Óbvia e decididamente, sim.

— Foram as vossas religiões organizadas que tornaram claro, através das escrituras mais sagradas, que a crueldade e a matança são uma reação aceitável à fragilidade humana e aos diferendos humanos.

— Isso vai contra todos os instintos humanos, mas a religião organizada reorganizou o pensamento humano.

— Alguns humanos até se viraram contra o seu próprio instinto de sobrevivência. E assim as pessoas andam a mutilar-se e a matar-se umas às outras, porque lhes foi dito muito diretamente que é isso que Deus lhes faz — e que Deus quer que façam umas às outras.

— Estás a ir um bocado longe demais. Nenhuma religião ensina isso.

— Tens a certeza? Tens lido o Corão ultimamente? Ou o Bhagavad-Gita? Ou o Livro de Mórmon? Ou a Bíblia?

— Lembras-te do que aconteceu aos israelitas que adoravam o bezerro de ouro? Não foram mortos três mil pelos Levitas por minha ordem? Não vos instruí no Êxodo 32:27 para que "cada um coloque a espada à cintura. Passai e repassai o acampamento, de porta em porta, e cada um de vós mate até mesmo o seu irmão, companheiro e parente"?

— E os vinte e quatro mil israelitas que adoravam Baal? Não disse eu a Moisés, conforme registado em Números 25:4-9. "Toma os chefes do povo e pendura-os num poste ao sol, diante de Javé (...)."?

— Sabes, eu diria que estás a escolher alguns exemplos isolados e não estás a ser justo, mas têm sido escritos muitos livros sobre a história de massacres e chacinas pelo Sagrado Nome do Senhor como regista exaustivamente a Bíblia em muitos sítios. Nesses livros, dizem-nos que a Bíblia relata que doze mil homens, mulheres e crianças de Hai foram mortos numa emboscada que o próprio Deus inspirou e supervisionou (Josué 8:1-30), e que os exércitos dos Amorreus foram destruídos quando "(...) Javé (...) matou os inimigos" (Josué 10:10-11).

— Esses críticos da Bíblia dizem-nos que uma leitura dos livros do Êxodo, Levítico, Deuteronómio, Josué, Juízes, Samuel, Números, Amos, Reis, Crónicas, Ester e Job, para mencionar apenas alguns, levará à contagem de não menos de *um milhão* de pessoas que, só na história do Antigo Testamento, foram atingidas pela mão de Deus, incluindo todas as que morreram durante a fome de sete anos na Samaria enviada pelo Senhor (2º Reis 8:1), ou os cento e oitenta

e cinco mil assírios mortos numa noite por um anjo (2º Reis 19:35) – ou por pessoas que trabalhavam a mando de Deus — tais como os cem mil soldados sírios, mortos num só dia pelos filhos de Israel (1º Reis 20:28,29,30) ou os profetas de Baal, quatrocentos e cinquenta em número, assassinados por Elias (1º 18:40,46), ou o *meio milhão* de homens de Israel chacinados pelo exército do Rei Abias da Judeia, que, dizem-nos, foi "ferido por Javé" (2º Crónicas 13:16,17,20).

— És capaz de achar interessante ler o Livro de Mórmon. Dá aos humanos uns retratos interessantes de Deus. Diz, por exemplo:

— "Ui vai, porque o dia do Senhor está perto; virá como uma destruição do Todo-Poderoso. (...) Eis que o dia aflitivo do Senhor vem, tanto com furor como com ira ardente, para pôr a Terra em desolação; e destruirá os seus pecadores. (...) E castigarei o mundo por causa do mal; e os ímpios, pela sua iniquidade; (...) todo o que for orgulhoso será trespassado; sim, e todo o que se juntar aos iníquos cairá pela espada."

— Livra. Isso diz-nos bem como te tornas vingativo quanto te ofendem.

— Espera, há mais. Não satisfeito por castigar os homens maus, o Senhor Deus Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, também persegue a progenitura e as mulheres inocentes.

— "As suas crianças também serão despedaçadas perante os seus olhos; as suas casas serão saqueadas e as suas mulheres, violadas."

— O Livro de Mórmon diz isso?

— Vê no 2º Livro de Néfi 23:6-16.

— Bem, isso é inacreditável.

— De facto. O que agora têm de admitir e reconhecer é que disseram a vós próprios em muitas das vossas sagradas escrituras que Deus, Ele próprio, mata as pessoas que O ofendem, e que Deus quer que vocês também matem por Ele.

— Talvez seja tempo — enquanto ainda temos tempo — de todos nós fazermos algumas perguntas muito importantes a nós próprios.

— Será possível que a Palavra de Deus tal como registada pelos humanos nos seus livros sagrados *contenha alguns erros*? Será possível que haja alguma coisa que não saibamos sobre Deus e sobre a Vida, *cujo conhecimento podia mudar tudo*?

— Se ao menos pudesse haver um Novo Evangelho.

— Pode haver. Foi proposto antes, no livro Amizade com Deus[1]. Quinze palavras que podiam mudar o mundo. Um evangelho em duas frases que podia dar a volta ao vosso planeta.

— Sim, lembro-me agora. Duas frases que mudariam tudo.

— São frases que não podiam ser proferidas de muitos púlpitos nem coros de igrejas por muitos líderes religiosos ou políticos. Podem desafiá-los a dizerem-nas, mas não o farão. Podem suplicar-lhes que as repitam, mas não devem. Podem gritar-lhes para as declararem, mas não podem.

— *Porquê*? Por que não podem dizê-las?

— Porque pronunciar este Novo Evangelho seria invalidar tudo o que vos ensinaram, tudo aquilo de que vos tentaram convencer, tudo aquilo em que basearam as suas ações.

— Tens razão. É um Novo Evangelho que podia salvar o mundo, mas o mundo não pode pregar estas duas frases. O mundo não as pode proclamar. São demasiado poderosas. São demasiado perturbadoras.

[1] Sinais de Fogo, 2001. (N.T.)

— No entanto, posso estar enganado. Talvez haja alguns líderes religiosos e políticos corajosos que adotem esta proposta de Novo Evangelho e a repitam. Vamos proclamá-lo aqui!

— "Somos Todos Um."

— "A nossa maneira não é melhor, é apenas outra maneira."

— Que mensagem seria, provinda dos púlpitos do mundo! Que declaração seria, a partir dos pódios de todas as nações!

— Como seriam poderosas essas palavras, proferidas pelo Papa, pelo Arcebispo de Cantuária, pelo clérigo principal da Igreja Baptista, pelas vozes islâmicas do mundo, pelo presidente da Igreja Mórmon ou pelo chefe da Igreja Luterana — Sínodo do Missouri!

— Convido-os agora — precisamente aqui e agora mesmo — a dizê-las, para as declararem como a sua verdade, para as incluírem no seu próximo sermão público.

— Imaginem o Papa a dizer, "Deus ama todos os filhos de Deus, e somos todos um. Há muitos caminhos para Deus, e Deus não renega ninguém que escolha um caminho com humildade e sinceridade. A nossa maneira não é melhor, é apenas outra maneira."

— O mundo seria abalado. Os fundamentos de todas as religiões mundiais mais importantes — a Separação e o Ser Melhor — desmoronar-se-iam!

— Desafio todo os porta-vozes partidários, todos os chefes de Estado internacionais a colocá-las nos seus palanques partidários e a anunciá-las nos seus discursos.

— Imaginem os candidatos à presidência nas próximas eleições nos EUA a dizerem, "É um momento complexo e há muitas formas de abordar os desafios que enfrentamos. Tenho as minhas ideias e a minha oponente tem as dela. A minha oponente não é uma vilã. Não é má pessoa. Simplesmente tem ideias que diferem das minhas. Ouçam atentamente as nossas ideias, e vejam com qual de nós concordam. Mas no final, quero que todos saibam isto: estamos nos Estados Unidos, e somos todos um. A nossa maneira não é melhor, é apenas outra maneira."

— O processo político nunca mais seria o mesmo. Desapareceria a demonização. Desapareceriam os assassínios de carácter, a impugnação de motivos, as desautorizações e o rebaixamento. Em cada eleição haveria dois candidatos, considerados boas pessoas, cujas aspirações seriam servir o interesse público, que confessadamente buscariam o poder porque havia coisas que queriam fazer e que discordariam simplesmente sobre como fazê-las.

— Pintas um quadro maravilhoso. É o retrato de um mundo transformado.

— Mas nenhum líder de um partido político importante podia jamais dizê-lo. Nenhum líder religioso importante o podia declarar. Toda a sua mensagem, a sua própria *credibilidade*, se baseia exatamente na premissa oposta. *Toda a estrutura da Humanidade está construída sobre a ideia de separação e do ser melhor*.

— É precisamente essa a situação no vosso mundo. É isso que se quer provar nesta conversa.

— Muitos humanos não suportam pensar em viver com essas ideias novas, e em vez disso morrem, agarrados à Quinta Falácia Sobre a Vida como sendo a sua verdade. Declaram:

— Os seres humanos podem resolver diferendos graves criados por todas as outras falácias matando-se uns aos outros.

CAPÍTULO 20

Os Princípios Elementares da Vida e os Cinco Passos para a Paz

— Meu Deus, *por que somos tão teimosos*? O que será preciso para que alteremos as nossas crenças, corrijamos as nossas atitudes, mudemos de ideias? Quanta morte e destruição mais temos de suportar até dizermos *"basta"*?

— Disseram "basta" há muito tempo; simplesmente não sabem como parar o que estão a fazer mesmo depois de todos terem tido que chegue.

— Há alguma forma de o conseguirmos? Não parece haver uma forma.

— Oh, há uma maneira. Há nitidamente uma maneira. E já te disse qual.

— Diz-me outra vez.

— Podem parar com a morte e a destruição se renunciarem às vossas falsas crenças e às interpretações mentais que construíram à volta delas.

— Está bem, já examinámos com muito cuidado as nossas falsas crenças — são aquelas a que chamas as Cinco Falácias Sobre Deus e as Cinco Falácias Sobre a Vida, não é?

— É. São as principais crenças falsas dos humanos.

— Ora bem, já analisámos essas com muito cuidado. Agora que queres tu dizer com as "interpretações mentais" que nós "construímos à volta delas"?

— No vosso mundo, fabricaram uma teia complexa de conceitos espirituais, filosóficos, políticos e económicos que praticamente governam a vossa experiência coletiva. Esses conceitos resultam de certas interpretações mentais que formaram com base nas falsas crenças, e essas interpretações mentais — ideias de "como são as coisas" que construíram literalmente na vossa mente — geram, na vossa experiência exterior, determinadas convenções sociais humanas. Essas convenções são formas de fazer as coisas, compilações de comportamentos, que criam uma moldura na qual enquadram as vossas vidas.

— Muitos de vocês consideram que as interpretações mentais que produziram essas convenções são as mais importantes e meritórias em todo o sistema de valores humanos — quando, na realidade, podem estar entre as mais prejudiciais.

— São elas que muitas vezes vos impedem de fazer coisas tão simples como viver em conjunto em paz, harmonia e felicidade.

— Quais são essas interpretações mentais? Podes enumerá-las?

— Há muitas, e são todas temporárias. Evaporam-se assim que alteram as vossas crenças, porque se baseiam nas vossas crenças.

— No entanto devem ter em mente que, em termos cósmicos, "temporário" significa qualquer coisa entre cinco minutos e centenas ou milhares de anos. Se qualquer coisa dura "apenas" dois mil anos, é apenas um sinal sonoro luminoso no visor do radar da Vida Eterna. Mas em termos humanos, isso pode ser uma eternidade.

— Qualquer que seja o tempo que leve — e para algumas crenças humanas leva muito tempo —, assim que mudam as vossas crenças, mudam as interpretações mentais que suportam a vossa vida.

— Em tempos, acreditaram que o mundo era plano. Depois acabaram por perceber que era redondo, e todas as interpretações mentais que suportavam a vossa vida mudaram à volta disso.

— Em tempos, acreditaram que o Sol e todo o sistema solar giravam à volta da Terra. Diziam que o vosso planeta era o centro do Universo. Criaram-se teologias inteiras à volta dessa crença.

— Quando Copérnico apresentou provas de que essa asserção era falsa, foi denunciado como blasfemo pelos criadores e mestres dessas teologias. E quando Galileu confirmou mais tarde as

descobertas de Copérnico, também ele foi classificado pela igreja como herege e foi forçado a abjurar, renegando as suas próprias descobertas.

— Foi só em finais do século XX — trezentos anos depois — que a Igreja Católica Apostólica Romana inverteu a sua posição e concedeu um perdão oficial a Galileu.

— E assim vemos como a mudança das vossas crenças mais elementares continua a ser o vosso desafio mais difícil — pois os humanos agarram-se às suas crenças mesmo em face de evidência nítida e incontroversa de que essas crenças estão erradas.

— Daí o ter-se dito, "Toda a grande verdade começa como blasfémia."

— A "blasfémia" aqui proferida, neste diálogo, é múltipla. Esta conversa é uma Blasfémia Múltipla.

— A primeira blasfémia é o facto de Deus sequer falar com os humanos nesta época.

— A segunda blasfémia é que Deus nada exige aos humanos.

— A terceira blasfémia é que Deus e os humanos são Um.

— A quarta e maior blasfémia — a afirmação que será mais difícil de aceitar para os humanos — é que muitas das crenças mais sagradas dos humanos são falácias. São simplesmente falsas.

— As falsas crenças criam interpretações mentais que não vos servem.

— Tais como?

— Tais como essa convenção humana de que falámos anteriormente, chamada "moralidade".

— É uma das vossas interpretações mentais mais proeminentes. É uma ideia criada na mente. Não a podem sentir, saborear, tocar, cheirar nem ouvir. É um conceito, nada mais. E é um conceito construído à volta de crenças que são falsas.

— Que estás a dizer, que não devia haver moral?

— Não estou a dizer o que "devia" ou "não devia" haver. Isso são vocês que decidem. Estou a dizer é que esta e outras interpretações mentais se baseiam em falsas crenças sobre a Vida e como ela é, e que, por isso, produziram certas convenções sociais que tornaram virtualmente impossível serem capazes de viver em conjunto em paz, harmonia e alegria.

— O filósofo e comentador social Bertrand Russell disse uma vez, "Não é só intelectualmente, mas também moralmente que a religião

é perniciosa. O que quero dizer com isto é que ela ensina códigos éticos que não são conducentes à felicidade humana."

— Contudo, a "interpretação mental" a que chamamos "moralidade" é o fundamento de toda a nossa maneira de viver.

— Exatamente. É aí mesmo que quero chegar. E foi por isso que tornei a levantar à questão. Foi por isso que a escolhi como exemplo.

— Mas se as nossas "interpretações mentais" são baseadas em "falsas crenças" e se a "moralidade" é uma dessas "interpretações", o que estás a dizer é — *que toda a nossa maneira de viver está errada*?

— Estou a dizer que muita da vossa maneira de viver não funciona. Se dizem que o que querem é viver em conjunto em paz, harmonia e felicidade, não está a funcionar.

— Há muita gente que diz que funcionaria se as pessoas *aderissem* a essa "interpretação mental" chamada "moralidade"! Dizem que o que nos *impede* de vivermos juntos pacificamente é que as pessoas e as nações não respeitam essa interpretação. Dizem que o mal não é da *interpretação* filosófica, é do *comportamento* das pessoas.

— E, no entanto, muitos dos seus comportamentos mais prejudiciais baseiam-se nessa interpretação.

— Pelas dimensões e padrões humanos, dir-se-ia que muitas pessoas atuam da pior maneira quando pensam estar a atuar da melhor maneira.

— Bolas. Essa custa a ouvir.

— Não faço juízos quanto a esses comportamentos (ou qualquer outra coisa que os humanos façam), mas se os humanos dizem que o que procuram e desejam é viver em paz e harmonia, talvez pudessem dar conta que muitas vezes fazem coisas, quando dizem que estão a atuar da melhor maneira, que não conduzem à paz e à harmonia.

— Podes dar-me um exemplo?

— Posso dar-te centenas.

— Que tal um pai que expulsa de casa a filha solteira grávida? Ou que repreende o filho porque casou fora da fé ou fora da raça? Ou uma família que renega um filho por ser homossexual?

— Que tal uma mulher de vinte e três anos de idade que ata uma bomba ao corpo e se mistura numa multidão em Jerusalém para a fazer explodir? Que tal uma nação que ocupa a terra de outro povo durante décadas e mantém esse povo económica, política e militarmente subjugado, recusando conceder-lhe os direitos humanos mais básicos e depois enfurecendo-se quando eles se enfurecem, fazendo coisas desesperadas quando eles fazem coisas

desesperadas, e sendo completa e totalmente cega ao papel que ela própria desempenha na criação de uma tragédia humana continuada?

— As pessoas fazem coisas destas porque fazem juízos morais.

— Sim, agora estou a ver.

— Essa distorção de tudo o que vos parece "certo" ocorre porque a vossa interpretação da própria "moralidade" se baseia nas falácias de que falámos anteriormente.

— As pessoas pensam que estão a fazer "bem", com base no que acreditam que "Deus quer" ou que a "Vida exige" — no entanto, a informação que têm disso é inexata. E é por isso que, muitas vezes, não é quando as pessoas ignoram a moralidade que surgem as dificuldades, mas sim quando lhe prestam demasiada atenção.

— Bem, isto é formidável. Aqui temos Deus, a dizer-nos que nos metemos em sarilhos quando *prestamos atenção à moral*.

— Se lhe prestarem demasiada atenção, sim. Se puserem demasiada fé nela, sim.

— E isso pode acontecer.

— De facto, acontece com frequência.

— A vossa "moral" é uma mera interpretação mental — as vossas "ideias" correntes sobre as coisas. Se essas ideias mudarem de vez em quando...

— O *problema é esse*. O problema está *aí mesmo*. É o problema que os nossos comentadores sociais chamam *mudança de moral*.

— Não seria curioso se esses comentadores sociais estivessem a ver o problema completamente ao contrário?

— Olhem para o mundo de hoje. Os problemas que experienciaram nestes últimos anos não foram criados pela mudança da moral, mas por a moral não mudar — por vezes durante milhares de anos.

— Deixem que vos diga novamente que a moral não é mais do que ideias sobre como as coisas são e como deviam ser, baseadas naquilo em que acreditam sobre Deus e sobre a Vida. São ideias— nada mais, nada menos. E são ideias vossas, não de Deus.

— Foram seres humanos que amarraram Matthew Shepard a uma cerca em Wyoming e o espancaram até à morte, abandonando-o ali, não devido às ideias de Deus, mas devido às ideias dos seres humanos. Devido à moral que não tem mudado.

— Foram seres humanos que amarraram pessoas a cadeiras elétricas e ligaram a corrente, matando-as da forma mais desumana, para ensinar aos outros que matar é mau, não devido

às ideias de Deus, mas devido às ideias dos seres humanos. Devido à moral que não tem mudado.

— E os seres humanos criaram um ambiente no seu planeta em que tudo isto é possível não devido às ideias de Deus, mas devido às ideias dos seres humanos. Devido à moral que não tem mudado.

— As vossas interpretações mentais, baseadas em crenças falsas e antiquadas sobre Deus e sobre a Vida, produziram convenções sociais terrivelmente disfuncionais — comportamentos a que chamam "convencionais", baseados na "sabedoria convencional".

— É claro que os seres humanos não desenvolveram esse tipo de interpretações mentais para serem "maus".

— Todas as vossas interpretações mentais são tentativas sinceras da mente de articular e exprimir princípios subjacentes que suportam a vida. No entanto, quando prestam mais atenção às vossas interpretações mentais do que aos princípios subjacentes que pretendem expressar, podem na verdade "meter-se em sarilhos".

— O que queres dizer com "princípios subjacentes"? Isso é um conceito novo que está a ser aqui introduzido. De que estamos a falar?

— Existe um conjunto de Princípios Elementares da Vida subjacente a Toda A Existência, e vocês sabem-no, relembram-no

a nível celular, recordam-no de um Tempo Antes do Tempo quando não se experienciavam como quem imaginam ser agora.

— Mesmo assim, não foram capazes de se aproximar do núcleo, de extrair a essência desses princípios, por muito que tenham tentado. As falsas crenças que albergam acerca de Deus e da Vida obscurecem-nos, tapando-os, ocultando-os à vista e impedindo-vos de os conhecerem. É a névoa do desconhecimento. Esconde-vos a verdade.

— Não que os humanos não queiram viver de acordo com os princípios mais verdadeiros da vida, mas é simplesmente impossível que os humanos o façam quando esses princípios elementares estão de tal forma obscurecidos pelas crenças que os humanos nem conseguem saber quais são os princípios.

— Em suma, os seres humanos estão a tentar viver a verdade através de crenças que são falsas. Comprometeram-se assim com uma tarefa impossível. E é por essa razão que uma parte tão grande da vida no vosso planeta não funciona.

— Permitam-me que reconheça aqui que alguma parte da vossa vida na Terra está a funcionar. Cresceram e evoluíram e tornaram-se uma versão mais grandiosa da Humanidade. Aprenderam com alguns dos vossos erros, progrediram de algumas formas, e de certas maneiras tornaram-se uma espécie magnífica. E, como já referi, fizeram-no contra todas as previsões.

— É por isso que é uma pena ver-vos fazer escolhas coletivas nesta altura do vosso desenvolvimento que podem atingir a vida da vossa espécie, tal como a conhecem, tão drástica e negativamente — se não acabar completamente com ela.

— Os humanos que compreendem profundamente o que se passa agora veem que a parte mais triste é que tanta coisa podia melhorar tão depressa com algumas mudanças simples nas coisas que vocês optam por acreditar.

— Então vamos fazer com que aconteça agora mesmo! Vamos fazer a viragem aqui!

— É exatamente esse o propósito deste diálogo. É por isso que aqui estamos a ter esta discussão. É esse o objetivo destas Novas Revelações.

— Está bem, então revela mais. Falaste em "princípios de vida" que disseste que os seres humanos procuram articular através das nossas interpretações mentais. Que princípios são esses?

— Os Princípios Elementares da Vida são:

- *Funcionalidade.*
- *Adaptabilidade.*
- *Sustentabilidade.*

— Toda a Vida ostenta estes princípios. Toda a vida os demonstra.

— Por trás de cada uma das vossas interpretações mentais temporárias está um destes princípios eternos, à espera de ser revelado. No entanto, estão tapados e escondidos por essas interpretações mentais, porque elas, por sua vez, se baseiam em falsas ideias sobre a vida. Sendo as vossas interpretações mentais tentativas distorcidas de expressar Princípios de Vida subjacentes, produzem resultados distorcidos.

— Por exemplo, eis três das interpretações mentais mais populares da vossa espécie — a primeira já mencionei. São ideias simples que têm na cabeça e que traduziram para convenções sociais, costumes e práticas:

- *Moralidade.*
- *Justiça.*
- *Posse.*

— Estas encontram-se entre os vossos conceitos filosóficos, políticos e económicos mais acarinhados.

— Quais são os Princípios de Vida que procuram expressar?

— No caso da "moralidade", o princípio subjacente é a Funcionalidade.

— No caso da "justiça", o princípio subjacente é a Adaptabilidade.

— No caso da "posse", é a Sustentabilidade.

— Isso é que eu não percebo. Funcionalidade, adaptabilidade, sustentabilidade... seja lá o que for. Para mim, "moralidade", "Justiça" e "posse" fazem mais sentido. Construímos as nossas vidas inteiramente à volta desses conceitos. Como poderíamos viver sem eles?

— A ideia não é viver sem eles, mas elevá-los, erguê-los ao nível seguinte de articulação e expressão, passar do conceito ao princípio na vivência das vossas vidas.

— Trata-se de ampliar a consciencialização, ou tornarem-se mais conscientes de tudo o que está envolvido no processo de expressão da vida. Para muitas pessoas, isso pode não ser fácil, dada a tendência humana de manter as crenças tais como são, por muito impraticáveis que se tenham tornado (ou que sempre tenham sido).

— Existe, contudo, um atalho que podem usar, uma forma de fazer isto mais depressa.

— Qual é?

— Os Cinco Passos para a Paz. Geram não só a paz no mundo, como a paz no vosso mundo interior.

— É essa a paz de que aqui falamos. Paz interior, bem como paz exterior.

— A maior parte dos seres humanos não tem tido muita paz interior ou exterior ultimamente. Nem o estado do vosso mundo nem o vosso estado de espírito o tem permitido.

— Mas agora podem dar os Cinco Passos para a Paz e ampliar a vossa consciencialização, passando do conceito ao princípio ao considerar, explorar e entender profundamente a vida.

— Se quiserem tomar esse atalho, eis aqui mais uma vez o que têm de fazer. Eis, mais uma vez, os Cinco Passos para a Paz:

1. *Reconheçam que algumas das vossas antigas crenças acerca de Deus e da Vida já não funcionam.*

2. *Reconheçam que há algo que não compreendem em relação a Deus e à Vida, cujo entendimento modificará tudo.*

3. *Estejam predispostos para receber agora um novo entendimento de Deus e da Vida, um entendimento que poderá gerar uma nova forma de viver no vosso planeta.*

4. *Sejam suficientemente corajosos para explorar e questionar este novo entendimento e, se este estiver de acordo com a vossa verdade e conhecimento interior, alargar o vosso sistema de crenças para incorporá-lo.*

5. *Vivam as vossas vidas como demonstrações, e não como negações, das vossas crenças.*

— Estás sempre a repetir as mesmas coisas.

— A repetição pode ser muito útil.

— Também pode ser muito incómoda e fazer com que as pessoas se impacientem.

— O aluno sério nunca fica impaciente com as repetições do professor.

— Aqueles que vivem totalmente a vida nunca se impacientam com as repetições da vida.

— A vida em si é uma repetição. É impossível acontecer qualquer coisa nova. Só é possível ter novas experiências do que aconteceu muitas vezes antes.

— Deus é uma Repetição. A Vida é Deus, repetindo-Se.

— Desenvolvam o gosto pela repetição. Quando o fizerem, adquirirão o amor por Deus e pela vida.

— Sabê-lo-ão na próxima Primavera, quando voltarem a ver as flores desabrochar. No Verão, quando se estirarem ao Sol. No Outono, quando mais uma vez cheirarem a frescura do ar. No Inverno, quando mais uma vez virem maravilhados a neve acabada de cair.

— Sabê-lo-ão quando sorrirem ao som de uma melodia favorita que já ouviram tantas vezes, mas da qual nunca se cansam. Ou a próxima vez que se deixarem envolver nos laços do amor, dos quais nunca têm que chegue.

— Já fizeram vezes sem conta estas coisas e adoram a repetição.

— Não é exatamente a mesma coisa.

— Não. Essas experiências, apesar de maravilhosas, são banais comparadas com as repetições envolvidas nas explorações da verdade eterna.

— Não se cansem de procurar a verdade, nem de a encontrar.

— Pediram a minha ajuda numa altura de grande desafio para a raça humana. As coisas que aqui são ditas foram ditas vezes sem conta, de muitas formas, através da história humana. Essa forma de repetição não produziu uma mudança no comportamento

humano de base. Convido-vos aqui a tentar uma nova forma de repetição. Talvez o ouvir a mesma coisa repetidamente num curto espaço de tempo afete o comportamento humano.

— Tudo depende de vocês.

— Querem verdadeiramente que o mundo mude?

— Sim.

— Então vou aqui esclarecer algumas questões — através da repetição. A lógica circular adquire o seu poder a partir do círculo que cria. Viajar em círculo é percorrer o mesmo terreno repetidamente. Viajar em círculo sabiamente é percorrer o mesmo terreno pela primeira vez. Deste modo, o vulgar torna-se extraordinário e o círculo o percurso onde querem estar. E quando por fim derem conta de que o percurso fechou o círculo, compreenderão que onde querem estar é onde já estiveram... e estiveram sempre.

CAPÍTULO 21

Interpretações Mentais que Produzem Convenções Sociais

— Nunca — e agora sou eu que me estou a repetir — ouvi explicar tantas experiências vulgares da vida com uma perspicácia tão invulgar. Meu Deus, tornas tudo tão claro, tão simples e tão óbvio. *Obrigado*. E vá lá, repete-te o quanto quiseres. Percebo agora que isso é perfeito.

— Vocês podem mudar o vosso mundo e a maneira mais rápida de o fazer é distanciarem-se das vossas falácias e acolherem uma nova revelação e uma nova espiritualidade. Essa seria a coisa mais corajosa que os humanos fizeram durante séculos. Podia mudar a história humana.

— Alinho nisso! Então voltemos à nossa discussão das interpretações mentais que produzem convenções sociais que distorcem princípios elementares da vida. Disseste que a "moralidade" é uma dessas interpretações mentais e que podemos mesmo ser desviados por ela.

— Não só podem como já foram.

— Está certo. Então como é que vivemos a vida sem moral? E que relação tem a "interpretação mental" chamada "justiça" com o princípio da vida chamado "adaptabilidade", ou o nosso conceito de "posse" com o princípio da vida chamado "sustentabilidade"?

— Ajuda-me a ver a relação entre uma interpretação mental recriada humanamente, uma convenção social e um princípio da vida. E o que torna o último melhor que o primeiro?

— O último não é "melhor" que o primeiro em termos de ser moralmente superior. É simplesmente mais funcional. Os Princípios Elementares da Vida funcionam. Muitas das interpretações mentais e convenções sociais da Humanidade não funcionam. É tão simples como isso.

— Muitas das ideias e comportamentos da Humanidade não são funcionais. São disfuncionais.

— Já reparaste, por exemplo, que a maioria das relações humanas são disfuncionais? Não funcionam da maneira como estavam destinadas a funcionar. Falham. Desmoronam-se.

— Isso acontece porque os humanos abandonaram os Princípios Elementares da Vida a favor das suas próprias interpretações mentais pessoais e das convenções sociais que delas emergem.

— Ora se as crenças nas quais os vossos conceitos mentais se baseiam fossem exatas, as vossas convenções sociais — ou seja,

os vossos comportamentos coletivos — seriam tão praticáveis como são os Princípios Básicos da Vida. Mas as vossas crenças não são exatas, estão cheias de falácias.

— Já demos uma vista de olhos às vossas falsas crenças mais prejudiciais. Vejamos agora como produzem convenções sociais cujo efeito afeta a vossa vida de modo negativo.

— Fantástico! Tenho estado à espera de chegar aí. Quero realmente compreender isto mais profundamente.

— Não podemos olhar para todas as vossas convenções sociais, porque este diálogo nunca teria fim, mas podemos optar por um exemplo muito bom, dando-vos a hipótese de ver como...

— As Falsas Crenças criam Convenções Sociais que produzem Disfunções Societárias que ameaçam a Sobrevivência da Espécie.

— A sobrevivência da espécie é aquilo de que temos estado a falar, evidentemente. É isso que temos estado a discutir desde o início.

— Eu sei. Tenho essa noção. Temos de nos pôr em campo; temos de chegar a novos níveis de consciencialização, para a nossa espécie poder sobreviver.

— Sim, por causa da maneira como os humanos se comportam. Sim, por causa do ponto até onde progrediram na vossa capacidade

de se destruírem uns aos outros, mas não avançaram na capacidade de se entenderem uns com os outros. Foi isso que criou a crise.

— Regressemos então à primeira palavra na nossa lista de exemplos de convenções criadas pelos humanos: Moralidade. É uma palavra boa porque é multicultural. Toca praticamente todas as sociedades na terra.

— A nossa "moralidade" também quase que destruiu todas as sociedades na terra.

— Essa é uma observação precisa.

— Qual é então a falsa crença que criou o conceito mental a que chamamos moralidade, e as convenções sociais que dela emergem?

— A vossa crença de que Deus precisa de algo — nomeadamente, de que se comportem de determinada maneira — é a falácia da qual emergiu a vossa "moralidade".

— Está bem, isso percebo eu. Mas mesmo que *não* haja maneiras de acordo com as quais Deus queira que nos comportemos, o que há de errado em ter "moral"? Ajuda-nos a viver a vida.

— O problema com a "moral" é que tem de ser baseada num Valor Supremo ou Final. A moral sem autoridade moral, como as moedas sem um padrão ouro ou qualquer outra coisa de valor por trás, não vale nada.

— De acordo. A moral tem de ter alguma autoridade por trás.

— E nos primeiros tempos, quando as sociedades se começaram a formar, quando as diversas culturas humanas emergiam. qual era a autoridade por trás da sua moral?

— Ora bem, suponho que seria a sua ideia do que está "certo".

— E donde pensas que retiraram fundamentalmente essas ideias?

— De Deus?

— Exatamente. Pelo menos, foi daí que disseram que as tiraram.

— Deixa-me clarificar novamente como isso aconteceu.

— A maior parte das primeiras civilizações misturavam completamente aquilo a que hoje se chamaria religião e política, citando códigos sagrados para suportar regras terrenas. As culturas primitivas viravam-se para "os deuses" por tudo aquilo que queriam que acontecesse — não só a chuva ou uma boa colheita, mas também a autoridade de estabelecer regras de comportamento, ou aquilo a que vocês hoje chamariam "moral".

— As culturas posteriores fizeram o mesmo. A maior parte das leis civis começaram como códigos religiosos, transmitidos ao povo

através de uma ou outra "revelação". Quer os humanos que se agrupavam à sua volta acreditassem numa pluralidade de deuses ou num só Deus omnipotente, as suas primeiras ideias do "certo" e do "errado" resultaram do seu entendimento do que a Divindade queria ou necessitava.

— E que grande diferença teria feito se tivessem decidido que a sua Divindade não precisava de nada.

— Infelizmente, não foi isso que decidiram. E assim, disse-se que muitos conjuntos de regras que governavam a vida do dia-a-dia tinham sido "transmitidos" ao Homem diretamente por Deus. Uma das coleções foi descrita como os mandamentos de Deus.

— A vossa conceção das necessidades e dos desejos de um poder maior que o vosso, com sabedoria mais profunda que a vossa, e com uma autoridade que ultrapassava de longe a vossa, é o que está por trás de praticamente todos os conjuntos de imperativos morais ou normas comportamentais engendradas pela sociedade terrena.

— Isso inclui sociedades que hoje não professam nenhuma fé em Deus, declarando que essa crença é errónea ou supersticiosa e não mais que o "ópio do povo".

— Mesmo essas sociedades limitaram-se a usurpar os primeiros ensinamentos dos seus antepassados no que respeita ao "certo" e ao "errado" — cujos ensinamentos anteriores estavam

absolutamente radicados nalguma forma de idolatria e ligação com "a vontade dos deuses".

— E assim tem sido sempre, pois é natural que os humanos se experienciem como parte de um todo maior, e saibam no íntimo que esse todo maior é Deus. O ateísmo é uma reação aprendida; o deísmo é uma reação natural, um "saber" intuitivo, uma consciência profundamente entranhada a nível celular.

— Contudo, aquilo que os humanos "sabem" sobre Deus nas suas células e aquilo em que "acreditam" acerca de Deus na sua mente são frequentemente duas coisas completamente diferentes.

— Hoje há milhões de pessoas (não algumas, mas milhões) que continuam a acreditar que Deus estabeleceu todo um sistema de leis para os seres humanos seguirem, e essas pessoas afirmam que a Lei de Deus deve governar, guiar e controlar todo o comportamento da sociedade civil. Há países inteiros nos quais as pessoas aceitam a Lei de Deus como Lei Civil, que governa todos os aspetos da sua vida quotidiana.

— Bem, podia ser pior, suponho eu. Ou seja, que mal há nisso?

— Nenhum, desde que aquilo que imaginas ser a "Lei de Deus" seja justo.

— Se é a Lei de Deus, como pode não ser justa?

— Se essa lei dissesse que nenhum indivíduo tem o direito de pensar ou decidir por si próprio e tem de aceitar a Lei de Deus segundo a interpretação de mestres eruditos, isso seria justo?

— Humm... não parece justo, mas acho que dependeria do que esses mestres dissessem que era a Lei de Deus. Dependeria de como eles a interpretassem.

— Se os mestres eruditos dissessem que, de acordo com a Lei de Deus, o testemunho de uma mulher no tribunal vale metade do de um homem, isso seria justo?

— Ah, sim, referiste isso há bocado. Não, claro que não seria justo.

— E se os mestres eruditos dissessem que, de acordo com a Lei de Deus, uma mulher não é livre de casar com quem quiser e que os seus direitos no divórcio não são iguais aos de um homem, isso seria justo?

— Não.

— Se os mestres eruditos dissessem que, de acordo com a Lei de Deus, uma pessoa da "fé errada" não pode testemunhar de forma alguma numa ação contra uma pessoa da "fé certa", isso seria justo?

— Claro que não. Não sejas tolo.

— Se os mestres eruditos dissessem que, de acordo com a Lei de Deus, a herança de um filho é igual à de duas filhas, isso seria justo?

— E se os mestres dissessem que a blasfémia contra Deus ou contra o profeta de Deus é punível com a morte — e piorassem as coisas por não deixarem claro o que é exatamente "blasfémia"? Isso seria justo?

— Não. Não, não seria. E já percebi onde queres chegar. A questão é que milhões de pessoas são governadas por leis "civis" dessas nos países muçulmanos, onde é utilizada a *Sharia* no lugar da legislação, ou onde as leis civis que existem se baseiam nela.

— Se bem entendo, a *Sharia* é uma combinação das palavras do Corão, dos ensinamentos do Hadith (uma compilação de relatórios verbais, recentemente passados à escrita, sobre Maomé e como ele viveu), e o que é conhecido como ijma (o consenso dos mestres islâmicos, doutores em leis e académicos quanto à interpretação dos dois primeiros). Isto está correto?

— O teu entendimento é básico, mas não é inexato.

— E aquelas "leis" religiosas que acabaste de mencionar — fazem todas parte da *Sharia*?

— Sim.

— Tenho dificuldade em acreditar que Deus seja tão injusto, tão manifestamente injusto. Tens a certeza de que as pessoas que te citaram perceberam bem isto tudo? Essa história da superioridade masculina, por exemplo. Isso é a Lei Divina?

— Tens dúvidas?

— Isto é apenas a opinião dos académicos islâmicos ou existe mesmo uma Escritura a suportar esse ensinamento?

— Ah, o Corão é muito claro nesse aspeto.

— Dá-me um exemplo.

— Surata 4:11:

— "Alá vos ordena acerca da herança dos vossos filhos: deixai ao varão uma parte igual à de duas filhas; se as mulheres forem mais de duas, terão o terço do que deixa o defunto; se for uma, terá a metade (...)."

— Bolas. Mesmo ali na Sagrada Escritura.

— Mas na realidade não estás à espera que eu aceite isto, pois não, ou que acredite que isto é a Tua Palavra Sagrada? A maioria das pessoas hoje em dia rejeitariam um Deus que dissesse coisas destas.

— Então serão castigadas com a condenação eterna.

— Não! Não por dividirem simplesmente uma herança em partes iguais pelos filhos e rejeitarem um Deus que diz para não o fazer.

— Lê a Surata 35:36-37:

— "Os que não tenham acreditado terão o fogo do Inferno. Não se lhes decretará a morte, mas morrerão continuamente; não se lhes aliviará o tormento. Assim recompensamos todo o incrédulo!

— "Eles gritarão: 'Senhor nosso! Tira-nos! Praticaremos o bem, ao contrário do que fizemos!" Porventura não vos demos uma longa vida para que nela meditasse quem medita? Chegou-vos o Advertidor! Saboreai o tormento! Os injustos não terão defensor."

— Era isso que dirias? Era isso que o Deus de misericórdia diria se a alma compreendesse o seu erro e implorasse outra oportunidade?

— O Deus de misericórdia não tem misericórdia pelos que não creem. Assim dizem as vossas Escrituras.

— E quando têm culturas e sociedades inteiras que baseiam as suas leis nessas escrituras, também a elas, como a Deus, é permitido não manifestar nenhuma piedade, e agir de formas terríveis com impunidade.

— As sociedades humanas criam a "moral" a partir dessas "instruções de Deus".

— Bem, talvez nalgumas culturas, mas não nos Estados Unidos. Orgulhamo-nos da separação entre a Igreja e o Estado. Não reivindicamos, como fazem outros países e culturas, que Deus é a autoridade por trás da nossa moralidade e das nossas leis.

— Ai sim?

— O Juramento de Fidelidade à vossa bandeira não descreve o vosso país como "uma nação, sob Deus (...)"?

— Não leste o "confiamos em Deus" nas vossas moedas?

— O desenho no verso da nota de dólar não tem nada a ver com Deus?

— Não prestam juramento colocando a mão sobre a Bíblia e dizendo "assim Deus me ajude"?

— Não abrem as sessões do Congresso com uma oração — após a qual aprovam leis salvaguardando a oração nas escolas? Leiam as palavras da terceira estrofe do vosso hino nacional.

— Já estou a ver onde queres chegar.

— Quer os Governos os queiram ou não admitir (e aparecem cada vez mais governos a dizê-lo), são os pontos de vista religiosos da maioria das pessoas de uma sociedade que consciente ou inconscientemente formam a base de todas as leis e de todos os códigos morais locais.

— Para dar autoridade ao vosso sistema moral, milhares de vós confiaram naquilo que presumem ser a Lei de Deus.

— Muitas pessoas diriam, "Não é o que *presumimos* ser a Lei de Deus, é o que sabemos que é a Lei de Deus. Essa lei é muito clara, e foi estabelecida para nós."

— E se a pessoa não acreditar que existe um Deus?

— Essa pessoa tem, mesmo assim, de obedecer a leis civis. Mas eu percebo o que queres dizer. A maior parte das nossas leis civis são, de facto, baseadas na autoridade moral que derivamos da "melhor ideia" que temos do que Deus quer. E, tal como sublinhaste, nalguns países nem sequer há uma tentativa de dançar em volta disso. Aparecem a *dizer* que as leis civis são as leis de Deus, como consta da Escritura.

— E se as vossas leis e a vossa moral se baseiam principalmente numa interpretação qualquer da vontade de Deus, então a Lei de Deus tal como consta da Escritura localmente aceite torna-se o "padrão ouro".

— E isso mesmo.

— Portanto era bom que a vossa fonte da Lei de Deus fosse precisa.

— Isso não é problema, porque Deus deu a Tora diretamente a Moisés. O Novo Testamento também está correto até à última palavra. O Corão é igualmente perfeito. O Bhagavad-Gita é magnífico. Os princípios orientadores do Livro de Mórmon foram entregues diretamente por Deus a Joseph Smith por intermédio do anjo Moroni. O Pali Canon contém uma sabedoria estarrecedora. E assim por diante.

— São *estes* os "padrões de ouro da moralidade" nas culturas em que são proeminentes, e são considerados por muitos dos seus aderentes como completa e literalmente exatos.

— Vejamos então algumas das Leis de Deus.

— Outra vez não.

— Espera. Há muitas que ainda nem sequer aflorámos.

— Há necessidade disto? O que vais fazer é citar novamente um texto qualquer de uma das escrituras da Humanidade que já não é aplicável à sociedade moderna.

— Estás na disposição de admitir que muitas das palavras em muitos dos vossos livros sagrados nunca foram aplicáveis a nenhuma sociedade civilizada?

— Sim, estou disposto a admiti-lo. Algumas das Leis de Deus, tal como constam de diversas Escrituras Sagradas, provavelmente nunca fizeram sentido.

— Como a "Palavra de Deus" que diz que se um homem tem um filho teimoso que se recusa a obedecer e é um bêbado, os pais o devem pôr à porta e todos os homens da cidade o apedrejarão até à morte?

— Como essa?

— Sim, sim, como essa.

— Como a que diz que não cortarás os cabelos da tua cabeça nem apararás os cantos da barba?

— Sim, sim, essa também.

— E muitas outras?

— E muitas outras, sim.

— Como a Lei de Deus que diz que quem tocar num cadáver ficará impuro durante sete dias, que quando se é padre se pode comprar um escravo, que nenhum trabalho de qualquer espécie pode ser feito ao sábado, que o teu irmão falido pode ser comprado e forçado a tornar-se teu criado, ou que depois de ter relações sexuais ambos os parceiros estão impuros? Ou que bruxos e feiticeiros devem ser condenados à morte?

— Pode parecer-vos que estas são apenas algumas escrituras que não fazem sentido pelos padrões humanos atuais, mas a verdade é que a lista das regras de Deus que a maioria de vocês diria que não faz sentido para qualquer pessoa razoável é tão longa que dava para um livro.

— Na realidade, dá.

— Trouxe estes muitos exemplos para esta conversa — e trarei ainda outros — para que possam entender uma questão maior:

— Basearam a vossa autoridade moral em Leis Sagradas que aplicam conforme se sentem em relação a elas em determinado momento, em determinada cultura, sob determinadas circunstâncias.

— Se estás a dizer que ignoramos as palavras dos nossos Livros Sagrados quando vemos claramente que já não se aplicam à nossa vida, admito-o.

— Por outras palavras...

— A vossa moralidade não tem nenhum outro padrão senão o que funciona e o que não funciona.

— Esta é a verdade e tudo o mais é ficção.

— Até vocês concordam, conforme demonstrado não só pelo que dizem, como também pelos vossos comportamentos, que a Palavra de Deus tal como registada nas vossas muitas Escrituras Sagradas não deve ser seguida à letra porque não é infalível.

— Evidentemente que não, porque, nesses livros todos, foi escrita por humanos. Contudo, se o "padrão ouro" em que baseamos a nossa moralidade nas várias culturas não é infalível, que acontece?

— Acontece que estão a basear a vossa moralidade em leis espirituais que, no seu cômputo geral, não fazem sentido. Contradizem-se dentro de uma determinada Escritura e contradizem-se de uma Escritura para outra. Assim, a raça humana recebeu leis entre as quais vocês têm de escolher para as tornarem sensatas.

— Não querem admitir que o estão a fazer, é claro, porque isso coloca-vos à mercê da acusação de relativismo, um grande palavrão no vosso vocabulário. Querem ser absolutistas. Querem acreditar e afirmar que existe absolutamente um "Certo" e um "Errado". Mas,

no final, VOCÊS têm de decidir o que isso é. Não podem confiar nas vossas leis e nem sequer podem confiar no vosso Deus.

— Têm de decidir por vós próprios, porque as palavras tanto das vossas leis como do vosso Deus têm-se mostrado insensatas quando engolidas de uma só vez, quando aplicadas indiscriminadamente, quando adotadas absoluta e literalmente e sem flexibilidade em cada caso ou circunstância. Dessa maneira nada pode funcionar.

— Muitas das vossas leis religiosas, como vocês próprios admitem, deviam ser simplesmente ignoradas. Nunca poderiam ser a fonte dos verdadeiros suportes morais de toda a vossa sociedade.

— Portanto, pelas vossas próprias ações, provaram que "moral" = "funcionalidade".

— Está revelado o Princípio Elementar da Vida subjacente. É aí que queres chegar.

— Sim, e a vossa espécie já o determinou, a propósito. Já decidiram no vosso planeta que o que está "certo" é o que funciona, dependendo daquilo que estão a tentar ser, fazer ou ter. Simplesmente não estão dispostos a admiti-lo.

— Para complicar mais as coisas, não foram capazes de chegar a acordo sobre aquilo que estão a tentar ser, fazer e ter enquanto coletivo chamado Humanidade.

— E são estes os impedimentos — o segundo acima de todos — da paz e da harmonia na Terra.

CAPÍTULO 22

Funcionalidade, Adaptabilidade e Sustentabilidade

— Então nesta Nova Espiritualidade de que estás sempre a falar temos de esquecer tudo quanto à moral, é isso?

— A "moral" é uma coisa perigosa, precisamente porque muda de tempos a tempos através da história e de cultura para cultura através do planeta.

— A razão por que muda é por se basear em crenças que são falaciosas e o que muitas pessoas fazem quando descobrem que certas instruções morais não funcionam na vida real é mudar a moral sem mudar as crenças das quais ela emergiu.

— As pessoas recusam-se terminantemente a mudar as crenças mais elementares, mas mudam de moral (ou a forma como aplicam as crenças) num abrir e fechar de olhos conforme as conveniências.

— Por exemplo, a maioria das pessoas tem a crença de base de que Deus quer que sejam honestas. Depois aldrabam impostos — e dizem que não faz mal.

— "Toda a gente o faz. É de esperar que se faça."

— Recusaram-se a mudar a crença de base, mas mudaram a moral (ou seja, a forma como aplicam a crença) num abrir e fechar de olhos, de acordo com as conveniências.

— Mas se mudaram a moral, mudaram de crenças, pois a moral é simplesmente a expressão das crenças. Portanto, hipócritas. Não têm crenças nenhumas. Querem simples acreditar que têm crenças.

— Isso fá-las sentir bem, mas também torna o mundo uma loucura.

— Acho que vejo o mesmo que tu, por todo o lado.

— Claro que vês. Só não vias se fosses cego.

— Então *estás* a dizer que devíamos rejeitar toda a nossa moral.

— Estás sempre a querer generalizar, a arranjar um sound bite de trinta segundos, mas não é isso que estou a dizer.

— O que estou a dizer é que os humanos criaram uma interpretação social chamada "moral". Estou a explicar como a vossa moral muda, apesar de vocês dizerem que não. Comento que vocês não o reconhecem e, portanto, tornam-se farisaicos.

— É o vosso farisaísmo que dá cabo de vocês.

— Insistem em rotular todos os erros de funcionalidade como questões de decadência moral. Isso cria juízos e os juízos criam a justificação. Pelos vossos juízos sobre se uma pessoa ou uma nação agiram moralmente, justificam a vossa reação.

— Chamam a essa reação a vossa "obrigação moral". Reclamam que são moralmente obrigados a agir de determinada forma.

— A vossa pena de morte é um exemplo perfeito. Reclamam que o código moral (ou Lei de Deus) do olho por olho e dente por dente é a justificação desse castigo. Nem sequer é para garantir a segurança da sociedade, porque a prisão vitalícia garanti-la-ia. Não, é uma simples questão de acerto de contas, ponto final.

— Sim, tentamos dourar a pílula chamando-lhe justiça, mas há um ditado que diz "Se parece um pato, anda como um pato, e grasna como um pato, provavelmente é um pato". Neste caso é um pato chamado Vingança.

— E se a moral — que é uma festa móvel de qualquer maneira — não fizesse parte da equação? E se a única questão fosse a funcionalidade — se uma determinada ação ou reação funcionou ou não funcionou, com base no que estão a tentar ser, fazer ou ter?

— Agora têm um contexto completamente diferente no âmbito do qual podem considerar a vossa reação. Agora estão a ver as coisas de uma maneira completamente diferente. Agora estão "fora

da caixa" — da caixa onde se deixaram apanhar enquanto espécie num ciclo interminável de violência, destruição e morte.

— Portanto, para utilizar o exemplo acima, a pena de morte faz aquilo que pretendem que faça? Tem funcionalidade?

— Se o objetivo da pena é acertar contas, faz. Mas se o objetivo da pena é impedir outros crimes, não faz. As estatísticas mostram claramente que os Estados e as nações que mais usam a pena de morte não têm taxas de criminalidade inferiores aos que menos a utilizam.

— Que quer isso dizer? Se a pena de morte dissuade o crime violento, por que não descem as taxas e não permanecem baixas?

— Será porque uma sociedade que pratica a violência para acabar com a violência tem qualquer coisa de atrasada?

— É esse o problema de muitas justificações "morais". Podem gerar comportamentos insanos. O vosso planeta viu provas disso a 11 de Setembro de 2001.

— Outra vez.

— Mas se não confiarmos na "moral" para nos dizer o que está certo e errado — o que fazer e o que não fazer — em que confiaremos?

— Na funcionalidade.

— Lá está outra vez essa palavra. Estava a pensar se íamos voltar a uma exploração mais profunda dos Princípios Elementares da Vida.

— Sim, vamos, começando por este. Então levemos a discussão para um nível no qual a "funcionalidade", o princípio, possa ser mais facilmente entendido na forma como se relaciona com a "moralidade", a interpretação mental.

— Suponhamos que vais de carro no sentido oeste, nos Estados Unidos, em direção ao Oceano Pacífico, e que queres ir para Seattle. Não te valeria de nada virares para sul para San Jose. Se o fizesses, diriam que ias na direção "errada". Mas essa etiqueta induziria em erro se equiparasses a palavra "errada" à palavra "imoral".

— Não há nada de imoral em ir para San Jose. Simplesmente não é para onde queres ir. Não é o que queres fazer. Não foi esse o destino que escolheste.

— Tentar ir para Seattle dirigindo-se para sul para San Jose é um lapso de funcionalidade, não um lapso de moralidade.

— Um pensamento, palavra ou obra funciona ou não funciona, conforme o que estás a tentar ser, fazer ou ter. Se funciona, chama-se "correto" ou "certo". Se não funciona, diz-se "incorreto" ou "errado".

— Quando se diz que está "errado" nada tem a ver com uma quebra de moralidade, nem com a oposição à vontade de Deus. A tua vontade é que foi contrariada. Não conseguiste ser, fazer ou ter aquilo que querias ser, fazer ou ter.

— A vossa sociedade faria bem em não aplicar juízos morais a escolhas ou ações alternativas. Nas sociedades altamente evoluídas, repara-se simplesmente se as escolhas ou as ações "funcionam" ou "não funcionam" na produção do resultado ou desfecho coletivamente pretendido.

— Na vossa própria vida, ao retirarem o "valor moral" das vossas escolhas, retiram-lhes a "autoridade moral". (De qualquer modo, nunca tiveram autoridade moral. Vocês inventaram isso tudo.)

— As vossas sociedades terrenas deixariam de ter a possibilidade de invocar a Palavra de Deus, ou Lei Divina, ou Sharia, ou qualquer outra versão do que é suposto ser um mandato espiritual, para justificar a aplicação de códigos de comportamento ou restrições pessoais em tudo, da alimentação à roupa e ao decoro.

— Mas isso conduziria à anarquia! Toda a gente a fazer o que bem quisesse, com base no seu "desejo" — por outras palavras, um mundo de "o que funciona" e "o que não funciona" — não levaria a nada senão ao caos.

— Dependeria muito daquilo que acordassem, como sociedade do mundo, do que estivessem a tentar ser, fazer ou ter. O que procuram experienciar?

— Se procuram experienciar um mundo de paz, harmonia e cooperação, "o que funciona" e "o que não funciona" seria mensurado em comparação com isso. Atualmente, não estão a utilizar essa medida senão nunca fariam as coisas que estão a fazer no vosso mundo.

— Acho que é pior do que isso. Acho que *estamos* a procurar criar um mundo de paz, harmonia e cooperação, mas que *não estamos* dispostos a olhar, a dar atenção e a *renunciar* a todas as coisas que não funcionam. Elas permitem-nos experienciar demasiado *outras* coisas de que tiramos prazer — como o poder, o comodismo, etc.

— O que quer dizer que não procuram experienciar a paz, a harmonia e a cooperação. Procuram experienciar o poder e o comodismo. Dizem uma coisa e fazem outra.

— Quando quiserem realmente paz, harmonia e cooperação, assistirão ao que estão a fazer agora, avaliarão com clareza que não está a funcionar para vos dar a experiência que procuram, e optarão por comportamentos que funcionam.

— Continuo na dúvida se um mundo de "o que funciona" e "o que não funciona" pode produzir outra coisa senão o caos.

— Em comparação com a paz e tranquilidade produzidas pelo vosso mundo atual do "certo" e do "errado"?

— Está bem, mas pelo menos sabemos quando alguém fez qualquer coisa errada e podemos fazer qualquer coisa a esse respeito.

— Como castigá-la e demonstrar que dois "errados" fazem um "certo"?

— Não é "errado" castigar alguém!

— Exatamente. Não é "errado" castigar alguém. O "certo" e o "errado" não existem. Não há normas rígidas dessas no Universo. Uma coisa só está "certa" ou "errada" consoante funciona ou não funciona para produzir o desfecho que vocês querem obter.

— Portanto vamos lá perguntar outra vez, o que é que desejam produzir quando castigam alguém? Uma experiência de "retaliação"? De vingança? De segurança, eliminando uma ameaça?

— Provavelmente todas essas coisas. Para sermos honestos, teríamos provavelmente de dizer que é um pouco de todas essas coisas. Mas acima de tudo é algo que não mencionaste.

— E o que é?

— Justiça.

— Eu diria que procuramos experienciar Justiça. O castigo faz parte do nosso sistema de justiça.

— Humm... mais uma das vossas interpretações humanas interessantes. E o que é exatamente a "justiça", tal como a entendem?

— É um sistema através do qual a sociedade garante que o que acontece é o que é "justo". O nosso dicionário define a justiça como "o ajustamento imparcial de reivindicações conflituosas ou a atribuição merecida de recompensas ou castigos".

— Espera aí, disseste "ajustamento"?

— Sim, é isso que diz o dicionário.

— Fascinante. Isso aproxima-se muito do Princípio Elementar da Vida com o qual eu disse estar relacionada a vossa interpretação mental chamada "justiça".

— Ah, sim. Olhando outra vez para a lista, estou a ver. Dissesse que a justiça era a nossa tentativa distorcida de expressar o Princípio Elementar da Vida chamado Adaptabilidade.

— Sim, e a adaptabilidade é apenas outra palavra para ajustamento.

— A vida expressa sempre o princípio da Adaptabilidade. A vida é, acima de tudo, funcional. Essa é uma qualidade básica da vida. Funciona. E funciona de uma determinada maneira que permite que continue a funcionar.

— Quando a funcionalidade é ameaçada de alguma forma, a vida arranja uma maneira de se adaptar, ou ajustar, para continuar a funcionar.

— Este princípio da adaptabilidade é o que se chama, na teoria evolucionária, seletividade. A vida seleciona, através do próprio processo da vida, os aspetos ou funções de todas as coisas vivas que permitem que essa coisa viva continue a viver. É por esse intermédio que uma espécie evolui. E ao fazê-lo, expressa-se um terceiro Princípio Elementar da Vida: a Sustentabilidade. A vida torna-se sustentável ao adaptar a sua funcionalidade.

— Toda a vida, em toda a parte, expressa estes três princípios, e os princípios são circulares, permitindo que a própria vida continue eternamente. A vida, e tudo na vida, é funcional, ou, se deixa de poder funcionar de determinada forma ou modo, adapta-se, ajustando o que quer que tem de ajustar para se tornar sustentável. A sustentabilidade cria um círculo que a faz voltar a ser funcional, e a repetir o ciclo vezes sem conta, eternamente e para todo o sempre.

— Utilizando aquilo a que chamam o vosso "sistema de justiça", a vossa sociedade procura expressar o princípio da adaptabilidade, ajustando com imparcialidade reivindicações conflituosas e atribuindo adequadamente recompensas e castigos.

— Bem, tenta fazê-lo.

— Que significa isso? Faz ou não faz?

— A maior parte das vezes. Gostamos de pensar que o faz a maior parte das vezes.

— A maior parte das vezes?

— A verdade é que o vosso "sistema de justiça" tem imperfeições — entre as quais a menor não é a sua vulnerabilidade à influência dos ricos e poderosos e a sua completa inacessibilidade aos pobres, aos fracos e aos oprimidos — que qualquer semelhança entre o que acontece nas vossas sociedades e aquilo que sonham ser a "justiça" é com demasiada frequência pura coincidência.

— E, pergunto eu, onde é que está a "justiça" disso?

— Por mais verdadeiro que seja, não é argumento para ben sequer se *procurar* a justiça. Ouve, não podemos ignorar o que é mal feito. Temos de "acertar" o que está "errado".

— Por que não procuram fazer "funcionar" aquilo que "não funciona"?

— Quando procuram "acertar um erro", imaginam que o castigo é necessário como parte do processo. Isso é porque veem o "erro" cometido como uma falha moral em vez de o verem como uma inviabilidade funcional.

— Quando, por outro lado, procuram não castigar, mas simplesmente fazer com que funcione qualquer coisa que não funciona, limitam-se a introduzir uma correção. Mudam de rumo. Encontram uma nova forma. Alteram os vossos pensamentos, palavras e obras. Fazem um ajustamento.

— Isto é, um "justamento".

— Vemos assim que a "justiça" é na realidade "um justamento". É o sistema chamado vida adaptando-se de modo a prosseguir de uma forma que funciona.

— Nas sociedades altamente evoluídas, tudo isso é perfeitamente entendido. É introduzido o ajustamento de comportamento e, apesar de as consequências fazerem parte desse processo (é através das consequências experienciadas que se torna desejável a adaptação do comportamento), o castigo não faz.

— És um espanto, sabes? Isso nunca me ocorreria. O meu raciocínio nunca me faria lá chegar.

— Fico satisfeito por te dispores a lá chegar, seja de que maneira for. A clareza é o lugar para onde vais. Diriges-te a um estado chamado Claro. Assim que estas coisas forem claras para ti, nunca mais poderás voltar a viver na confusão.

— É desse estado de confusão que tens querido retirar-te. É esse o objetivo deste diálogo e de teres aqui vindo. Isto é verdade para toda a gente que lê isto. Pois aproxima-se o momento em que todo o mundo apela a toda a gente para olhar para as coisas de uma nova maneira.

— Mas como *fazemos* isso?

— Vejam a verdade. Admitam a verdade. Não sejam farisaicos. Tenham em atenção que o que estão a fazer está a evoluir, a adaptar-se, e é claro que estão a "mudar as regras" à medida que vão avançando. Não o fazer seria disparatado. Não podem viver a vida de hoje pelas regras de ontem. Nem a vida de ontem podiam viver pelas regras de anteontem.

— Se o que escolhem é viver em paz e harmonia, então o que o mundo precisa é de um novo conjunto de regras.

— É aí que quero chegar. É o objetivo de todo este diálogo.

— A funcionalidade desapareceu praticamente de toda a experiência de vida humana. A vossa espécie não pode continuar como está durante muito mais tempo. Vão ter de expressar o

Princípio Elementar da Vida da Adaptabilidade muito em breve se quiserem que a Vida se sustente na sua forma atual.

— Podemos falar um bocadinho daquele terceiro princípio da vida? Como é que a Sustentabilidade tem alguma coisa a ver com a "posse"? Disseste que a "posse" era uma interpretação mental humana e que era uma tentativa distorcida de expressar o princípio de vida da Sustentabilidade. É exatamente isso que não percebo.

— A Vida procura sempre sustentar-se a si própria. Isso é um Princípio Elementar da Vida. Vocês, como expressão da Vida, procuram fazer a mesma coisa. Construíram uma interpretação mental à volta de como fazê-lo que se manifesta como uma convenção social a que chamam posse.

— Reclamam a posse de todas as coisas que querem ver sustentadas. Procurando expressar o Princípio da Vida da Sustentabilidade, reivindicam a posse do vosso próprio corpo, depois do corpo do vosso parceiro, depois dos vossos filhos. Dizem que os vossos filhos são "vossos", e dizem a mesma coisa do vosso cônjuge e tratam essas pessoas como se as "possuíssem".

— Acontece o mesmo com a terra, outros artigos e bens. Estão convencidos de que o próprio planeta que habitam, esta esfera que gira à volta do Sol e perfaz na sua majestade um ciclo completo em cada 24 horas, é algo que vocês "possuem" de facto, pelo menos parcelarmente.

— Decidiram que este corpo celeste, este elemento celestial, não pertence à Vida em Si, mas sim a seres humanos individuais. Ou, nalguns casos, aos seus representantes — ou seja, aos governos. E assim dividiram a própria Terra, colocando fronteiras imaginárias naquilo que não tem fronteiras e reclamando a propriedade pessoal não só da própria terra, como do solo até ao limite da sua profundidade, dos minerais e recursos que contém e do céu até onde se estende — que é, evidentemente, até ao infinito... conduzindo a curiosas questões políticas internacionais quanto a direitos de sobrevoo e "até onde vai"?

— Levam tão a sério estes "direitos de propriedade" que travam guerras por eles e morrem e matam por eles — quando a verdade é que nunca podem "possuir" nenhuma parte de um planeta do sistema solar, ainda que seja um planeta onde tenha evoluído a vossa espécie.

— Vocês não passam de meros guardiães, que procuram tomar bem conta daquilo que foi posto à vossa guarda — incluindo os vossos corpos, os dos vossos parceiros e filhos, a terra onde vivem e tudo o mais que está ao vosso cuidado.

— Estas coisas não são bens vossos, mas simplesmente artigos que foram deixados ao vosso cuidado. São vossos temporariamente, apenas para custódia. É a Vida em Si que vos pede que os sustentem, que expressem o Princípio Elementar da Sustentabilidade, mas não que declarem que os "possuem" e que eles vos pertencem e a mais ninguém. Uma ideia dessas não é funcional em nenhum sentido duradouro.

— Nada do que é possuído por alguém é possuído eternamente por esse alguém. Nada. As coisas podem estar na vossa posse, mas não são vossa propriedade.

— A posse é uma ficção temporária. É uma invenção da mente e, como todas as interpretações mentais, é temporária e nada tem a ver com a realidade fundamental.

— Como todas as vossas convenções sociais, a ideia de posse resulta das falácias que mantêm como crenças firmes — neste caso, a Segunda Falácia Sobre a Vida, ou seja, que não há "o suficiente" do que quer que seja de que julgam precisar para serem felizes.

— Há o suficiente de tudo o que realmente precisam para serem felizes, mas vocês não acreditam e, portanto, procuram "possuir" o que quer que mais desejem, imaginando que, se o possuírem, podem conservá-lo eternamente, que ninguém vo-lo pode tirar, que podem fazer o que vos apetecer com ele — e que dessa experiência de posse provirá a vossa segurança, a vossa sustentabilidade e a vossa felicidade.

— Nada podia estar mais longe da verdade, como vos pode dizer qualquer pessoa que "possui" muitas coisas. Mesmo assim, a ideia subsiste.

— Esta ideia de poderem possuir as coisas tem causado mais danos à vossa psique e mais malefícios à vossa espécie do que poderão imaginar.

— Isso porque pensam que a "posse" vos dá "direitos" que não têm intrinsecamente.

— Bem, isso é muita coisa. Tanta coisa para compreender, para absorver. Nunca tinha tido uma conversa como esta. Às vezes sinto que tenho de analisar tudo o que me está a ser revelado quatro ou cinco vezes para o compreender realmente, para o apanhar.

— Foi por isso que repeti várias vezes muito do que aqui tem sido dito. Agora compreendes.

— Então o que posso retirar desta conversa que possa usar como instrumento para ajudar a vida a continuar?

— Não te preocupes com a Vida em Si. Ela vai continuar. Prometo-te. Não podias acabar com a vida mesmo que quisesses. A vida adaptar-se-á simplesmente a quaisquer condições que forem criadas e continuará. Mas se quiserem que a vida continue sob a sua forma atual, se quiserem que a vida continue tal como tem sido na Terra, vão ter de criar a adaptação de que a vida necessita agora, em vez de se limitarem a assistir enquanto acontece.

— É isso que este diálogo vos convida a fazer. É disso que trata esta conversa. É um convite para criarem o mundo dos vossos sonhos mais grandiosos, para acabarem com o pesadelo da vossa realidade presente e descobrirem os instrumentos com os quais o podem fazer.

— Achas que o mundo está preparado para fazê-lo? Podemos desempenhar um papel ativo e consciente no nosso processo de evolução?

— O mundo está atualmente mais preparado para isso que nunca. O mundo tem fome, o mundo está faminto de uma nova verdade espiritual — uma verdade que funcione na sustentação da vida, não uma verdade que ponha fim à vida. O mundo busca um novo caminho espiritual, implorando por um novo conjunto de entendimentos. A maioria das pessoas simplesmente não se atreve a dizê-lo publicamente. Dizê-lo significaria ter de reconhecer que o atual caminho espiritual do mundo não leva os humanos para onde eles querem ir.

— É muito difícil, pode ser muito desagradável, as pessoas irem contra a noção prevalecente das coisas — mesmo quando a noção prevalecente das coisas está a matá-las.

— Então o que há a fazer?

— Encorajar as pessoas a tornarem-se os líderes espirituais pelos quais anseiam, a facultarem a liderança da qual estão famintas.

— E o seu medo?

— Perguntem-lhes de que têm medo. Do fim do seu estilo de vida? A perda da sua segurança e despreocupação pessoais? Aquilo de que têm medo já aconteceu.

— Olhem para o vosso mundo. Os últimos vestígios do vosso estilo de vida desapareceram a 11 de Setembro de 2001. Já ninguém pode sentir-se seguro nem despreocupado, utilizando os padrões humanos do que isso significa.

— Agora o desafio não é impedir a perda da segurança e da despreocupação, mas sim reavê-las.

— Podem procurar alcançá-lo no nível físico utilizando bombas, tanques, soldados e força económica ou política, ou podem optar por concretizá-lo a nível espiritual, mudando as crenças.

— A primeira crença que podem mudar é a crença de que podem de alguma forma não estar seguros e despreocupados.

— A perda da segurança e da despreocupação é uma ilusão, dado quem são e aquilo que são. Se utilizarem padrões humanos, perderam essas coisas. Se utilizarem medidas espirituais, nunca as poderão perder.

— A paz interior não é conseguida por meios exteriores. A paz interior é conseguida compreendendo quem vocês são. Quando a paz interior é alcançada, a paz exterior tornar-se finalmente possível. Na ausência da paz interior, a paz exterior é impossível — como a vossa espécie já descobriu vezes sem conta. E tal como está a descobrir mais uma vez, agora mesmo.

— A paz exterior da vossa sociedade mundial é assim tão frágil porque a paz interior da vossa sociedade mundial praticamente não existe. O vosso mundo está constantemente a desmoronar-se e vocês continuam a tentar reconstruí-lo utilizando os instrumentos errados. Continuam a tentar fazer com que o mundo mude os seus comportamentos em vez das suas crenças.

Humpty-Dumpty sentou-se no muro.

Humpty-Dumpty deu uma grande queda.

Todos os cavalos e homens do rei

Não conseguiram recompor Humpty-Dumpty.

Mas Deus consegue.

E Deus fá-lo-á.

Assim que deixem Deus fazê-lo.

Pois Deus é a essência da paz interior.

— Mas não o Deus acerca do qual vos ensinaram. Não o Deus da ira e da guerra, não o Deus da morte e da destruição e não o Deus da culpa e de retaliação.

— Não o Deus de faz-de-conta em quem tiveram de se obrigar a acreditar, mas o Deus do amor incondicional, no qual têm o vosso próprio ser.

— Se o mundo fosse ensinado quanto a esse Deus, o mundo mudaria. Mas onde estão os líderes espirituais corajosos que renunciarão ao Deus do temor para ensinar sobre o Deus do amor incondicional?

— Serás tu um deles? Os líderes espirituais não têm de ser membros do clero. Pessoas vulgares, banais, de todos os dias, podem ser líderes espirituais. Canalizadores, médicos, vendedores podem ser líderes espirituais. Executivos de empresas, membros da força policial e membros das forças armadas podem ser líderes espirituais. Proprietários de lojas de ferragens, mecânicos, enfermeiros e hospedeiras do ar podem ser líderes espirituais. Pivots de televisão, jornalistas da imprensa escrita e políticos podem ser líderes espirituais. Professores, jogadores de beisebol, gerentes de supermercados, estrelas de cinema, carteiros, investigadores científicos e dançarinas exóticas que se despem em público podem ser líderes espirituais.

— Compreendem isto? Estão a ouvir o que eu estou a dizer?

— É esta a oportunidade, é este o desafio, é este o convite.

— E assim, a ideia agora não é esconderem-se, mas aparecerem, para que outros tenham a coragem de fazer o mesmo, e o mundo inteiro saiba que não está só.

— O que podem fazer as pessoas? Dá-nos alguns passos concretos.

— Agora sou eu que te chamo repetitivo. Já discutimos tudo isto antes.

— Por favor, diz outra vez. Explica-me tudo mais uma vez, num único lugar. Sintetiza-o. Preciso de ouvir outra vez — pela última vez.

— A primeira coisa que podem fazer é dar os Cinco Passos para a Paz. Podem reconhecer que o que têm feito até agora deixou de funcionar — se é que alguma vez funcionou. Os mais valentes podem fazê-lo publicamente. Podem dizer "Olhem, esperem aí. Alguém reparou que o que aqui estamos a fazer não funciona?"

— Sim, há bocado estava a dizer que podíamos publicar Cinco Passos para a Paz em jornais e revistas e arranjar pessoas proeminentes que os assinassem. Podíamos pô-los em cartazes e brochuras, fazer reuniões sobre eles, iniciar diálogos, discutir para onde a Humanidade pode ir a partir daqui.

— Poderíamos então assentar as primeiras pedras para uma Nova Espiritualidade. Uma espiritualidade que não seja uma

rejeição total da anterior, mas que traga às pessoas um entendimento novo e mais amplo de verdades antigas, e algumas verdades novas a acompanhar. Podíamos utilizar as Novas Revelações aqui encontradas como ponto de partida para explorações que conduzem às revelações mais profundas em cada coração humano. Esclareceríamos que estas Novas Revelações não são "a resposta", mas apenas UMA resposta — uma inspiração que pode levar a muitas outras.

— Sim. Não procurem fazer das Novas Revelações uma nova religião, mas permitam antes que as Novas Revelações revelem a verdade simples e assombrosa de que é possível uma nova revelação. Fazendo-o, dão à Humanidade o poder de revelar a verdadeira humanidade à própria Humanidade.

— Ouviste? Eu disse...

— Dar à Humanidade o poder de revelar a verdadeira humanidade à própria Humanidade.

— Pois quando for revelada a verdadeira humanidade, verificarão que ela é Divina.

CAPÍTULO 23

O Propósito do Corpo e o Propósito da alma

— Isso é uma afirmação extraordinária.

— E é verdadeira. Todas as qualidades mais grandiosas de Deus — amor, compaixão, carinho, paciência, aceitação e compreensão, a capacidade de criar e de inspirar — são aquilo em que consiste a verdadeira Humanidade.

— No entanto os humanos nem sempre agem com essa humanidade. O que nos impede?

— As falácias que têm em mente sobre Deus e sobre a Vida. mais o medo criado por essas falácias e as interpretações mentais que criam convenções sociais disfuncionais — tais como a convenção de usar a violência para resolver problemas humanos e de proclamar que Deus comanda, tolera e recompensa essa mortandade.

— Toda a ação e reação humana tem origem num de dois lugares: amor ou medo. Na base, não há outro local de onde a vida possa emergir, nenhuma outra fonte de onde possa surgir qualquer pensamento, palavra ou ação. E desses dois, o medo é o líder predominante como responsável pelo comportamento humano.

— A maior parte das vossas interpretações mentais e convenções sociais são baseadas no medo. Instituíram-nas para vos protegerem de qualquer coisa.

— A vossa moral protege-vos de fazerem o "mal" e de serem castigados (por Deus ou pelo homem). A vossa "justiça" protege-vos de serem "injustamente tratados". Até a interpretação chamada "posse" é uma proteção. Imaginam que vos protege de vos tirarem qualquer coisa.

— Nenhuma destas proteções funciona no longo prazo como tem provado a vivência da vossa vida. E assim começam mais uma vez as vossas contendas.

— Nunca pára, pois não?

— Não pára nem vai parar até que prescindam dos vossos medos e das falácias que os produzem. Então mudarão as vossas convenções sociais — as formas de interação uns com os outros que regem a vossa vida — e refletirão melhor os Princípios Elementares da Vida que agora procuram expressar, sem êxito.

— Por que não nos disseram estas coisas antes? Por que tive de esperar até esta conversa com Deus para me serem dadas as verdades sobre a vida que são aqui tão claramente articuladas?

— Em grande parte devido a outra das vossas interpretações mentais: "O que não souberem não vos prejudicará."

— As coisas que aqui estão a ser ditas são coisas que os vossos líderes religiosos e os vossos políticos não vos dirão. Mesmo que acreditassem nelas, não vo-las diriam.

— Mais do que um mistério religioso foi ocultado às pessoas com a teoria de que "é muita areia para a camioneta delas". Mais do que uma verdade social tem sido calada com a mesma justificação.

— Na realidade, guardar segredo uns dos outros tem sido uma forma de viver para os seres humanos.

— Hoje vivem numa sociedade essencialmente secreta, onde mais é calado do que dito, mais é ocultado do que revelado, mais é encoberto do que descoberto.

— Os humanos criaram este ambiente intencionalmente, no receio de que, se toda a gente soubesse tudo sobre todos, ninguém conseguiria ser, fazer e ter o que queria.

— A vossa ideia é que a única forma de conseguirem o que querem é não dizerem a ninguém aquilo que pretendem e muito menos o que estão a fazer para tentar obtê-lo.

— O que é estranho é que, na realidade, não querem ser outra coisa senão totalmente transparentes. Não vos dá prazer. Não vos faz sentir bem. Contudo, estão convencidos que todas as outras pessoas têm a sua "capa" e, portanto, conservam a vossa.

— Percebo perfeitamente que construímos com certeza uma convenção social chamada "secretismo". Agora até temos categorias para ele. Utilizamos os termos "mentira social", "segredo industrial", "segurança governamental e até "mistério religioso" para categorizar as formas como mentimos uns aos outros, quer por missão, quer por comissão.

— Sim, e os humanos também criaram outras convenções sociais igualmente prejudiciais. E assim continua, cada uma das vossas interpretações construída sobre as vossas crenças erróneas sobre Deus e sobre a Vida, cada uma delas criada pela busca sincera de engrandecer a vida e trazer para a vossa experiência uma verdade superior, cada uma no entanto distorcendo essa verdade de formas que produzem um comportamento disfuncional — e um mundo extraordinariamente disfuncional e perigoso.

— Quando ouço isto, começo a pensar que todo o nosso sistema humano é mais destrutivo que construtivo. É o que estás a fazer com este diálogo, a tentar que abandonemos todo o nosso conjunto de valores?

— Estou a mostrar-vos que já o estão a fazer.

— Fazem-no sempre que querem, dependendo do que procuram e desejam em qualquer dado momento.

— Estou a sugerir que a razão pela qual abandonam tantas vezes os vossos valores talvez seja porque as crenças em que eles se baseiam estão enganadas e que algures no o íntimo o saibam.

— Entre as crenças que identificaram secretamente como erróneas está a noção de que nada de valor moral real muda jamais.

— As vossas religiões, as vossas tradições e as vossas culturas procuram dizer-vos que os valores morais nunca mudam, mas o vosso coração sabe que isso não é verdade.

— Com esta conversa estou a confirmar-vos aquilo que já sabem. Estou a chamar-vos a atenção para o facto de saberem que a moralidade muda, na verdade, que ideias que tinham um alto valor moral num determinado tempo e lugar pode podem não ter um valor elevado noutro, que as crenças suportadas num milénio não são necessariamente — e, de facto, raramente — aplicáveis no seguinte.

— Estou aqui a convidar-vos para adotarem um novo conjunto de crenças fundamentais a partir das quais podem criar valores básicos que não tenham de abandonar. (São funcionais.) Crenças fundamentais que podem mudar à medida que mudam as condições, a consciência e a experiência. (São adaptáveis.) Crenças fundamentais que servirão sempre o propósito humano porque servem o propósito da alma. (São sustentáveis.)

— Atualmente, as crenças que escoram a sociedade humana são crenças que servem os propósitos do corpo e, portanto, vos conduzem a uma disfunção disseminada.

— Que queres dizer com "os propósitos do corpo"?

— Os propósitos do corpo são sobreviver, ser alimentado, ser mantido em segurança e sentir prazer.

— Os propósitos da alma são bem diferentes. A alma sabe que a sobrevivência não está em causa, como não está o manter-se seguro ou sentir prazer. A alma compreende que a alma é a própria Vida, localmente manifesta. A segurança e o prazer são qualidades que lhe são inerentes. A alma não procura essas coisas, porque a alma é essas coisas.

— Qual é a diferença entre alma e espírito? Há alguma diferença?

— A vossa alma é a individualização do Espírito Divino, que é Tudo O Que Existe. A alma é a energia universal da vida, focalizada, localizada e que vibra numa determinada frequência num tempo e espaço específicos. A energia que vibra de uma forma tão superiormente específica é um Fluxo Singular de Vida Universal. Podem abreviá-lo como A.L.M.A.[1]

[1] O autor utiliza as iniciais de Singular Outflow of Universal Life, aqui traduzido literalmente por "Fluxo Singular de Vida Universal", para formar a palavra soul ("alma"). (N. T.)

— A alma utiliza o resto de Si — ou seja, usa a Energia da Vida Universal, da qual faz parte — como um de três instrumentos com os quais molda determinada experiência. A Energia da Vida Universal é por vezes chamada espírito. Os outros instrumentos são o corpo e a mente.

— A vossa alma é quem vocês são. O corpo e a mente são o que usam para experienciarem quem são no Domínio do Relativo.

— A casa da alma é no Domínio do Absoluto, onde habita o Espírito Divino. A vossa alma agora vive no Domínio do Relativo e viaja de regresso a casa. Quando chega a casa, reúne-se novamente ao Resto de Si. Ou seja, reúne-se ao Espírito Divino, fundindo-se com Ele para se tornar novamente Um Só Espírito.

— Esta fusão em Um Só chama-se, nalgumas tradições místicas orientais, samadhi. Pode ser alcançada mesmo quando a alma se encontra no Domínio do Relativo, com um corpo e uma mente, embora a experiência seja geralmente muito breve. A alma também pode deixar o corpo e a mente para se renovar e recuperar energias. Isso acontece durante o período a que chamam sono. Por fim, a alma pode fundir-se com a sua Energia Universal, tornando-se Uma Só com o Espírito Divino, durante períodos muito prolongados. Isso é o que acontece no momento a que chamam morte.

— É claro que a morte é coisa que não existe. A morte é simplesmente o nome que deram à experiência da vossa alma ao

transmutar a energia do corpo e da mente quando se reúne ao Todo em Todo.

— A alma faz isso como parte de um ciclo infinito. Então, depois de reexperienciar a felicidade suprema do samadhi e o supremo Conhecimento da Unicidade, a alma emerge mais uma vez do Todo, controlando e regulando a sua vibração e transmutando a sua energia num ponto localizado naquilo que vocês refeririam como o Contínuo Tempo-Espaço.

— A sua jornada mais recente através deste ciclo infinito da Divindade Experienciando-Se produziu o Ser a que chamas "tu".

— Mas explica-me isto por favor: sempre ouvi dizer que a alma anseia por se conhecer como Una com Tudo O Que É.

— Isso é verdade.

— Mas se é por isso que a alma anseia, por que razão, depois de se reunir finalmente ao Todo em Todo — assim que finalmente regressa a casa para Deus — não fica lá? Por que reemerge a alma do Todo para se "individuar" outra vez?

— Porque Aquilo Que É Divino também anseia experienciar todos os aspetos individuais da sua Divindade. Deseja conhecer-Se na totalidade, experiencialmente, e expandir-se e recriar-se de novo — tornar-se uma versão cada vez maior de Si — e a forma como o faz é entrar no Domínio do Relativo na Forma Individuada.

— O Espírito Divino emerge do Todo como projeções individuais do Todo, de modo a ter uma experiência total de Tudo O Que É através de uma quantidade interminável de expressões distintas, a que vocês chamam devidamente o assombroso Milagre da Vida.

— E *é* um milagre! E *é* assombroso. Mas apesar de bela sob tantas, tantas formas, a vida neste planeta encontra-se ameaçada. Estamos a destruí-la, pouco a pouco, e *aparentemente não sabemos como impedi-lo*.

— Foi por isso que vim aqui ter convosco. Estou a dizer-vos como o podem impedir, nesta conversa. É disso que tratam as Novas Revelações.

— Quando estudarem estas revelações, quando as reunirem em conjunto para formar uma nova cosmologia, o vosso entendimento aumentará, a vossa consciencialização expandir-se-á e impedi-lo-ão automaticamente.

— E agora recebam a OITAVA NOVA REVELAÇÃO.

— Vocês não são o vosso corpo. Quem vocês são é ilimitado e infinito.

CAPÍTULO 24

Vocês Não São o Vosso Corpo.
Quem Vocês São é Ilimitado e Infinito

— Eu sei o que isso quer dizer. Sei que, como seres do Universo, somos mais do que um corpo...

— Não, não são "mais" do que um corpo. Não são o vosso corpo de todo. O vosso corpo é uma coisa que têm, não uma coisa que são. Quem vocês são é ilimitado e infinito.

— Compreendo. Estás a dizer que eu sou aquilo a que chamo a minha alma. Essa é a essência de quem eu sou. No entanto, mesmo que eu aceite isso como uma verdade espiritual, o que tem a ver com os problemas do mundo?

— Muito, que te demonstrarei de seguida. Para que eu o possa fazer, teremos de fazer uma viagem curta, mas intensa ao esotérico e pode parecer, enquanto estivermos em viagem, que esta conversa perdeu o contato com a realidade. Na verdade, estará em contato com a realidade de uma forma muito profunda.

— Portanto terás de ter um pouco de paciência, e confiar que por muito que nos "desviemos" com a parte que se segue da nova

revelação, fecharei o círculo e regressarei ao assunto que esta conversa se destinava a tratar. Nomeadamente, o que há de errado no vosso mundo e o que podem fazer a esse respeito.

— Estás pronto para uma pequena diversão?

— Sim, posso bem com isso. Mas primeiro diz-me como a afirmação "vocês não são o vosso corpo" pode chamar-se uma "nova revelação"? Praticamente todas as religiões do mundo ensinaram uma versão dessas.

— Tens razão, tem sido ensinado de uma forma ou de outra por praticamente todas as religiões organizadas que falam de uma outra vida. O problema é que foi ensinado incompletamente. O que é novo na revelação presente é que vai mais além do que os ensinamentos tradicionais.

— Lembra-te que eu disse que a Nova Espiritualidade não será uma rejeição total da antiga, mas que se expandirá a partir da antiga. Eliminará da antiga aquilo que claramente já não vos serve e trará um entendimento novo e mais profundo daquilo que vos serve. Reterá o melhor das vossas antigas sabedorias. E assim, algumas das coisas que aqui encontrarão, já terão ouvido. No entanto, vamos dar agora mais um passo adiante. Vamos dirigir-nos ao nível mais profundo seguinte.

— A maior parte das religiões ensinaram-vos que vocês são "mais do que um corpo". A mensagem aqui é que vocês não são o

vosso corpo, de todo. São a essência daquilo que insuflou a vida no vosso corpo.

— É esta a chave.

— É este o núcleo.

— É esta a verdade central em volta da qual devem girar todas as outras verdades que os humanos agora vivem se não quiserem experienciar perpetuamente o ciclo de violência, destruição e morte que infesta o vosso planeta há milhares de anos.

— Vocês não são o vosso corpo. Quem vocês são é ilimitado e infinito.

— É esta a chave.

— É este o núcleo.

— Todas as outras Novas Revelações adquirem significado e aumentam de força quando esta revelação é compreendida.

— Esta é a Verdade Basilar. O Número Primo. A Causa Primeira. Tudo o mais ganha um novo significado quando este significado se torna evidente.

— A construção do vosso mundo novo começa aqui. O fundamento da Nova Espiritualidade reside aqui:

— Vocês não são o vosso corpo. Quem vocês são é ilimitado e infinito.

— Posso perguntar outra vez o que tem isso a ver com as atuais dificuldades do mundo?

— Tudo, porque o facto de pensarem que são o vosso corpo é o que tem provocado e permitido que a raça humana faça tudo o que tem feito a si própria.

— Portanto procuremos agora compreender o significado e a implicação das treze palavras da Oitava Nova Revelação.

— As próprias palavras significam exatamente o que dizem. Vocês não são o conglomerado de ossos, músculo, tecido e aparelhos internos a que chamam o vosso corpo. Isso não é Quem Vocês São.

— O corpo é vosso, mas não é vocês.

— É algo que estão a usar. É um instrumento. Um dispositivo. Um mecanismo que responde e reage de determinadas maneiras sob determinadas influências e quando sujeito a determinados estímulos.

— Esse mecanismo pode ser ferido, danificado ou destruído, mas "vocês" não. Esse instrumento pode ficar completamente inoperacional, mas vocês não. Esse dispositivo pode deixar de funcionar, mas vocês não.

— O Princípio Básico da Vida da funcionalidade expressa-se eternamente em vós, como vós e através de vós.

— Há quem acredite que o corpo é o que vos aloja, o que alberga a vossa essência. Essa é a ideia — que o corpo aloja a Essência da Vida que se chama alma. Isso não está correto. É a alma que aloja o Corpo.

— A vossa alma não vive dentro do corpo. É o contrário. O vosso corpo vive dentro do campo de forças a que chamam alma. Aloja-se dentro da configuração de energia, da expressão localizada do Espírito Universal, que é a Essência de Quem Vocês São.

— Esse campo de forças, essa energia irradiante e pulsátil que envolve o vosso corpo, é por vezes considerado por vós como a aura. É mais do que isso, muito mais do que o que imaginam ser a aura, mas não deixa de ser uma boa imagem para a vossa primeira incursão no entendimento, porque vos oferece um quadro que podem reter na mente.

— A parte de vós que alguns consideram a alma é a energia da Vida em Si, localizada e concentrada num determinado ponto daquilo a que chamariam o Espaço-Tempo. Essa Energia Vital vibra,

brilha, pulsa e ilumina à volta de cada objeto físico do Universo. Dependendo da frequência da sua vibração, essa energia por vezes pode ser vista. Também pode produzir outros efeitos, como o calor.

— Algumas pessoas chamam a esse clarão a Luz, a Chama Eterna, a Fonte, a Alma ou outros nomes que se adaptam à sua poesia em particular. É, de facto, a Essência Primordial, a Substância Basilar, a Matéria Nuclear de todas as coisas. Essa Luz é Quem Vocês São.

— No vosso equívoco, pensaram que essa Luz irradia a partir de todos os objetos físicos. De facto, o processo é precisamente o inverso. Essa Luz irradia para dentro de todos os objetos físicos, criando-os dessa forma.

— O campo energético a que chamam Luz, ou a alma, envolve o objeto físico que criou e brota desse objeto até à eternidade. Ou seja, a energia nunca acaba. Não há Lugar Nenhum onde termine o vosso campo energético e comece outro. Significa isto que não existe lugar nenhum onde acabe a vossa alma e comece a de outrem.

— É como o ar em vossa casa. Na vossa casa, há divisões separadas, mas há só "um ar". O ar de uma divisão não está separado do ar de outra — o que rapidamente percebem quando estão na sala e vos cheira ao pão que está a cozer na cozinha. Não há lugar nenhum onde termine o "ar da sala" e comece o "ar da cozinha".

— A verdade é que quanto mais se afastam da cozinha, menos sentem a porção de Todo o Ar Por Toda a Parte que está lá na cozinha. No entanto, o vosso cão consegue cheirar o pão do lado de fora da casa. Isso é porque o ar que circunda a casa, que envolve a casa, não está separado de forma nenhuma do ar que está dentro dela.

— Esta é a minha analogia para vos ajudar a compreender.

— E eu não disse que no meu Reino há muitas is

— O campo de forças que é a vossa alma torna-se tanto mais fino e expandido quanto mais se estende a partir da sua origem localizada, mas nunca desaparece completamente, nem deixa de ser. Em vez disso, mistura-se e funde-se com outros campos de forças, formando novas localizações concentradas e criando uma teia de padrão complexo que se estende infinitamente.

— Estamos a falar de um campo de forças sem fronteiras. Estamos a descrever uma alma que nunca acaba.

— Isto é, de facto, quem vocês são.

— São uma energia que nunca tem fim, no tempo ou no espaço.

— Nunca ouvi a alma descrita dessa maneira até agora. Estou sempre a ter a experiência de ouvir explicar a vida de uma forma

que faz com que pareça que estou realmente a ouvi-la pela primeira vez.

— É por isso que se chamam Novas Revelações. Não porque a informação seja nova, mas porque a apresentação o é. Para muitas pessoas, esta informação será "audível" pela primeira vez — o que a torna nova.

— Mas deixa-me que te pergunte, se a minha alma continua para sempre, e a alma do meu próximo continua para sempre e todas as almas na terra...

—... e no Universo...

— … e no Universo, continuam para sempre, e se não há nenhum lugar onde termina uma alma e começa outra e todas elas se misturam, fundem e combinam... então... então...

— Está certo, está certo... continua. Estás praticamente lá, mesmo em cima da verdade. Di-la.

— Então não há alma individual e todas as almas são uma Alma Única, expressa local e individualmente!

— É precisamente isso.

— Então essa Alma Única deve ser a Alma de Deus, manifestando-Se como Tudo O Que É.

— A verdade é exatamente essa. E é isso que as religiões tradicionais e exclusivistas não ensinam.

— Se as religiões organizadas ensinassem essa verdade, nunca poderiam ensinar também que uma pessoa é melhor que outra, ou que uma alma possa ser mais agradável a Deus do que outra, ou que qualquer caminho é o único caminho para a Divindade.

— Nunca podiam ensinar que algumas almas vão para o "Céu", enquanto outras estão condenadas ao "Inferno".

— É o ensino das suas filosofias separatistas e teologias exclusivistas que tornam algumas religiões organizadas não apenas inexatas como ainda perigosas.

— Mas a Nova Espiritualidade pode mudar tudo isso.

— Sim. Pode apresentar um novo ponto de vista, que não seja exclusivista, nem elitista nem separatista. Pode convidar as pessoas a considerarem seriamente, pela primeira vez em séculos, algumas ideias teológicas novas. Pode oferecer, para exploração e discussão, algumas Novas Revelações.

— A Nova Espiritualidade abrirá as mentes a conceitos mais amplos do que os abrangidos pelas teologias atuais, a ideias mais

grandiosas do que aquelas que as teologias atuais consideram e a maiores oportunidades de experiências e expressão individuais do que permitem as teologias atuais.

— Tais como a ideia de que há, de facto, apenas um campo de forças. Que há uma única energia. Que esta é a energia da Vida em Si, e que é a esta energia que algumas pessoas chamam Deus.

— Sim. Agora percebeste.

— Essa energia tem aquilo a que chamariam, nos vossos termos, inteligência. É simultaneamente o repositório e a fonte de todo o conhecimento, de toda a consciência, de todos os elementos, informações, compreensão e experiência.

— É o Todo em Tudo, o Alfa e o Ómega, o grande Sou/Não Sou, que ouviram descrever em grande parte da vossa literatura sagrada. Vocês São essa energia, e essa energia É vocês, e não existe separação entre vós. Vocês são Um com Tudo e Tudo é Um convosco, pois tudo é constituído por essa energia. Isso significa que são unos com todas as outras pessoas no mundo, não no sentido teórico, mas num sentido muito literal e específico.

— Não há ninguém, nenhum ser humano em parte nenhuma, do qual não sejam parte — uma parte intrínseca e íntima.

— O que significa em termos práticos é que o que é bom para os outros é bom para vocês, e o que não é bom para os outros não é

bom para vocês. Significa que o que fazem por outros, fazem por vocês próprios e o que deixam de fazer pelos outros, deixam de fazer por vocês próprios.

— Esta é a verdade, e se os seres humanos vivessem desta maneira, teria um impacto notável na vida que estão a criar coletivamente. Perguntaste há algum tempo se esta exploração espiritual podia ter "implicações práticas para o mundo de hoje" e eu digo-te: Viver desta maneira mudaria o mundo.

— A simples consciência de que são todos Um — Um com Deus e Um com os outros — e a criação de códigos comportamentais e acordos internacionais que refletissem essa consciência, mudariam a realidade política, económica e espiritual na Terra de formas que os ensinamentos das religiões exclusivistas dos dias de hoje nunca poderiam mudar.

— É por essa razão que, se querem mudar o vosso mundo como dizem, são convidados a criar uma Nova Espiritualidade, baseada nas Novas Revelações. Pois as vossas antigas religiões exclusivistas e as vossas teologias elitistas e separatistas deixaram de vos servir.

— As vossas religiões maiores e mais poderosamente organizadas não só vos ensinam que estão separados uns dos outros como também que não são dignos de Deus. Ensinam-vos que são criaturas escandalosas e culpadas; que nasceram no pecado e não merecem ser o pó sob os pés de Deus. Roubam-vos a vossa autoestima.

— Ensinam-vos a não serem demasiado orgulhosos de vós próprios e dos vossos talentos e realizações. A vossa glória não é para ser contemplada nem anunciada, mas apenas a vossa natureza pecaminosa. Não devem dirigir-se para Deus sorrindo de admiração pela vossa própria magnificência, mas implorando piedade pelas vossas inúmeras transgressões.

— Contudo, as pessoas a quem roubam a autoestima roubam-na a outros. As pessoas que não se amam a si próprias não podem amar outras. As pessoas que se veem como indignas, veem as outras como indignas.

— A mensagem central da maioria das religiões organizadas não é alegria, inocência e celebração de si mesmo, mas sim medo, culpa e negação de si mesmo.

— O Rev. Robert H. Schuller, o sacerdote cristão americano que fundou a famosa Catedral de Cristal em Garden Grove, na Califórnia, disse há vinte anos no seu livro Self-Esteem: *The New Reformation* que o que é necessário é uma segunda reforma na Igreja, distanciá-la da sua mensagem de medo e culpa, retaliação e condenação na direção de uma teologia de autoestima.

— "A igreja", declarou ele terminantemente, "está a falhar ao nível mais profundo em gerar nos seres humanos aquela qualidade da personalidade que pode resultar nos tipos de pessoas que fariam do nosso mundo uma sociedade segura e sã."

— O Dr. Schuller prosseguia sugerindo que "os cristãos e fiéis sinceros podem descobrir um ponto de partida teológico de acordo universal se conseguirem concordar com o direito universal e necessidade intransigente de cada pessoa ser tratada com grande respeito simplesmente por ser um ser humano!".

— Este sacerdote extraordinário também declarou, "Como cristão, teólogo e eclesiástico na tradição Reformista, devo acreditar que é possível que a igreja exista ainda que possa estar seriamente equivocada em substância, estratégia, estilo ou espírito." Mas, disse ele, finalmente "os teólogos têm de ter o seu padrão internacional, universal, transcredo, transcultural e transracial."

— O Rev. Schuller foi profundamente arguto nas suas observações e incrivelmente corajoso em torná-las públicas. Espero que esteja orgulhoso de si próprio!

— Sugiro que esse padrão internacional, universal, transcredo, transcultural e transracial para a teologia seja a afirmação: "Somos Todos Um. A nossa não é a melhor maneira, é apenas outra maneira." Pode ser este o evangelho de uma Nova Espiritualidade. Pode ser um tipo de espiritualidade que devolve as pessoas a si próprias.

— É esse trabalho que vos convido a fazer no mundo. Estou a convidar-vos a devolverem as pessoas a si próprias. As pessoas são devolvidas a si próprias quando lhes permitem ter a sua própria

ideia mais grandiosa de si próprias e anunciá-la. Devolvem as pessoas a si próprias quando a anunciam por elas.

— Não deixem passar um único momento em que tenham oportunidade de dizer a alguém como é magnífico. Não percam uma oportunidade de oferecer um elogio. Façam às pessoas a dádiva da autoestima, e ter-lhes-ão feito uma dádiva que muitas não conseguem encontrar forma de fazer a si próprias. No entanto, quando se encontram por vosso intermédio e regressam à sua visão mais gloriosa e à sua própria ideia mais grandiosa de quem realmente são, deixam de estar perdidas, pois devolveram-nas a si próprias. Estavam perdidas, mas foram encontradas.

— Para mudar o comportamento das pessoas, mudem as ideias das pessoas sobre si próprias. Para mudarem as ideias das pessoas acerca de si próprias, mudem as suas crenças sobre a Vida e sobre Deus.

— Se pensares que nasceste em pecado, és agora pecador e sê-lo-ás sempre, como é mais provável que ajas? Mas se acreditares que és Um com Deus, que caminhas a par com o Divino, como te comportarás então?

— Digo-te isto: Tu és um anjo.

— És o anjo por quem alguém espera hoje.

— Isso é uma das coisas mais maravilhosas que já me disseram. Quem me dera que fosse verdade.

— É verdade. Mas se não consegues acreditar que é verdade, pode ser porque te disseram que és um pecador indigno.

— Concordo contigo. E não sou o único ser humano que concorda.

— "Sendo uma pessoa que acredita num Deus afetuoso, purificador e misericordioso", diz o Rabi Harold S. Kushner, "e que advoga a religião como uma cura para os males da alma, fico envergonhado pelo uso da religião para incutir culpa em vez de a curar, e pelo número de pessoas que encontro, de todos os credos, que me dizem carregar constantemente sentimentos de culpa e de insuficiência por terem "cometido o erro de levar a religião a sério" quando eram crianças."

— No seu livro *How Good Do We Have To Be?*, o Rabi Kushner diz também, "É triste encontrar pessoas que se consideram profundamente religiosas e descobrir que aquilo que pensam ser a religião é, de facto, um medo infantil de perder o amor de Deus se fizerem alguma coisa contra a Sua vontade."

— O Rabi Kushner falou com uma voz corajosa, clara e verdadeira.

— Tens agora a possibilidade de escolher entre crenças. Eu digo que és o meu anjo. Tu dizes que não és mais do que um humilde pecador prostrado. Que crença achas que te serve melhor? Qual pensas que serve melhor a Humanidade?

CAPÍTULO 25

Espiritualidade e Ciência

— Tornas isto tudo tão... irresistível. Não sei o que dizer.

— Diz a verdade, e depois sê a verdade. Diz uma só palavra e a tua alma será salva.

— "Eu sou um anjo. Sou um com Deus, e Deus é um comigo."

— Muito bem.

— Isto é mesmo verdade? Realmente verdade? Não estou separado de ti? Toda a vida me têm dito...

— A vossa religião elitista e exclusivista não te tem servido, nem à Humanidade, e criou em ambos um enorme equívoco. Isso deve-se ao facto de a mensagem central dessas religiões ser uma mensagem de separação de Deus, quando a realidade é que vocês estão eternamente unificados comigo.

— Estás a dizer que, na base, toda a vida é unificada.

— Sim.

— No entanto, os humanos tiveram sempre dúvidas a este respeito. Há séculos que a ciência tenta resolver essa questão, não tenta? Não é disso que trata a pesquisa sobre a Teoria do Campo Unificado?

— É exatamente disso que se trata.

— E agora ouvimos termos como a Teoria da Super Cadeia e outras descrições dos nossos físicos quando nos tentam explicar cientificamente o que tu nos explicaste espiritualmente.

— Sim, a ciência e a espiritualidade estão a aproximar-se cada vez mais entre si no vosso planeta, e em breve se descobrirá que as duas foram sempre uma. É a mesma disciplina, abordada de ângulos diferentes. É o estudo da vida, e o que a vida é realmente, examinada e explorada de perspetivas diferentes.

— Muito em breve a ciência confirmará muitas coisas que a espiritualidade vos tem dito durante este tempo todo.

— Quando o fizer, a raça humana será confrontada com decisões éticas e filosóficas, completamente diferentes de tudo com que tem sido confrontada até agora.

— Que quer isso dizer? Não percebo.

— A espiritualidade tem-vos dito que a vida é eterna, que vocês são imortais e que a morte é apenas um horizonte. A ciência está agora prestes a mostrar-vos isso — e a mostrar-vos maneiras de empurrar esse horizonte para um futuro muito distante.

— Queres tu dizer, prolongar a vida.

— Sim. Para além de tudo aquilo que possam ter imaginado.

— A espiritualidade tem-vos dito que vocês criam a vossa própria realidade, que têm dentro de vós todos os segredos e o poder da vida. A ciência está prestes a mostrar-vos isso — e a mostrar-vos formas como podem utilizar esse poder e esses segredos.

— A espiritualidade tem-vos dito que vocês são Deus. Não só que são uma parte de Deus, mas que são deuses, em forma humana. ("Eu não disse, vós sois deuses?") A ciência está prestes a mostrar-vos isso — e a mostrar-vos formas como podem afetar a vida com o poder dos deuses.

— Quando começarem a ser capazes de o fazer — e isso vai acontecer não num espaço de décadas, mas de anos ou mesmo meses — terão de enfrentar muitíssimas decisões. "Vamos fazer de Deus?" perguntarão a vocês próprios.

— Esta será a questão central do século XXI.

— Até que ponto deverão "intervir" em questões que julgavam ser "da conta de Deus", e até que ponto Deus vos faz apelo para utilizarem os instrumentos que vos foram dados por Deus para com eles fazerem milagres?

— É para tomarem este tipo de decisões éticas no futuro que as religiões esperam preparar-vos, assim como vos têm tentado ajudar no passado a tomar decisões sociais, políticas e económicas. Mas, a menos que alarguem os seus próprios sistemas de crenças, as religiões — por muito bem-intencionadas que sejam — não terão mais sucesso amanhã do que tiveram ontem.

— A religião organizada vai ter de expandir e aprofundar imensamente os seus entendimentos da Vida e de Deus antes de se dedicar aos problemas de hoje, quanto mais aos de amanhã.

— Os problemas de amanhã vão ser ainda piores?

— Piores, não, mais complexos. Não podiam ter problemas piores para enfrentar do que a ameaça da vossa própria autoextinção, com que se defrontam hoje. Contudo, os desafios do amanhã serão bastante mais complicados do que a simples questão de quererem viver ou desejarem morrer.

— Mais complicados do que a questão de querermos viver?

— Sim. No futuro, se ultrapassarem essa decisão, a questão não será se querem viver, mas sim como? E quanto tempo?

— Está bem, espera aí. Abriste aqui uma área de discussão completamente nova. Primeiro que tudo, classificas os problemas de hoje como uma "simples questão" de querermos viver ou morrer. É realmente assim que vês?

— Com certeza, porque é realmente como é. É só isso que a raça humana está a decidir agora.

— Tal como a maior parte das culturas no início, a vossa espécie está a tomar uma decisão evolucionária muito precoce: Deseja continuar ou opta pela extinção? Deseja sobreviver, ou opta por se autodestruir?

— Por cada escolha que fazem na vida nesta fase inicial de desenvolvimento, estão a tomar aquela decisão maior.

— Tenho a certeza de que não vemos as coisas assim.

— Não, não veem, e é isso que vos marca como uma cultura na fase inicial de desenvolvimento. Como crianças, não veem as implicações a longo prazo das vossas decisões do momento. Como crianças, estão principalmente interessados em desfechos a curto prazo. Querem aquilo que querem, e querem-no já.

— Mas, ao passarem da infância para a adolescência da vossa cultura, começarão a identificar objetivos de longo prazo que não podem ser cumpridos com raciocínios de curto prazo. A gratificação instantânea terá de ser substituída por satisfações a longo prazo se

optarem por prolongar a vossa existência e experienciá-la tranquila e alegremente.

— Isto não é de maneira nenhuma um ponto assente. Não é de modo nenhum uma decisão tomada. Se já tivessem decidido fazer isto, não estariam a comportar-se de muitas das maneiras como estão a comportar-se, individual e coletivamente.

— Num sentido muito real, tomam essa decisão todos os dias, a todo o momento. Cada momento é uma Ocasião de Escolha. É a cada momento que decidem se querem "uma vida longa e próspera", como diria Spock, a vossa popular personagem de ficção científica televisiva, ou morrer jovens.

— Estamos a decidir isso em todos os momentos?

— Oh, sim — por vocês próprios e pela vossa espécie. De algumas formas que são óbvias e de algumas formas que são subtis. A vossa decisão de respirar é uma decisão de viver A vossa decisão de comer é uma decisão de viver.

— Ah, bem, *claro* que a *esse* nível estamos a decidir entre a vida e a morte, mas quem decide não respirar? Quem decide não comer?

— Toda a espécie de gente. As pessoas tomam decisões dessas o tempo todo. Nunca ouviste falar de uma pessoa que tenha decidido deixar de comer? Ou que tenha pedido para desligarem um respirador?

— Isso não vale. Isso são pessoas que já estão moribundas e cuja vida se mantém com medidas extraordinárias. Estão simplesmente a pedir para "não haver medidas extraordinárias".

— E estão a morrer agora devido a outras decisões que tomaram ao longo das suas vidas. Decisões coletivas e decisões individuais.

— Decisões de poluir o ambiente e depois de viver na poluição. Decisões de envenenar o solo e depois comer alimentos cultivados no veneno. Decisões de inalar e ingerir coisas que nunca deveriam entrar no corpo, que não servem para o corpo e não têm nada que estar no corpo. Toda a espécie de decisões, grandes e pequenas, tomadas todo o dia, todos os dias.

— Vocês não consideram estas decisões como "decisões de vida ou de morte" porque a vossa cultura está no início e ainda não estão perfeitamente conscientes das consequências dos vossos próprios atos — e, quando estão conscientes, ignoram o que sabem porque não conseguem dizer não à gratificação de curto prazo.

— À medida que amadurecerem, quer individualmente quer como espécie, prescindirão da gratificação a curto prazo a favor dos objetivos de longo prazo e mudarão muitas das vossas escolhas e comportamentos dia a dia e momento a momento.

— Depois, por fim, tomarão a decisão de que querem viver muito tempo e prosperar, e que querem o mesmo para toda a vossa espécie. Será então que se levantarão as questões mais complexas.

— Pensei nisso e acho que sei de que tipos de questões estás a falar.

— Ai sim? Ainda bem. A que tipos de questões julgas que me estou a referir?

— Bem, eu li um artigo a 8 de Março de 2002, no *Arizona Republic* da Associated Press, que dizia que "pela primeira vez, cientistas dizem que usaram a tecnologia eticamente sensível da clonagem terapêutica para curar uma doença hereditária num animal de laboratório".

— O artigo prossegue referindo que "Os especialistas dizem que isto demonstra o potencial da abordagem para corrigir muitas doenças vulgares que afetam os humanos".

— É exatamente esse o tipo de coisa de que estou a falar. E isso é apenas o princípio.

— Eu sei, eu sei. Também acabei de ler sobre um produto novo e muito caro que vai aparecer brevemente nos menus dos melhores restaurantes: Bife de Vaca Clonada.

— Como dizes?

Bife de Vaca Clonada. O *USA Today* referiu, na Primavera de 2002, que "na busca do bife perfeito, os cientistas criaram a primeira vaca clonada a partir de um lombo de vaca com dois dias.

O feito significa que os criadores de gado podem escolher células de vaca de uma vaca morta depois de a carne ter sido classificada e depois criar uma manada de clones de primeira categoria. O primeiro desses clones nasceu na Universidade de Geórgia e faz parte de uma pesquisa efetuada pela Faculdade de Ciências Agrícolas e Ambientais da instituição, em colaboração com uma empresa privada".

— Sim, bem, esse é um bom exemplo do caminho que a vossa sociedade leva com as suas novas tecnologias, e os humanos vão ter de tomar decisões muito em breve que nunca imaginariam ter de tomar.

— A investigação das células estaminais vai abrir perspetivas que vocês pensavam ser matéria de filmes de ficção científica, incluindo a possibilidade de grande prolongamento da vida, de reparar lesões físicas e de curar doenças graves com uma simples injeção e de prevenir o surgimento de muitas doenças graves através da manipulação genética antes do nascimento.

— Uau. Isso vai levantar questões tais como, "Será correto deixar uma criança nascer com uma predisposição genética para, digamos, distrofia muscular, se a terapêutica pré-natal de transplante genético o pode evitar?" Ou. "O que torna aceitável tratar uma criança de esclerose múltipla *após* o nascimento, e não *antes* do nascimento?"

— Exatamente.

— Mas não compete a *Deus* decidir qual a criança que há-de levar uma vida normal e qual ficará deficiente? Não é suposto *evitarmo-lo*, pois não? Se não quisesses que uma criança ficasse deficiente, não o farias acontecer.

— Vocês acreditam nisso?

— Alguns de nós. As coisas acontecem porque tu queres que aconteçam. É a "vontade de Deus".

— Estou a ver. E "quem fez acontecer" que os investigadores clínicos descobrissem uma maneira de evitar essas tragédias através da terapia genética pré-natal?

— O diabo! *O diabo obrigou-os a fazê-lo*! É a ciência descontrolada! É levar as coisas longe demais! É o que dizem muitas pessoas. É o que muitas estão a dizer agora mesmo.

— Sim. É crença corrente de muitas pessoas na Terra que Deus é quem decide quais os humanos que sofrem e quais os que não sofrem. Será um grande choque para a Humanidade saber que são vocês que tomam essa decisão. Tomam-na todos os dias, e estão a fingir que não.

— Esquivar-se-ão a "fazer o papel de Deus" até que a evidência de que sempre estiveram destinados a agir como deuses cresça de tal forma que não podem continuar a ignorá-la.

— Assim como Hermann Kümmell em Hamburgo em finais de 1800, os vossos investigadores de hoje terão enormes dificuldades em convencer os outros de que é boa ideia utilizar técnicas médicas na prevenção de doenças debilitantes até se tornar dolorosamente óbvio — na aceção literal das palavras... até se tornar dolorosamente óbvio — que não o fazer seria desumano.

— Notem que, se fosse uma questão de ciência pura, não haveria dúvidas a este respeito. Mas vocês não permitiram que fosse só uma questão de ciência. Transformaram-na numa questão de teologia.

— O tema torna-se obscuro quando entram no que pensam que "Deus" quer, quando começam a reivindicar que a área da genética é o "domínio de Deus" e não o domínio devido da ciência médica.

— Agora torna-se uma questão "moral" — uma questão de "certo" e "errado", não uma questão de "o que funciona" e de "o que não funciona".

— Mesmo que se consiga demonstrar que "funciona" na prevenção de doenças incapacitantes em crianças através de terapêutica de transplante genético antes do nascimento, isso não fará diferença nenhuma. Os humanos continuarão a insistir que é "errado" se argumentarem que é "imoral".

— São estes os tipos de questões complexas que enfrentarão e as decisões difíceis que terão de tomar no futuro muito próximo e

ao longo de todo o século XXI — partindo do princípio que responderam sim à primeira pergunta, "Nós, enquanto espécie, desejamos sobreviver?"

— No entanto, não podem explorar efetivamente essa questão, muito menos dar-lhe resposta, enquanto se virem separados de todos os demais, e é essa a mensagem central do vosso atual sistema de crenças.

— Mas não entendo por que razão essa ideia — ainda que inexata — tem sido uma força tão destrutiva na experiência humana. Mesmo que pensemos que não somos "todos um", os seres que se consideram como indivíduos não conseguem arranjar forma de se entenderem?

— O problema é o seguinte: o principal instinto da vossa espécie é a sobrevivência. Lembrem-se do que vos disse. Os Princípios Elementares da Vida são Funcionalidade, Adaptabilidade e Sustentabilidade.

— Nesta fase do vosso desenvolvimento coletivo ainda não têm a noção clara de que a vossa Sustentabilidade não está em causa.

— Quer dizer que não está?

— Não. Não é possível que não sobrevivam. Explicar-vos-ei isto melhor quando explorarmos a Nona Nova Revelação, muito em breve. Por agora, vou pedir-vos que o aceitem.

— Está bem.

— Aquilo Que Tu És (e lembra-te, tu não és o teu corpo) "sobreviverá" sempre. Não pode não sobreviver, porque é a essência da Vida em Si — e a Vida expressa o Princípio da Sustentabilidade em ti, como tu e através de ti, eternamente.

— Portanto não é uma questão de se vais sobreviver, mas sob que forma.

— Suponhamos que queríamos sobreviver na nossa forma atual, na *forma humana*?

— É claro que é essa a forma sob a qual querem sobreviver, em grande parte por não estarem ao corrente de outras formas. Esqueceram-se. Não se lembram.

— Muitos de vocês nem sequer têm a certeza de que sobrevivem de todo à morte do corpo, sob qualquer outra forma. Portanto estão, compreensivelmente, profundamente agarrados à sobrevivência no corpo físico. Profundamente agarrados.

— Que mal tem isso? Eu diria que é saudável.

— Não tem mal nenhum. Até se pode dizer que "funciona" — desde que saibas que este "corpo" que pensas ser é muito maior do que parece. Ou seja, se perceberes que TODOS os corpos fazem parte de Um Único Corpo. Nesse caso, a vossa luta pela

sobrevivência será coletiva e uma expressão de um Princípio Elementar de Vida em Si — o princípio da Sustentabilidade.

— Se pensassem que todos os corpos fazem parte de Um Único Corpo, não fariam nada que reduzisse as hipóteses de sobrevivência de toda a Humanidade, e fariam tudo para aumentar essas hipóteses.

— Isso é exatamente o contrário do que estão a fazer agora. Com os maus tratos que dão ao ambiente e à ecologia, o mau uso que fazem da política e das economias, o vosso entendimento incompleto da verdade espiritual como expressa em tantas das vossas religiões, com os equívocos das vossas interpretações mentais e convenções sociais, e com todos os comportamentos que emergem de tudo isto, estão a fazer imensas coisas que reduzem as hipóteses de sobrevivência do coletivo chamado Humanidade. Tantas coisas, de facto, que essas hipóteses estão a diminuir de dia para dia.

— Os humanos estão a fazer essas coisas precisamente porque a maior parte dos humanos não se imagina como parte de um coletivo. Imaginam-se como seres separados vivendo vidas separadas num planeta onde outros seres humanos separados estão a viver outras vidas separadas.

— E embora saibam e compreendam perfeitamente a determinado nível que os seres separados se saem melhor quando cooperam uns com os outros do que quando não cooperam,

revertem rapidamente para uma mentalidade de "sobrevivência dos mais aptos" sempre que eles ou os seus se sentem ameaçados.

— É esta mentalidade de "a minha sobrevivência primeiro e a tua se eu estiver de acordo e a conseguir controlar" — não exibida por todos os seres humanos, mas exibida pela maioria — que funciona contra o bem coletivo, e, na realidade, cria um mundo em que o bem coletivo é repetidamente ameaçado e pode ser destruído em breve.

— Por te imaginares como sendo um corpo separado, acreditas que as experiências que crias para ti são experienciadas só por ti. Também crês que as coisas que pensas e que dizes em relação aos outros não têm efeitos diretos sobre ti. É esta ideia que permite que os seres humanos cometam atos de violência impensáveis e impiedosos.

— Mas nem todas as ações humanas nem todos os seres humanos são violentos. Há bondade, coragem, caridade, amabilidade e compaixão dentro das pessoas.

— Isso é profundamente verdadeiro e emerge frequentemente através dos comportamentos humanos. Os atos de heroísmo e de amabilidade, compaixão e bondade abundam nos anais da história humana, e estão em evidência em toda a parte atualmente.

— E, portanto, é uma questão de qual será o lado da natureza humana que vai ganhar.

— Não!

— Não, não, mil vezes não.

— Não é da "natureza humana" ser violento.

— Custa-me dizê-lo, mas, por aquilo que observo, a mim parece-me muito normal.

— "Normal" não é "natural".

— Dizer que uma coisa é normal significa simplesmente que acontece com frequência e habitualmente. Dizer que uma coisa é natural significa que é uma parte intrínseca de qualquer coisa.

— A violência não é uma parte intrínseca dos seres humanos. No entanto, a ilusão de que é eficaz na solução dos problemas humanos tornou-se tão disseminada que é assumida como sendo natural na condição humana. Contudo, os seres humanos não são violentos por natureza.

— Então e aqueles que dizem que a violência faz parte da natureza da vida? Argumentam que a própria vida é violenta. Apontam para a violência no reino animal, para a violência na Natureza e para a violência no Universo, com estrelas a explodir e a implodir, asteroides a colidir e galáxias inteiras a desaparecer, para suportar a sua alegação de que é evidente que os humanos são violentos por natureza. A *violência é a natureza das coisas*.

— Há uma enorme diferença entre desfechos de ocorrências naturais — tais como o processo dos sistemas estelares que descreves — e os desfechos da criação consciente, como a decisão de reagir violentamente a uma circunstância humana.

— Também há uma diferença entre a Reação Instintiva de uma espécie viva e a Reação Consciente de outras.

— A Vida expressa-se a muitos níveis de consciência, ou de perceção, diferentes. Quanto mais elevado o nível de consciência, maior o grau de autodeterminação, maior a capacidade de escolher e decidir, anunciar ou declarar, expressar e cumprir a noção mais grandiosa que se tem de quem se é e do que se é.

— Todo o ato é um ato de autodefinição.

— Estou confuso. Pensei que tinhas dito que a ideia de ser "melhor" é o que mete os seres humanos em sarilhos. Agora estás a dizer que alguns seres vivos atuam a um nível de consciência superior ao dos outros. Como é que isto se enquadra nas tuas afirmações anteriores de que a superioridade é uma ilusão?

— Um nível superior de consciência não é "melhor" do que um nível de consciência inferior, é apenas superior.

— Estar na sexta classe não é "melhor" do que estar na terceira. É simplesmente estar na sexta classe. Pelas ações que cometem,

pela sua maneira de ser, os animais anunciam a classe em que estão. Os humanos fazem o mesmo.

— Os animais não demonstram como é a vida intrinsecamente, mas o seu nível de consciência de como a vida realmente é. E o mesmo fazem os humanos, com as suas ações.

— Os seres humanos declararam-se em tempos como sendo a maior realização de Deus, seres do mais alto nível de desenvolvimento, tendo o domínio sobre as criaturas que rastejam e os pássaros que voam nas alturas e os peixes no mar. Tal era o seu nível de arrogância.

— Caramba, isso é uma perspetiva *ainda* mantida e ensinada por algumas das religiões do mundo.

— Sim. Mas não pode continuar a ser subscrito seriamente nem por um observador casual do comportamento humano.

1. Ira e Violência

— Então, se a violência *não* é natural, por que é tão normal? Por que é que a ira é um aspeto tão constante do comportamento humano?

— Espera aí. Estás a equacionar a violência com a ira. Fazes com que pareçam uma só. Ira e violência não são a mesma coisa e não devem ser confundidas.

— A ira é uma emoção natural. É natural ficar irado de vez em quando. E é perfeitamente aceitável. Ou seja, funciona, se o que desejam é viver uma vida que seja harmoniosa.

— O *quê*? Não percebo. Sempre que experienciei ira fiquei transtornado.

— Isso é porque não conheceste uma forma tranquila e afetuosa de a expressar.

— Expressa com amor, a ira é a descarga da desarmonia, não a sua criadora.

— Nunca ouvi isso antes. Nunca pensei nisso dessa maneira.

— A ira sempre se destinou a ser apenas isso. Está integrada no organismo. Faz parte do ser humano. É uma válvula de pressão que liberta a energia negativa.

— Não é a libertação da energia negativa, mas a sua não libertação que vos arranja dificuldades. Não é a expressão da ira, mas como ela é expressa, que vos traz preocupação.

— Há muitas maneiras de libertar a ira que não envolvem nenhuma violência, nem física, nem verbal. Aprender a libertar a ira dessas maneiras é o sinal da maturidade.

— Como é que faço isso?

— Há muitas maneiras de o fazeres e muitas pessoas que te podem ajudar a aprender essas maneiras. Algumas pessoas frequentam aulas de controlo da ira. Algumas pessoas aprendem a meditar. Algumas começam simplesmente a fazer novas escolhas sobre como vão expressar a sua ira, com base em novas decisões sobre quem são. Se a pessoa leva a sério a aprendizagem de como expressar ira com amor, pode encontrar meios de ajuda com bastante facilidade.

— Para já, percebam que a ira não é uma emoção negativa, é curativa. A ira liberta a energia negativa. Isso torna-a uma emoção positiva, porque vos ajuda a verem-se livres de algo que não querem e a viver uma vida harmoniosa.

— A ira e a harmonia andam de mãos dadas. A ira que é totalmente expressa, com admiração pelas suas qualidades curativas, é ira que é expressa admiravelmente e que pode enriquecer qualquer momento entre seres humanos, pois é matéria de autenticidade e verdade, e não há maior curativo que esse, nem caminho mais curto para a harmonia.

— A ira que não é admiravelmente expressa, mas expressa através de violência verbal ou física, não cura e provoca ofensa.

— A ofensa não pode curar a ofensa, por muito que tente.

— Então por que continuamos a usar a violência como principal meio de resolver conflitos?

— Porque a violência foi profundamente injetada na vossa cultura moderna.

— Os humanos permitiram que isso acontecesse de centenas de maneiras — que negam veementemente.

— Alguns humanos negam veementemente que as imagens de violência — que os filmes e programas de televisão violentos, que os livros de banda desenhada e jogos de vídeo e o constante metralhar de ilustrações de violência de todas as formas imagináveis — tenham qualquer efeito no comportamento humano. Ao mesmo tempo, pagam milhões de dólares para apresentar sessenta segundos de imagens num anúncio da Super Taça, precisamente porque sabem como as imagens afetam o comportamento humano.

— Com base na vossa nítida evidência sociológica, pareceria impossível concluir que as imagens violentas constantemente colocadas perante os humanos nada têm a ver com o seu conceito da violência como meio aceitável de resolução dos conflitos humanos.

— E eu digo-vos: O que concebem, recebem.

— O processo de criação humana é muito simples. É um processo a que se pode chamar Ceber.

— Ceber? Isso é uma palavra?

— É parte de uma palavra e descreve perfeitamente o processo pelo qual os seres humanos concretizam as suas criações. É como constroem a vida que estão a viver.

— Primeiro, é con-Cebida uma ideia. Ou seja, é dada à luz no âmbito da vossa cultura. Segundo, essa ideia é per-Cebida. Ou seja, formam um ponto de vista a respeito da mesma. Finalmente, a ideia é re-Cebida. Ou seja, é novamente experienciada, desta vez na forma física. Passou de um pensamento íntimo para uma realidade física exterior.

— Para entender isto com maior clareza, vejamos como tem funcionado este processo na criação da experiência de violência crescente no vosso planeta.

— Primeiro, reparem que, a ideia de que a violência pode ser usada eficazmente como solução para os problemas humanos está largamente disseminada na vossa cultura. Já houve tempos em que teria sido difícil para muita gente conceber sequer uma coisa dessas. Agora, essas ideias estão a ser partilhadas mesmo com os mais jovens, das formas mais variadas.

— Sendo essa mensagem objeto de disseminação alargada, as pessoas da vossa espécie, especialmente os jovens (que não têm recordações de um tempo em que a violência não era indicada como uma forma de resolver problemas) formam um ponto de vista pessoal sobre a ideia. O que foi con-Cebido passou a ser per-Cebido, e a perceção é de que a violência é eficaz e, portanto, aceitável.

— Essa ideia regressa então àqueles que a concebem. Regressa na forma física manifesta. O que é con-Cebido e per-Cebido é assim re-Cebido.

— Os resultados deste processo são o que estão a receber todos os dias.

— Mas os seres humanos eram violentos muitos antes das tecnologias da comunicação social espalharem a ideia da violência como meio de resolução de conflitos.

— De facto, é verdade. A vossa comunicação social e as vossas tecnologias, a vossa capacidade de partilhar instantânea e graficamente as vossas comunicações mais violentas só aumentou o problema para proporções que ameaçam o planeta. Mas o problema, como sublinhaste, existe há séculos.

— Emergiu inicialmente dos primeiros equívocos do homem sobre a Vida e sobre Deus. Passa em revista novamente a primeira parte deste diálogo onde isso é descrito. Recordarás que, em suma, os humanos assumiram que as forças da Natureza que de vez em

quando pareciam atuar contra eles eram o resultado de decisões conscientes feitas por algo que lhes era exterior e que era mais forte do que eles. Isto evoluiu para a ideia de que eram as opções de uma Divindade Irada. Os nativos procuraram, a partir daí, não "despertar a ira dos deuses". Na verdade, desenvolveram rituais para os aplacar e apaziguar.

— Mais tarde, essas ideias primitivas deram lugar a uma maior compreensão da Natureza, mas a superstição não foi abandonada com a mesma facilidade. Já estavam construídos sistemas de valores e, quando provas físicas concretas de como o mundo funcionava desmentiam essas crenças, as crenças eram simplesmente ajustadas de forma a incluir os novos conhecimentos.

— Por fim, emergiram as religiões organizadas e muitas dessas instituições — particularmente as que promulgavam doutrinas de superioridade e exclusividade — encorajaram a perceção de um Deus colérico que queria as coisas de uma maneira, à Sua maneira, e que tinha de ser apaziguado e aplacado.

— Assim, a retaliação e a violência tornaram-se uma característica Divina, especificamente referida em muitas Sagradas Escrituras, como expusemos gráfica e repetidamente neste diálogo.

— E quer as religiões dessas Escrituras encorajem ou não a violência, muitos dos seus seguidores têm-se disposto a acreditar que o fazem, pois nessa crença reside a sua justificação para fazer coisas injustificáveis... e chamar-lhe justiça.

— Continuo a não perceber isso. À medida que os seres humanos se desenvolveram e se tornaram cada vez mais sofisticados no entendimento da Natureza, da vida e de como tudo funcionava, deviam certamente ter renunciado à ideia de que a violência era "natural" e, portanto, aceitável. Como pudemos continuar a acreditar nisso?

— Porque essa crença é suportada por outras crenças, crenças subjacentes, que nunca foram seriamente contestadas.

— São as vossas crenças mais fundamentais, inculcadas na sociedade tão seguramente como hoje é inculcada a violência em grande escala na vossa cultura.

— O Mito da Criação de praticamente todas as culturas humanas conta, de uma forma ou de outra, a história de uma Divindade irada que Se separou dos humanos numa tirada sobre a incapacidade dos humanos de fazerem o que Ele pedia.

— Para reforçar a mensagem, as escrituras de quase todas as religiões principais contêm passagens que descrevem claramente outros atos de ira e violência de um Deus colérico.

— A ilusão de desunião e indignidade — a ideia de que toda a vida é separada, em vez de intrinsecamente unificada, e que os humanos são inerentemente iníquos — é a causa dos comportamentos disfuncionais e violentos.

— Os humanos agem violentamente porque creem que estão sós — que, no limite, estão isolados — e que têm de fazer o que for preciso para se preservarem, protegerem e defenderem num mundo cheio de iniquidade.

— E o que é esse "eu" que têm de defender? Ora, é o corpo, claro. Isto é o que eles pensam. E, portanto, a sobrevivência do corpo torna-se a primeira motivação dos seres humanos e, sempre que sentem ameaçadas a segurança, a estabilidade ou a sobrevivência do seu corpo, atacam os outros em defesa do que pensam ser — e chamam a isso Legítima Defesa.

— Por terem visto outros corpos como o vosso fazer aquilo a que chamam "morrer", pensam que também vocês podem morrer e, portanto, fazem tudo ao vosso alcance para o evitar — porque acreditam que a morte é o vosso fim.

— A vossa observação de que o corpo pode "morrer" (ou seja, cessar a sua funcionalidade) está correta, mas a vossa ideia de que são o vosso corpo não está.

— É aí que reside a vossa confusão, é daí que provém o vosso medo e é essa a fonte de todo o horror que criaram coletivamente e experienciaram em conjunto na vossa vida na Terra.

— Mas agora é altura de acabar com a vossa confusão. Agora é altura de deixarem de criar o Inferno na vossa Terra. Pois ou deixam de o criar ou criarão o horror final, que será o fim da vida na Terra.

— Portanto, eis aqui o meu convite de hoje:

— Não acabem com a vossa vida, acabem com a vossa confusão.

CAPÍTULO 26

Recriar-se na Versão Mais Grandiosa da Visão Mais Sublime

— É mesmo *essa* a escolha que temos, não é?

— É mesmo.

— Expliquei-o assim cruamente para se poderem aperceber rapidamente da gravidade da vossa situação atual.

— Não tenham qualquer espécie de dúvida. Colocaram-se numa posição aflitiva. Encheram de desespero, ira, ódio e intenções desesperadas os corações de milhões de humanos. E agora, graças à corrida desenfreada das vossas tecnologias modernas, colocaram nas mãos desses humanos revoltados a capacidade de descarregar o seu negativismo com instrumentos de destruição para além de tudo o que possam ter sonhado nos vossos piores pesadelos.

— Estás sempre a dizer isso! Estás a tentar desencorajar-nos de vez?

— Não, estou a tentar acordar-vos.

— Pronto, está bem, *já estou acordado*. Mas agora que estou acordado e consciente, tudo me parece *pior* e *não melhor*. Há alguma esperança?

— Há uma esperança enorme! Há uma oportunidade extraordinária! Há uma possibilidade impressionante! Mas têm de se dispor agora, agora mesmo, a aproveitar o momento, a aproveitar o dia.

— Têm de decidir — aqui e agora, nos dias que correm, não num futuro longínquo e distante — se o mundo vai ser moldado com instrumentos de devastação ou instrumentos de recriação, com palavras de ódio ou palavras de esperança, com atos de guerra ou atos de paz, com pensamentos de medo ou pensamentos de amor.

— Têm de decidir se vão ser DEstrutivos ou CONSstrutivos.

— Podem destruir-se completamente agora, ou podem recriar-se de novo na versão mais grandiosa da visão mais sublime que já tiveram sobre quem são — enquanto indivíduos e enquanto espécie chamada Raça Humana.

— Como podemos recriar-nos de novo? Como podemos criar um Novo Humano? Uma Nova Sociedade? Uma Nova Espiritualidade? Uma Nova Política? Uma Nova Economia? Um Novo Mundo? *Como fazemos isso?*

— Perguntaste outra vez, portanto vou responder-te outra vez. Começa ao nível da crença.

— Estou a dizer-vos que a causa principal dos problemas da Humanidade é aquilo em que acreditam. No entanto, muitas pessoas não acreditam nisto. Preferem acreditar nas crenças que produziram o inacreditável.

— Os vossos sistemas de crenças atuais provocaram horrores inacreditáveis, devastação inacreditável, destruição inacreditável, crueldade inacreditável, tristeza e sofrimento inacreditáveis, opressão, ira, ódio, conflito, guerra e chacina inacreditáveis.

— As maneiras como os seres humanos se comportam, as coisas que fazem uns aos outros, são inacreditáveis. No entanto, muitos humanos preferem aceitar aquilo em que não conseguem acreditar do que mudar as coisas que fazem.

— Então *é* um caso perdido...

— Não, não é, porque, pela primeira vez desde há muito tempo, o número de pessoas dessas está a diminuir.

— O número de pessoas que percebem que as suas velhas crenças já não funcionam está a crescer. O número de pessoas dispostas a dizer, "Deve haver outra maneira" está a aumentar. O número está a atingir rapidamente a massa crítica — e o que vocês podem fazer é ajudá-lo a chegar lá.

— Ora aqui está uma coisa que deviam saber. A "massa crítica" não é assim tão difícil de alcançar. Não é um número assim tão alto como a maior parte das pessoas pensa. É preciso apenas uma percentagem muito pequena do todo para formar massa suficiente para afetar o todo.

— A massa crítica não é mais do que metade, não é 25 nem 30 por cento, nem mesmo 10 por cento. A massa crítica pode ser atingida com menos de 5 por cento do todo a movimentar-se numa mesma direção.

— Por outras palavras, basta uma peça de dominó para fazer cair o resto das peças.

— E assim é como eu já disse duas vezes. O que é agora necessário é um pequeno número de pessoas, uma percentagem mínima, que estejam dispostas a tornar-se — nas suas nações, nas suas cidades, nas suas vilas, nas suas aldeias e vizinhanças, igrejas, sinagogas, templos, mesquitas, assembleias comunitárias e reuniões de partido, e até nas suas casas — a Primeira Peça de Dominó.

— E como é isso? Como é que as pessoas o fazem?

— Defendendo aquilo em que acreditam — mas primeiro, estando dispostas a olhar para aquilo em que acreditam, a testarem aquilo em que acreditam em comparação com os resultados que

são produzidos e a mudarem aquilo em que acreditam, se a necessidade de mudança for nitidamente indicada.

— Por outras palavras, é como dar os Cinco Passos para a Paz.

— Sim, cada pessoa, individualmente, deve fazê-lo.

— Depois, é ter a abertura e a coragem de explorar e examinar, de forma séria, quaisquer novas revelações que sejam feitas à alma humana quando o coração humano se abre para criar uma mente aberta.

— Podem desejar, como ponto de partida, considerar as Novas Revelações que aqui vos dei. Não as desprezem nem as elogiem até aos píncaros, mas olhem-nas antes profundamente. Vejam se podem conter alguma verdade para vós; decidam se pode haver nelas algum valor para a raça humana.

— Devem-no a vocês próprios. Pelo menos isso devem a vocês próprios. Há milénios que não é apresentada uma nova tese teológica séria à raça humana. Há cem gerações que não há uma expansão das vossas teologias. Há muito tempo que não desafiam o vosso Deus.

— Chegou a altura de terem mais coragem do que alguma guerra jamais suscitou, do que qualquer dificuldade jamais exigiu, do que qualquer sofrimento alguma vez necessitou. Chegou a altura de se confrontarem ao nível da crença. A razão pela qual isso exige tanta

coragem é porque as vossas crenças formam a base de quem vocês pensam que são.

— Têm de se desafiar a vocês próprios.

— Têm de desafiar a vossa sociedade.

— Têm de desafiar o vosso mundo.

— Têm de perguntar coletivamente:

— Isto é quem somos? Isto é quem escolhemos ser? Esta é a única maneira como podemos viver? Esta é a única maneira como nos sabemos comportar? Será possível que haja outra maneira?

— Essa outra maneira poder-nos-ia aproximar mais daquilo que dizemos que realmente queremos enquanto espécie? Estamos a deixar passar alguma coisa em branco? Temos a coragem de olhar seriamente para o que isso pode ser? Temos a coragem de aceitar a resposta que a nossa busca vier a descobrir?

— Como é que podemos fazer essa busca, essa investigação, de uma forma que faça a diferença? As pessoas têm feito essas perguntas a si próprias desde sempre. Não vejo que questionar, buscar ou mesmo descobrir novas respostas mude muito a forma de funcionamento do mundo ou a forma de ser da vida. As coisas continuam muito parecidas com o que eram antes.

— O que é preciso agora é uma ação de grupo. Não podes fazer isto sozinho, nem um líder carismático ou um mestre espiritual podem fazer um milagre. Terminou o tempo dos gurus individuais que surgem e mudam o mundo. O tempo da consciência e da ação coletivas está a chegar.

— É assim que deve ser, pois a vossa realidade presente foi criada coletivamente. É agora altura de a recriarem de novo coletivamente.

— Trabalhem, pois, num coletivo. Não sigam mestres individuais, mas dominem a consciência coletiva individualmente. Depois trabalhem coletivamente para despertar o coletivo chamado Humanidade.

— O mundo está pronto e capaz de tomar essa iniciativa, pois a comunicação em grupo é agora possível como nunca o foi antes. O mundo inteiro está ligado. Todo o planeta está conetado. Vocês têm instrumentos que nunca tiveram antes.

— Referes-te à Internet?

— A todas as vossas tecnologias modernas. A todas elas. A Internet. Os telefones celulares. O fax. Correio eletrónico. Vídeos caseiros fáceis de fazer. Discos compactos que se podem ler no computador de casa e enviar para qualquer parte.

— Tudo e mais alguma coisa. Vocês entraram na Era da comunicação mundial fácil e instantânea.

— Houve quem dissesse que o avanço galopante das vossas tecnologias ameaça destruir a Humanidade. Também é o que a pode salvar.

— Usem-nas parar criar a Nova Realidade que desejam experienciar. Usem-nas para criar o Novo Humano no qual se querem transformar. Usem-nas para construir a Nova Espiritualidade que desejam expressar.

— Mas lembrem-se de as usar coletivamente. É a ação coletiva que está a destruir o mundo. Só a ação coletiva o pode salvar.

— Sim. Foi por isso que aqui se sugeriu que as pessoas formem grupos que se comprometam coletivamente a seguir os Cinco Passos para a Paz. Recolham assinaturas em petições. Fomentem discussões e diálogos. Imprimam brochuras e folhetos.

— Publiquem os Cinco Passos num jornal, qualquer coisa como:

— PROCURANDO CRIAR HARMONIA NO NOSSO MUNDO, NÓS, ABAIXO-ASSINADOS, COMPROMETEMO-NOS PUBLICAMENTE A DAR OS CINCO PASSOS PARA A PAZ:

1. Reconhecemos que algumas das nossas antigas crenças acerca de Deus e da Vida já não funcionam.

2. Reconhecemos que há algo que não compreendemos em relação a Deus e à Vida, cujo entendimento modificará tudo.
3. Estamos predispostos para receber agora um novo entendimento de Deus e da Vida, um entendimento que poderá gerar uma nova forma de viver no nosso planeta.
4. Escolhemos ser suficientemente corajosos para explorar e questionar este novo entendimento e, se este estiver de acordo com a nossa verdade e conhecimento interior, alargar o nosso sistema de crenças para incorporá-lo.
5. Escolhemos viver as nossas vidas como demonstrações, e não como negações, das nossas crenças.

— Peçam a figuras proeminentes da comunidade — incluindo políticos e empresários — para o assinar antes de ser publicado e incluam as suas assinaturas no fim. Criem uma vaga de fundo. Envolvam grupos. Grupos de cidadãos, grupos cívicos e militares, grupos eclesiásticos e religiosos, grupos culturais e educacionais, grupos de idosos e de jovens, grupos governamentais e legislativos. Criem coligações de grupos atualmente existentes. Formem novos grupos. *Não deixem fugir esta ideia*.

— Mas o que se pode fazer para motivar as pessoas a aderirem desta maneira?

— A excitação de novas possibilidades. E a garantia de que têm o poder de mudar o mundo. Se as pessoas pensarem que são

impotentes, não farão nada. Se acreditarem realmente que há qualquer coisa que podem fazer, fá-lo-ão.

— Têm de convencer as pessoas de que há qualquer coisa que podem fazer. Depois mostrem-lhes como é mais fácil de fazer do que alguma vez imaginaram, se criarem primeiro um estado de ser e depois deixarem fluir naturalmente o que fazem daquilo que estão a ser, em vez de tentarem arranjar qualquer coisa para fazer só para "fazerem qualquer coisa", sem mudarem de todo aquilo que estão a ser.

— Simplesmente fazer qualquer coisa não é resposta. Toda a comunidade mundial tem tentado "fazer qualquer coisa" quanto aos seus problemas desde há muito tempo. Nada que tenha provocado uma mudança duradoura. A raça humana continua a agir como tem agido durante séculos.

— Ser qualquer coisa é a resposta. Há muito que toda a comunidade mundial não tenta "ser qualquer coisa" em reação aos seus problemas. Mas era isso que iria dar azo a uma mudança duradoura. A raça humana poderia então deixar de agir como tem agido desde há séculos.

— Quando aquilo que fazes é um reflexo daquilo que és, em vez de uma tentativa de criares o que desejavas estar a ser, sabes que provocaste uma mudança duradoura em ti. É isso que gera a mudança duradoura no mundo.

— Lembrem-se do que foi dito anteriormente. Não podem "fazer" tranquilos, só podem "ser" tranquilos. Não podem "fazer" afetuosos, só podem "ser" afetuosos. Não podem "fazer" unificados, só podem "ser" unificados.

— Procurem, portanto, mudar o vosso estado de ser. Não procurem mudar primeiro o mundo, procurem primeiro mudar-se a vocês próprios. Quando o conseguirem, as vossas ações mudarão automaticamente.

— Espera lá. Não procurem mudar o mundo? *Toda esta conversa* tem sido sobre mudar o mundo!

— Eu disse, não procurem mudar primeiro o mundo. Não se ponham a mudar o mundo tentando mudar o mundo primeiro. Mudarão o mundo mudando-vos primeiros a vós próprios. Primeiro devem decidir algumas coisas importantes sobre vós próprios, chegar a algumas conclusões novas sobre quem são, sobre Deus e sobre a Vida, e depois comecem a viver essas decisões.

— Este processo interior pode, de facto, produzir mudanças no mundo à vossa volta, pois o mundo que tocam é afetado pela forma como o tocam.

— Quem vocês são e como são afeta o mundo numa escala muito maior do que possam imaginar. Mas lembrem-se disto. Não podem alcançar a paz interior ficando agitados por não alcançarem a paz exterior.

— Portanto, não subordinem os vossos esforços de transformação pessoal a um resultado chamado transformação planetária, ou poderão não alcançar nenhuma delas.

— Partilhem com as pessoas do mundo, se o desejarem, mas partilhem com elas não o que pensam que devia ser a sua experiência, mas sim o que sabem que foi a vossa experiência. Ensinem os outros se eles o pedirem, mas ensinem-lhes não que vocês têm as respostas, mas que eles têm as suas próprias respostas.

— E percam todas as expectativas de que qualquer decisão que tomarem, ou qualquer informação que partilharem sobre quem são e o que escolhem ser, tenha algum impacto em qualquer coisa ou em alguém.

— Não exijam esses resultados.

— Porquê? Não percebo nada disto. Os resultados não nos dão uma sensação de satisfação que nos permite continuar?

— Se são os resultados que te dão uma sensação de satisfação que te permite continuar, então a ausência de resultados trar-te-á uma sensação de frustração que fará com que não continues. Então derrotas-te a ti próprio.

— Eu percebo isso, mas como damos a volta?

— Tendo a noção clara da razão pela qual estão empenhados no que quer que estejam a ser e a fazer, para começar.

— Que é?

— A autorrealização. Realizar o Eu ao nível superior seguinte. Saberem quem realmente são e experienciá-lo.

— Chama-se a isso evolução.

— É esse o trabalho de toda a Humanidade. E é essa a sua alegria. Pois a vossa alegria está em tornarem-se maiores do que são e em se conhecerem como tal. Espécies inteiras evoluem dessa maneira e de nenhuma outra.

— Não mudem as vossas crenças porque querem que as outras pessoas mudem as delas. Mudem as vossas crenças porque as vossas novas crenças anunciam com maior exatidão quem vocês são.

— Mas, à medida que mudarem, não fiquem surpreendidos se outras pessoas mudarem e se o mundo à vossa volta mudar. Pois a mudança em vós atuará como catalisador na produção da mudança nos outros. Não por vocês terem procurado produzir a mudança nos outros, mas, mais provavelmente, porque não o fizeram.

— As pessoas não mudam por lhes dizerem para mudar. Podem alterar temporariamente o seu comportamento porque aqueles que

exercem poder sobre eles lhes disseram para o fazer, mas isso não é uma mudança real. É apenas um desvio superficial de postura exterior. A verdade interior não se alterou. Assim que o poder deixa de pesar sobre elas, ou deixa de poder ser exercido, o comportamento das pessoas regressa àquilo que é motivado pela sua verdade interior.

— O progenitor de todo o adolescente sabe isso.

— O tirano que governa qualquer país descobre-o.

— A mudança é um ato de liberdade, não um ato de cumprimento.

— A obediência não é criação, e a criação é o único ato de evolução.

— Não procurem, portanto, mudar o mundo. Procurem SER a mudança que desejam VER no mundo.

— Não foi Ghandi que disse isso?

— Sim, e demonstrou-o.

— Primeiro, alcançou um estado de ser. Fez esse trabalho a partir de dentro. Depois, e só depois, o seu "fazer" exterior transformou-se no tipo de "fazer" que mudou o mundo.

— Ele não alcançou um estado de ser em resultado do que estava a fazer. O que estava a fazer refletia o estado de ser que tinha alcançado.

— Percebes agora?

— Percebo — explicaste-o muito bem —, mas não compreendo como se faz com que *funcione*. Ou seja, não percebo como se põe em marcha, como se concretiza. Como é que se muda o estado de ser interior? E o que se está a fazer não afeta o que se está a ser? Ouvir música tranquila às vezes, não ajuda a "estar"[1] mais calmo? A oração e a meditação por vezes não ajudam a "estar" em paz?

— Sim. Podes alcançar um estado de ser através do que estás a fazer. Nisso tens toda a razão. Reparaste nisso e é verdade. Mas chegar a um lugar de ser através de qualquer coisa que estás a fazer é muito mais complicado. E, bem mais importante, muitas vezes é apenas temporário.

— A maior parte das pessoas não põe uma música tranquila e fica calma o resto da vida. A maior parte das pessoas não reza e continua a estar em paz a cada momento que se segue.

— A decisão de partir da paz e do amor, em vez de tentar lá chegar, inverte tudo. Desvia completamente o eixo da vossa experiência. Coloca a origem do que desejas dentro de ti, em vez

[1] Be, no original, tanto significa "ser" como "estar". (N. T.)

de no teu exterior. Isso torna-a acessível a todo o momento e em todos os lugares.

— Esse é o poder genuíno. O tipo de poder que muda vidas e que muda o mundo.

— Esse nível de completa paz interior e de amor total por toda a Humanidade pode ser alcançado num só momento. Também pode levar uma vida. Tudo depende de vocês. Tudo depende da medida em que o desejam.

— Podem alcançar qualquer estado de ser interior que desejam simplesmente escolhendo-o e fazendo-lhe apelo.

— Presentemente, a maior parte dos vossos estados de ser são "reações". Não têm de ser. Vocês podem torná-los "criações".

1. O Princípio da Mestria de Viver

— Ajuda-me lá. Que queres dizer? De que estás a falar?

— Deixa-me dar-te um exemplo à laia de explicação.

— Agora, quando chegas a qualquer momento, raramente o fazes com um estado de ser pré-determinado. Esperas até veres o que o momento contém e traz e depois reages sendo qualquer coisa.

— Pode ser que fiques triste. Pode ser que fiques contente. Talvez fiques desiludido ou entusiasmado.

— Mas agora, supõe que decidias antecipadamente como ias ficar quando chegasses a esse momento. Supõe que decidias que ias ficar tranquilo, independentemente de como esse momento surgisse. Achas que faria alguma diferença em relação à forma como experienciavas o próprio momento?

— Claro que faria.

— Deixa-me dizer-te uma coisa. É quando decides como tu vais aparecer antes de o momento surgir que começas a aproximar-te da mestria. Aprendeste a dominar o momento, e esse é o princípio da mestria de viver.

— Quando decides antecipadamente que o teu estado de ser interior vai ser tranquilo e afetuoso, compreensivo e compassivo, partilhando e perdoando, seja o que for que traga qualquer momento exterior, o mundo exterior perde o seu poder sobre ti.

— Os outros não te conseguem convencer a aderir aos seus comportamentos se os seus comportamentos não coincidirem com o teu estado de ser interior. Líderes religiosos e políticos tentarão aliciar-te para a sua causa, mas de nada lhes valerá — a menos que, no mais profundo do teu ser, estejas em harmonia com o que estão a dizer ou a fazer.

— Parece-me maravilhoso! Mas o que me pode fazer escolher um estado de ser interior que seja diferente daquilo que o mundo exterior me envia? Isto é, como posso eu "ser" qualquer coisa que o mundo exterior não me deixa ser? Compreendes a pergunta? Como posso estar "tranquilo" se o mundo se está a destruir? (Para utilizar um exemplo.)

— Podes estar tranquilo seja o que for que o mundo exterior esteja a fazer — e a fantástica ironia disto é que aquilo que o mundo exterior está a fazer é frequentemente afetado por aquilo que estás a ser.

— De certeza que já ouviste o conselho de que, no caso de encontrares uma cascavel, o melhor que tens a fazer é manter a calma e retroceder lentamente, e nenhum mal te acontecerá. A última coisa a fazer é virar as costas e fugir a correr.

— Tenho a certeza de que já ouviste o conselho de que, ao montar um cavalo, a última coisa que se deve fazer é deixar o cavalo perceber que tens medo. Se não deres a entender ao cavalo que és tu que mandas, o cavalo é que manda em ti.

— Já ouviste estas coisas ou não?

— Sim.

— Ainda bem. Estou a utilizá-las aqui como uma metáfora para a vida.

— Como é que continuas tranquilo quando o mundo manifesta tudo menos paz? Afetuoso, quando o mundo manifesta tudo menos amor? Clemente, quando o mundo manifesta tudo menos clemência?

— Insistes em seres quem és, seja o que for que o resto do mundo esteja a ser.

— Lentamente, o mundo com o qual contatas mudará.

— Agora imagina o que aconteceria se toda a gente fizesse isso.

— Mas não podes insistir em ser quem és se não souberes quem és. Assim, a decisão tem de ser tomada antecipadamente.

— Lembra-te sempre disto: O que estás a ser é quem tu és.

— Não és o que estás a fazer.

— És um humano, a ser.[2]

[2] O autor faz um jogo de palavras com o termo human being (“ser humano”) e a expressão human, being (“humano, a ser”) que se optou por traduzir literalmente para manter o respetivo contexto. (N. T.)

CAPÍTULO 27

Vocês não Podem Morrer e Nunca Estarão Destinados à Condenação Eterna

— Meu Deus, fazes com que tudo pareça tão fácil. Mas não é assim tão fácil.

— Os vossos mestres terrenos mais eficazes demonstraram que é.

— Lá vamos nós outra vez. Achas que podemos ser como eles?

— Todos eles vos prometeram que sim! Não foi essa a sua maior promessa?

— Muitos mestres espirituais partilharam convosco o segredo de que decidir quem realmente são, e sê-lo, é o meio mais rápido de afetar e criar o vosso eu interior e o vosso mundo exterior. Não é um ensinamento novo. Mas o que pode ser novo é a vossa decisão de o experimentarem.

— Eu *já* experimentei. Toda a raça humana o fez. Pensas que é a primeira vez que ouvimos estas coisas? Pensas que não as experimentámos?

— Observo que muitos humanos têm um medo mortal de tentar. Quer dizer, de tentar realmente. Reclamar a soberania das suas próprias vidas, acreditar que Deus lhes deu esse poder, quanto mais essa autoridade.

— Observo que muitos humanos têm receio de acreditar que a sabedoria da Divindade reside em si.

— Observo que muitos humanos se sentiriam até culpados ao criar uma Nova Espiritualidade baseada em ter conversas reais com Deus, forjando uma amizade genuína com Deus e criando uma experiência de comunhão com Deus.

— Observo que o medo e a culpa são os maiores inimigos dos humanos.

— De que temos nós assim tanto medo?

— Ora, de mim, claro! Têm medo da morte, isso é óbvio, mas a razão pela qual têm medo da morte é devido ao que vos contaram sobre a Vida e sobre Deus.

— A maior parte dos humanos tem tanto medo de morrer que passou a ter medo de viver. E, portanto, entregam a sua vida àqueles que não têm medo de morrer. Aos terroristas suicidas e às nações com os maiores exércitos e mais bombas.

— Mas não podem continuar assim. O vosso mundo não se pode sustentar tendo o medo como princípio orientador. O amor deve tornar-se o seu princípio orientador.

— Mas como podemos acreditar no amor e não ter medo de morrer? Ensinaram-nos a acreditar num Deus que nos ama de formas muito pouco carinhosas e que nos castiga depois da morte.

— É por isso que, se querem viver em paz e harmonia, têm de mudar o vosso mundo ao nível das crenças. Uma pessoa de cada vez. Começando por ti.

— E agora dei-vos alguns instrumentos novos. Aqui, nesta conversa, mostrei-vos novos passos que vos podem afastar do medo e aproximar do amor. Eis algumas novas revelações que vos podem ajudar a encontrar o caminho.

— São afirmações filosóficas e teológicas importantes. Acarretam implicações monumentais para toda a Humanidade.

— E agora quero trazer-vos a última destas revelações. Considerem-na cuidadosamente. Aprofundem a sua mensagem mais lata.

— Esta é a NONA NOVA REVELAÇÃO:

— Vocês não podem morrer e nunca estarão destinados à condenação eterna.

— Ai, meu Deus, se isso fosse verdade, mudaria tudo!

— É verdade, e mudará tudo, no momento em que decidirem vivê-la como a vossa verdade pessoal.

— A maior parte das religiões do vosso mundo ensinaram as primeiras quatro palavras desta verdade, mas o que vos disseram a seguir a essas quatro palavras transformou essa verdade num pesadelo.

— Disseram-vos que a alma nunca morre, mas também vos disseram que a alma pode passar a eternidade no Inferno. E a descrição que fizeram do que faria com que passassem a eternidade no Inferno — bem como o que faria com que a passassem no Céu — criou um Inferno na terra. Pois algumas religiões ensinaram que matar outros pelas "razões certas" vos mandaria direitos para o Céu, enquanto que outras ensinaram que crer em Deus, mas fazendo-o da "maneira errada", vos mandaria direitos para o Inferno.

— Se isso não nos desse a volta à cabeça, não sei o que daria.

— Declaro-vos agora que esses ensinamentos são total e completamente inexatos.

— Quem os trouxe para o vosso mundo não foi Deus, mas sim os seres humanos. Seres humanos que assumiram que Deus deve

ser colérico, prepotente, vingativo e retaliador porque os humanos são coléricos, prepotentes, vingativos e retaliadores.

— Seres humanos que imaginaram que Deus deve ser mesquinho, minucioso, difícil de contentar e inacessível porque os humanos são mesquinhos, minuciosos, difíceis de contentar e inacessíveis.

— Seres humanos que pensaram que Deus concebeu a vida eterna com base num sistema de recompensa e castigo porque os humanos conceberam a vida na Terra baseada num sistema de recompensa e castigo.

— Recompensa e castigo, como já sublinhei, são uma convenção social que nada tem a ver com a divindade. Não é de maneira nenhuma um conceito divino, mas uma invenção humana que substitui o conceito divino de amor incondicional.

— Recompensa e castigo é a tentativa humana de expressar o Princípio de Vida da Adaptabilidade. Os humanos criaram "recompensas" e "castigos" para serem levados a adaptar os seus comportamentos àquilo que imaginam que Deus quer. Mas essa convenção social é distorcida pelas falácias que os humanos sustentam sobre Deus e a Vida — e, assim, alguns humanos ostentam comportamentos que nenhum Deus poderia querer jamais.

— Há milhões de pessoas que não fazem isso, evidentemente. Pessoas que são belas nas profundezas da alma e que espalham e partilham a beleza onde quer que vão.

— Há pessoas que ensinam apenas amor, e pessoas que curam pela sua própria benignidade. Todos vocês conhecem esse tipo de pessoas. É muito possível que sejam uma delas. É absolutamente seguro que procuram ser uma delas, ou não poderiam dedicar-se ao tipo de trabalho de crescimento pessoal e espiritual que vos pode levar a este tipo de conversa com Deus.

— E por isso, para vós, vão os agradecimentos da Humanidade. Em vós reside a esperança da Humanidade. Em vós reside a visão mais sublime da Humanidade.

— É uma visão que se eleva para além das crenças limitadas da Humanidade em coisas que não são verdadeiras.

— Há aqueles que veem o mundo tal como é e perguntam, "Porquê?" E há aqueles que sonham com coisas que nunca aconteceram e perguntam, "Por que não?"

— Àqueles que sonham com os anjos, declaro que vos ajudarei a criar esse sonho e a transformá-lo em realidade.

— Por isso, aqui vim trazer-vos esta Nona Nova Revelação, e agora repito-a, para que a Humanidade não possa deixá-la escapar nem a possa ignorar, nem as suas implicações.

— Vocês não podem morrer, e nunca estarão destinados à condenação eterna.

— Com esta Nova Revelação final surge a vossa visão. Através dela chega a vossa liberdade e a vossa entrada no vosso Verdadeiro Eu.

— Quando compreenderem que não são o vosso corpo e que Quem Vocês São nunca pode morrer e nunca morrerá, E... quando compreenderem que nunca serão condenados por um Deus crítico, colérico e vingativo... ENTÃO as vossas preocupações de toda a vida sobre uma sobrevivência feliz estarão terminadas.

— O fim dessas preocupações transformar-vos-á completamente, levando-vos a interagir com o mundo de uma forma completamente nova. Tornar-se-ão, literalmente, Novos Humanos. Viverão, muito naturalmente, uma Nova Espiritualidade. E criarão, muito espontaneamente, uma Nova Sociedade.

— Sentir-se-ão emocionados com a vossa nova maneira de olhar a vida, de ver as outras pessoas e de as tratar. Sentir-se-ão espiritualmente exaltados pelas novas prioridades que irão estabelecer e as novas ideias que adotarão sobre o que é importante e o que não é — para não falar daquilo a que atribuirão importância suficiente para se matarem uns aos outros.

— Ficarão assombrados com a forma como andaram em círculos todos estes anos, como se estivessem perplexos. O vosso

aprisionamento neste ciclo de violência tem sido um assombro e a vossa libertação deste ciclo de violência será conseguida pela vossa unicidade — ou aquilo a que chamariam redenção.[1]

— Mas se pensássemos que nunca íamos ser julgados nem condenados, não haveria razão para nos "redimirmos" de nada. *E então o que nos impediria de agir pior do que nunca?*

— Precisam da ameaça da condenação eterna para não ferir os outros, para fazer o que é melhor para todos?

— Não estamos convencidos de que nos interessa agir de uma forma que seja melhor para todos. Achamos que o que nos interessa é agir primeiro para o nosso próprio bem.

— Claro que sim. E esse instinto é um instinto primário, inerente a toda a vida. É o Princípio de Vida da Sustentabilidade, expresso. O interesse próprio é o interesse mais alto. E deve sê-lo.

— Então não percebo. Agora é que me confundiste. Se o interesse próprio é o interesse mais alto, e *deve* sê-lo, então tudo o resto que tens estado a dizer cai por terra.

— Só se tiveres uma definição muito limitada do Eu. E assim, fechamos o círculo. São as vossas falsas crenças que limitam a

[1] Jogo de palavras com o termo at-one-ment, ou seja, atonement, "expiação" ou "redenção", no sentido de at one, ou seja, "num só", "em unicidade". (N. T.)

vossa definição do Eu. Quando veem o Eu incluindo todos os outros, a vossa definição de interesse próprio alarga-se — e o mundo muda de um dia para o outro.

— Disse-te no início desta conversa que o problema que o mundo agora enfrenta é fácil de resolver. A resposta é óbvia. Ampliem simplesmente a vossa definição de "Eu".

— Agora consegues compreender esta afirmação de uma forma mais completa.

— Ampliar a nossa definição de "Eu"? É tão simples?

— Tão simples como isso. Quando acreditarem que o vosso Eu é um só com todos os outros, abandonarão os vossos comportamentos autodestrutivos. Quando acreditarem que o vosso Eu é um só com Deus, criarão novos comportamentos, novas maneiras de ser, que mudarão a vossa vida e o vosso mundo para sempre.

— As Novas Revelações que aqui vos dei podem servir de catalisador no alargamento da vossa perceção, abrindo-vos a uma consciencialização que vos permitirá ampliar a vossa definição do Eu.

— Sim, agora percebo. Estas Novas Revelações parecem tão *redentoras* porque nos livram do Mal, dizendo-nos que é nosso o reino, o poder e a glória para sempre. Libertam-nos do medo.

Permitem-nos voltar a amar. Voltar a amar a Deus e voltar a amar-nos uns aos outros. Devolvem-nos a nós próprios. Podemos voltar a amar-nos *a nós próprios*. E à vida. E até à morte.

— Agora podem acreditar no inacreditável — que Deus não quer senão o vosso bem. Podem deixar de temer a Deus. Nunca tiveram de o temer, nem nunca voltarão a ter. Podem ter uma conversa com Deus. Todos vocês. Em qualquer altura. Podem ter uma amizade com Deus. Todos vocês. Todos os dias. Podem experienciar a comunhão com Deus. Todos vocês. A cada momento.

— Podem finalmente afastar a ideia de que Deus quer que sofram... que o sofrimento é bom... que não estão destinados a ser felizes.

— Mas... S. Tiago, capítulo 4, versículos 8-10 do Novo Testamento não diz:

— "(..) Pecadores, purificai as mãos! Indecisos, purificai o coração! Reconhecei a própria miséria, cobri-vos de luto e chorai! Que o vosso riso se transforme em luto, e a alegria em tristeza! Humilhai-vos diante do Senhor, e Ele vos elevará."

— Era disso que eu estava a falar há bocado. Essa é a religião da pouca autoestima. Se querem viver em paz e harmonia, essa é uma parte das vossas religiões que precisa de ser reformulada.

— Não quero que o vosso riso se transforme em lamento, nem a vossa alegria em tristeza. Por que carga de água havia de querer? Houve aqui um pequeno engano. Tiago era um bocado cuidadoso em excesso nesse ponto.

— E Pedro também estava enganado? Ele disse, de acordo com a 1ª Carta, capítulo 4, versículo 19:

— "Portanto, os que sofrem de acordo com o projeto de Deus põem a sua confiança em Deus criador praticando o bem."

— Sim, isso também é um equívoco. Não é da minha vontade que vocês sofram.

— Mas o *Corão* também diz que é vontade de Alá que alguns sejam conduzidos ao conhecimento e à verdade e que outros não, e sofrerão por isso.

— Esses livros estão errados. É tão simples como isso. É altura de se libertarem de algumas das ideias que têm carregado sobre o que eu quero e o que necessito de vós. E uma das ideias mais importantes da qual se devem libertar é a ideia de que eu quero que matem outros por minha causa.

— Mas é difícil acreditar que Deus não o ordena. Especialmente ao ler passagens de todos os nossos livros sagrados. Repara nesta passagem do Bhagavad-Gita, por exemplo. O Gita também é um livro de diálogo, no qual Arjuna — que, num certo sentido,

representa toda a gente — tem uma conversa com o seu Deus, o Senhor Sri Krishna. No excerto que se segue, Arjuna volta-se para o Senhor Krishna, na véspera da batalha, e pergunta como se justifica matar.

— Ouve as respostas do Senhor Krishna...

— ARJUNA: (...) ó Krishna, e não vejo que bem poderá deles resultar quando eu tiver ferido os meus na batalha. Não aspiro à vitória, nem à realeza, nem aos prazeres (...).

— Ah! Infelicidade! Estávamos determinados a cometer um grande crime, porquanto, cobiçando a realeza e o prazer, preparávamo-nos para matar os nossos.

— SENHOR KRISHNA: Não te deixes arrastar para a ignomínia, filho de Prithâ: ela não se te adequa. Liberta o teu coração dessa fraqueza mesquinha e ergue-te, ó Tormento dos inimigos!

— O Senhor Krishna prossegue explicando que a alma nunca pode morrer; portanto, "o eu não mata, nem é morto". Por outras palavras, pode-se ir em frente e matar o corpo "sem lamentação".

— Acreditas nisso?

— Acredito na parte que diz que a alma não pode morrer. Não aceito como minha verdade que isso me dê o direito de matar sem lamentação.

— Por que não?

— Porque isso não é quem eu sou, nem quem escolho ser. Porque desejo ajudar a criar um mundo de uma espécie diferente.

— Percebo.

— A maioria das pessoas no mundo querem isso.

— Tens razão, querem.

— Mas não sabem como passar de onde estão para onde querem estar.

— Podes ajudá-las. Todos vocês se podem ajudar uns aos outros. Construam o vosso mundo de novo. Trabalhem em conjunto para criar uma nova realidade. Primeiro, uma nova realidade interior, depois uma nova realidade exterior.

— Comecem onde a raça humana teria beneficiado se tivesse começado há muito tempo. Não tentem mudar os vossos comportamentos; procurem mudar as vossas crenças. São as crenças que promovem os vossos comportamentos e que fazem com que sejam interminavelmente repetidos.

— Já sei. Agora percebo. E já vi, graças a esta conversa, quais são as crenças que provocam os comportamentos mais

autodestrutivos. São essas as crenças que vou analisar com muito cuidado. São essas as crenças que vou mudar.

— Ainda bem. Porque têm de as mudar, se o que escolhem é o que dizem escolher, que é viver uma vida longa, saudável e feliz, em paz e harmonia uns com os outros; se o que escolhem é a sobrevivência continuada da Humanidade.

— A vossa espécie está a escolher agora, pelos seus atos, a cada hora, todos os dias, se vai sobreviver à adolescência e amadurecer até à vida adulta, crescendo em entendimento e reunindo-se eventualmente às outras espécies altamente evoluídas do Universo, ou se se vai extinguir por si.

— A cada momento estão a tomar uma decisão de vida ou de morte. Escolhem mais vida ou escolhem uma morte mais rápida?

— Quando fumam aquele cigarro, estão a escolher mais vida ou estão a escolher uma morte mais rápida?

— Quando comem aquele grande naco de carne vermelha a todas as refeições, estão a escolher mais vida ou estão a escolher uma morte mais rápida?

— Quando passam dias, semanas e meses sem fazer o mínimo exercício físico, estão a escolher mais vida ou estão a escolher uma morte mais rápida?

— Quando se esfalfam a trabalhar, durante dez, doze ou catorze horas por dia, sem tempo para um pouco de frivolidade, sem tempo para uma noite de lazer, sem tempo para um momento de galhofa — sem tempo sequer para um abraço, um apertão ou nenhuma verdadeira intimidade com aqueles que anseiam por ter intimidade convosco — estão a escolher mais vida, ou estão a escolher uma morte mais rápida?

— Quando resmungam e discutem com a família ou com os vizinhos sobre questões que não significam nada — absolutamente nada — a longo prazo, estão a escolher mais vida ou estão a escolher uma morte mais rápida?

— Quando lutam e entram em guerra com outras nações por questões que podiam ser resolvidas com algumas cedências e só um pouco de confiança — a disposição de perdoar o passado e a consciência de que a única maneira de criar um futuro viável é criá-lo em conjunto — estão a escolher mais vida ou estão a escolher uma morte mais rápida?

— Quando insistem em continuar a acreditar, como se fossem verdadeiros, em doutrinas e dogmas que estão a matar-vos, estão a escolher mais vida ou estão a escolher uma morte mais rápida?

— Das mais pequenas decisões do dia-a-dia até às maiores com as quais a raça humana é agora confrontada, estão a escolher mais vida ou estão a escolher uma morte mais rápida?

— A escolha é sempre a mesma. Mais vida, ou morte mais rápida.

— É claro que, como vos disse muitas vezes, a morte não existe. A palavra é aqui utilizada no contexto dentro do qual vocês a têm entendido. É utilizada para designar o fim da vida tal como a conhecem, individual e coletivamente.

— Dentro do contexto da aventura humana, qual será a experiência da vida? Na verdade, o que serão os humanos? Chegarão os humanos a ser?

— O vosso magnífico escritor Shakespeare disse-o na perfeição.

— Ser ou não ser?

— Eis a questão.

CAPÍTULO 28

Momento de Definição

— Levem agora esta mensagem ao mundo. Levem-na a todas as pessoas com cujas vidas estão em contacto, através da vossa própria vida, vivida.

— Digo agora a toda a Humanidade, prossigam nas vossas vidas com entusiasmo e alegria, pois estão perante o tempo mais extraordinário da vossa história.

— A oportunidade é emocionante e o vosso potencial ilimitado. O desafio é grande, mas os vossos talentos, as vossas capacidades e os vossos recursos são maiores.

— Sempre que confiaram nas vossas capacidades e utilizaram os vossos talentos ao mais alto nível, não ganharam o dia? Sim, e podem ganhá-lo agora. E ao ganhar o dia podem salvar o dia, para os vossos entes queridos e para todos aqueles que se seguirão ao vosso tempo sobre a Terra.

— Podem fazê-lo apelando aos mais elevados ideais e pondo-os em prática na vossa experiência diária, pondo em ordem as vossas ideias mais sublimes e transformando-as em realidades vividas,

reunindo coragem e o máximo de força e pondo-as à disposição de toda a gente.

— Podem fazê-lo partilhando o vosso amor, a vossa compaixão, a vossa sabedoria e a vossa abundância.

— Foi-vos dado indiscriminadamente. Deem agora indiscriminadamente.

— Oh, meus filhos encantadores, as salas iluminam-se quando nelas entram com o vosso sorriso, oferecendo o encanto de quem vocês são! As vidas com as quais contatam curam-se quando as tocam com a glória do vosso eu superior, refletindo sobre elas a glória dos seus próprios eus superiores. Como muda o mundo quando o atravessam da vossa maneira especial, propondo, pelo vosso próprio estado de ser, uma maneira de ser para o mundo.

— Para criar a vida que desejam para vocês próprios e para todos os outros, há grandes coisas a fazer. Contudo, a boa notícia é que para as fazer bastam coisas pequenas.

— Um sorriso. Um toque. Uma gargalhada. Uma decisão de perdoar. A disposição de partilhar.

— A capacidade de chorar — e de ouvir o choro dos outros.

— O amor pela vida. A confiança em Deus. A aceitação mútua.

— A opção de viver como um só.

— A determinação de ousar.

— Isto são coisas das quais são capazes. Isto são coisas que todos vocês já fizeram. Façam-nas agora e sempre, e ficarão apenas a um pequeno passo do Paraíso.

— Não é emocionante? Não é inspirador? Com estes simples instrumentos de vida, podem mudar a vossa vida. Com a sabedoria que vos reside na alma, podem criar o mundo de novo.

— Eu disse que estão numa altura crucial, e assim é. Disse que este é um momento de definição, e assim é. Disse que no passado muitos humanos não estiveram dispostos a mudar, a avançar, a libertar-se. Agarraram-se aos seus velhos hábitos e às velhas crenças que os originaram. Mas este é o amanhecer de um novo dia, e podem ajudá-lo a nascer.

— Pois tudo o que eu disse sobre o passado passará a fazer parte do passado no momento em que decidirem que vocês são o futuro. Que na vossa mente reside a sabedoria, que no vosso coração reside o amor e que na vossa alma reside a verdade que libertará o vosso mundo.

— Vocês são toda a sabedoria, amor e verdade de que qualquer momento necessitará para que esse momento fique curado.

— A vossa vida, e o vosso mundo, podem curar-se, um momento de cada vez. Por cada um de vós.

— De facto, será só dessa maneira.

— Vão, portanto, e façam esse trabalho de alegria. Sejam os meus mensageiros. Tomem as minhas Novas Revelações e guardem-nas firmemente no pensamento, profundamente no coração e permanentemente na alma.

— Deixo-vos estas palavras, dou-vos estes dons. Podem mudar o vosso mundo para sempre.

1. *Deus nunca deixou de comunicar diretamente com os seres humanos. Deus comunica com os seres humanos e através deles desde o início dos tempos. E continua a fazê-lo presentemente.*

2. *Todo o ser humano é tão especial quanto qualquer outro que alguma vez tenha vivido, viva agora ou venha alguma vez a viver. Todos vocês são mensageiros. Cada um de vocês. Levam uma mensagem para a vida sobre a vida todos os dias. A cada hora. A cada momento.*

3. *Nenhum caminho é mais direto para Deus que qualquer outro. Nenhuma religião é a "única verdadeira religião", nenhum povo é "o povo eleito" e nenhum profeta é "o maior profeta".*

4. *Deus não precisa de nada. Deus de nada carece para ser feliz. Deus é a felicidade em si. Portanto, Deus não exige nada de ninguém nem de nada no Universo.*

5. *Deus não é um Super Ser singular que viva algures no Universo ou fora dele, com as mesmas necessidades emocionais e sujeito ao mesmo turbilhão emocional que os humanos. Aquilo Que Deus É não pode ser ofendido nem prejudicado de nenhuma forma e, portanto, não tem necessidade de procurar vingança ou impor o castigo.*

6. *Todas as coisas são Uma Coisa. Há só Uma Coisa e todas as coisas fazem parte da Única Coisa que É.*

7. *O Certo e o Errado são coisas que não existem. Existe apenas O Que Funciona e O Que Não Funciona, dependendo daquilo que vocês procuram ser, fazer ou ter.*

8. *Vocês não são o vosso corpo. Quem vocês são é ilimitado e eterno.*

9. *Vocês não podem morrer e nunca serão destinados à condenação eterna.*

— Estas afirmações são verdadeiras. Estas revelações são reais. Podem ser utilizadas, se quiserem, como uma base para uma Nova Espiritualidade. Mas primeiro e acima de tudo, voltem-se para a

verdade, a sabedoria e o amor dentro do vosso próprio ser. Comparem tudo com isso. Meçam tudo por isso.

— Lembrem-se que o melhor instrumento que alguma vez terão para criar não só uma nova espiritualidade, mas todo um mundo novo, é a vossa própria vida, vivida.

— Utilizem os momentos da vossa vida para demonstrar a vossa própria verdade mais nobre, para oferecer o vosso amor genuíno e curar todas as feridas que vocês e os outros infligiram a vocês próprios.

— As vossas vidas não têm de ser da forma como são. Os seres humanos são capazes de viver juntos em paz e harmonia. Mas algumas pessoas têm de decidir-se a mostrar o caminho. Algumas pessoas têm de declarar, com as suas vidas, que são o caminho. Algumas pessoas têm de optar por ser a primeira peça do dominó.

— Convido-vos a fazerem essa opção. Estou a convidar-vos a fazer dos momentos da vossa própria vida...

—... As Novas Revelações.

A Fechar

Nas páginas deste livro extraordinário foi-nos dada toda a informação de que precisamos para mudarmos a nossa vida e trazermos a cura ao nosso mundo. A única questão que permanece é, optaremos por fazê-lo?

Neste preciso momento, a Humanidade precisa de ajuda. Deus deu-nos uma ajuda e agora a ajuda deve partir de vocês.

Sim, agora é convosco.

Vocês e eu.

Temos de nos juntar aos outros — aos políticos, aos soldados, aos economistas, aos industriais e empresários, aos líderes religiosos e a todos aqueles a quem "entregámos o comando" no passado. Temos de nos juntar a eles e ajudá-los a ver o tipo de mundo que desejamos realmente criar, porque, até agora, não produziram os desfechos que todos nós dizemos que desejamos. O nosso mundo continua à beira da calamidade global e está a *aproximar-se*, e não a afastar-se, da autodestruição total.

Já não podemos ignorar o facto de que o que os nossos líderes e as instituições da nossa sociedade têm feito não está a *funcionar*. Olhem em volta. Empresas gigantescas desabam, atingidas pelas suas próprias mentiras contabilísticas. Igrejas perderam a credibilidade devido à sua escandalosa hipocrisia. Exércitos aos milhares e orçamentos militares de biliões perderam o significado em face de meia dúzia de pessoas que não se importam de morrer. E o que é supostamente o sistema político mais justo e mais democrático da terra não consegue acertar numa eleição presidencial.

Portanto, compete agora à gente vulgar, às pessoas sem título, tornar-se membros da equipa. Liderar a equipa. Vamos ter de ir para lá com os outros, tornarmo-nos líderes, enquanto reconstruímos o nosso mundo, uma pessoa, uma família, uma aldeia, uma vila, uma cidade, um estado, uma nação — uma *ideia* e um *momento* — de cada vez.

Já esperámos tempo suficiente. Agora, cada um de nós tem de deitar mãos à obra, de mudar o conceito prevalecente de quem somos em relação uns aos outros e do que a vida trata realmente.

Este livro dá-nos os instrumentos para o fazermos. Agora o que é preciso é empenhamento. Temos de nos importar. Temos de ousar. Temos de partilhar.

Temos de nos importar o suficiente para sermos o melhor possível.

Temos que ousar o suficiente para o ser agora.

Temos de partilhar o suficiente para chegar a todo o mundo, cada um à sua própria maneira, com a luz radiosa do nosso amor e a verdade de quem realmente somos e quem escolhemos ser.

Do que precisamos neste momento é de uma nova ideia no seio da Humanidade sobre a Humanidade em si mesma. Uma ideia que possa criar uma mudança gigantesca e duradoura em como nos vemos e experienciamos e em como vivemos a nossa vida.

O desafio que vamos enfrentar é que muitas pessoas não *querem* mudar. Algumas não acreditam que a mudança seja possível, enquanto que outras não creem que a Humanidade enfrente nenhum perigo real de todo. Outras simplesmente ainda parecem não reunir a vontade de fazer o que é preciso para fazer a diferença. Mas a Era dourada da paz está ao nosso alcance. O que é preciso agora é a vontade de a criar.

Todas as coisas são criadas com três instrumentos básicos: Compreensão, Capacidade e Vontade. Temos, finalmente, a Compreensão e a Capacidade. A vontade é o elemento final em todos os processos de decisão de escolha. É o instrumento final da criação. Querer é poder. Sem a Vontade, não podemos fazer nada.

Perante uma assistência em Zurique, na Primavera de 2002, falei sobre a resistência humana à mudança mesmo quando confrontada com resultados potencialmente desastrosos se não o fizer.

“Nesta vida, queremos manter as nossas velhas crenças, preconceitos e comportamentos e não os queremos mudar, ainda que sejam seriamente postos em causa, apesar de dizermos que imploramos por um mundo diferente. Podiam pôr-nos a solução à frente dos olhos que a maior parte de nós não aproveitaria a oportunidade.

“Nós não queremos mudar, não queremos ceder. Queremos que todos os outros mudem. Queremos que o mundo mude, mas não queremos que o NOSSO mundo mude.

"Mas, se queremos que o mundo mude, devíamos começar por ver as contradições notórias nos nossos próprios comportamentos.

"Não sou diferente de vocês. Não corrigi mais do que vocês os meus comportamentos autoderrotistas mais graves. Portanto não se trata de "falar o roto para o nu". Estou na mesma situação que vocês. Mas há uma coisa que eu sei. Se não nos ajudarmos uns aos outros, nos apoiarmos uns aos outros, nos desafiarmos uns aos outros e nos erguermos uns aos outros a um novo nível de consciência, então, meus amigos, vamos afundar-nos juntos.

"E não é isso que quero para nós. Podemos fazer melhor do que isso. Podemos mudar as nossas vidas e o nosso mundo, mas... *temos de desejar profundamente fazê-lo*. E temos de nos empenhar em começar aqui, precisamente onde estamos, não "além", onde está aquela outra pessoa.

"Portanto, desafio-vos a desafiarem-me. Sempre que me virem a agir de uma forma que não me fica bem ou que pode trazer-me resultados que eu não queira, digam-me.

"Não criticando. Não encolerizados. Mas com amor. "Digam simplesmente... "Sei que isso não é quem tu és. Sei que não é isso que escolhes realmente. E gostaria de te devolver a ti próprio."

"E depois, dêem-me autorização para fazer o mesmo por vocês.

"Se fizermos isso uns pelos outros, o céu é o limite."

E agora digo a mesma coisa a quem lê este livro.

Vamos acordar-nos uns aos outros. Vamos acabar com o nosso longo pesadelo global.

Sejamos o farol que mostra o caminho quando o outro se perde. Sejamos os portadores da luz. Sejamos a Primeira Peça de Dominó.

Como diz este livro, seremos mais eficazes quando optarmos por empreender isso em conjunto, como um coletivo. Há muitas maneiras de o fazer. Uma podia ser aderir à Fundação Conversas com Deus, a nossa organização educativa sem fins lucrativos, como parceiros numa criação conjunta.

A missão da Fundação é inspirar as pessoas em toda a parte a *serem a mudança* que desejam ver. O nosso desejo é tornar a mensagem das CCD acessível e compreensível da maneira mais rápida para o maior número de pessoas.

A Fundação Conversas com Deus produz livros, cassetes áudio e vídeo, cursos interativos via Internet ou correio eletrónico e outros materiais educativos, promovendo também aulas, retiros e seminários.

Se estiverem tão entusiasmados como nós com a informação neste livro, e se acreditam que seria útil ao mundo dar a conhecer esta matéria ao maior número possível de pessoas, podem desejar desempenhar um papel pessoal na criação desse desfecho. A nossa campanha *Inspire the World* oferece-vos a hipótese de o fazerem, de uma forma muito direta, associando-vos a nós na partilha dos vossos talentos, do vosso tempo, da vossa energia e dos vossos recursos. Há muita coisa que podem fazer.

Para mais informações, procurem-nos em http://www.inspiretheworld.com que vos levará diretamente à página da campanha no nosso site principal na Internet. Se não tiverem Internet, podem contactar os escritórios da Fundação em:

The Conversations with God Foundation
PMB & 1150, 1257 Siskiyopu Blvd.
Ashland, Oregon 97520
EUA
Telefone: 541-482-8806

A nossa Fundação também mantém uma lista mundial de uma rede de pessoas e organizações que procuram contatar com outras e reunir nova energia no trabalho de elevar e engrandecer toda a vida neste planeta, sendo a mudança que desejam ver. Para aceder a essa rede, queiram dirigir-se a http://www.beingthechange.net.

Se sentem vocação para se associar ativamente a nós, a nossa página principal na Internet oferece informação completa sobre quem somos e o que fazemos, bem como oportunidades adicionais de aprendizagem e estudo se optarem por aprofundar mais o material extraordinário contido na série de livros Conversas Com Deus. Essas ofertas incluem um curso interativo por correio eletrónico de dezasseis semanas e um curso de estudo *online* individualizado sobre *As Novas Revelações*, que vos ajuda a integrar as suas poderosas

mensagens na vida quotidiana. Podem aceder imediatamente a tudo isto e ligar-se diretamente a nós através do nosso endereço na Internet, http://www.cwg.org.

Fico muito grato por terem sido conduzidos a este livro e por terem decidido lê-lo até ao fim. Mesmo que discordem de mim quanto ao caminho para um amanhã melhor, pelo menos sabemos que perseguimos o mesmo fim. Essa comunhão de objetivos é o princípio da unidade — e a unidade das intenções pode curar o mundo.

A vida provém das nossas intenções em relação a ela, e eu sei que, se o mundo mudar, será por vossa causa, e de outros como vocês que optaram por marcar a diferença através da sua vida do dia-a-dia.

Que as bênçãos de Deus chovam para vós em abundância e que as partilhem com todos aqueles cujas vidas tocam.

Neale Donald Walsch
Londres
15 de Abril de 2002